



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

GABRIELLE BESSA PEREIRA MAIA

FORJADOS NAS ESTRELAS: EDUCAÇÃO E DOUTRINA ESPÍRITA
ATRAVÉS DE VIDAS EM (TRANS)FORMAÇÃO

FORTALEZA

2017

GABRIELLE BESSA PEREIRA MAIA

FORJADOS NAS ESTRELAS: EDUCAÇÃO E DOUTRINA ESPÍRITA
ATRAVÉS DE VIDAS EM (TRANS)FORMAÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pela autora

M186f Maia, Gabrielle Bessa Pereira.
 Forjados nas estrelas: Educação e Doutrina Espírita através de vidas em
(trans)formação / Gabrielle Bessa Pereira Maia. – 2017.
 140 f. : il. color; enc. ; 30 cm.

 Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2017.
 Área de concentração: Educação Brasileira.
 Orientação: Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues.

1. História de vida. 2. Doutrina espírita. 3. Educação. 4. Transformação espiritual. I. Título.

CDD 370

GABRIELLE BESSA PEREIRA MAIA

FORJADOS NAS ESTRELAS: EDUCAÇÃO E DOUTRINA ESPÍRITA
ATRAVÉS DE VIDAS EM (TRANS)FORMAÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Osterne Nonato Maia Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Antonio Germano Magalhães Junior
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Sander Cruz Castelo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Francisco Egberto de Melo
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Dedico esta tese às vidas que compõem a
minha vida...

À minha mãe, que, prudentemente, me lembra
que a vida física tem um ocaso, um
crepúsculo...

Ao meu filho, que, soberanamente, me aponta
que a vida espiritual renasce todos os dias, tal
como a linha brilhante do horizonte.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é jamais conseguir traduzir em palavras as emoções que preenchem o coração por dentro, especialmente, quando o bem nascido entre os envolvidos constrói entre estes um laço firme de Amor e confiança. E é imbuída desse sentimento jamais traduzido para palavras herméticas, mas, presente nas fibras do coração, que nesse instante rendo graças a todos que, com suas vidas, expectativas, desejos, ideais, utopias, compuseram o mosaico deste trabalho.

Um trabalho que toca nas questões mais íntimas do ser quer seja na qualidade de pesquisador, orientador, colaborador ou os professores que se dispõem a analisá-lo e enriquecê-lo, jamais o fará sem transformar minimamente aqueles que acreditaram nele. Por minimamente pequena que seja a transformação, a semente ainda por germinar já é o indicativo de que o caminho foi realizado humildemente a contento.

Aqui não intencionamos conversões, mas, transformações, observações mais apuradas sobre os encadeamentos aparentemente ilógicos, mas, profundamente lógicos da vida. Intencionamos diálogo, laço, construção, tal como as vidas plenas o fazem; vidas que sempre se encaminham para uma transformação, muito embora não se tenha consciência de que esse é um processo invariavelmente comum a todos que renascem e acreditam que aqui não estão “a passeio”, até que o dia do descerrar dos olhos materiais torne a anunciar o retorno à condição originária.

Em primeiro lugar, agradeço profundamente a Deus, esta força superior que completa o incompleto, que preenche o que falta, que responde às perguntas mais complexas com a simplicidade dos grandes feitos, quando não se propõe a direcionar, mas, a permitir que um filho cresça por que acredita que ele potencialmente pode.

Ao meu orientador, prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues, pois, a convivência me mostrou, a cada dia, com as palavras sempre certas, nos momentos que eu julgava incertos, que aquele dia que eu o conheci, embora de longe e sem saber muito mais do que o que a intuição me dizia, que eu estava certa. Por acreditar no meu projeto, calando muitas vezes a voz de seus princípios religiosos para que nascesse minha formação acadêmica, hoje eu posso dizer: Professor, muito obrigada!!! Minhas convicções religiosas e espirituais me impulsionam a dizer não ser este um “adeus”, mas, como o senhor sempre gosta de repetir, apenas um “até breve”. E o até breve é tanto mais forte, quanto mais fortes forem as certezas de que relações que se firmam em torno de uma construção, serão reforçadas e jamais perdidas com o final pontual das experiências, pois que sinalizam que apenas mais uma etapa

de uma jornada muito maior foi cumprida, uma parte significativa, mas, não total, do que é verdadeiramente a nossa vida.

Aos professores que compuseram a banca avaliadora, um profundo respeito nasce em meu ser nesse instante:

Prof. Dr. Germano Magalhães, pela transparência sempre presente nos questionamentos que, longe de nos fazerem desmoronar nos princípios, muito contribuem para que, buscando as respostas, encontremos muito mais sentido nas “razões de nossa fé”;

Prof. Dr. Sander Cruz, a aparente pouca idade revela um espírito maduro nos princípios desde sempre, e que jamais esquecerei quando um dia me disse que para ele interessava que eu fosse uma acadêmica de fato. Professor Sander, não sei serei a acadêmica que, generosamente, o senhor pensa que eu devo ser, mas, sua referência sempre comporá o quadro da acadêmica que eu conseguirei ser, com a originalidade de minha caminhada individual;

Prof. Dr. Egberto Melo, cuja força e ética na trajetória acadêmica, para mim, sempre constituíram uma referência acadêmica, desde quando dialogávamos apenas como dois amigos muito afins em função de nossas formações, mas, que eu jamais confidenciei desejar que, um dia, estivesse ao meu lado colaborando efetivamente com o sonho de um dia me tornar doutora. Exatamente porque os deslumbres tão comuns aos títulos nunca o afetaram foi que tive certeza de que a escolha do coração chegara ao fato e, com a aquiescência do prof. Rui, o convidei para que compusesse essa banca avaliadora. Embora receosa de que um objeto tão adverso aos seus interesses de pesquisa pudesse ser causa de resistência de sua parte, não tão surpresa escutei dizer que, ao contrário, ele gostaria muito de aprender sobre o fenômeno objeto de minha proposta. Ali tive mais uma vez a confirmação do grande acadêmico que é, bem mais preocupado em aprender em colaboração, do que efetivamente ensinar em via de mão única;

Prof. Dr. Osterne Maia, alma sensível sem plenamente revelar-se, neste momento compreendo o porquê de tantos anos de diálogo fácil e construtivo com aquele que julgo, como ao meu orientador, ser uma das grandes mentes que jamais pensei conhecer na vida. De homem e intelectual da episteme ao espírito profundamente generoso que este trabalho surpreendentemente me revelou, hoje compreendo os motivos deste encontro que já transcende longas datas, não apenas contadas logicamente através dos calendários e relógios materiais, mas, um reencontro em que o conhecimento é o móvel nobre, tão profundo porque construído além tempos.

Prof. Dr. Luís Távora, a quem dedico um especial agradecimento, pois, no “apagar das luzes”, chegou para compor a banca examinadora, o que não constituiu entrave à sua delicadeza em aceitar o convite, atestando sua grandeza de espírito.

Carlos Roberto Campetti, espinha dorsal desta tese de doutoramento e aquele que primeiro sugeriu que a transformação espiritual que eu desejava estudar nos meus informantes era justamente a que se processava em mim, foi-se revelando, ao longo dos encontros, um irmão muito amado que a vida trouxe de volta para as minhas relações, sedimentando fortemente que o acaso de fato não existe. De alguém cuja ética e disciplina moral inicialmente constituíram para mim um modelo, agora vejo que, da mesma forma que construiu originalmente sua vida, esse foi o grande exemplo que desde cedo me sugeriu: o da minha individualidade, pois, das particularidades ao longo das infinitas vidas que estagiamos, grandes homens e mulheres são sempre “faróis em noite escura” a indicar os caminhos, mas, jamais, a definir efetivamente estes.

Os colaboradores da pesquisa, na verdade, a verdadeira essência deste trabalho, aqueles cuja intimidade com um ideal (ou será uma utopia?), foram motivo de muita emoção ao congregá-los no último capítulo, pois, rememorar suas vidas, suas buscas, suas revelações, suas descobertas, foi para mim a certeza de que nada é em vão quando nos dispomos a fazê-lo com Amor. De sujeitos em destaque no movimento espírita, àqueles supostamente anônimos, vimos que todos cumprem um papel fundamental, constituindo uma pecinha singela de um mosaico que ao final, revelando uma harmonia desconcertante, é muito maior e possui muito mais força dadas as mãos que se unem em torno de um sonho de Educação.

Assim é que “tiro o chapéu” para esses que, longe de buscarem “projeções nos palcos da vida”, antes intencionam colaborar com aquele que também é o sonho desta que vos escreve, ou seja, uma transformação cujos princípios educativos possam prolongar-se para além de um segmento religioso, compondo antes uma ética do ser em sociedade: Sr. Monteiro, Richard Alexandrino, Suraya Salem, Marta Antunes, Geraldo Campetti, Fernanda Meira-Wienkoski, Maria Tereza (Mayte), Veridiana Castro e Luciano Klein Filho.

Ao meu esposo, Lauro Henrique, ao meu pai, Edmar Maia, a minha irmã-amiga, Mary Bessa, e a minha amiga-irmã, Georgeanne Onofre, estrelas brilhantes no céu da minha vida, rendo Amor e agradecimentos, pois, sem cada um deles esta pesquisa não teria se expressado com as notas musicais de amadurecimento tal como se deu. Cada um se revela um acorde na melodia da minha vida que, formando um todo harmônico nessa partitura, me oportuniza escutar o som firme de sua importância na realização desta tese.

Às minhas mães espirituais: Uiara e Mirtes. Importa que assim sejam denominadas, pois, é a simplicidade traduzida desde os nomes a marca fundamental destas em meu ser: alicerces de luz nos pretéritos caminhos da insegurança.

Aos eternos amigos que sei constituem gratos reencontros nas estradas da vida, e que estas sempre convergem nas encruzilhadas do Amor e da confiança: Marta Moreno e Raul Max.

A todos os que cruzaram meus caminhos nesses anos de Doutorado, ou que permanecem na minha vida desde sempre, amigos antigos ou novos: Wirla Risany, Diana Lara, Ângela Linhares, Margarida Gadelha, Socorro Sousa, Maria das Graças Araújo, Jeimes Mazza, Daniela Marquez.

Aos meus amados do Recife, flores raras no jardim da existência: Sr. José Edson e d. Zélia Mendonça, Prof. Humberto Vasconcelos e d. Joanna.

Aos “irmãos” de ideal espírita, em especial aos que foram fundamentais nos momentos mais graves de autodescoberta, e que são felizes reencontros na casa espírita (Centro Espírita Aurora Redentora) que abriga nossos sonhos de melhoria íntima: Rosa Gastino, Dirce Rabelo, Sandra Romero, Murilo Braga, Orlando Mota Maia, Sônia Cavalcanti, Gabriel Cesarino, Paulo Garcia, Verônica Magalhães, Ana Maria Braga, Karina Veronese, Anna Perlla, Manuel Aquino.

Às instituições educacionais Farias Brito (FB *Baby*) e Casa da Tia Léa, que no início da nova existência de meu filho constituíram prolongamentos de nosso lar, cuja confiança foi fundamental para que, tranquilos, eu e meu esposo pudéssemos continuar nossas atividades acadêmica e profissional, respectivamente.

À Federação Espírita Brasileira (FEB), na figura de seus colaboradores prestimosos, em especial, a gentil bibliotecária Kaká Beleza.

Aos amigos e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (PPGE/UFC), pois, todo o apoio e incentivo, desde os primórdios de minha formação acadêmica ainda no mestrado, foram tijolos firmemente dispostos nessa estrada: Geísa Sydrião, Sérgio Ricardo, Adalgisa Feitosa e Ariadna Torres.

Por fim, não poderia deixar de agradecer ao financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo apoio à pesquisa, sem o qual não teríamos completado a difícil travessia dos quatro longos anos desde a aprovação na seleção do Doutorado até a finalização deste percurso com a escrita da tese.

“Eu,
prisioneiro meu
descobri no breu
uma constelação

Céus,
conheci os céus
pelos olhos seus
Véu de contemplação

Deus,
condenado eu fui
a forjar o amor
no aço do rancor
e a transpor as leis
mesquinhas dos mortais

Vou
entre a redenção
e o esplendor
de por você viver

Sim,
quis sair de mim
esquecer quem sou
e respirar por ti
e assim transpor as leis
mesquinhas dos mortais

Agoniza virgem Fênix

(O amor)

entre cinzas, arco-íris e esplendor

por viver às juras de satisfazer

ao ego mortal

Coisa pequenina,

centelha divina,

renasceu das cinzas

Onde foi ruína

pássaro ferido

hoje é paraíso

Luz da minha vida,

pedra de alquimia

Tudo o que eu queria

Renascer das cinzas

Quando o frio vem

nos aquecer o coração

Quando a noite faz nascer

a luz da escuridão

e a dor revela a mais

esplêndida emoção

O amor.”

(Flávio Venturini e Jorge Vercilo)

“Não é arriscado exaltar demais as realizações científicas contemporâneas, se os problemas fundamentais da ciência estão presentes ao espírito. O mesmo ocorre numa viagem de trem! Observe-se a paisagem próxima, o trem parece voar. Mas se olhamos os espaços longínquos e os altos cumes, a paisagem só lentamente se modifica. O mesmo acontece quando refletimos nos grandes problemas da ciência.”

(Albert Einstein)

“O Espiritismo não é brasileiro e nem é francês, apesar de ter sido codificado na França. O Espiritismo é internacional por si mesmo. Ele está destinado a todos os povos [...] porque o fenômeno da comunicação dos espíritos está presente em todas as culturas e registrado na história dos povos, mas, normalmente as culturas ignoram esse intercâmbio, por considerarem coisa de superstição, bruxaria e coisas correlatas. A contribuição da cultura brasileira é que tem uma grande parcela da população que não ignora essa realidade, que estuda Kardec e que ao conhecer a proposta reconhece a necessidade de compartilhá-la com outras pessoas e naturalmente com outras culturas. O Espiritismo é significativo na Educação e na transformação moral, individual e coletiva.”

(Carlos Campetti)

RESUMO

A linha tênue que separa a Educação da Doutrina Espírita, expressa na sua ambiência, na proposta de autoconhecimento viabilizada pela experiência mediúnica, pelas trocas culturais que se estabelecem na internacionalização de conceitos e práticas, e, principalmente, pelo estudo que teve sua gênese, em território brasileiro, através do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, constituem o solo para uma transformação espiritual aqui denominada educativa, pois que pressupõe uma formação continuada dos partícipes nas variadas atividades promovidas pelo movimento em análise. Tais atividades (encontros, congressos regionais, nacionais e internacionais, palestras públicas, atividades assistenciais, estudos em grupo e a educação da mediunidade) são aqui analisadas como dispositivos importantes de sustentação da transformação ora menciona da, através da vida posta em modelo de Carlos Roberto Campetti. A vida deste atual diretor da Federação Espírita Brasileira, cujos sintomas da mediunidade e os primeiros rudimentos doutrinários espíritas se deram ainda na infância, a experiência desde a adolescência na divulgação da Doutrina Espírita, a internacionalização desta em mais de vinte países percorridos (América Latina, Estados Unidos e Europa), e a sua participação na consolidação do estudo doutrinário da Doutrina Espírita, na qualidade de Coordenador Nacional da Área de Estudo do Espiritismo – foi escolhida por congregar didaticamente aspectos importantes que fundamentam a transformação espiritual subsidiada por uma formação que se estende, portanto, da vida íntima ao ambiente de estudos e práticas promovidas pelo movimento espírita que se estrutura em torno da Educação. Propomos, portanto, como objetivo geral de nossa investigação, analisar a aproximação existente entre Educação e Doutrina Espírita como fundamento para uma (trans)formação espiritual, através da vida de Carlos Roberto Campetti. Encontramos nos mecanismos da História de Vida e da História Oral (BOSI, 1994; MARTINHO RODRIGUES, 2007, 2013; TUCHMAN, 1995; VEYNE, 2014) o suporte metodológico da pesquisa que contou, além da vida do personagem principal, com a participação de mais nove sujeitos, convidados a entrecortarem a história de vida principal com suas próprias experiências, enriquecendo os dados coletados com seu envolvimento nas muitas áreas de atuação que a Doutrina Espírita oferece. Fundamentamos teoricamente nossa pesquisa, à guisa de introdução da discussão e análise, na pedagogia de Comenius (2010, 2011a, 2011b, 2014, 2015), nas conceituações doutrinárias de Kardec (2007, 2008a, 2008b, 2008c, 2009, 2013) e, como apoio secundário, em Denis (2006, 2013, 2014), Pires (2008) e Colombo/Incontri (2001, 2010, 2012). Dispomos integralmente as histórias das vidas de nossos sujeitos dentro do universo das categorias de Autoconhecimento,

Internacionalização e Educação Universal do Espírito. Concluímos que a espiritualidade pode ser uma experiência cultural, percebida por uma transformação espiritual com traços educativos continuados através de uma formação e manutenção que se estabelece nas experiências pedagógicas possíveis no ambiente doutrinário escolhido livremente pelo sujeito. A narrativa da vida principal e as demais revelaram que a experiência pessoal dos sujeitos, bem como as suas formações profissionais, são iluminadas e valorizadas num ambiente religioso com tonalidades educativas, no que concerne à formação doutrinária, como, também, no que diz respeito ao seu processo de autoconhecimento. Tais características de experiência religiosa geram impactos educacionais positivos na vida pessoal e familiar dos sujeitos consultados, donde deduzimos que tais realidades podem ser conduzidas para as suas experiências fora do ambiente religioso no qual se (trans)formam, o que implica um fenômeno educacional importante se consideramos a contribuição desta (trans)formação para a vida em sociedade.

Palavras-chave: História de vida. Doutrina espírita. Educação. Transformação espiritual.

ABSTRACT

The fine line that separates Education and the Spiritist Doctrine, expressed in its environment, inside the proposal of self-knowledge made possible by experiencing being a medium, by cultural exchanges established in the internationalization of concepts and practices, and, especially, by the study of its genesis, in Brazilian territory, through the Spiritist Doctrine's Systematic Study, paving the way to a spiritual transformation here denominated educational, for it presumes a continuous education from the participants in various activities promoted by the movement in analysis. Such activities (gatherings; regional, national and international congresses, public lectures, charity work, group study and medium education) are here analyzed as important tools to ground the aforementioned transformation, through living life as exemplified by Carlos Roberto Campetti. The life of Brazilian Spiritist Federation's current director – whose medium symptoms and first rudiments of spiritist doctrine were acquired during childhood; his experience since his teenage years in spreading the Spiritist Doctrine, its internationalization to over twenty visited countries (Latin America, United States and Europe), and his participation in the consolidation of the Spiritist Doctrine's doctrinary study, as the National Spiritism Studies Coordinator – was chosen for didactically congregating important aspects that fundament the spiritual transformation subsidized by an education that, therefore, extends itself from one's personal life to the study environments and practices promoted by the spiritist movement, which structures itself around Education. It is proposed, therefore, as a general objective on this investigation, an analysis on the existent approximation between Education and the Spiritist Doctrine as a fundament of a spiritual transformation, through Carlos Roberto Campetti's life. It was found in the mechanisms of Life Story and Oral History (BOSI, 1994; MARTINHO RODRIGUES, 2007, 2013; TUCHMAN, 1995; VEYNE, 2014) the methodological support for this research, which, besides the main character's life, counted with the participation of nine other subjects, invited to interconnect the main life story with their own experiences, enriching the collected data with their involvement in the many areas of expertise the Spiritist Doctrine offers. This research was theoretically backed up, based on the introduction of discussion and analyses, the pedagogy of Comenius (2010, 2011a, 2011b, 2014, 2015), the doctrinary conceptions of Kardec (2007, 2008a, 2008b, 2008c, 2009, 2013) and, as a secondary support, Denis (2006, 2013, 2014), Pires (2008) and Colombo/Incontri (2001, 2010, 2012). The subjects' life stories are fully displayed inside the following categories' universe of Self-knowledge, Internationalization and Universal Education of the Spirit. It is concluded that spirituality can

be a cultural experience, subsidized by a spiritual transformation with educative traits continued through an education and a recycling that establishes itself in the pedagogical experiences made possible by the doctrinary environment, freely chosen by the subject. The main life's narrative along with the others reveal that the subjects' personal experience, as well as their professional education, are highlighted and valued in a religious environment with educative undertones, concerning the doctrinary education, as well as concerning the process of self-knowledge. Such characteristics of religious experiences generate positive educational impacts in the consulted subjects' personal life, thus one could infer that such realities can be conducted to their experiences outside of the religious environment where they transform, which implies an important educational phenomena if taken into consideration the contribution of this transformation to life in society.

Keywords: Life story. Spiritist doctrine. Education. Spiritual transformation.

RESUMEN

La línea tenue que separa a la Educación de la Doctrina Espiritista, expresa en su ambiente, en su propuesta del autoconocimiento inducido por la experiencia de la mediunidad, por los intercambios culturales que se establecen en la internalización de conceptos y prácticas y principalmente, por el estudio que tuvo su génesis, en territorio brasileño, a través del Estudio Sistematizado de la Doctrina Espiritista, la base para una transformación espiritual aquí denominada educativa, pues presupone una formación continua de los partícipes en las variadas actividades promovidas por el movimiento en análisis. Tales actividades (encuentros, congresos regionales, nacionales e internacionales, conferencias públicas, actividades asistenciales, estudios en grupos y la educación de la mediunidad) son analizadas como dispositivos importantes de sustento de la transformación mencionada, a través de la vida puesta como modelo por Carlos Roberto Campetti. La vida de este actual director de la Federación Espiritista Brasileña, cuyos síntomas de mediunidad ya que los primeros rudimentos doctrinarios espiritistas se produjeron desde su infancia, la experiencia de la divulgación de la Doctrina Espiritista en su adolescencia, la divulgación de esta en más de veinte países recorridos (América Latina, Estados Unidos e Europa), y su participación en la consolidación del estudio doctrinario de la Doctrina Espiritista, en su calidad de Coordinador Nacional del Área de Estudio del Espiritismo – fue escogida por congregar didácticamente aspectos importantes que fundamentan la transformación espiritual subsidiada por una formación que se extiende de la vida íntima al ambiente de estudios y prácticas promovidas por el movimiento espiritista que se estructuran en torno a la Educación. Proponemos por lo tanto, como objetivo general de nuestra investigación, analizar la aproximación existente entre Educación y Doctrina Espiritista como fundamento para una transformación espiritual, a través de la vida de Carlos Roberto Campetti. Encontramos en los mecanismos de la Historia de Vida y de la Historia Oral (BOSI, 1994; MARTINHO RODRIGUES, 2007, 2013; TUCHMAN, 1995; VEYNE, 2014) el soporte metodológico de la investigación que contó, además de la vida del personaje principal, con la participación de otras nueve personas, convidados a entrecortar la historia de la vida principal con sus propias experiencias, enriqueciendo los datos recolectados de su experiencia en las áreas de actuación que la Doctrina Espiritista ofrece. Fundamentamos teóricamente nuestra investigación, a modo de introducción de la discusión y análisis, en la pedagogía de Comenius (2010, 2011a, 2011b, 2014, 2015) en los conceptos doctrinarios de Kardec (2007, 2008a, 2008b, 2008c, 2009, 2013) y como apoyo secundario, en Denis (2006, 2013, 2014), Pires (2008) y

Colombo/Incontri (2001, 2010, 2012). Disponemos integralmente de las historias de las vidas de nuestros sujetos, dentro del universo de las categorías del Autoconocimiento, Internalización y Educación Universal del Espíritu. Concluimos que la espiritualidad puede ser una experiencia cultural, percibida por una transformación espiritual con trazos educativos continuados a través de una formación y manutención que se establece en las experiencias pedagógicas posibles en un ambiente doctrinario escogido libremente por el sujeto. La narración de la vida principal y de las demás revelan que la experiencia personal de los sujetos, así como sus formaciones profesionales, son iluminadas y valorizadas en un ambiente religioso con tonalidades educativas, en lo que concierne a la formación doctrinaria, como también en lo que dice respecto a su proceso de autoconocimiento. Tales características de experiencia religiosa generan impactos educativos positivos en la vida personal y familiar de los sujetos consultados, de donde deducimos que tales realidades pueden ser conducidas para sus experiencias fuera del ambiente religioso en el cual se transforman, lo que implica un fenómeno educacional importante si consideramos la contribución de esta transformación para la vida en sociedad.

Palabras clave: Historia de vida. Doctrina espiritista. Educación. Transformación espiritual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Armando Souto Maior, Fernanda Meira-Wienskowski e Carlos Campetti, em 1994, na cidade de Houston, no Texas (EUA).....	94
Imagem 2 – Armando Souto Maior junto às crianças da “Casa dos Amigos”, que ele mesmo fundou, no Recife (PE), no bairro do Campo Grande	96
Imagem 3 – Armando Souto Maior, em 1997, em Fortaleza (CE).....	98
Imagem 4 – Rui Martinho Rodrigues e Gabrielle Bessa, na Faculdade de Educação	105
Imagem 5 – Carlos Roberto Campetti e Gabrielle Bessa (14 de novembro de 2014), em Brasília (DF)	112
Imagem 6 – Campanha de estudo sistematizado da Doutrina Espírita – Manual de Orientação	139
Imagem 7 – Campanha de estudo sistematizado da Doutrina Espírita – Contracapa do Manual de Orientação	139

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AE	Assistência Espiritual
ASFA	Associação Francisco de Assis (Estrutural – Brasília/DF)
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBE	Curso Básico de Espiritismo
CEC	Centro Espírita Cearense
CEC	Comunhão Espírita Cearense
Cedoc	Centro de Documentação Espírita
CEESF	Centro de Estudios Espíritas Sin Fronteras
CEI	Conselho Espírita Internacional
CFN	Conselho Federativo Nacional
DIJ	Departamento de Infância e Juventude
EADE	Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita
ESDE	Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita
FEB	Federação Espírita Brasileira
FEBtv	Televisão da Federação Espírita Brasileira
FEE	Federação Espírita Espanhola
FEEC	Federação Espírita do Estado do Ceará
FERGS	Federação Espírita do Rio Grande do Sul
GEM	Grupo de Estudos Mediúnicos
GEPE	Grupo Espírita Paulo e Estêvão
Nhime	Núcleo de História e Memória da Educação
Podebem	Polo de Divulgação Espírita Bezerra de Menezes
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
URCA	Universidade Regional do Cariri
USE	União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
1.1	A linha tênue: a vida como fundamento.....	22
1.2	Caminhos e expressões: a relação da pesquisadora (e espírita!) com o fenômeno pesquisado	31
1.3	Contribuição social da pesquisa	36
2	HORIZONTES METODOLÓGICOS – OS CAMINHOS TRILHADOS	41
2.1	Modernidade: o voo do ser e do espírito nos séculos da razão	42
2.2	Teóricos que fundamentam a pesquisa.....	46
2.3	Coleta e análise de dados.....	48
2.3.1	Entrevistas e critérios de inclusão	48
2.3.2	Sujeitos da pesquisa: um mosaico cosmológico.....	49
2.4	Artesanias do homem e a lógica do espírito científico: categorias norteadoras....	56
3	EDUCAÇÃO E CIÊNCIA <i>VERSUS</i> ESPÍRITO – DE QUE VAMOS TRATAR?	66
3.1	Modernidade: berço do materialismo e seus desdobramentos contemporâneos ...	66
3.2	Contradições da Modernidade: ciência a favor do espírito	81
4	EDUCAÇÃO E DOUTRINA ESPÍRITA – UM ENCONTRO SEM FRONTEIRAS NO DESPERTAR DA ESPIRITUALIDADE	88
4.1	Grandes encontros rumo à transformação espiritual: acaso existe o acaso?	88
4.2	Doutrina Espírita e Agnosticismo: a revisão de paradigmas íntimos.....	92
4.3	Doutrina Espírita e Protestantismo: a colaboração sem fronteiras.....	98
4.4	Protestantismo e Doutrina Espírita: reescrevamos essa história	105
4.5	O encontro entre Doutrina Espírita e Educação: vinte anos depois do encontro de 1994	112
5	EDUCAÇÃO ESPIRITUAL	120
5.1	O autoconhecimento: a mediunidade como mediadora da transformação espiritual	120
5.2	Internacionalização e Interconexão Espiritual: por uma Educação universal do espírito.....	124

5.3	O Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE): uma Educação Espiritual no cerne da (trans)formação espiritual	133
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
	REFERÊNCIAS	150
	APÊNDICE A – PELOS VOOS DO SER	159
	APÊNDICE B – DOCUMENTO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL – ROBERTO CAMPETTI	293
	APÊNDICE C – DOCUMENTO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL – GERAL	294
	ANEXO A – DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO	303

1 INTRODUÇÃO

“Nosso primeiro desejo é que todos os homens sejam educados plenamente, em sua plena humanidade; não apenas um indivíduo, não alguns poucos, nem mesmo muitos, mas todos os homens, reunidos e individualmente, jovens e velhos, ricos e pobres, de nascimento elevado e humilde – numa palavra, qualquer um cujo destino é ter nascido ser humano; de forma que afinal toda a espécie humana seja educada; homens de todas as idades, de todas as condições, de ambos os sexos e de todas as nações.”

(J. A. Comenius)

1.1 A linha tênue: a vida como fundamento

Assim como a aurora que esparge seu brilho por todo o dia, e o crepúsculo que permanece em calmaria por toda a noite, o acender e o apagar das luzes da vida, o prelúdio e o encerramento dos acontecimentos históricos estão divididos por uma linha tênue, por um breve instante eternizado na composição do mosaico da vida, e da mesma maneira é a interface entre Educação e Doutrina Espírita.

Importa destacarmos que tal interface configura-se o fundamento desta tese de doutoramento, alicerçando uma experiência, ou melhor, uma (trans)formação espiritual de natureza educativa, aqui subsidiada pela vida de Carlos Roberto Campetti, e que a tomamos como o carreador para uma discussão mais abrangente, contemplando ainda outras vidas, constituindo-se a primeira, não como início e fim em si mesma, mas, sendo útil ao nosso intento porque abrange “[...] o universal no particular” (TUCHMAN, 1995, p. 71).

Importa justificarmos, porém, que não constitui um objetivo nosso realizar uma discussão que entenda as contribuições que os relatos das vidas dos homens podem nos trazer como meros modelos a serem seguidos servilmente, ou tomando uma linguagem mais acadêmica, como hagiografias, seguindo o alerta que comumente encontramos nos trabalhos que se dedicam a pensar a História a partir desse tipo de construção.

Em Silva (2009), vemos que, intencionando a preservação da memória do personagem venerado por uma comunidade eclesiástica ou leiga, disposta genericamente como que em manuais e prontuários da santidade, este ranço medieval pode insinuar-se sutilmente nas biografias ou relatos de vida, quando o(a) autor(a)/biógrafo(a) idealiza a figura do personagem principal da narrativa, dando-lhe “um caráter propagandístico”.

Venerar, cultuar, idealizar, santificar são alguns dos verbos recorrentemente conjugados quando estes trabalhos não possuem muito firmes os objetivos de contribuir para o avanço de determinada área, num determinado contexto, tornando-se muitas vezes um simplório registro da vida íntima de alguém que supostamente assume *status* de modelo ou guia para alguns ou muitos.

Teoricamente nossa discussão encontra referência, como ponto de partida, nas concepções do educador theco Jan Amos Comenius (2010, 2011a, 2011b, 2014, 2015), e pensamos que esse clássico da Pedagogia configura-se, inicialmente, um “norte” existencial e pedagógico para nós que nos deparamos com os desafios existenciais e profissionais que a complexidade social atualmente nos impõe.

Tal complexidade, aqui tomada em seus efeitos observados no homem: altos índices de suicídio e tentativas¹, conflitos existenciais e adoecimentos cada vez mais prementes, compulsões dos mais variados matizes², violência nas grandes e pequenas cidades – isso só para listarmos apenas algumas das problemáticas encontradas no dia a dia na atualidade.

Produto de uma materialidade que encontra respaldo nas fontes educacionais para derramar na sociedade suas concepções extremistas – e que mais à frente tomaremos para uma análise mais detida –, vemos muitos impasses neste campo que, ao invés de aproximar os homens, diluindo seus anseios íntimos e coletivos, aprofunda suas diferenças, distanciando-

¹ Considerado “[...] um dos mais complexos problemas de saúde pública da atualidade, [...] as mortes por suicídio aumentaram 60% nos últimos 45 anos, [...] donde (excerto nosso) quase um milhão de pessoas se mata todos os anos – em um universo até 20 vezes superior de tentativas” (CHRISTANTE, 2010). Em Frankl (2015, p. 12) a constatação através de pesquisas na sociedade americana, corrobora a estatística anterior: “As estatísticas têm mostrado que, entre os estudantes americanos, o suicídio ocupa – depois dos acidentes de trânsito – o segundo lugar como causa mais frequente de óbito. Ademais, o número de *tentativas* de suicídio (não resultando em morte) é quinze vezes maior”. Uma realidade muito sombria para ser ignorada e que vemos estender-se desde países desenvolvidos econômica e tecnologicamente a sociedades mais precárias tomando como análise esse indicador.

² Sendo o aumento vertiginoso de psicopatologias estreitamente relacionadas aos excessos da vida contemporânea um desafio mesmo aos profissionais habilitados para tratar os sujeitos que padecem desses sofrimentos muitas vezes recém mapeados nosograficamente nos manuais tradicionais – DSM IV e CID 10. De acordo com Gondar (2001), “[...] o sujeito contemporâneo pode ser descrito como um sujeito compulsivo, [...] sendo o que surpreende (excerto nosso), não apenas o aumento da frequência destes fenômenos, mas a abrangência que conquistam em alguns territórios subjetivos”.

os, tornando-os adversários sociais ao invés de solidários da caminhada empreendida num mesmo espaço planetário.

Em sua obra *O labirinto do mundo e o paraíso do coração* (2010), Comenius, partindo das problemáticas do século XVII, extravasava sua busca por um reduto íntimo, espiritual, apesar de grassando pelos labirintos existenciais que o mundo anunciava e, para nosso desespero subjetivo, ainda anuncia.

Ao apresentar uma metáfora da plenitude espiritual a partir da figura de um peregrino que, na busca de uma colocação formal no mundo material, escuta uma voz que o sugere: “Regressa para lá de onde saíste. Volta ao aposento do teu coração, entra e fecha a porta” (COMENIUS, 2010, p. 133), o educador da antiga Morávia, atual República Tcheca, consegue fazer uma severa crítica às instituições religiosas, públicas, aos homens, às práticas comuns àqueles homens que ainda são encontradas atualmente, apontando para um lugar, uma condição natural que é a espiritual, natureza essencial humana.

Ao mesmo tempo que a apropriação desta natureza nos desconecta beneficentemente do sofrimento que é estar “vivo”, da labuta cotidiana muitas vezes carente de sentido existencial, paradoxalmente nos ajuda a retornar às nossas corriqueiras atuações no mundo, mais conscientes da importância de pensarmos nossas ações sobre bases que nos são naturais, estabelecendo diretrizes mais coerentes com estas que se encontram apenas provisoriamente esquecidas.

É dar um sentido mais amplo e mais profundo a práticas e experiências que, se não tomadas sob um ponto de vista mais largo, acabam por se tornarem mecânicas, monótonas, e por isso a causa de atitudes destrutivas que o homem tem a capacidade de cometer contra si mesmo recorrendo ao álcool, às drogas, à morte, à fragilidade do laço social, quando a resposta a esse mal-estar encontra-se nele mesmo.

Percebemos e concordamos com a análise de Frankl (2015) de que a sociedade em que vivemos só satisfaz nossas necessidades instintuais mais básicas quando, concentrando-se em prover para os homens e entre os homens bens materiais, faz com que estes imaginem que o real sentido da vida é encontrado no acúmulo desses bens, no uso indiscriminado de substâncias psicotrópicas, nas relações sexuais destituídas de um fundamento de amor, sendo estes apenas alguns dos efeitos mais observáveis e noticiados por aqueles que tentaram o suicídio em algum momento de sua vida ou que estão a um passo de cometê-lo.

Importa registrarmos que buscar um sentido para a nossa existência não se confunde necessariamente com realizar um trabalho ou possuir uma fé religiosa, mas, é um

encontro consigo mesmo que, se ao final se confundir com as duas oposições primeiras, tanto melhor.

E, no que toca à Educação, seu papel e importância nesse difícil contexto, vejamos em Frankl (2015, p. 26):

Vivemos numa era em que o sentimento de vazio se propaga intensamente. Nesta época, a Educação tem de cuidar não só de transmitir o conhecimento, mas também de refinar a consciência, de modo que o homem aguçe o ouvido a fim de perceber as exigências e desafios inerentes a cada situação. Em um tempo no qual os Dez Mandamentos parecem perder o seu valor para tantos e muitos, o homem tem de estar preparado para perceber os dez mil mandamentos cifrados em dez mil situações com as quais ele confronta sua vida. [...] De um modo ou de outro: mais do que nunca a Educação é, hoje em dia, uma educação para a responsabilidade. E ser responsável significa ser seletivo, ser metucioso. Vivemos no ventre de uma *affluent society*, vivemos inundados de estímulos provenientes dos *mass media* e vivemos na era da pílula. Se não quisermos afogar-nos numa torrente de estímulos, e nem perecer numa promiscuidade completa, então devemos aprender a distinguir entre o que é essencial e o que não é, entre o que tem sentido e o que não tem, entre o que é responsável e o que não é.

Aproveitando que o autor de *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (2016) nos fala da importância da Educação como uma das saídas fundamentais para estes eventos dolorosos que assistimos – e que podem ser também por nós experimentados em qualquer fase de nossa vida, bastando que para isso tenhamos um ente querido morto de forma violenta ou que percamos um emprego, saúde ou alguma referência forte para nós –, destacamos aqui a necessidade de uma Educação que se ocupe da parcela espiritual do homem, valorizando o terreno fértil que ele próprio já possui, devendo apenas ser cultivado.

Por isso, quando Frankl (2016) narra com muita propriedade e emoção as dificuldades acerbadas sofridas nos campos de concentração de Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering e Türkheim, o maior legado que ele pode nos deixar não é somente a divulgação das atrocidades cometidas dentro daqueles locais de mortificação física e subjetiva – para isso, todos os anos o mundo assiste cerimônias, lançamento de livros e pronunciamentos dedicados à memória dos que ali padeceram –, mas, como em condições abjetas um homem pode transcender o sofrimento e, voltando-se para si mesmo, refletir sobre o desespero como um processo criativo, de uma nova vida que nasce em condições nunca antes imaginadas.

Nenhum pouco comparável ao sofrimento real vivido por Frankl, encontramos Nietzsche, legítimo representante do desespero existencial, em sua obra *Aurora* (2008), tecendo sugestivas considerações sobre “O primeiro cristão”, de modo a criticar a fé, a crença dos que não veem apenas no fenômeno material o sentido defendido pelo psicólogo supracitado.

Na tentativa de fustigar a figura daqueles que creem em algo que não encontra guarida nas realidades materiais – intenção de Nietzsche nesta obra – já diria o filósofo

Huberto Rohden (2013) que estes são os verdadeiros teístas, pois, inconscientemente, buscam algo verdadeiro, uma experiência mística real, diferente dos que creem somente numa teologia pronta, que sugerem que quem as concebeu não sentiu verdadeiramente Deus.

O que não sabem estes paradoxais divulgadores da fé é que seu ressentimento é endereçado a uma religiosidade padronizada, institucionalizada, que compartimentaliza a expressão livre do ser em fórmulas pseudo-espirituais, que não correspondem a um encontro consigo mesmo, com os demais e com a sua identidade em sociedade.

Assim, o “apóstolo dos Gentios” nos mostra, através da militância incontestada de Nietzsche em desconstruir a experiência espiritual cristã, o quanto as posições sociais, a resposta mecânica às expectativas externas sobre nós e, acima de tudo, o contato com uma prática religiosa superficial e preconceituosa podem nos distanciar do nosso propósito essencial, que é o de reconhecermo-nos como membros de uma causalidade, na perspectiva de uma lógica divina.

A profunda convicção religiosa, conquistada na solidão do confinamento, a necessidade de noticiar ao mundo que do episódio melancólico do Gólgota despontava um convite que se propunha um divisor de águas na história íntima do homem, tal como a aurora de um novo dia sempre deixa para trás a escuridão da incerteza da noite que a precede, Paulo de Tarso neste instante é invocado.

Recorremos a esta personalidade da história do Cristianismo primitivo por entendermos que os predicados que apontamos e a sua humanidade contraditória nunca foram motivos para que, na História, não estivessem registrados fatos e feitos de impacto social que levaram a uma transformação dos homens e instituições que interagiram com essa mente, e outras tantas, no mínimo originais, e que mereceram um debruçar sobre suas ações.

Assim, esta tese, vinculada à linha de pesquisa Núcleo de História e Memória da Educação (Nhime) e sob a orientação do professor Dr. Rui Martinho Rodrigues, propõe-se discutir as possibilidades de transformação espiritual a partir do autoconhecimento, do diálogo e difusão entre culturas e homens que se percebem constituintes de um todo harmônico planetário, e do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), proposta de estudo sistemático que, de acordo com Gil (2014), “[...] é o mais importante instrumento unificador do discurso e das práticas dos espíritas que se reúnem em torno da Federação Espírita Brasileira”.

A vida de Carlos Roberto Campetti, apesar de não ter sido a primeira a ser consultada, foi para nós a inspiração, razão pela qual dispomos os capítulos e encaminhamos a discussão tendo em vista as reflexões que ele nos suscitou nos encontros que tivemos em

Brasília, cidade sede da Federação Espírita Brasileira (FEB), onde ele exerce as funções de Diretor, e também de Coordenador Nacional da Área de Estudo do Espiritismo, dentre outras atividades que detalharemos mais à frente.

Dessa forma, tal discussão, desde o primeiro instante, suscitou em nós a busca pela resposta para o seguinte **problema**: A transformação espiritual é um fundamento importante para a transformação educacional? Donde defendemos, desde já, com **nossa tese**, que sim, mas, segundo critérios de uma transformação espiritual sustentada na interface entre a Educação e a Doutrina Espírita – expressão religiosa aqui contemplada –, que possibilita uma espiritualidade educativa, fundamento importante para uma transformação educacional.

Justificamos nossa tese, baseados no fato de que as pessoas espiritualizadas segundo práticas que estão na confluência entre a Educação e a sua opção religiosa – aqui destacada a Doutrina Espírita – são mais propensas a desenvolverem uma espiritualidade educativa, que incide mais positivamente na dinâmica social.

Instituímos os seguintes objetivos, na busca de responder ao problema imposto, a começar pelo **objetivo geral**:

- Analisar a aproximação existente entre Educação e Doutrina Espírita como fundamento para uma (trans)formação espiritual, através da história de vida de Carlos Roberto Campetti e os demais atores desse enredo.

Já os **objetivos específicos** firmados e que deram origem aos capítulos e à discussão no corpo geral do nosso trabalho foram os seguintes:

- Discutir o conceito de Educação – compreendido de forma mais ampla e fundamentado numa visão histórica, sociológica, pedagógica, antropológica e espiritual – que subsidia nosso trabalho;
- Fundamentar a categoria de transformação espiritual, realçando sua aproximação com o campo educacional, aspecto que é fundante em nossa discussão;
- Analisar a aproximação entre dois campos historicamente tidos como distintos e excludentes por razões que haveremos de tratar, quais sejam, a Educação e a Doutrina Espírita, a partir da observância dos três pilares que sustentam a proposta de nosso trabalho: o autoconhecimento, a internacionalização da Doutrina Espírita e o estudo;
- Colaborar com a Educação ressaltando seu caráter transformador dos sujeitos através da aproximação entre os campos supramencionados.

Apesar da nossa tese de doutoramento se amparar esquematicamente na história de vida de um personagem eleito como principal, trouxe-mos a lume a contribuição de outros “personagens anônimos dessa história”, pois suas experiências, expressas em suas narrativas nos mostram que, desde a ligação inicial com a Doutrina Espírita, até se tornarem voluntários/facilitadores do ESDE, estes são – permitam-nos a metáfora – constelações importantes desse macrocosmos, desse universo que se assenta sobre uma proposta de Educação, por vezes compreendida superficialmente como religião.

Haveremos de detalhar essa questão sobre os colaboradores de nossa pesquisa mais à frente, mas, agora, cumpre que façamos uma indagação com notas de justificativa: sobre quais bases metodológicas nos assentamos?

Afirmando Bloch (2001, p. 55) que a história seria a “ciência dos homens, no tempo”, vemos que este desloca o foco do interesse historiográfico, sempre afeito aos grandes homens, aos grandes acontecimentos, para inaugurar novos tempos, objetos e métodos junto a outros precursores dessa perspectiva nessa disciplina, levando, por assim dizer, a novas historicidades; e historicidades que interroguem os problemas do homem buscando nele próprio as respostas, não apenas respostas tendenciosamente dispersas e oferecidas nas bibliotecas e nos manuais, mas, aquelas que necessitam um pouco mais de sensibilidade para serem compreendidas e contextualizadas.

Vejamos que muda-se a lógica, passando-se não mais a buscar o homem no fato, mas, o fato no homem:

Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça. (BLOCH, 2001, p. 54).

Assim, juntamente com Lucien Febvre, a historiografia receberia um sopro de vida e acabaria, no momento da chegada da Escola dos *Annales*, por repensar seus atrativos, até porque fomentada pelos inexoráveis tempos de mudança que sempre haverão de invadir estruturas que são superadas pelo próprio avançar das sociedades que as contemplam e as geram.

E se é verdade que “[...] o fracasso das regras existentes é o prelúdio para uma busca de novas regras” (KUHN, 2013, p. 147) vemos com muita simpatia a crise que a

história experimentou ao ver suas antigas configurações metodológicas e conceituais sendo gradativamente desconstruídas para dar lugar a um novo processo de escrita dos registros históricos dos homens ao longo das eras.

A crise de paradigmas que já não respondem à complexidade dos objetos em sua expressão social, diluídos na liquidez experimentada pelos tempos atuais, após a exacerbação das referências materiais de que o século XIX foi palco, nos permite perguntar: tudo está valendo? No terreno do bom senso científico-acadêmico, sim, ou seja, é valendo-se de uma transformação de paradigmas conceituais que avançamos na construção de novas realidades.

E, como a história não haveria de reinar absoluta no transcorrer da eternidade, ao ponto de não ser contaminada positivamente por um contexto social que se deforma e transforma sempre, vemos superados os referenciais em que as macro estruturas absorvem as individualidades, incentivando ao historiador que repouse, doravante, o olhar sobre a individualidade, a particularidade das ações dos homens no mundo.

Le Goff (2005, p. 18) arremata com propriedade nosso raciocínio quando sugere que:

[...] repensar os acontecimentos e as crises em função dos movimentos lentos e profundos da história, interessar-se menos pelas individualidades de primeiro plano do que pelos homens e pelos grupos sociais que constituem a maioria dos autores menos exibidos, porém mais efetivos, da história, as realidades concretas – materiais e mentais – da vida cotidiana aos fatos que se apossam das manchetes efêmeras dos jornais, não é apenas obrigar o historiador – e seu leitor – a olhar para o sociólogo, o etnólogo, o economista, o psicólogo, etc., é também metamorfosear a memória coletiva dos homens e obrigar o conjunto das ciências e dos saberes a situar-se em outra duração, conforme outra concepção do mundo e da sua evolução.

A biografia traz subjacente uma nova visão de história, uma nova visão de mundo, um novo ponto de vista sobre a natureza do homem, desorganizando nossas matrizes tradicionais, e oferecendo voz à singularidade que as experiências destes novos protagonistas nos sugerem.

Assim como é na razão subjetiva, “[...] no próprio indivíduo, em sua natureza sensível e racional, que os pensadores vão buscar os fundamentos para as novas teorias científicas” (MARCONDES, 2007, p. 21), constituiu-se um novo modelo de conhecimento para a modernidade, assim também – e mesmo em decorrência dessa – bebemos na fonte de tal remodelação teórico-metodológica.

Esses movimentos de exploração de outros elementos e atores que integram a complexidade social e a retomada das pesquisas biográficas ofereceram ânimo novo àqueles que militam nesta seara e, também, favoreceram o surgimento da pesquisa acadêmica que se

encontra na interface entre a Ciência e a Espiritualidade, aqui representada pela Doutrina Espírita, que é a filiação doutrinária³ dos nossos personagens.

Nesse sentido, este se trata de um objeto que interroga os métodos conservadores do conhecimento científico, pois, de acordo com Bachelard (1985, p. 121), “[...] não há método de pesquisa que não se acabe por perder sua fecundidade inicial. Chega sempre uma hora em que não se tem mais interesse em procurar o novo sobre os traços do antigo, em que o espírito científico não pode progredir senão criando novos métodos”.

Dividimos nosso trabalho em **cinco capítulos**, em que o primeiro dedica-se às linhas introdutórias dos fundamentos de nossa pesquisa, ao nosso envolvimento enquanto pesquisadora e espírita com o objeto, bem como à contribuição social que almejamos com este.

O segundo capítulo trata dos “Horizontes Metodológicos” que nos instrumentalizaram ir ao campo de pesquisa, desde a reflexão sobre as adversidades de um objeto de natureza espiritual, às categorias de análise destacadas.

No capítulo terceiro, discorremos sobre as problemáticas que deram origem à nossa proposta, o afastamento histórico entre a Ciência e a Religião, o peculiar século XIX, berço da mistura entre esses dois universos equidistantes, a síntese possível da Doutrina Espírita ao conjugar a ciência, a religião e a filosofia com vistas a uma proposta de Educação que podemos nomear, por definição, Espiritual, e os desafios e padrões questionados por homens que viveram essa fase de transformação nas mentalidades da época, sem deixar de trazer à baila a importância de Allan Kardec como codificador, sistematizador e compilador da dessa doutrina dita narrada pelos Espíritos.

O quarto capítulo trata de encontros importantes acontecidos mesmo antes dessa pesquisa vir a lume e que tiveram Carlos Roberto Campetti como *pivô*, a partir do ano de 1994. Achamos importante contá-los, pois, os mesmos atestam que o acaso talvez seja uma desculpa que uma força maior se utiliza para forjar um diálogo aparentemente improvável.

Por fim, temos o quinto e último capítulo, referente às vidas propriamente consultadas – e devidamente transcritas – e que dispomos na íntegra para os leitores, em que as categorias de autoconhecimento, internacionalização e educação universal do espírito encontram seu sentido.

³ De caráter fortemente pedagógico, pois seu codificador, Allan Kardec, cujo nome verdadeiro é Hippolyte Léon Denizard Rivail, foi “[...] aluno de Pestalozzi, na Suíça, [...] e um dos propagadores de seu sistema de educação, que exerceu grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha” (LACHÂTRE, 2004, p. 352), a Doutrina Espírita aqui será discutida sob o ponto de vista de seus três vieses, o científico, o filosófico e o religioso, mais notadamente, sua acepção moral. Este conceito será melhor explicitado no item relativo ao tipo de Educação que nos alicerça, exposto no capítulo 3.

1.2 Caminhos e expressões: a relação da pesquisadora (e espírita!) com o fenômeno pesquisado

Será justo devotar à vida, tão pulsante, tão soberana, a inocente posição de mero ornamento da arte? Ao contrário, não teria a vida capacidade de apropriar-se da arte para melhor ornamentá-la?

O set de gravação: a sala de projeções de um dos maiores festivais do mundo dedicados à sétima arte, o Festival de Cannes, que ocorre anualmente na França.

Os atores: jornalistas e críticos de cinema de várias nacionalidades, todos ansiosos para conferir a projeção de um filme que, no ano anterior recebeu severas críticas por ser longo demais, rechaçado, assim, pelo público e crítica italianos.

A cena: os atores todos de pé, aplaudindo emocionados, enquanto na tela de projeção surge a palavra italiana “*Fine*”, logo após aquela que é considerada a cena mais emocionante da história do cinema.

O tempo de duração: sete longos minutos.

O país: Itália.

O filme: *Cinema Paradiso* (*Nuovo Cinema Paradiso*).

E o ano era 1989...

Desacreditado por muitos, *Cinema Paradiso* é a história não somente dos abnegados e anônimos projecionistas num tempo em que as fitas eram inflamáveis e estes arriscavam a própria vida para realizar o desejo de tantos que buscavam as salas de cinema como a solução para uma vida social pacata e sem muitas surpresas, mas, o produto final de uma superação dentro e fora da grande tela.

Do desafio imposto ao seu diretor pela rejeição por parte do público ao formato original do filme à história das vidas de uma pequena cidade do interior da Itália em torno de sua sala de cinema (que dá nome à película), único espaço das sociabilidades naquele momento, elementos preciosos da trama nos sugerem identificação e reflexão.

E assim foi com a pesquisadora – que, doravante, neste tópico, por vezes lhes falará em primeira pessoa, pincelando com um tom mais intimista a formalidade da escrita acadêmica –, identificada com o personagem principal do enredo, Salvatore (apelidado “*Totó*”), quando seu grande amigo e quase pai, o velho projecionista do cinema, “*Alfredo*”, – já naquele momento cego em decorrência do fogo provocado pela combustão das fitas – lhe diz: “*Vai embora, Totó! Nunca mais volte a Giancaldo! Se voltar, não me procure, pois, jamais falarei com você [...]*”.

Momentos de crise são momentos de transformação.

Não fosse a atitude de Alfredo, Salvatore jamais teria se tornado o grande empresário da indústria cinematográfica, fazendo do amor ao cinema o ponto vital de mudança da sua condição de menino e adolescente enredado nas teias da memória que muitas vezes cristaliza o sujeito, inviabilizando seu bater de asas rumo a espaços e tempos outros, diversos da condição originária e comodista.

Da mesma forma, não sem crise me permito a apreensão deste objeto que me trouxe, em muitos momentos, a sensação de estar deixando para trás a mim mesma, experimentando talvez os mesmos sentimentos de Totó quando acena para Alfredo na estação do trem e este se recusa a devolver o adeus, receando que se tornasse apenas um até breve.

Os momentos mais marcantes das nossas vidas, mesmo que às vezes se prolongando longamente – até porque toda transformação existencial necessita de um tempo de gestação emocional –, são aqueles quando deixamos para trás a nós mesmos, na figura das imagens que temos de nós e das experiências antigas que pedem para que permaneçamos iguais – tomando como minha a poesia do artista – “na parede da memória”⁴.

E, de fato, em muitos momentos eu quis olhar para trás, oferecer apenas um até breve, mas, me seria permitido tomar um caminho diferente do que tomou Tornatore, quando teve que rever o original do *Cinema Paradiso*? Não! Não após a maternidade, não após o desabrochar da mediunidade, impulsionando meu ser a alçar voos mais altos e profundos, fundamentando a convicção na imortalidade das minhas aquisições espirituais, dos meus conhecimentos, dos meus sentimentos, pois, “[...] chegado ao termo da viagem, [a] derradeira noite será luminosa e calma como o ocaso das constelações à hora em que os primeiros albores matinais se espraiam no horizonte” (DENIS, 2014, p. 388). Esta é a minha convicção!

O original agora existe à maneira de um quadro: para ser apreciado, para enternecer, para fazer suspirar, mas, uma vez saindo do estado contemplativo, jamais pensar em retornar à rigidez daqueles momentos, acolhendo com emoção o turbilhão de novas sensações transformadoras experimentadas quando, numa noite, cantando e embalando meu filho, senti a presença efetiva do Plano Espiritual.

Neste instante revelador, como tantos os desconcertantes acontecimentos que travei contato objetiva e subjetivamente nesta caminhada, ajusta-se a lembrança de uma música⁵:

⁴ Como nossos pais, de Belchior (1976).

⁵ Naquela Estação, de Adriana Calcanhoto (1996).

Você entrou no trem
 E eu na estação vendo um céu fugir
 Também não dava mais para tentar
 Te convencer a não partir...
 [...]
 E agora, tudo bem
 Você partiu
 Para ver outras paisagens [...].

Daquele dia em diante jamais fui a mesma, e hoje, da concepção singela do objeto, passando por sua construção racional e, quando desarvorada na necessidade de sintetização de seus parâmetros, sei que não estou sozinha. Jamais vi Deus tão de perto, transitando junto ao meu ser, do silêncio das leituras aos pretensos devaneios da escrita.

Todas as vezes que alguém se dispõe a contar a história de uma vida, em primeiro lugar é a sua que estará contando, pois, aquilo que me interessa num objeto é, no mínimo, aquilo que existe em alguma dimensão dentro do meu ser, necessitando de correção ou por muito carecer que seja potencializado.

Assim é que, a desenvoltura mediúnica do protagonista da trama que haveremos de discutir nesta tese, aprofundando conceitos, interrogando possibilidades, investigando o fenômeno através de sua experiência desde tenra idade, é a mesma que identifico carente de Educação e apropriação em mim.

Sim, a vivência plena da mediunidade é um ato educativo por excelência, donde o autoconhecimento, o esclarecimento sobre os mecanismos do fenômeno em questão e o recolhimento seriam a chave mestra para a observância de seus efeitos corporais, emocionais e comportamentais de forma equilibrada, pois, mais uma vez iluminados pelas assertivas de Denis (2014, p. 63): “Quantas faculdades preciosas, todavia, não se perdem, à míngua de atenção e de cultura! [...]. A mediunidade é uma delicada flor que, para desabrochar, necessita de acuradas precauções e assíduos cuidados”.

Confrontando, ao mesmo tempo em que complementando a definição acima, Klimo (data *apud* ALMEIDA, 2004), dá-nos definição mais eficientemente científica e neutra – parêntese que fazemos neste instante que refletimos sobre as cenas da mediunidade no filme da nossa vida –, pois que esta seria “[...] a comunicação provinda de uma fonte que é considerada existir em um outro nível ou dimensão além da realidade física conhecida e que também não proviria da mente normal do médium”.

Por todas essas considerações, e por tantas outras que, de tão soberanas e profundas jamais caberiam no estrito espaço de algumas linhas, vejo que deixei para trás o vazio de uma existência que a maturidade agora convida à transformação.

Em meio ao luto de mim mesma, sobressaem em finas frestas filetes da aurora de um novo tempo, bem mais firme, como o descrito nas breves, mas, absurdamente profundas reflexões com que Freud nos presentearia quando relata uma caminhada ao lado de dois interlocutores anônimos, num “[...] dia de verão, [...] através de campos sorridentes [...]” (FREUD, 1996h, p. 317).

Esse texto, o mais marcante para mim após anos de estudo do saber psicanalítico – porque alimentou a minha alma, e de nada adiantam os quilométricos textos lidos, muitas vezes para desfile vazio de erudição, se não construírem em nós renovadas perspectivas existenciais – cuja tônica pessimista dos companheiros de Freud naquele momento, resultado da dura visão provocada pelos horrores da iminência da Primeira Guerra Mundial, discute a transitoriedade das coisas (expressas na citação à Natureza e à Arte), das edificações materiais, e aqui arrisco complementar: das pessoas.

Envoltos que estavam numa aura de incertezas, Freud (1996h, p. 317) divaga sabiamente, como que tomado por uma sutil intuição:

O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. [...] A limitação da possibilidade de fruição eleva o valor dessa fruição. [...] A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhe empresta renovado encanto. Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela.

Embora argumentando a favor da materialidade das coisas, das riquezas da civilização fragilizada ante o torpor provocado pela guerra naquele momento, a essência da discussão é tocante, suscitando uma indagação: o que resta de nós quando nossas antigas convicções são destruídas pela força dos acontecimentos ou pelo encerramento natural dos fundamentos no tempo e no espaço da juventude espiritual? A resposta é automática: a reconstrução! A reconstrução de nós mesmos...

As convicções, vencidas pela força da maturidade, pela impermanência própria da condição do espírito, reclamam que deixemos ir aquela parcela de nós mesmos, aquele centro fundante sempre pronto a responder às nossas restritas inquietações, que, de tão urgentes, minam as respostas profundas que possamos construir na profundidade do encontro com um novo ser que, em última instância, somos nós reconfigurados.

Precisamos dialogar novamente com Denis (2013, p. 290), pois ele sintetiza nosso raciocínio objetivando aquilo que sentimos no nosso ser, no silêncio da transformação que advogamos nesta tese, através da interface entre Educação e Doutrina Espírita, aliás, experimentada em nós, com pleno conhecimento de causa:

Há em toda alma humana dois centros, ou melhor, duas esferas de ação e expressão. Um delas, circunscrita à outra, manifesta a personalidade, o ‘eu’, com suas paixões, suas fraquezas, sua mobilidade, sua insuficiência. [...] A outra, interna, profunda, imutável, é, ao mesmo tempo, a sede de consciência, a fonte da vida espiritual, o templo de Deus em nós. [...] Por um, perpetuamo-nos em mundos materiais, onde tudo é inferioridade, incerteza, dor; pelo outro, temos entrada nos mundos celestes, onde tudo é paz, serenidade, grandeza.

Nesse sentido, quando o fenômeno sobre o qual nos debruçamos nasce concomitantemente nos recônditos de nossa alma, vemos seus contornos iluminados pela força de nossa própria experiência. O mecanismo, portanto, é este, apesar de, na história do pensamento racional ocidental, as impressões sobre as possibilidades de emancipação da alma sempre terem sido sepultadas em pontos de vista distorcidos e extremistas.

O fato de abraçarmos, de corpo e alma, as duas causas – a do espírito e a da razão – nos leva a pensar os fenômenos sociais numa lógica envolta em tabus acadêmicos e religiosos; porém, foi justamente o fato de considerarmos a amplitude destes – mais uma vez – na experiência que vivi e vivo em minha própria carne, que propomos uma tese alicerçada num olhar entre dois mundos, entre duas realidades, situada em dois universos colocados tradicionalmente em lugares radicalmente opostos um ao outro.

Agora, saindo um pouco do terreno da intimidade, vemos que a observação participante de Gilberto Freyre analisada por Sevcenko (2004) retrata objetivamente aquilo que para nós se processou na intimidade.

Enquanto a intelectualidade brasileira buscava oferecer respostas ao debate sobre a nossa identidade centrando-se numa unicidade definidora do nosso “caráter nacional”, Freyre, com a sua observação participante, desagregaria as nossas dimensões étnicas constitutivas como forma de responder à multifatorialidade cultural da nossa gente. Isso só foi possível com a observação umbilical que empreendeu.

Da mesma forma, proponho uma discussão que descentraliza as respostas rasteiras e até negligentes sobre a transformação humana através da conjunção entre os dois campos evocados, porque expressos, gravados nas fibras mais profundas da minha alma.

Certamente que a horizontalidade das respostas do célebre historiador do Brasil pode ser motivo de crítica dada a inconsistência da transposição dos seus objetivos para os aqui apresentados, mas, acaso a tradição acadêmica nos oferece terreno mais fértil sobre o qual nos fundamentemos, se não apenas o das pesquisas rasas nos termos aqui defendidos, sem a participação espiritual do pesquisador?

Quando muito, encontramos assertivas como a de Darcy Ribeiro (1995, p. 17) que, embora sincero quanto às suas pretensões, residentes na alma de um homem de fé, jamais

foram divulgadas, sob pena de tornar menor aquele que contribuiu solidamente para a construção do pensamento social sobre o Brasil:

[...] não se iluda comigo, leitor. Além de antropólogo, sou homem de fé e de partido. Faço política e faço ciência movido por razões éticas e por um fundo patriotismo. Não procure, aqui, análises isentas. Este é um livro que quer ser participante, que aspira a influir as pessoas, que aspira a ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo.

Assim, a escolha por trabalhar conceitos acadêmicos seguindo uma lógica também espiritual é, antes de tudo, uma escolha ética da pesquisadora que, em revelando suas convicções religiosas e transformações mais íntimas, deseja perverter “o mito da neutralidade científica” (JAPIASSU, 1975), ajudando a lançar mais lenha na fogueira das obsessões acadêmicas.

Tais obsessões ingenuamente não contam com o fato de que, através da escolha do pesquisador, este está se dando a conhecer ao mundo; o objeto, portanto, fala por ele, donde seus pensamentos fundamentais, suas valorações mais íntimas, enfim, a juventude de suas aspirações – à maneira das desconstruções no divã – eclodem das brumas por vezes revoltas do seu espírito (BACHELARD, 1999).

Sábia desconstrução de uma produção pretensamente neutra, higiênica e isenta da subjetividade do pesquisador... Sábia desconstrução!

1.3 Contribuição social da pesquisa

“Todos nós somos responsáveis por aquilo que nós fazemos... Somos responsáveis, também, por aquilo que deixamos de fazer quando somos convidados a agir e não aproveitamos a oportunidade.”

(Carlos Roberto Campetti)

Esperamos, com esta pesquisa, por singelo que possam parecer tanto o nosso intento quanto o nosso argumento, incentivar duas frentes que pensamos ser fundamentais nas lides acadêmicas e sociais contemporâneas. Uma de caráter metódico, referente ao tipo de

pesquisa que produzimos na universidade, e outra, de impacto educacional, que pensamos apenas avançar quando a primeira de fato se estabelecer⁶:

1. A aceitação de temas como o que aqui trazemos – que seja o da Educação e sua aproximação com a Doutrina Espírita⁷ – pela universidade, e que;
2. A transformação espiritual experimentada pelo personagem central de nosso trabalho de doutoramento, bem como pelos demais sujeitos que foram por nós entrevistados, e que orbitam nesse processo – convidados a dividir suas experiências – sejam vistas como um fenômeno humano, no afã de justificar que a mudança interior do indivíduo possui ligação estreita com a mudança de suas ações no meio social, produzindo, assim, uma transformação educacional necessária ao complexo momento que vivemos.

Já vislumbramos um horizonte bem mais aberto e menos árido às temáticas dessa natureza, como nos sugere Moraes (2014, p. 120), ao narrar sua própria experiência:

O autor dessas páginas esteve quarenta e dois anos dentro de universidades; o que lhe permite testemunhar que, quando foi aluno, nós – os que tínhamos uma fé – nos constrangíamos em declarar nossa escolha religiosa em sala de aula. Costumavam, os colegas, olhar para nós como uma ‘espécie em extinção’. Mas, este autor, em seus últimos quinze anos de docência, em graduação e pós-graduação, quando no ensino fazia alguma referência ou comentário espiritualista, era como se a classe se acendessee e, aí, o docente tinha que pôr de parte seu roteiro para atender aos sôfregos interesses espirituais dos alunos e alunas.

Porém, embora percebendo um maior elastecimento na aceitação de temas qual o que trazemos para a discussão, ainda lamentamos a posição extremista de companheiros que, em professando uma fé distinta da nossa, enveredam pela crítica destrutiva de aspectos de nossa opção evangélico-doutrinária – inclusive o fazendo sem fundamentação e conhecimento adequados – o que, infelizmente, pode vir a dificultar o avanço na aceitação desses temas, pois, observadores externos podem concluir que os mesmos não são tratados com o devido respeito nem por aqueles que dizem buscar um espaço para estudos dessa natureza.

Tais proposições configuram-se urgentes no ambiente universitário atual que, assistindo à chegada de sugestões de pesquisa seguindo a mesma linha discursiva da nossa, precisa esmaecer seus parâmetros conservadores para a aceitação de um novo gênero de

⁶ Sobre o aumento de temáticas que envolvem a Doutrina Espírita nos espaços acadêmicos, sugerimos, também: Betarello (2010), Maia (2015) e Sampaio (2009).

⁷ Interessante notar que encontramos mais facilmente tais tipos de pesquisa nas áreas das ciências biomédicas, cujas investigações se ocupam das fronteiras entre a saúde mental e a loucura/saúde mental e a mediunidade, tentando uma definição deduzida de um novo paradigma, que é o do espírito. Para isso, os estudos históricos ensejam o conhecimento das dificuldades pelas quais passaram aqueles que experienciaram o fenômeno, bem como aqueles que estavam envolvidos na sua divulgação ou pensamento inicial. Sugerimos leitura de Jabert (2008).

temas⁸ que remetem, muito intimamente, à transformação individual do pesquisador o que teria, como mais um desdobramento dessa cadeia, a formação última do aluno, sujeito aprendente que, ao inquietar-se com um problema, gênese de uma possível pesquisa no futuro, geralmente o faz valendo-se de sua história pessoal e valorativa.

De acordo com Maia Nonato (2011, p. 195):

Formação (com ‘o’ fechado) significa pôr numa fôrma, enquadrar, produzir sujeitos de uma mesma forma como numa linha de montagem, conformar todos os sujeitos a uma forma preestabelecida; formação (com ‘o’ aberto), ao contrário, significaria construir uma forma, dar uma forma enquanto produção do sujeito no tempo, produzir uma forma em ação, levando-se em consideração as especificidades de cada sujeito, sua história, o contexto de seu desenvolvimento, processo que necessariamente produz sujeitos diferentes.

Assim, pensamos ser importante fugir das posições tradicionalmente eleitas que muito mais atestam contra os fundamentos da universidade, em que estas “[...] devem ser lugares de investigação, documentação, criatividade e ensino [...] locais onde urge encontrar-se um sábio equilíbrio no qual contraponham de forma produtiva as necessidades individuais e as universais” (MORAIS, 2014, p. 111), que propriamente uma atitude de pesquisa frente a fenômenos que, em si, trazem subjacentes a diversidade das inclinações subjetivas e culturais do ser humano.

Podemos dizer que este é um objeto essencialmente brasileiro, pois, não se conhece povo mais afeito à experiência religiosa que o brasileiro, cujo sincretismo modela sua sociabilidade, fundando uma maneira de expressão religiosa completamente particular em face da ligação umbilical que ele possui com o sagrado, mas, de igual monta, também podemos afirmar que esse objeto é essencialmente humano.

Dessa forma, se nos cabe, como devidamente nos alerta Maia (2011), pensar a humanidade do ponto de vista da aprendizagem, dos dispositivos que desenvolvemos potencializando assim nossa força frente aos elementos da natureza, da consciência e do inconsciente, do simbolismo que nos viabiliza ascendermos à cadeia cognitiva das operações

⁸ Apesar de atualmente estudos dessa natureza serem mais aceitos, essa queixa antiga ainda é recorrente entre os que “militam” nesta seara há mais tempo e provam as dificuldades de tratar de temáticas que envolvam, por exemplo, a mediunidade, fator central da vida de Carlos Roberto Campetti, e, agente transformador das suas ações e escolhas desde prematura idade. De acordo com Almeida e Lotufo (2003), os estudos que envolvem as várias expressões da mediunidade, tais como, “[...] as experiências anômalas (EA) (vivências incomuns ou que se acredita diferentes do habitual e das explicações usualmente aceitas como realidade: alucinações, sinestesias e vivências interpretadas como telepáticas...) e os estados alterados de consciência (EAC) são descritos em todas as civilizações de todas as eras, constituindo-se elementos importantes na história das sociedades. Apesar disso, têm recebido pouca atenção da comunidade científica, ou são abordados de forma pouco rigorosa”.

lógico-formais, achamos por bem pensar a humanidade, nesta tese de doutoramento, sob o ponto de vista de sua espiritualidade.

Uma espiritualidade que, fruto da aproximação entre dois campos aparentemente diversos e excludentes⁹, toma melhor conotação quando estes se consorciaram, desencadeando uma transformação que, longe de desconstruir os critérios de objetividade que tão valorosamente contribuíram para o avanço progressivo da humanidade, melhor é entendida quando toma por seus tais critérios, inclusive para mais bem apreender as verdades essenciais, pois, “não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade”¹⁰.

Almejamos contribuir para um espaço de formação universitária mais democrático, no quesito por nós observado como fundamental para o ser humano e, conseqüentemente, para o estudantes de graduação e pós-graduação que, podendo se debruçar sobre os meandros de uma porção importante que congrega suas escolhas éticas, subjetivas e culturais, que é a religião e/ou espiritualidade, podem experimentar com mais lucidez todas as possibilidades que estas podem lhes oferecer, bem com a aplicabilidade destas nas comunidades e famílias a que pertencem.

Tal lucidez é importante substrato que nos apoia, como decorrência de um espírito crítico que acolhe racionalmente a presença do divino nas nossas vidas, postura que se reflete nas palavras de Carlos Campetti e emoldura nosso raciocínio:

Deus nos criou para a felicidade que a gente mesmo constrói e, dentro desse conceito, nós vamos encontrar Jesus colocando: ‘O Pai trabalha ainda agora, e eu também’. Então, Jesus nos vem trazer uma realidade que transcende o campo da matéria. No momento em que ele vai crucificado e todo mundo entende aquilo como algo especial, que só aconteceu com ele, ele vem nos dar o exemplo daquilo que acontece com todos nós. Então, quando há a Ressurreição, todo mundo pensa que aquilo é um milagre ocorrido com Jesus, mas, a Ressurreição é um fato que ocorre com todo mundo, mas, não nesse sentido místico que as religiões acostumaram a gente a entender dessa maneira. Não! Na realidade é um fenômeno natural da vida. A vida continua... Então, a Ressurreição é nada mais que um símbolo da continuação da vida, em que o indivíduo tem a oportunidade da renovação e da transformação constante, para alcançar o seu objetivo, que é a sua integração dentro do plano divino, para ser um colaborador consciente dentro do plano divino, e, portanto feliz, por estar cumprindo a função para a qual ele foi criado¹¹.

⁹ Referimo-nos à Educação e à Doutrina Espírita.

¹⁰ Allan Kardec (2013), paradoxalmente, inicia a obra mais religiosa dentre todas as da chamada codificação justamente com uma afirmação que remete a um raciocínio lógico, demarcando que, embora analisando à luz da Doutrina Espírita trechos fundamentais destacados dos evangelhos, o faz seguindo critérios de objetividade tendo em conta a cultura, as aparentes incongruências e as passagens que são alvo de julgamento de críticos de outras denominações religiosas.

¹¹ Trecho do complemento realizado no dia 8 de novembro de 2013, da entrevista integral feita um dia antes, na FEB.

Temos em mente, desta feita, que os aspectos que narraremos, inspirados na vida de Carlos Campetti – o processo de autoconhecimento, a internacionalização de propósitos voltados ao bem, alicerçados numa Educação universal do espírito cultivada através do estudo continuado proposto pelo ideal de Educação da Doutrina Espírita –, iluminados também pela experiência dos demais sujeitos que colaboraram com nossa pesquisa, podem provocar uma mudança naqueles que sorvem seus conceitos.

Assim, aspectos instrucionais somados à porção moral da Doutrina Espírita podem promover uma transformação espiritual considerável nos indivíduos consultados, pois criam o ambiente propício para que o sentimento de espiritualidade possa nascer, embora a experiência com este último seja completamente particular de cada um, enquanto que o primeiro reveste-se apenas de ensino, transmissão e conceitos muitas das vezes.

De acordo com Otto (1992, p. 89):

[...] para esclarecer a essência do numinoso [do sagrado como elemento imponderável – excerto nosso] é conveniente perguntar como é que ele se exprime e manifesta, como se propaga e transmite de alma para alma. Em boa verdade, não se transmite no sentido próprio da palavra; não pode ensinar-se. Apenas se pode fazer despertar no espírito. Por vezes, diz-se a mesma coisa da religião em geral e no seu conjunto. Mas é um erro. Muitos elementos que contém podem ensinar-se, transmitir-se por meio de conceitos, traduzir-se de forma didática, exceto precisamente o sentimento que lhe serve de fundo e de infra-estrutura. Só pode ser provocado, excitado, despertado. E isto, não por meio de palavras, mas da mesma maneira que se transmitem normalmente os estados da alma e os sentimentos, como os da simpatia, partilhando aquilo que se produz na alma de outrem, como uma participação sentimental.

O envolvimento dos participantes na prática religiosa reiterada que estudos, encontros fraternos, atividades assistenciais, palestras, congressos temáticos, suscitam, em primeira mão, favorecendo a que estes, num primeiro momento convidados a um hábito semanal, possam estar abertos a que naturalmente a atitude espiritual faça parte das suas vidas cotidianas, e este é um ponto capital que intencionamos favorecer com esta pesquisa.

Logicamente, analisamos e embasamos nossa afirmação na experiência de sujeitos que caminharam ao encontro de suas práticas espirituais dentro desse contexto, mas, aqui não podemos descartar que a ausência dessas atividades e a ambiência que fomenta a espiritualidade de cada um possam ser desencadeadas a partir de outros caminhos trilhados, em outros sujeitos, com outras predisposições e perfis, mas, a nós compete discutir os aspectos que julgamos muito positivos com as práticas que descreveremos nas vidas contadas pelos próprios sujeitos.

2 HORIZONTES METODOLÓGICOS – OS CAMINHOS TRILHADOS

“O estudo de uma existência humana comporta uma ampla variedade de formas. Pode ser conduzido por diferentes caminhos. Enseja a oportunidade de escolha entre diversos objetivos e finalidades. [...] Biografias podem, ainda, [...] se constituir em relatos de toda uma existência, voltados para os mais diversos aspectos da atividade humana, configurando um mergulho na personalidade.”

(Rui Martinho Rodrigues)

Neste capítulo discorreremos sobre o percurso metodológico que fundamentou nossa pesquisa, pois, partindo da **hipótese** de que os sujeitos cuja formação religiosa se dá na confluência entre a Educação e a sua expressão de fé – aqui destacada a Doutrina Espírita, com seu investimento na autoeducação, ou seja, no autoconhecimento, estudos continuados, encontros fraternos, atividades assistenciais, palestras, congressos temáticos –, desenvolvem mais favoravelmente uma espiritualidade que se apresenta em comunhão com o que é vivenciado na vida cotidiana.

E, uma espiritualidade alimentada segundo um ambiente que valoriza aspectos educativos, oportuniza uma transformação espiritual que poderá mais satisfatoriamente ser praticada em sociedade, sendo esta a função da Educação: transformar o homem e habilitá-lo para uma vida plena em sociedade. Sendo a referida transformação fundamental para formar consciências desconectadas do superado modelo de religiosismo dogmático, mais voltada para uma formação cultural (PIRES, 2008) que atenda as exigências e desafios de uma sociedade carente de referências morais positivas (KARDEC, 2013).

Aqui ampliamos a noção de espiritualidade, compreendendo-a a partir de uma lógica que congregue as potencialidades dos sujeitos à condução moral que os preceitos religiosos podem fornecer, porém, não se restringindo a esses, pois que perderão suas qualidades se realçarem uma perspectiva em detrimento da outra.

Destacamos a função precípua da Doutrina Espírita, no que concerne ao seu relevo ético, expressa logo na Introdução de uma de suas obras-base e que recebe contornos mais originais se em relação com a função educativa que aqui damos destaque, desde a

formação de educador do codificador, Allan Kardec, e que ficou patente na codificação, até a forma como se estrutura o dia a dia do movimento espírita e que conheceremos através dos relatos das vidas e experiências como espíritas dos sujeitos que contribuíram valorosamente com a pesquisa.

Podem dividir-se as matérias contidas nos Evangelhos em cinco partes: *os atos comuns da vida do Cristo, os milagres, as profecias, as palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja e o ensinamento moral*. Se as quatro primeiras partes foram objeto de controvérsias, a última manteve-se inatacável. Diante desse código divino a própria incredulidade se inclina; é o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma; aliás, discutindo-as, as seitas encontrariam aí sua própria condenação, porque a maioria está mais interessada na parte mística do que na aparte moral que exige a reforma de si mesmo. Para os homens em particular, é uma regra de conduta abrangendo todas as circunstâncias da vida, privada ou pública, o princípio de todas as relações sociais fundadas sobre a mais rigorosa justiça [...]. (KARDEC, 2006, p. 8, grifo nosso).

Assim, o que está em análise é uma Educação integral do ser que, se valendo da necessidade que o homem tem de viver sua inclinação religiosa, presente desde o mais remoto registro das formações sociais, na relação “primitiva” deste com a terra, atribuindo a esta o valor de um Deus (KÜNG, 2004), a Doutrina Espírita acomoda no seu bojo a sua necessidade, também, de educação em sentido estrito e amplo.

Ou seja, longe de confundir-se apenas com socialização ou instrução, esta Educação alia conhecimento e valores morais em prol de uma construção integral da individualidade do homem, cabendo, num nível mais específico de análise, “[...] preencher as lacunas do Espírito” (INCONTRI, 2012, p. 58), que seria o reconhecimento do ser além das funções e efeitos da constituição biológica e das relações que trava ao longo de seu nascimento, desenvolvimento e morte no espaço estreito da vida.

2.1 Modernidade: o voo do ser e do espírito nos séculos da razão

Alicerçada em preceitos científicos, ao realizar a indagação sistemática proveniente da dialética filosófica e, ainda, por se permitir enredar no discurso religioso que media a intimidade do homem com Deus, a Doutrina Espírita nasce no século XIX inaugurando uma singular concepção de homem.

Partindo de concepções da época, ela permite, com a ausência dos dogmas, liturgias e sacramentos, que o sujeito – agora emergente – imprima sua marca no mundo,

construindo sua história numa livre expressão, em que a experiência espiritual é um dos vetores significativos a serem considerados.

Importa colocarmos em realce que o homem não tinha condições de desenvolver plenamente seus potenciais espirituais, ou mesmo perceber-se como um sujeito possuidor de uma subjetividade, antes do advento da Modernidade (BAUDELAIRE, 1996). Este momento histórico foi cenário da eclosão da individualidade, das históricas freudianas (FREUD, 1996b), que ajudaram a revolucionar o pensamento ocidental, revelando com o conceito de inconsciente uma faceta diversa da tão propalada consciência (FREUD, 1996a).

Desta desconcertante revelação através dos sonhos foi apenas um salto para a autoanálise, para a associação livre num divã qualquer do século XIX, para as ideias de progresso, mesmo que rendidas ao materialismo lancinante próprio dos tempos que passam a conviver com novidades que vão desde os mecanismos psíquicos cartografados por Freud aos ditames da urbanidade em seu esquadramento racional nascente (FOUCAULT, 1979).

Assim é que o homem passa a ocupar outro lugar dentro dessa lógica, desta dialética, e pode revelar seus desejos, desconstruir a aparente consciência de suas ações no mundo, observar as vastas possibilidades que se descortinam à sua frente, bem distinto daqueles tempos em que acreditava que o mundo acabava na porteira das suas terras (MAIA, 2011).

Daí para frente, a mesma revolução efetivada na dimensão psicológica se processaria no campo religioso, ou melhor dizendo, no campo do espiritualismo, com a publicação, em 1857, da obra *O Livro dos Espíritos*¹².

Na forma de perguntas e respostas, o professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail – adotando o pseudônimo Allan Kardec – indaga a médiuns de diversos países do continente europeu – e até de fora deste – sobre as mais variadas questões de interesse dos circunstantes daquele momento de profunda efervescência espiritual.

O método adotado por Allan Kardec era o desdobramento mais amadurecido de um processo iniciado nos Estados Unidos da América, em Hydesville e que abriu espaço para a febre das mesas girantes ou dançantes.

¹² Após a publicação em 18 de abril de 1857 da obra inaugural da Doutrina Espírita temos, por ordem sequencial os seguintes livros que compõem o chamado pentateuco, que são obras basilares que favorecem o entendimento dos princípios da Doutrina Espírita: *O Livro dos Médiuns* (janeiro de 1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (abril de 1864), *O Céu e o Inferno* (agosto de 1865), *A Gênese e os milagres segundo o Espiritismo* (janeiro de 1868) e uma obra publicada após a morte do codificador por sua esposa Amélie-Gabrielle Boudet e amigos, *Obras Póstumas* (1869) (ROCHA, 2015). Uma obra interessante e que Allan Kardec teria publicado de forma independente, com o objetivo de “[...] responder às constantes perguntas que lhe eram feitas, sem que os questionadores se ocupassem com o estudo metódico das obras já publicadas” (VIANA; RODRIGUES, 2015, p. 102) foi: *O que é o Espiritismo* (julho de 1859), além, também, da *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos*, lançada inicialmente em 1858 e tendo seu último número publicado no ano da morte do codificador, 1869.

As insólitas manifestações de Hydesville (Estado de New York), misteriosamente surgidas na residência das Irmãs Fox, em fins da metade do século XIX, rapidamente foram tomando terreno e em pouco tempo todo o Velho Continente estava a par dos *rappings*, das mesas girantes e dançantes e de outros fenômenos inabituais. O grande ruído da América comunicou-se à Alemanha, à França, à Inglaterra, à Espanha, à Itália, à Turquia e a outros países, invadindo todas as classes sociais, da choupana ao palácio. Verdadeira época de loucura – comentavam os jornais da época. Revolução inacreditável nas leis físicas. Os objetos repentinamente pareciam ter adquirido movimento autônomo, nos pontos mais diferentes do mundo. (WANTUIL; THIESEN, 1996, p. 41).

Desde o que seria Deus, as provas da sua existência, as leis naturais ou divinas que regem nosso orbe, a pluralidade das existências e dos mundos habitados às esperanças e consolações sobre as causas das aparentes injustiças no mundo que habitamos, enfim, são 1018 perguntas (KARDEC, 2013)¹³.

Assim é que, na construção dos séculos XVIII e XIX em que o materialismo emerge fomentando descobertas e se entorpecendo com as individualidades, nasce a subjetividade em contraposição às lesões corpóreas, e o espírito, diametralmente oposto à exacerbação material dos sentidos e da razão. “[...] o espírito do século XVIII caracterizou-se pelo dualismo. Os símbolos para esta dualidade podem ser encarnados em dois homens: Voltaire e Swedenborg. Voltaire, coroado pela deusa Razão, Swedenborg, conversando com os anjos pelas ruas de Londres” (MACHADO, 1996, p. 21).

E Allan Kardec (2008c, p. 186), ao entrar em contato com os fenômenos das mesas girantes, falantes ou dançantes, também, num primeiro momento, antecipa-se à análise recorrendo aos fundamentos das leis da Física mecânica:

É muito singular, com efeito, mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode muito bem agir sobre os corpos inertes e fazê-los mover. [...] Este raciocínio era lógico; eu concebia a possibilidade do movimento por uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, parecia-me absurdo atribuir inteligência a uma coisa puramente material. Estava na posição dos incrédulos de nossos dias que negam porque não vêem senão um fato do qual não se dão conta. Há 50 anos, se se tivesse dito, pura e simplesmente, a alguém que se podia transmitir um despacho a 500 léguas, e receber-lhe a resposta em uma hora, se vos riria na cara, não teriam faltado excelentes razões científicas para provar que a coisa era materialmente impossível. Hoje, quando a lei da eletricidade é conhecida, isto não espanta ninguém, mesmo os camponeses. Ocorre o mesmo com todos os fenômenos espíritas; para quem não conhece as leis que o regem, parecem sobrenaturais, maravilhosos, e, por consequência, impossíveis e ridículos; uma vez conhecida a lei, o maravilhoso desaparece; a coisa nada mais tem que repugne à razão, porque se lhe compreende a possibilidade.

¹³ Dependendo da edição, podem ser encontradas 1019 perguntas com as respectivas respostas atribuídas aos espíritos, sobre temas que dizem respeito à intimidade da evolução humana na Terra e nos infinitos mundos habitados.

Importa considerarmos que somos fruto de uma cogitação, mesmo que não nos resumamos tão somente a uma lógica cartesiana, mas, é exatamente porque ela se deu que uma metodologia e uma observação metódica foram fundamentais para a estruturação do trabalho realizado por Allan Kardec (2008c, p. 188-189), seguindo critérios que ele próprio nos esclarecerá:

Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método da experimentação; jamais occasionei teorias preconcebidas: observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação como válida senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão. [...] Compreendi, desde logo, a seriedade da exploração que iria empreender; entrevi, nesses fenômenos, a chave do problema, tão obscuro e tão controverso, do passado e do futuro da Humanidade, a solução do que havia procurado em toda a minha vida; era, em uma palavra, toda uma revelação nas ideias e nas crenças; seria preciso, pois, agir com circunspeção, e não levianamente; ser positivo e não idealista, para não se deixar iludir. Um dos primeiros resultados de minhas observações foi que os Espíritos, não sendo outros senão as almas dos homens, não tinham a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber estava limitado ao grau de seu adiantamento, e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal. Essa verdade, reconhecida desde o princípio, me preservou do grande escolho de crer em sua infalibilidade, e me impediu de formular teorias prematuras sobre o dizer de um só ou de alguns. Só o fato da comunicação com os Espíritos, seja o que for que se possa dizer, provava a existência do mundo invisível ao ambiente; era já um ponto capital, um campo imenso aberto à nossa exploração, a chave de uma multidão de fenômenos inexplicados; o segundo ponto, não menos importante, era o de conhecer o estado desse mundo, seus costumes, podendo-se assim exprimir; vi logo que, cada Espírito, em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, dele me desvendava uma fase, absolutamente como se chega a conhecer o estado de um país interrogando os habitantes de todas as classes e de todas as condições, cada um podendo nos ensinar alguma coisa, e nenhum, individualmente, podendo nos ensinar tudo; cabe ao observador formar o conjunto com a ajuda de documentos recolhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e controlados uns pelos outros. Agi, pois, com os Espíritos, como o teria feito com os homens; foram para mim, desde o menor ao maior, meios de me informar, e não *reveladores predestinados*. Tais foram as disposições com as quais empreendi, e sempre persegui os meus estudos espíritas; observar, comparar e julgar, tal foi a regra constante que segui.

Assim, seguindo o rastro das descobertas e procedimentos científicos utilizados pelo codificador da Doutrina Espírita, formado na ambiência perfeita para quem vê na dinâmica interativa entre as realidades espiritual e material um campo fértil de trabalho, nos deteremos em considerações mais amiadadas sobre o tempo e espaço que forjaram Hippolite Leon Denizard Rivail no capítulo 3, dedicado à “Educação e Ciência *versus* Espírito”.

Por ora, a título de ensejo, vemos ganhar expressão a figura dos médiuns, enquanto hoje ganham também notoriedade nas pesquisas os homens aparentemente simples – ou os nem um pouco simples –, mas, cada um, num e noutro universo, oferece um sopro de vida à História (FERREIRA, 1998) e à divulgação dos postulados espíritas, notadamente aos que se dedicam ao desenvolvimento do conhecimento científico e acadêmico.

Justamente a riqueza da dimensão subjetiva negligenciada por tantas eras e séculos coloca agora o homem na posição de protagonista da sua História, convidando-o a ser senhor de seus atos (KARDEC, 2013), livre das fogueiras e torturas medievais e dos paganismos romanos de outrora (SOUTO MAIOR, 2006).

Um prato cheio para a pesquisa histórica, em especial nos dias atuais, com as experiências e sociedades mais complexas, sendo exatamente esta complexidade que oferece aos historiadores um terreno vasto de situações-problemas, prontas para serem pinçadas na multiplicidade dos fenômenos, realçando que, o que se deixa para a posteridade não são os documentos oficiais e os grandes acontecimentos dispostos de maneira tendenciosa nas bibliotecas, mas, os ideais vividos laboriosamente nas ações efetivas ao longo do tempo.

Possamos dar voz a este homem que labuta no silêncio da sua liberdade, que ama, odeia, se arrepende, que transforma e se transforma, se doa, que ainda possui “o sangue dos sete pecados capitais correndo nas veias”, que erra, que acerta, que produz; enfim, tantos são os predicados e as falhas morais quantas são as possibilidades de sermos arrebatados pela descoberta de uma vida original a ser, com nossa proposta de tese, escrita, contada e vivida.

2.2 Teóricos que fundamentam a pesquisa

Pela própria natureza do objeto e o fenômeno que ele encerra, não tivemos como nos beneficiar com uma análise que encontrasse nos expoentes tradicionalmente respeitados da Educação contemporânea suficiência teórica à nossa discussão.

Não porque o que propomos esteja confinado num pedestal inalcançável aos “meros mortais”, mas, porque o objetivo da Educação, em especial nos dias atuais, foi distanciar-se ao máximo de qualquer tipo de religiosismo dogmático fundamentalista, que gerasse exclusividade e distorção em seu campo formativo.

Ocupando-se pendularmente, ora de uma biologização dos mecanismos de aquisição do conhecimento¹⁴, ora de uma pretensa teoria ético-crítico-política da Educação, que a nosso ver, infelizmente, muito mais suscitou uma politização deste campo que propriamente um pensamento em torno de uma proposta comum¹⁵, tivemos, então, que

¹⁴ Onde Piaget é um de seus mais ilustres representantes, com a sua epistemologia genética (1990), cujas observações do desenvolvimento da cognição se dão no entrelaçamento com o amadurecer das funções biológicas dos sujeitos.

¹⁵ Sem ânimo de atribuir qualquer juízo de valor sobre a pedagogia de Paulo Freire, pois, concordamos com o raciocínio de Frei Betto (2004) de que a Educação deve aprofundar o conhecimento do real; mas, cumpre-nos apenas o lamento dos acirramentos que a *Pedagogia do oprimido* (2011) sempre gerou entre os próprios educadores nos moldes deste tipo de concepção de mundo, a partir de uma prática educativa de conscientização.

recorrer, num primeiro momento – até para acomodarmos o objeto numa perspectiva teórica necessária – ao clássico Comenius e aos conceitos da Doutrina Espírita, para abarcar o entendimento que a vida de Carlos Campetti nos provoca.

Assim, nossa discussão inicialmente encontra fundamento teórico, primordialmente, nas formulações pedagógicas de Comenius (2010, 2011a, 2011b, 2014, 2015), pois este prepara o solo, ainda no recuado século XVII, para a discussão sobre a importância de uma formação integral apoiada numa Educação cujo ambiente de caráter primeiramente religioso, será o *gérmen* para a (trans)formação espiritual do homem; e na conceituação de Allan Kardec (2007, 2008a, 2008b, 2008c, 2009, 2013) sobre as relações existentes entre as instâncias material e espiritual, acerca das quais se ocupa a Doutrina Espírita para oferecer aos que a buscam uma série de atividades que oportunizam o florescimento da religiosidade e, conseqüentemente, da espiritualidade dos circunstantes.

Como apoio e elastecimento teórico, mas, fundamental, encontramos também em Léon Denis (2006, 2013, 2014), Herculano Pires (2008), e Dora Incontri/Colombo (2001¹⁶, 2012), suporte para nossa reflexão, em que no primeiro temos a fundamentação filosófica que suporta nosso objeto¹⁷, e, nos demais¹⁸, uma proposta firme de Educação e Pedagogia espíritas, segundo Pires (2008, p. 181-182) nos esclarece:

Encarada numa perspectiva espírita, a Educação nos apresenta dois aspectos fundamentais: é o processo de integração das novas gerações na sociedade e na cultura do tempo, mas é também o processo de desenvolvimento das potencialidades do ser na existência, com vistas ao seu destino transcendente. [...] A educação espírita não pode restringir-se aos fins imediatos do processo educacional, que caracterizam as formas pragmáticas de Educação do passado e do presente. Seus fins superiores consistem no desenvolvimento de toda perfectibilidade possível do ser [...].

Mesmo não sendo nosso intento neste trabalho discutir a pertinência da proposta, por exemplo, da Pedagogia Espírita – apesar de todo nosso trabalho estar embebido em muitas de suas prerrogativas – necessitamos recorrer a essas fontes para pensar uma transformação espiritual seguindo preceitos que nascem nesse universo religioso e cultural em aliança com práticas e formações educacionais tradicionalmente concebidas (grupos de estudo, congressos, encontros fraternos, palestras, atividades assistenciais).

¹⁶ Dora Alice Colombo é conhecida no meio espírita como Dora Incontri. Esta é a referência utilizada pela autora nas suas produções acadêmicas.

¹⁷ Cientes de que este só pôde vir a lume, tal como a própria Doutrina Espírita, após desconstruirmos as bases conservadoras sobre as quais ingenuamente assentávamos nossa busca espiritual e, paralelamente, nosso olhar sobre a Educação.

¹⁸ Apesar destes obviamente não esgotarem a necessidade de buscarmos referências outras.

2.3 Coleta e análise dos dados

A coleta das informações junto aos colaboradores presenciais começou no dia primeiro de julho de 2013, nas dependências do Grupo Espírita Paulo e Estêvão, cenário do encontro entre a pesquisadora e Antônio Alfredo e terminou dia treze de novembro de 2014.

Richard Alexandrino, Suraya Salem e Luciano Klein Filho foram entrevistados na sede da Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC).

Carlos Campetti, Marta Antunes e Geraldo Campetti Sobrinho foram entrevistados em Brasília, na sede da Federação Espírita Brasileira (FEB). A primeira entrevista com Carlos Roberto Campetti foi realizada no dia sete de novembro de 2013, e, posteriormente, realizamos outras entrevistas, em encontros presenciais, também registrados em gravador, porém, não transcritos, mas, os áudios se encontram devidamente guardados conosco.

Com relação às duas entrevistadas que se encontram fora do Brasil, Maria Tereza (Mayte), na Espanha – cidade de Alcázar de San Juan, Ciudad Real –, e Fernanda Meira – Wienskowski, nos Estados Unidos – cidade de Austin, no Texas –, a coleta das informações se deu através de contatos pelo *Skype* e por *e-mails*.

2.3.1 Entrevistas e critérios de inclusão

Nossa coleta de dados se deu por meio de entrevistas gravadas e transcritas na íntegra; para tanto, optamos por realizá-las seguindo um roteiro semiestruturado que, de acordo com Martinho Rodrigues (2007, p. 134), “[...] recebe o nome de informal, adequada aos informantes com grande domínio do assunto e com desenvoltura para falar [...] expressando-se com facilidade, com riqueza de pormenores a oferecer”.

Pensamos que esta informação é importante, tendo em vista que todos os nossos depoentes possuem nível superior e tempo significativo de envolvimento com a Doutrina Espírita e suas práticas educativas e assistenciais, na qualidade de médiuns, coordenadores e facilitadores de estudos em grupo, dirigentes de casas espíritas, escritores de obras de natureza evangélico-doutrinária e palestrantes espíritas.

Sobre a utilização das entrevistas na coleta de dados do protagonista e dos outros personagens dessa história, vejamos:

A técnica da coleta de informações associadas às fontes orais – necessariamente – é a entrevista, ou algo muito assemelhado, como a narrativa do tipo monólogo, em que se pode converter a oitiva da ‘história de vida’. No registro da referida

modalidade de pesquisa, o narrador conta a própria vida, assinalando suas experiências, apresentando-as conforme o seu entendimento, ou como queira que as ditas experiências sejam compreendidas, devendo o pesquisador abster-se de interferir, ou limitar tanto quanto possível suas intervenções. [...] A desenvoltura do depoente influencia a qualidade da coleta de informações. [...] As fontes orais têm a vantagem da interatividade. (MARTINHO RODRIGUES, 2007, p. 73).

Partimos, basicamente, de três pontos norteadores a serem propostos no ato das entrevistas, quais sejam:

- Como você iniciou na Doutrina Espírita?
- Qual a sua ligação com o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE)?
- O ESDE possibilita uma transformação espiritual?

E, aos entrevistados responsáveis por nos trazer dados sobre a vida de Carlos Campetti, ampliamos as perguntas para:

- Como você iniciou na Doutrina Espírita?
- Qual a sua ligação com o ESDE?
- O ESDE possibilita uma transformação espiritual?
- Como você conheceu o Carlos Campetti?

Assim, podemos dizer que nossa pesquisa é híbrida no que diz respeito ao instrumento de coleta de dados (entrevista seguindo roteiro semiestruturado), sofrendo, inclusive, algumas outras variações dependendo do vínculo do depoente com Carlos Roberto Campetti.

Os motivos se devem ao fato de que, inicialmente, intencionávamos analisar o ESDE, e depois, quando optamos por escrever a biografia do senhor Carlos Roberto Campetti, achamos que não seria justo desprezar as contribuições dos nossos primeiros colaboradores, tendo em vista que o objetivo geral se manteve o mesmo, já citado anteriormente.

2.3.2 Sujeitos da pesquisa: um mosaico cosmológico

“Por certo a história oral partilha com a História o mesmo grande desafio, qual seja, o estudo da aventura humana. Afinal, a história oral é História.”

(Rui Martinho Rodrigues)

Nossa pesquisa contou com a colaboração de 10 (dez) sujeitos entrevistados individualmente – mas, por conter na sua narrativa dados relevantes, pormenorizados e

didáticos de conteúdos relevantes à nossa discussão, decidimos colocar a vida de Carlos Roberto Campetti em destaque, sendo as demais contribuições fundamentais porque ensejam aprofundamento de pontos que compõem essa teia de conceitos e acontecimentos – e que assinaram o seguinte documento: Cessão gratuita de direitos de depoimento oral¹⁹.

No que concerne à presença de outros relatos, de essência autobiográfica entrecortando um todo cuja espinha dorsal é a vida de Carlos Roberto Campetti, vemos que a multiplicidade das vozes, encerradas num trabalho deste gênero, enriquecem em primeiro lugar a percepção do pesquisador sobre o fenômeno para o qual ele endereça seu olhar²⁰.

Tais atores, no nosso enredo, tratam das suas trajetórias pessoais, explanando sobre as particularidades de seus envolvimento com o movimento espírita. A leitura que fazemos de suas experiências conflui nas considerações de Halbwachs (1990) quando defende que a memória coletiva habita a fronteira entre a memória individual, pessoal, autobiográfica e a memória social e histórica, pois, ao mesmo tempo em que os sujeitos narram suas histórias, somam-se a outras que convergem para o mesmo fim, construindo um todo orgânica e caoticamente relacionado; já não importando a homogeneidade de propósitos, mas, os traços originais e a imperfeição que um mesmo ideal suscita.

Exercendo voluntariamente papéis que são comuns ao ambiente doutrinário por nós analisado e o impulso de (trans)formação espiritual com base educativa que este oportuniza, estes corroboram a ideia de pertencimento a uma totalidade comum social, aqui circunscrita ao ambiente ora mencionado, mas, certos de que, trazendo a esse ambiente suas potencialidades e necessidades, estão compondo um verdadeiro mosaico, cujas peças, apesar de imperfeitas, formam paradoxalmente um todo harmônico.

Vemos que o maior legado de nossos colaboradores foi a originalidade de suas trajetórias. Uns chegaram à Doutrina Espírita pela certeza de que no estudo encontrariam a resposta à sua busca espiritual, tal como Richard Alexandrino (Laranja), Suraya Salem (Amarelo), Veridiana Castro (Índigo). Outros, pelas dificuldades socioeconômicas e a restrição financeira, tiveram que direcionar suas inclinações para uma busca íntima e as realizações simples da vida, tomando contato, desde cedo, com os sintomas orgânicos que a Mediunidade provoca, como Geraldo Campetti Sobrinho (Verde) e o próprio Carlos Roberto Campetti (Sol).

Outros, como Antônio Alfredo Monteiro (Sr. Monteiro - Vermelho), María Tereza (Mayte - Violeta) e Fernanda Meira-Wienskosi (Capella), em pátrias outras – sendo o Sr.

¹⁹ Encontra-se nos anexos do trabalho, levemente modificado para a aquiescência de Carlos Roberto Campetti. Julgamos necessário assim proceder pela exposição diferenciada dele em relação aos demais depoentes. Para estes, solicitamos a assinatura do documento comum, constante no Apêndice B.

²⁰ Conosco a impressão não foi diversa.

Monteiro e Fernanda domiciliados em cidade e país distantes de suas raízes culturais originárias, pois o primeiro servindo como militar no Rio Grande do Sul, a segunda nos Estados Unidos –, Mayte, em Alcázar de San Juan (Espanha), tiveram experiências que variaram dos desagradáveis incômodos com a Mediunidade incompreendida íntima e familiarmente, ao amadurecimento tranquilo e a certeza de que, através da Doutrina Espírita, poderiam desenvolver suas qualidades de professora universitária, promovendo, também, encontros regionais, como o que deu início a esta tese de doutoramento, em 1994, marcando o encontro entre Carlos Campetti, ela mesma e Armando Souto Maior, melhor descrito no capítulo 4.

Já Marta Antunes de Moura (Terra) e Luciano Klein Filho (Azul), da altura de seus ideais de divulgação, do trabalho abnegado como dirigentes – a primeira como vice-presidente da FEB, em Brasília, e o segundo, na qualidade, também, de vice-presidente de federativa regional, qual seja a FEEC, situada em Fortaleza (CE) –, inspiraram-nos que pensássemos a respeito da importância da abnegação no cultivo de um ideal.

A força da utopia, no primeiro caso, originou, juntamente com uma coletividade imbuída dos mesmos sentimentos, o estudo para todo o território nacional ao qual nos deteremos em análise (ESDE), e a dedicação aos estudos e à manutenção de uma memória do Espiritismo pelo movimento correspondente – ação que uniu, em noite levada pelo registro do tempo, aqui em Fortaleza, nos anos idos de 1997, os dois historiadores: Armando Souto Maior e Luciano Klein Filho, enquanto que um se encontrava no crepúsculo da vida material e, o outro, na aurora desta –, faz-nos trazer as considerações de Ricoeur (2015, p. 319), em colaboração de pensamento com Mannheim, e que se ajustam a todos os colaboradores desta pesquisa:

O traço diferencial é que a utopia é ‘situacionalmente transcendente’, ao passo que a ideóloga não o é. [...] O segundo aspecto do caráter transcendente da utopia é que ela é fundamentalmente realizável. Isso é importante, pois um preconceito vai de encontro à utopia: ela seria somente um sonho. Ao contrário Mannheim sustenta que ela abala a ordem estabelecida. Assim, uma utopia está sempre em vias de realizar-se. A ideologia, ao contrário, não tem de ser realizada, visto que é a legitimação daquilo que é. Há não-congruência entre a ideologia e a realidade, porque a realidade muda, ao passo que a ideologia está submetida a uma certa inércia.

No caso específico de Carlos Roberto Campetti, nascido em Tanabi, interior de São Paulo, a 23 de novembro de 1958, desde cedo travou contato com o singular sincretismo religioso do nosso país, base da nossa formação cultural brasileira (DAMATTA, 1986) quando foi batizado num centro espírita de sua cidade natal.

Daí para tornar-se um espírita convicto, com uma peculiar atuação no movimento dentro e fora do Brasil, foi o tempo apenas necessário ao amadurecimento do homem que desde cedo dedica sua vida à prática mediúnica, à internacionalização dos conceitos doutrinários

espíritas e à formação destes através do estudo na qualidade de Coordenador Nacional da Área de Estudo do Espiritismo da FEB, além de diretor da referida casa e de possuir outras funções que detalharemos no decurso de nosso trabalho.

Os ideais do nosso personagem nos remetem à justificativa de Comenius (2014, p. 35):

Pode parecer difícil que todos os homens se dediquem à cultura, à cultura universal, à cultura sólida, que os transforme verdadeiramente em homens novos, segundo a verdadeira imagem de Deus. No entanto, porque aquilo que se deseja é belo, deve pôr-se de parte o pensamento de que possa ser impossível, a não ser que, depois de se ter tentado tudo, se torne manifesto que é vã qualquer tentativa.

Com relação a Geraldo Campetti Sobrinho, irmão sete anos mais jovem de Carlos Roberto Campetti, que atualmente ocupa o cargo de vice-presidente da FEB, este foi convidado por nós para enriquecer os detalhes da vida do protagonista no período que compreende sua infância e juventude, ajudando-nos a compreender a ligação com os primeiros rudimentos doutrinários através da família, bem como os aspectos que envolvem sua descoberta precoce da mediunidade.

Maria Teresa Cruz Reyes (Mayte) – cuja amizade com Carlos Roberto Campetti se deu através da participação efetiva deste no meio espírita da Espanha, ainda muito incipiente no momento que os dois se conhecem – foi convidada a colaborar conosco mais especificamente no item que trata da importância da difusão da Doutrina Espírita no movimento espírita internacional, em cujas nações, amigavelmente, se acolhem para a solidificação de um conhecimento de base comum.

A partir de sugestão de nosso orientador, optamos por registrar os pontos mais relevantes da entrevista de Mayte – realizada com a presença de Carlos Campetti, via *Skype*²¹ –, não transcrita na íntegra devido aos impositivos da língua quando das traduções de áudio, mas, realçados em negrito e agregados em parte, no texto, enriquecendo a discussão do nosso trabalho.

Sobre Fernanda Meira-Wienskosi, sua colaboração mais importante se deu quando jamais suspeitávamos que escreveríamos esse trabalho no formato que aqui está, tomando como ponto de partida a aproximação tangencial entre Carlos Campetti e Armando Souto Maior com a nossa formação acadêmica e, também, com o orientador desta tese de doutoramento.

A amizade dessa brasileira que mora há muitos anos nos Estados Unidos com Carlos Campetti promoveu a aproximação deste com Armando, personagem ilustrativo

²¹ Gabrielle Bessa em Fortaleza/CE/Brasil, Maria Teresa Cruz em Alcázar da San Juan/Ciudad Real/Espanha e Carlos Campetti em Cayena/Guiana Francesa.

presente no capítulo quatro, em que objetivamos destacar que a aproximação entre Educação e Doutrina Espírita, muito mais que obra de um mero acaso – tal como o que ocorre nas relações interpessoais, aqui tomadas de exemplo –, promoveria uma transformação espiritual educativa, decorrente de um ambiente propício, segundo as características que lhe são próprias, presentes na(s) história(s) da(s) vida(s) que contamos.

Dessa forma, nossa pesquisa contou com o enfoque metodológico da História Oral, e por isso começamos, no frontispício deste tópico, com uma citação em epígrafe de Martinho Rodrigues (2013) muito oportuna, pois, a utilização do referido método sempre enseja um debate sobre a pertinência e veracidade do mesmo como recurso nas pesquisas que envolvem narradores e suas experiências através dos tempos.

Não dedicaremos tempo à discussão desta querela, pois, teríamos que invocar questões tais como as dificuldades de veracidade da oralidade ou a sua suposta fragilidade tendo em vista a hegemonia da escrita em nossa cultura, o que enseja, de acordo com Portelli (1997, p. 26), o desconforto presente na crítica infundada de que “[...] uma vez abertos os portões da oralidade, a escrita (e a racionalidade junto com ela) será varrida como que por uma massa espontânea incontrolável de fluidos, material amorfo”.

Digno de consideração apenas, neste momento, situarmos nossa coleta de dados por meio do recurso metodológico da História Oral, pois, acreditamos, como assevera Martinho Rodrigues (2013, p. 23), que “[...] a oralidade promove excepcional relevância à memória na pesquisa histórica”, interessando-nos somente circunscrever nossa intenção com esta ferramenta de pesquisa, qual seja a segunda das duas proposições a serem observadas, de acordo com Voldman (1998, p. 35):

Existem dois modos de proceder baseados em duas maneiras diferentes de tratar o documento: um que confere maior importância à precisão factual e à informação, e outro mais preocupado com o que revelam os interstícios do discurso. Os primeiros se atêm essencialmente à elaboração de um documento legível para suas pesquisas; eles privilegiam ‘os modos de proceder’. Os outros dão também atenção ao depoente, sensíveis à dimensão da presença dos corpos e aos ‘modos de dizer’.

Na introdução à afamada obra de Gilberto Freyre, *Ordem e Progresso* (2004), Nicolau Sevcenko remete a um ponto interessante, que é a originalidade dos relatos autobiográficos em meio à abundância e soberania dos documentos consultados para contar os revezes da República em seu nascedouro, considerando-se esta metodologia de vanguarda em relação ao tipo de história mais conservadora.

Assim, alicerçados que estamos na prerrogativa de que o fazer historiográfico, como versão, não se restringe tão somente a um relato das tensões presentes nos tempo e

espaços pretéritos, encontramos na proximidade possível com a escrita literária, também psicológica, a identidade para os nossos registros das histórias de vida de Carlos Roberto Campetti e dos demais depoentes, na construção de suas epopeias particulares, no universo educacional do ambiente espírita.

Desta feita, é para nós precioso o entendimento de Veyne (2014, p. 22), segundo o qual:

Os historiadores narram tramas, que são tantas quantas forem os itinerários traçados livremente por eles, através do campo factual bem objetivo (o qual é divisível até o infinito e não é composto de partículas factuais); nenhum historiador descreve a totalidade desse campo, pois um caminho deve ser escolhido e não pode passar por toda parte; nenhum desses caminhos é o verdadeiro ou é a História. Enfim, o campo factual não compreenderia lugares que se iria visitar, mas um cruzamento de itinerários possíveis.

Pois, “[...] já que tudo é histórico, e a história será o que nós escolhermos” (VEYNE, 2014, p. 24), dentro dessa perspectiva, ficamos à vontade para dialogar com o homem, os homens, os tempos e os espaços com maior fluidez quanto a inspiração de Veyne, uma vez mais, nos oferece quando apela para que “os historiadores narram fatos reais que têm o homem como ator; a história é um romance real”.

Por fim, escolhemos para nossos colaboradores os nomes das cores que, originalmente, se apresentaram a partir da observação de Isaac Newton quando este, em 1666, passou uma luz branca através de um prisma e observou o tão familiar espectro de sete cores conhecidas, denominadas **Roy G. Biv** [acrônimo em inglês para a sequência dos matizes do arco-íris]: **Red, Orange, Yellow, Green, Blue, Indigo, Violet** (TYSON, 2016, p. 159).

O que a História conta foi um suceder de descobertas científicas, em áreas do conhecimento bem mais afins e solidárias entre si, a nosso ver, que as Ciências Humanas – excluindo uma o conhecimento da outra, muitas vezes em detrimento de opiniões sem a devida fundamentação que cobram sem nem ao menos sê-las portadoras –, revelando a progressão de um conhecimento mais elementar constituindo a base para o conhecimento posterior, antes de anulá-lo, ou vice-versa.

Faremos a seguir uma longa citação, mas, vemos que, por se tratar de um assunto palpitante, e para que não corramos o risco de suprimir acontecimentos ou de narrar equivocadamente uma história numa área diversa à nossa, preferimos ser literais a superficiais:

Felizmente, a luz que emana de uma estrela nos revela muito mais do que sua posição no céu ou quão brilhante ela é. [...] Já em 1666, Issac Newton passou a luz branca através de um prisma para reproduzir o agora familiar espectro de sete cores:

vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta, que ele pessoalmente nomeou. (Sinta-se à vontade para chamá-las Roy G. Biv [Roy G. Biv – acrônimo em inglês para a sequência dos matizes do arco-íris: **R**ed, **O**range, **Y**ellow, **G**reen, **B**lue, **I**ndigo, **V**iolet].) Outros tinham brincado com prismas antes. Mas o que Newton fez a seguir não tinha precedente. Ele passou o espectro emergente de cores através de um segundo prisma e recuperou o branco puro com que tinha começado, demonstrando uma propriedade extraordinária da luz que não tem contrapartida na paleta do artista; essas mesmas cores nas tintas, quando misturadas, resultariam numa cor parecida com a da lama. Newton também tentou dispersar as próprias cores, mas descobriu que eram puras. E, apesar dos sete nomes, as cores espectrais mudam suave e continuamente de uma cor para a próxima. O olho humano não tem a capacidade de fazer o que fazem os prismas – outra janela para o universo se mantinha fechada diante de nós. Uma inspeção cuidadosa do espectro do Sol, usando óptica de precisão e técnicas inexistentes no tempo de Newton, revela não só Roy G. Biv, mas, segmentos estreitos dentro do espectro dos quais as cores estão ausentes. Essas ‘linhas’ através da luz foram descobertas em 1802 pelo químico e médico inglês William Hyde Wollaston, que de modo ingênuo (embora sensato) sugeriu que elas eram naturalmente fronteiras que ocorriam entre as cores. Seguiram-se uma discussão e uma interpretação mais completas com o empenho do físico e óptico alemão Joseph von Fraunhofer (1787-1826), que dedicou sua carreira profissional à análise quantitativa dos espectros e à construção de dispositivos ópticos que os geram. Fraunhofer é frequentemente mencionado como o pai da espectroscopia moderna, mas eu ainda poderia afirmar que ele foi o pai da astrofísica. Entre 1814 e 1817, ele passou a luz de certas chamas através de um prisma e descobriu que o padrão das linhas se parecia com o que ele encontrou no espectro do Sol, que se parecia ainda mais com as linhas encontradas nos espectros de muitas estrelas, inclusive Capella, uma das mais brilhantes no céu noturno. Em meados do século XIX, os químicos Gustav Kirchhoff e Robert Bunsen (famoso pelo bico de Bunsen das aulas de química) estavam promovendo um empreendimento caseiro de passar a luz de substâncias em chamas através de um prisma. Eles mapearam os padrões gerados pelos elementos conhecidos e descobriram uma legião de novos elementos, entre eles o rubídio e o cézio. Cada elemento deixava seu próprio padrão de linhas – seu próprio cartão de visitas – no espectro então estudado. Tão fértil foi esse empreendimento que o segundo elemento mais abundante no universo, o hélio, foi descoberto no espectro do Sol antes de ser descoberto na Terra. O nome do elemento guarda essa história com seu nome derivado de *Helios*, ‘o Sol’. Uma explicação detalhada e acurada de como os átomos e seus elétrons formam linhas espectrais só aparecia na era da física quântica, meio século mais tarde, mas o salto conceitual já tinha sido dado: assim como as equações de Newton conectavam o domínio da física de laboratório ao sistema solar, Fraunhofer conectava o domínio da química de laboratório ao cosmos. O palco estava montado para identificar, pela primeira vez, que elementos químicos preenchiam o universo, e sob que condições de temperatura e pressão seus padrões se revelavam ao espectroscopista. Entre as afirmações mais estúpidas feitas por filósofos de poltrona, encontramos a seguinte proclamação de 1835 em *Cours de la Philosophie Positive*, de Auguste Comte (1798-1857): Sobre o tema das estrelas, todas as investigações que em última análise não podem ser reduzidas a simples observações visuais são [...] necessariamente negadas a nós [...] Jamais seremos capazes de estudar de algum modo sua composição química [...] considero qualquer noção a respeito da temperatura média das várias estrelas como algo para sempre negado a nós. (TYSON, 2016, p. 158-160).

“Citações como essa podem incutir em você o medo de dizer qualquer coisa em papel impresso” (TYSON, 2016, p. 161), e a errônea certeza de que jamais poderá estudar um dado fenômeno, pelo simples fato de que este lhe é estranho, sem desconfiar que, simplesmente, você não considera a solidariedade entre conhecimentos e descobertas através dos tempos, pois

que muito concentrado nas suas próprias perspectivas que limitam a adoção de um novo prisma, que lhe ajude a descobrir novos espectros de cores e experiências de vida no mundo.

Assim, nossos sujeitos serão apelidados com os nomes das cores dos matizes do arco-íris (**Red, Orange, Yellow, Green, Blue, Indigo, Violet**), **Capella**, a **Terra** e o **Sol**, pois, as primeiras revelam que, sem o seu conhecimento, jamais teríamos as informações da interligação, da interconexão que as leis comprovam existir entre estas e as estrelas, satélites e planetas no universo, e que nos dá suporte reflexivo para relacionarmos com as histórias das vidas que traremos para nossa discussão, interconectadas e solidárias entre si, mesmo sem que o saibam, ou, em sabendo, mesmo sem que o queiram admitir.

Rendamos graças (mesmo incorrendo numa heresia acadêmica), pois, à solidariedade intelectual que conduz prodígios, antes do que abortando-os.

2.4 Artesanias do homem e a lógica do espírito científico: categorias norteadoras

A linha de raciocínio que fundamenta nossa escolha das categorias de análise é a da indagação filosófica, partindo dos rumos tomados pelo humanismo *pari passu* com o Renascimento – aqui entendidos como um processo, e não como uma ruptura –, por volta do século XIV (ABBAGNANO, 1984) e que, por sua vez, alimenta um dos pilares mestres da Doutrina Espírita, qual seja a Filosofia, tomada aqui como raiz fundante das discussões em torno do desvelamento dos fatos da vida de Carlos Roberto Campetti e suas conexões, que sugerem um diálogo amiudado com a Educação.

O processo que compreendemos existir entre o humanismo e o renascimento, longe de ser marcado pela transcendência em oposição ao espírito científico que haveria de povoar os métodos racionais de apreensão dos fenômenos naturais é, antes de qualquer coisa, observado nas atitudes das grandes mentes daquele momento.

Vejamos em Abbagnano (1984, p. 8), portanto, como não é fácil estabelecer limites, mesmo para fins didáticos:

Não faltam, e até abundam no Renascimento motivos francamente religiosos, afirmações enérgicas da transcendência e certas retomadas de elementos cristãos e dogmáticos; muitas vezes esses motivos e elementos aparecem entrelaçados com os elementos e motivos opostos, formando sistemas complexos cujo centro de gravidade e sentido completo são difíceis de determinar.

Desponta do Renascimento para a humanidade uma nova concepção de homem e como este percebe o mundo que o circunda, buscando respostas que já não mais são respondidas pela ortodoxia religiosa da época, mas, doravante, fruto de sua racionalidade

cultivada desde os dogmas desta cristandade circunscrita a bulas e concílios²², à ardência das fogueiras medievais nas manhãs destinadas ao silêncio dos sentenciados por muito refletirem na contramão do pensamento sobre Deus, o homem, o universo e sua historicidade, estrategicamente embrulhados à vácuo para as massas e sem possibilidade de objeções a seu propósito.

Assim, da dificuldade de estabelecer fronteiras – apesar do homem que daí para frente almeja banhar-se nos primeiros raios do sol renascentista – melhor será que construamos pontes, pois, sempre que sepultamos o nosso olhar sobre a fenomenologia do ser e da natureza em feudos teóricos e paradigmáticos, contribuímos negativamente com querela semelhante à que alimentou a dificuldade de evolução filosófica experimentada quando da transição do humanismo para as mágicas prédicas do renascimento, contributo fulminante ao pensamento racional moderno (ABBAGNANO, 1984).

O que queremos destacar com as considerações acima é que, afora as contendas historiográficas atuais, importa vermos uma continuidade nos processos, nos tempos e eras da história da humanidade, movimento valioso para pensarmos o avanço do homem após os desafortunados momentos em que havia uma acentuada ignorância da dimensão histórica dos acontecimentos em sua dimensão social, qual seja a Idade Média, apesar de ser tão extrema a diferença que se observa no homem que emerge no Renascimento.

Portanto, reside no Renascimento a gênese da indagação de um mundo que já não é mais “[...] um conjunto finito e concluído, mas antes um todo infinito e aberto em todas as direções” (ABBAGNANO, 1998, p. 22), constituindo a referência histórica, filosófica e científica que orientou a escolha das nossas categorias de análise explicitadas mais adiante.

Levando em consideração que este é o alvorecer da concepção historiográfica moderna, pressuposto de uma originalidade no que tange à apreensão dos acontecimentos sociais, este é o prisma através do qual compreendemos esse novo homem que transita entre o científico, ou o verificável, e o espiritual, ou o impossível de ser verificado no frio espaço de um mapeamento objetivo.

Todo esse processo é o caldo cultural que forja o homem que, da observação dele mesmo em sua expressão mais simples no mundo, renasce qual nos sugere a figura mitológica

²² Aqui, vale o registro de uma fundamentada colocação de nosso orientador, Rui Martinho Rodrigues, segundo o qual, “[...] esta seria uma visão muito francesa do século XIX e, por conseguinte, muito católica, como se a cristandade fosse só católica. As igrejas cristãs reformadas não consideram dogma o que os católicos chamam ‘magistério da igreja’; nem o que o Vaticano chama ‘tradição’. Para as igrejas reformadas o único dogma é revelação (Bíblia) e até este fica sujeito à livre interpretação”. Embora nosso raciocínio, neste momento, não se limite aos estreitos fundamentos de um período no que diz respeito à supremacia do Catolicismo enquanto escolha religiosa, procuramos demarcar que o fundamentalismo presente naquele momento, possibilitou, paradoxalmente, uma nova construção da filosofia e antropologia cristãs humanísticas.

da Fênix, renovando suas possibilidades de observar os fenômenos e de transmutar-se nele próprio.

Renascimento é o segundo nascimento, o nascimento do homem novo ou espiritual de que falam o *Evangelho* segundo S. João e as *Epístolas* de S. Paulo. [...] O Renascimento é uma renascença do homem neste mesmo sentido de renovação; esta renovação, porém, não consiste já numa transcendência dos limites da natureza humana, numa existência de pura e exclusiva ligação com Deus²³, mas sim numa verdadeira renovação do homem nos seus poderes humanos, nas suas relações com os outros homens, com o mundo e com Deus. (ABBAGNANO, 1984, p. 15).

Independente de guardar princípios puramente religiosos, vemos a definição acima como um valor inestimável quando refletimos acerca da sensação de pertencimento do homem à Natureza, pois que tal exercício prático reverbera na sua forma de estar no mundo, de pensar sobre este e na sua essência que extrapola as vias materiais submersas na cartografia das sensações mais aparentes.

Assim, das pouco explicativas respostas sobre os destinos das almas no mundo, dada desde sempre pelas filosofias tradicionais, e, conseqüentemente, da base complexa deste mundo que agrega desde átomos até concepções angelicais de seres devotados a resguardar os homens através das experiências na carne, eis que surge uma indagação: que é Deus?

Vemos tal indagação como fruto do amadurecimento histórico que burilou os homens à moda do diamante que, sofrendo a ação da terra infamante, não deixa registro de sua passagem pela condição de singelo carbono no berço das transformações geológicas.

Esta pergunta, a primeira contida n’*O Livro dos Espíritos* (KARDEC, 2007, p. 45), feita de propósito com um pronome relativo, intencionando desantropomorfizar Deus, remete a uma investigação de proporções filosóficas e experimentais.

Jamais aqueles que antecederam o codificador da Doutrina Espírita se propuseram fazer esta desconstrução, pois que não ousaram pensar que a complexidade do universo, dos homens e dos seus destinos pudesse reportar a uma causa inteligente e supra material, operando segundo leis alheias ao estrito endereço material, embora expressas nestas que o homem conseguiu compreender e mapear.

²³ Este conceito, tal como disposto, aproxima-se do fundamento mais caro à Doutrina Espírita, que é o da fé raciocinada. A fé encontra na razão os motivos e explicações plausíveis da transcendência, entendidos através da explicação dos fenômenos pela Doutrina Espírita. Sobre o que discorreremos ver, por exemplo, as considerações de Kardec, a propósito de fatos narrados na Bíblia, tal como o acontecimento da mulher enferma com uma hemorragia havia doze anos que, ao tocar nas vestes de Jesus e tendo consciência de que ali se processara uma mudança em seu quadro sintomático, “[...] a fé não é mística, tal como certas pessoas a entendem, mas uma verdadeira *força atrativa*, ao passo que aquele que não a tem opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou pelo menos uma força de inércia, que paralisa a ação” (KARDEC, 2008, p. 206). Assim, a transcendência espiritual é explicada com recursos dos fenômenos naturais mapeados pelos parâmetros científicos em voga.

Antes que partamos para a referida pergunta, façamos um pequeno acréscimo ao raciocínio, pois que anos após a contribuição de Allan Kardec sobre este mistério que invariavelmente perturba o homem em seus conflitos mais íntimos e, também, a sua religiosidade – que é a mais significativa expressão da sua tentativa de apreender os mistérios da vida em sua relação com o sagrado –, foi publicada uma obra de cunho literário de um dos grandes nomes da ciência do século XX, o físico Albert Einstein (2011).

Originalmente tomando Deus por categoria para firmar o elo perdido entre Religião e Ciência, eis que, de acordo com o senhor Einstein, para iniciar sua oportuna argumentação, a religião dos povos primitivos manifesta-se na tentativa de aplacar a angústia frente ao desconhecido, notadamente às intempéries naturais; já as religiões dos povos civilizados, remetem a uma moral, a um Deus-providência, que salvaguarda, recompensa e dá guarida aos que creem na sua força protetora. Mas, ambas constituem, assim, uma produção do homem frente ao imaginário constitutivo de Deus e podem, com o avanço intelectual e espiritual, ultrapassar estes tipos de experiência religiosa, endereçando-se a uma religiosidade cósmica.

Nesta religiosidade, há uma desantropomorfização de Deus, sua suprema inteligência frente à prisão que corresponde a vida individual, e excluindo de sua lógica os dogmas mágicos que sustentam as religiões tradicionais e conservadoras e, conseqüentemente, toda e qualquer possibilidade de se formar uma teóloga, cabendo à arte e à ciência o papel de “[...] despertar e manter desperto o sentimento dela naqueles que lhe estão abertos” (EINSTEIN, 2011, p. 24).

Quando avançamos para uma religiosidade cósmica, podemos facilitar as pazes entre Religião e Ciência, na medida em que este raciocínio amplia a concepção de causa e efeito seguindo uma perspectiva puramente mecânica, para, ainda numa referência à lei de causalidade, passarmos a pensar a causa maior por detrás da causa aparente que impulsiona e organiza os fatos das vidas dos homens.

Pensemos com Einstein (2011, p. 24) que, nos termos religiosos tradicionais, de fato é muito complicado admitirmos a aproximação entre religião e ciência, principalmente quando a primeira não remete a uma explicação lógica de uma organização por parte de um ser superior, com atributos para além das reduções subjetivas e sociais com que o homem sempre construiu e justificou a presença de Deus:

Estamos começando a conceber a relação entre a ciência e a religião de um modo totalmente diferente da concepção clássica. A interpretação histórica considera adversários irreconciliáveis ciência e religião, por uma razão fácil de ser percebida.

Aquele que está convencido de que a lei causal rege todo acontecimento não pode absolutamente encarar a ideia de um ser a intervir no processo cósmico, que lhe permita refletir seriamente sobre a hipótese da causalidade.

A religiosidade cósmica, dessa forma, assenta-se sobre a aquiescência da harmonia das leis da natureza, sendo o produto, o substrato final, o que atesta a presença e perfeição do seu produtor, a obra de arte confirmando a soberania do artista, não existindo, portanto, efeito sem causa e, uma vez que o efeito é perfeito, somente uma causa inteligente é capaz de produzi-lo.

Vemos que no pensamento do físico coexistem amigavelmente os dois campos historicamente colocados em oposição, principalmente pelo fato da ciência despertar o homem para uma atitude mais lúcida sobre os fenômenos, incluindo, obviamente, como acima citamos, a ideia de Deus:

2. Por despertar a ideia de causalidade e de síntese, a pesquisa científica pode fazer regredir a superstição. Reconheçamos, no entanto, na base de todo o trabalho científico de alguma envergadura, uma convicção bem comparável ao sentimento religioso, porque aceita um mundo baseado na razão, um mundo inteligível! 3. Esta convicção, ligada ao sentimento profundo de uma razão superior, desvendando-se no mundo da experiência, traduz para mim a ideia de Deus. [...]. (EINSTEIN, 2011, p. 197).

Ou seja, para Einstein, longe da ciência atestar contra a ideia de Deus, de uma causa suprema e inteligível para todas as coisas, ela antes a confirma.

Agora, vejamos a pergunta supramencionada e sua conseqüente resposta: “1 – Que é Deus? – Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas”. E, na medida em que o homem elastece sua capacidade lógica e aprofunda as indagações sobre a natureza fundante das coisas, tanto mais esta condição – livre desde os princípios – reverbera na sua forma de ser e estar no mundo, nas suas produções, relações e sentido de pertença a um mundo que já não se lhe apresenta tão somente sob roupagem finita e descartável.

O mundo, assim, revela-se uma grande escola, plena de possibilidades, de aprendizado e conhecimento, movimentando-se entre respostas herméticas e efeitos que exigem uma causa sutil, mas, concreta.

Recorremos à liberdade de pensamento de Denis (2014, p. 16):

E é assim que, acima desse incessante fluxo e refluxo de elementos passageiros e mutáveis, acima dessa variedade, dessa diversidade infinita dos seres e das coisas que constituem o domínio da natureza e da vida, o pensamento encontra no universo esse princípio fixo, imutável, essa Unidade consciente em que se unem a essência e a substância, fonte primeira de todas as consciências e de todas as formas, visto que consciência e forma, essência e substância, não podem existir uma sem a outra. Elas se unem para constituir essa Unidade viva, esse Ser absoluto e necessário, fonte de todos os seres, ao qual chamamos Deus.

E por que evocar tão forte polêmica para fundamentar a escolha de nossas categorias de análise? Não parece um contra senso utilizarmos uma categoria abstrata – para usarmos uma linguagem lógica – para caracterizar três conceitos elementares?

Certamente que tais interrogações não deixam de conter uma razão, mas, acaso encontramos nas concepções materialistas tão fortes argumentos que sustentem que, o seu desconhecimento, suas leis e ideia não farão falta aos três elementos que justificam a sua necessidade? Não nos termos que queremos dialogar, narrando a história de uma vida em missão, por muito acreditar numa força maior que impulsiona as nossas transformações e oferece sentido à nossa caminhada, às nossas relações e produções.

Recordando o passeio do peregrino pelo mundo (COMENIUS, 2010), vemos que é na necessidade do reencontro consigo mesmo que nasce a resposta às críticas desconcertantes e dolorosas do conhecimento cru das instituições, das pessoas e das contingências na polifonia do mundo. *Speculare!*²⁴

Foi porque desenvolvemos capacidade crítica que podemos estabelecer uma saudável aliança entre razão e espírito, de modo a que esta faceta apreenda ao máximo os meandros fundamentais das categorias que, nada mais são que, o reverberar de uma voz que concebe uma Educação em consonância com preceitos espirituais.

As três categorias que explicitaremos mais adiante seguem, portanto, os princípios da metodologia moderna, do empirismo racional, mas, como não poderíamos deixar de obedecer a uma tradição na organização lógica que “formata” os relatos de pesquisa, situamos no próprio processo de construção do conhecimento estas que serão os elementos agregadores através dos quais buscaremos atingir o objetivo a que nos propomos.

Deduzindo com o desenrolar da pesquisa que a vida de Carlos Roberto Campetti se assenta sobre três “colunas” fundamentais, escolhemos trabalhar com uma categoria de Educação para cada um desses pilares, pois, seguindo a linha de raciocínio de Gomes (apud MINAYO, 2001, p. 70), “[...] trabalhar com elas [as categorias] significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso”.

Desta forma, tínhamos conceitos já na fundamentação teórica do nosso estudo e que se apresentaram sob uma roupagem mais específica nas falas do biografado e dos sujeitos que gravitam em torno da necessidade da pesquisa, da história e ação da Doutrina Espírita.

²⁴ “*Speculare*: olha, observa, tal é sugestão do Destino ao peregrino, quando este pede licença ao senhor regente para fazer uma grande visita aos homens e instituições do mundo, com vistas a escolher a profissão que melhor lhe aprouver” (COMENIUS, 2010, p. 27).

Este quadro de categorias, conjugado, permite que pensemos na aproximação entre Educação e Doutrina Espírita como fator propiciador de transformação espiritual.

De acordo com Gomes (data *apud* MINAYO, 2001, p. 70):

As categorias podem ser estabelecidas antes do trabalho de campo, na fase exploratória da pesquisa, ou a partir da coleta de dados. Aquelas estabelecidas antes são conceitos mais gerais e mais abstratos. Esse tipo requer uma fundamentação teórica sólida por parte do pesquisador. Já as que são formuladas a partir da coleta de dados são mais específicas e mais concretas. Segundo o nosso ponto de vista, o pesquisador deveria antes do trabalho de campo definir as categorias a serem investigadas. Após a coleta de dados, ele também deveria formulá-las visando a classificação dos dados encontrados em seu trabalho de campo.

No nosso caso, vemos que a escolha dessas categorias já estava em fermentação desde os estudos anteriores à pesquisa de campo – pois, temos propriedade dos conceitos educacionais e espíritas – e foram sendo reforçados ao longo da realização das entrevistas, configurando-se o panorama ideal destacado pelo autor supramencionado.

Assim, no capítulo 5, inspirado literalmente nos conteúdos propriamente ditos das entrevistas, nas vidas consultadas levando-se em consideração as categorias de Autoconhecimento, Internacionalização e Educação espiritual.

Esta última categoria sofreu, ainda, um desmembramento, pois, como Carlos Roberto Campetti é um profundo conhecedor do ESDE, este nos doou as seguintes categorias secundárias: “leitura”, “escolarização do estudo”, “evasão de trabalhadores/colaboradores do ESDE”, “sistema de estágio”, “avaliação e reformulação permanentes”, “aprender fazendo”, “compromisso”, “espaço de convivência”, “formação pedagógica”, “demanda do movimento”, “campo experimental”, “para se tornar monitor” e “Educação moral”. Tais categorias serviram de baliza para a união de sua história e contribuição no ESDE, com a história e contribuição dos demais depoentes com o estudo continuado da Doutrina Espírita.

Este que julgamos ser o *gérmen* responsável pela transformação espiritual, a saber, o autoconhecimento, não é cindido de sua condição originária situada no raciocínio lógico; ao contrário, apoiando-se em formulações hipotéticas de uma dada condição existencial, migra de um estado a outro após desconstruir suposições metodicamente alicerçadas *a priori*, porém, doravante superadas.

Em Abbagnano (2012, p. 1160), vemos afirmativa neste sentido no raciocínio de Dewey, raciocínio este, porém, referido a uma lógica experimental, de observação segundo regras metodológicas, mas, que pensamos obedecer a princípio semelhante, pois, ao tratarmos de uma experiência espiritual com parâmetros circunscritos na teoria espírita de relação com o

mundo extracorpóreo, a faceta científica²⁵, contribui sobremaneira para o delineamento de um fenômeno humano controverso e fugidio como o da subjetividade em suas modulações via espiritualidade.

A transformação espiritual, portanto, não se caracteriza como um ato cego, mas, uma reorganização metódica, seguindo critérios de observação que convém ao próprio indivíduo fazer; fato que exige tempo e paciência, pois que não comporta semelhanças com acontecimentos abruptos que não necessariamente deixam marcas perpétuas nas vidas tolhidas de assalto.

A transformação espiritual aqui, segundo pudermos destacar fortemente, nada mais é que uma desconstrução/reconstrução metódica na interface entre as realidades material e imaterial, seguindo regras e artifícios controlados, Tateando – não mais cegamente, é justo frisarmos – os conceitos e preconceitos da Mediunidade.

Se, via de regra, as biografias, como as ciências humanas em geral sofrem com críticas, inclusive internas, por parte de seus próprios pares, por se aterem a fenômenos ditos “psicologizantes” (SANTOS, 2001), de antemão avisamos ao leitor que esta se trata de uma biografia psicologizante, sim, e sobre transformação espiritual, oportunizada por um diálogo possível entre Educação e Doutrina Espírita, posto que foi tudo que observamos na prática de Carlos Roberto Campetti, ao longo de sua convicção nos preceitos espiritistas travestidos de atuação dentro e fora do Brasil, bem como nas funções que exerce à frente da Diretoria e Coordenação Nacional da Área de Estudo da FEB, em especial nos momentos graves de sua vida, não abrindo mão desses, ao contrário, desejando acomodá-los nos chamados de sua vida pessoal.

Justificamos essa escolha e as concepções que nos alicerçam através do envolvimento firme de Carlos Campetti, quando este teve que acompanhar sua esposa nas atividades profissionais desta fora do Brasil, mas sentia, já naquele momento, a importância do compromisso com as atividades que assumira já há algum tempo no movimento federativo e não tinha intenção de deixar para trás:

²⁵ Esta condição é *sine qua non*, fundamental, para desencadearmos a tão propalada transformação espiritual objeto de nosso debruçar nesta tese/biografia. Allan Kardec explicita os critérios científicos que caminharão *pari passu* com os da experiência filosófica/espiritual espírita, abrindo caminho para uma intuição já não mais cega, surda e muda, mas, construída, seguindo uma trilha íntima que, tendente da desconstrução à reconstrução, e novamente da desconstrução à reconstrução de uma subjetividade dinamicamente transformadora, já não passivamente reforçada, importa que assim seja para que, nem retiremos pedras fundamentais do nosso edifício íntimo, nem permaneçamos com aquilo que é fundamental, mas que não mais confere sentido às nossas existências. Ver Kardec (2008), sobre o método científico de observação das relações entre o mundo material e o espiritual, prescrito pela condução metódica de Kardec.

Em 1989 eu e minha esposa já vínhamos adiando a nossa saída pro exterior há algum tempo. Ela, como diplomata, precisava cumprir tempo fora do Brasil, pra ser promovida, inclusive. Mas, eu estava aguardando alcançar uma certa posição dentro do Banco do Brasil na ilusão de que nós pudéssemos ser removidos, os dois, pra um mesmo local, e eu continuaria trabalhando. O fato é que as coisas foram me evidenciando que isso seria praticamente impossível, não é, conciliar os dois trabalhos. E, diante da pressão, da necessidade dela sair, eu tomei a decisão, em conversa com ela de renunciar à minha carreira no banco, eu continuaria ligado ao banco de licença, já tinha verificado que isso era possível, mas não conseguiria remoção com facilidade, seria muito difícil. Então, o caminho mais fácil seria, o caminho mais viável, vamos dizer assim, seria eu renunciar mesmo à minha carreira no banco, continuaria ligado ao trabalho, voltaria, quando retornássemos ao Brasil, ao meu trabalho, ao meu emprego, mas, eu não teria condições de fazer carreira no banco. Então, foi uma coisa consciente, combinada entre nós dois, eu fiz essa opção, mas, me restava uma preocupação, aquilo me incomodava muito: que eu tinha um compromisso dentro da Federação Espírita Brasileira. Nessa época eu estava como diretor já praticamente oito anos e sentia essa vinculação, esse compromisso sério com a instituição e com o movimento espírita no Brasil. [...] Então, quando um dia meditando sobre essa possibilidade de sair, ainda não tínhamos definido o país, eu senti uma inspiração me dizendo que eu ia ter que ir mesmo, que nós teríamos que sair mesmo pro exterior, e que eu iria pra um país onde eu iria me preparar para as lutas que viriam depois, ‘pros’ embates posteriores no exterior²⁶.

Carlos Campetti não nos rendeu uma grande quantidade de documentos, mas, antes, a convicção de seu ideal inspirou-nos suavemente a ideia de pensar a Educação sobre novas bases, nascidas no seio de um olhar sobre os anônimos da História oficial, permitida apenas após o advento da Nova História²⁷ no universo da pesquisa historiográfica, movimento que reacendeu e ofereceu um patamar mais nobre aos estudos das vidas dos homens nas sociedades.

Aliás, cabe justificarmos, também, a proposta de uma biografia não totalitária em relação à hegemonia da vida do personagem diluído regamente no texto, donde suas inclinações, desejos e situações vivenciais ocupam toda a discussão, transfigurando-se em mera narrativa de feitos e fatos. Lembra-nos as biografias escritas por Le Goff (2002, 2012)²⁸, cujos produtos finais afastam-se da nossa pretensão de que, através da inspiração da vida que narramos, possamos discutir uma proposta educacional.

Vemos que a intenção do medievalista francês foi bem mais compreender uma época, os imbricamentos econômicos, sociológicos, antropológicos do momento histórico vivido por seus protagonistas, embora aporte na saturação devida de documentos sobre as vidas em questão, por isso, identificamos grandes diferenças em relação ao nosso trabalho biográfico, em especial na quantidade de documentos que sustentam um e outro trabalho e os objetivos próprios de cada um.

²⁶ Entrevista concedida à pesquisadora em 7 de novembro de 2013, na FEB.

²⁷ “Na Europa, a Nova História Francesa, filha diletta do movimento capitaneado por March Bloch e Lucien Febvre, apresentava-se vitoriosa e anunciava ‘novos métodos’, ‘novos objetos’, ‘novas abordagens’, enfim, outros interesses” (LE GOFF, 2002, p. 262).

²⁸ Referimo-nos às biografias de São Francisco de Assis e São Luís.

Só a título de conhecimento, os conceitos-sustentáculo que fundamentavam nosso olhar sobre o fenômeno que nos interessa, ainda no berço de nossa pesquisa foram:

- Educação: donde temos como categorias gerais que já se destacavam na fundamentação teórica: dimensão espiritual, educação para a vida, papel do homem no mundo (função material e espiritual), valores humanos, metodologia participativa e espiritualidade;
- Estudo sistematizado da Doutrina Espírita: cujas categorias gerais, tal como no conceito de Educação acima: conteúdo doutrinário, Educação para a vida, papel do homem no mundo (função material e espiritual), valores humanos, metodologia participativa, espiritualidade (transformação espiritual) e reencarnação.

3 EDUCAÇÃO E CIÊNCIA *VERSUS* ESPÍRITO – DE QUE EDUCAÇÃO VAMOS TRATAR?

“A questão social não tem, portanto, o seu ponto de partida na forma de tal ou tal instituição; está inteiramente no aperfeiçoamento moral dos indivíduos e das massas. [...] O princípio do aperfeiçoamento está na natureza das crenças, porque as crenças são o móvel das ações e modificam os sentimentos; está também nas ideias inculcadas desde a infância e identificadas com o Espírito, e nas ideias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão podem fortificar, e não destruir. Será pela Educação, mais ainda do que pela instrução, que se transformará a Humanidade.”

(Allan Kardec)

3.1 Modernidade: berço do materialismo e seus desdobramentos contemporâneos

Neste capítulo procuraremos discorrer sobre a concepção de Educação que embasa nossa tese, proposta que se encontra fundamentada numa certa revivescência de pressupostos educacionais em comunhão com a Espiritualidade, mas que, no nosso entendimento, o transcende, pois que não conseguimos ver uma desconexão entre um campo e outro. Daí propormos que a transformação espiritual se faz em intimidade com a formação e a transcendência em eventos que sustentam uma experiência que, em si, denota uma emancipação em variados aspectos e que produzem impacto na vida do ser humano.

A assertiva acima parece circular sobre um eixo, mas, esta deve ser de fato uma retroalimentação que concorra para um avanço do homem – desta feita e tomado aqui como espírito em estado de evolução –, afirmando as bases que, na história do pensamento moderno, produziu uma cisão de efeitos negativos sobre este que é o fundamento de uma Educação que podemos, também, nomear de Espiritual.

Em nome do novo Deus, o Positivismo, de outro Deus, o Cientificismo, da nova Deusa, a racionalidade e, da madre-superiora, a Razão, mata-se o espírito. Instâncias doravante normativas das sociabilidades, das subjetividades, das ainda capengas espiritualidades – ou para sermos mais precisos da espiritualidade apostólica, ortodoxa, arquejante – renegam a porção que poderia remeter as práticas educacionais a uma produtividade efetiva, mas, que a confinam, por desconsiderá-la, nos “calabouços” da reserva e do preconceito.

Tal conduta, muito mais por inabilidade em agregar um ponto de vista mais abrangente ao seu olhar sobre os múltiplos fenômenos que nos diferenciam dos demais animais – nossos companheiros na cadeia evolutiva biológica e espiritual, para continuar as heresias que fundamentam nosso pensamento –, foi o bastante para delimitar, circunscrever a capacidade de transcendência humana ao estreito círculo da matéria, desconsiderando suas potencialidades e, por consequência, sua responsabilidade ao situar, esta existência, como uma passagem – importante, mas, mais uma passagem, na arquitetura geral da nossa vida na eternidade –, devendo ser construída em conexão com o antes, o durante e o devir que nos fundamenta numa perspectiva de espíritos em marcha evolutiva.

É a superação, parafraseando Edgar Morin (2011), que, ao se remeter a uma “resistência quase biológica do espírito”, podemos dizer que é a resistência à condição biológica do homem, pois, se ela conforma nossa condição humana, faz com que esta, retomando suas bases, compreenda que é mais suprema e complexa que um apanhado de ossos, artérias e conexões neuronais basilares para a mente.

A circularidade que pode, paradoxalmente, contribuir para nosso julgamento, foi a mesma que, subjacente, fundamentou o pensamento mais integral de Morin (2011, p. 46). Vejamos se na sua filosofia educacional poderemos nos fazer ouvir:

A hominização conduz a novo início. O homínídeo humaniza-se. Doravante, o conceito de homem tem duplo princípio; um princípio biofísico e um psicossociocultural, um remetendo ao outro. Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas, devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele. O próprio fato de considerar racional e cientificamente o universo separa-nos dele. Desenvolvemo-nos além do mundo físico e vivo. É neste ‘além’ que tem lugar a plenitude e a humanidade. À maneira de ponto do holograma, trazemos, no seio de nossa singularidade, não somente toda a humanidade e toda a vida, mas também quase todo o cosmos, incluindo seu mistério, que, sem dúvida, jaz no fundo da natureza humana.

Herança da tese cartesiana que situou numa dualidade, ou polaridade, as esferas constitutivas do homem e, por consequência, da vida, quais sejam, segundo Morin (2011, p.

25), “Sujeito/Objeto, Alma/Corpo, Espírito/Matéria, Qualidade/Quantidade, Finalidade/Causalidade, Sentimento/Razão, Liberdade/Determinismo e Existência/Essência”, seria o acirramento dos paradigmas, consoante às suas determinações próprias, reforçados pela racionalização que, ao invés de contemplar as esferas de possibilidades dos fenômenos, rechaça-os, inviabilizando o diálogo com o real que se apresenta, mas que necessita de bases outras para sua verificação. Ainda que as mesmas, porém com um espectro ampliado de análise.

Esta assertiva é-nos importante, pois, se pensamos que pela via do autoconhecimento – que é a capacidade, também, de se perceber integral em potência, mas, falível e incompleto em estrutura moral –, atingimos essa parcela considerável de transformação espiritual decorrente de uma Educação Espiritual, necessário se faz que tenhamos lucidez sobre a fratura produzida em nós pelo excesso de racionalização produzido na Modernidade.

Obedecendo antes a um modelo mecanicista e determinista para considerar o mundo, fruto muito mais de um ato de racionalização que propriamente de racionalidade, Morin (2011, p. 22-23) refletirá que:

A racionalização é fechada, a racionalidade é aberta. [...] A verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instância lógica e a instância empírica; é o fruto do debate argumentado das ideias, e não a propriedade de um sistema de ideias. O racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida é irracional. [...] sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério. Negocia com a irracionalidade, o obscuro, o irracionalizável. É não só crítica, mas autocrítica. Reconhece-se a verdadeira racionalidade pela capacidade de identificar suas insuficiências. A racionalidade não é uma qualidade da qual são dotadas as mentes dos cientistas e dos técnicos e de que são desprovidos os demais. Os sábios atomistas, racionais em suas áreas de competência e sob a coação do laboratório, podem ser completamente irracionais na política ou na vida privada. Da mesma forma, a racionalidade não é uma qualidade da qual a civilização ocidental teria o monopólio. O ocidente europeu acreditou, durante muito tempo, ser proprietário da racionalidade, vendo apenas erros, ilusões e atrasos nas outras culturas, e julgava qualquer cultura sob a medida do seu desempenho tecnológico. Entretanto, devemos saber que, em qualquer sociedade, mesmo arcaica, há racionalidade na elaboração das ferramentas, na estratégia da caça, no conhecimento das plantas, dos animais, do solo, ao mesmo tempo em que há mitos, magia e religião. Em nossas sociedades ocidentais, estão também presentes mitos, magia, religião, inclusive o mito da razão providencial e uma religião do progresso.

Ou seja, chegando o homem naquele que parece ser seu objetivo último, o fundamento de suas ações e desejos cotidianos, qual seja a apropriação tecnológica dos tempos, espaços e relações, melancolicamente constata o que a sabedoria popular antecipadamente já deduzira, ao afirmar que “nem tudo que brilha é ouro”.

Sob muitos aspectos a razão – esta grande conselheira e reformadora das inclinações malsãs e sedutoras sobre as quais recorrentemente nos deixamos envolver, via de mão dupla das mais altas às mais baixas realizações humanas (BAUDELAIRE, 1996) – tem participação ativa e fundamental quanto às escolhas nobres ou deletérias que fazemos, principalmente, se levarmos em conta que a natureza nos remete a uma condição em que o burilamento de nosso trato animal mais identitário se faz necessário ao nosso pertencimento social (FREUD, 1996d).

O problema está em fazermos a escolha mais coerente, pois embora já suficientemente refinados nas operações lógicas que servem à nossa leitura e transformação do/no mundo, problemáticas existenciais e sociais tais como violência, fundamentalismos étnicos, religiosos, de gênero, adoecimentos psíquicos graves, suicídio, têm se alastrado consideravelmente – resultado, lógico, do nível de complexidade das grandes cidades e do aumento progressivamente maior da população –, atestando que continuamos reincidindo nos equívocos que, no final das contas, foram os responsáveis pelas guerras e derramamento de sangue ao longo da história da humanidade.

Apesar de referir-se à moda como elemento de desprendimento e transcendência em relação à condição animal primeva arraigada no homem, é válida a assertiva bem dita, mesmo que pessimista, do poeta sobre nosso traço originário:

[...] analisemos tudo o que é natural, todas as ações e desejos do puro homem natural, nada encontraremos senão horror. Tudo quanto é belo e nobre é o resultado da razão e do cálculo. O crime, cujo gosto o animal humano hauriu no ventre da mãe, é originalmente natural. A virtude, ao contrário, é *artificial*, sobrenatural, já que foram necessários, em todas as épocas e em todas as nações, deuses e profetas para ensiná-la à humanidade animalizada [...]. (BAUDELAIRE, 1996, p. 62).

Embora exacerbando a importância da atividade lógica e exterior ao homem, é lícito concordarmos com Baudelaire, tendo em vista que esse é o meio através do qual melhoramos a qualidade da nossa vida e das nossas relações, se assim quisermos.

Desse modo, no trajeto que fazemos do instinto ao máximo da utilização de nossa capacidade de raciocínio, estaremos sempre realizando escolhas que inviabilizarão ou potencializarão importantes aspectos de nosso desenvolvimento em sociedade, pilares através dos quais construímos nossa emancipação rumo a uma cultura que notadamente terá a nossa feição, cabendo às gerações predecessoras a responsabilidade de oferecer às mentes que se formam a tradição de princípios éticos que acreditamos serem minimamente universais, não importando a civilização onde estes se manifestem.

Mas, voltando ao nosso raciocínio primeiro, o homem especulou as bases materiais, condicionantes da vida em nosso planeta, mas, o problema se dá em pensar que a vida pulsa apenas nessa direção, nessa matriz.

Por isso, quando Freud concebe a sua segunda teoria do inconsciente – e aqui nos remetemos à chamada segunda tópica, ou a segunda teoria do aparelho psíquico (FREUD, 1996a), em que à pulsão de vida corresponde em igual proporção uma pulsão de morte, isto no que concerne ao inconsciente –, este o faz especulando a base instintual do homem, aquela parcela que se nega veementemente a condição civilizatória, apesar de não poder fugir dela.

Esta concepção foi outro pensamento que, de certa maneira contribuiu para a fixação do homem em bases materiais no território oportuno da Modernidade. Mas, mais oportuno seria se conhecêssemos a riqueza de suas reflexões, que ampliam o conceito de inconsciente, situando-o numa transcendência, quando reconhece que a matéria não seria apenas campo do investimento melancólico, raiz e fim de todo o nosso desejo, mas, condição de superação quando sua fragilidade se perde na destruição/finitude que invariavelmente haverá de sofrer.

Apesar de avançar numa direção nunca antes imaginada, pois pela primeira vez há uma observação e uma consequente cartografia da dinâmica do psiquismo, a partir dos sonhos, dos sintomas da histeria tão em voga nos espetáculos oitocentistas na Europa de então e das ações cotidianas, vemos que esta concepção se tornou hegemônica. E presa apenas a ela foi o máximo que chegamos até hoje, de forma a dificultar a apreensão de um pensamento mais estrutural de Freud, quando este ensaia uma tímida concepção da transcendência do homem.

Tímida, mas pertinente quando ele avalia que a mesma força que nos compele ao ódio existe em igual proporção no amor, sendo esta dualidade que, ao mesmo tempo nos lembra nossa condição hominal, terrena, orgânica, instintual, mas que apela para uma estratégia nessa potência, nem sempre considerada, que neutralize essas forças (FREUD, 1996f, p. 309):

Realmente, é estranho tanto à nossa inteligência quanto aos nossos sentimentos aliar assim o amor ao ódio; mas a Natureza, fazendo uso desse par de opostos, consegue manter o amor sempre vigilante e renovado, a fim de protegê-lo contra o ódio que jaz, à espreita, por detrás dele. Poder-se-ia dizer que devemos as mais belas florações de nosso amor à reação contra o impulso hostil que sentimos dentro de nós.

De sorte que se prefere ficar com o Freud que na tentativa de ajuste de um pensamento que deslocava o homem da condição puramente biológica, tenta pensar este inserindo sua experiência psíquica nesta condição, como é o caso do projeto para uma

psicologia científica encontrado nos textos das primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899).

Mas, se até para Freud foi difícil inserir um novo pensamento, como o que experimentou nos círculos das sociedades médicas de então, por que se surpreender com o mesmo estranhamento quando falamos de espírito em meio aos pressupostos materialistas que, segundo Kardec (2008c), reforçaram o afastamento do homem da aceitação de sua condição espiritual?

Freud (1996j) narra o seu mal-estar, mas, desta feita, no desajuste de sua vanguarda em relação ao conservadorismo acadêmico da época:

Voltarei agora ao ano de 1886, época em que me estabeleci em Viena como especialista em doenças nervosas. Cabia-me apresentar um relatório perante a ‘Gesellschaft der Aerzte’ [Sociedade de Medicina] sobre o que vira e aprendera com Charcot. Tive, porém, má recepção. Pessoas de autoridade, como o presidente (Bamberger, o médico), declararam que o que eu disse era inacreditável. Meynert desafiou-me a encontrar alguns casos em Viena semelhantes àqueles que eu descrevera e a apresenta-los perante a sociedade. Tentei fazê-lo; mas os médicos mais antigos, em cujos departamentos encontrei casos dessa natureza, recusaram-se a permitir-me observá-los ou a trabalhar neles. Um deles, velho cirurgião, a realidade irrompeu com a exclamação: ‘Mas, meu caro senhor, como pode dizer tal tolice? *Hysteron [sic]* significa útero. Assim, como pode um homem ser histórico?’ Objetei em vão que o que desejava não era ter meu diagnóstico aprovado, mas ter o caso posto à minha disposição. Por fim, fora do hospital, deparei-me com um caso de hemianestesia histórica clássica em um homem, e demonstrei-o perante a ‘Gesellschaft der Aerzte’ [1886s]. Dessa vez fui aplaudido, mas não adquiriram mais interesse por mim. A impressão de que as altas autoridades haviam rejeitado minhas inovações permaneceu inabalável; e, com minha histeria em homem e minha produção de paralisias históricas por sugestão, vi-me forçado a ingressar na Oposição. Como logo depois fui excluído do laboratório de anatomia cerebral e como durante intermináveis trimestres não tive onde pronunciar minhas conferências, afastei-me da vida acadêmica e deixei de frequentar as sociedades eruditas. Faz uma geração inteira desde que visitei a ‘Gesellschaft der Aerzte’.

Dessa forma, quem sabe exista certa dificuldade em admitir que inclusive ele, no crepúsculo da vida, assumiu que, ou pensamos de maneira mais transcendente as anomalias sociais ou incorremos no erro de reduzir o homem a estas mesmas anomalias, sem oferecer-lhe uma saída possível a esse desespero. Fato tão bem recitado pelo coro na tragédia Édipo Rei, de Sófocles (2002) que, embora recuando em muito no tempo, a uma peça da Época Clássica, é impossível não percebermos que continua de uma atualidade desconcertante.

É dessa visão fatalista que colhemos uma meditação sobre o destino do homem que, em última instância, desdobra-se na possibilidade que este mal-estar produza um pensamento sobre se de fato somos compostos por matéria somente, quando nos deparamos com a ideia de finitude, e com ela a erradicação de todas as nossas realizações intelecto-relacionais:

De todas as incontáveis maravilhas da natureza, de todas a maior é o homem! Singrando os mares profundos, impelido pelos ventos do sul, desafia as vagas imensas que rugem ao redor! Gê, a deusa suprema, que a todos suporta em sua eternidade, ele a rasga com suas charruas que, todos os anos, revolvem e fertilizam o solo, movidas pela força das alimárias! Ele captura e domina os pássaros ligeiros; criativo, o homem enleia nas malhas de suas redes os animais selvagens e os habitantes do mar. Doma a fera agressiva acostumada à luta, põe a sela no cavalo bravo e mete a canga no pescoço do furioso touro da montanha. E o homem desenvolveu a língua, a capacidade de pensar e os costumes moralizados. Também aprendeu a se proteger das intempéries e dos rigores da natureza! Fecundo em seus recursos, ele foi realizar o ideal almejado! Só da morte ele jamais terá meio de escapar, embora muitas doenças, outrora fatais, já têm hoje remédio eficaz para a cura. (SÓFOCLES, 2002, p. 93).

Desse modo, o homem doma a fera, a natureza, concebe estratégias para ascender ao topo da cadeia que, para ele, não é apenas alimentar, mas, sim, uma condição que ele atinge a partir de seus méritos cognitivo-rationais, porém, apenas da morte ele jamais poderá fugir e, também, da incompletude que os avanços civilizatórios foram incapazes de suprir.

Assim, posto que foram estes os desdobramentos da Modernidade, é importante compreendermos os aspectos mais relevantes desse momento da história da civilização ocidental por entendermos o protagonismo assumido pelo materialismo e, acima de tudo, por ser contraditoriamente o momento da história da humanidade a partir do qual emerge a figura de Allan Kardec, com sua proposta educativo-evangélico-doutrinária, que é a Doutrina Espírita, a qual nos dedicaremos no item subsequente.

Tais problemáticas levaram Gilberto Freyre (2001) a dedicar reflexão ao tempo acelerado que, desde a Revolução Industrial, o homem moderno passou a experimentar, construindo celeremente as coisas –, no ritmo das engrenagens das máquinas e, ao mesmo tempo, coisificando-se, trocando, assim, o ritmo lento de vida e do trabalho, pela automação de produtos e atitudes.

No mundo de agora, estamos diante de todo um complexo social ou sociocultural em transformação de moderno para pós-moderno [...]. Quem toca no assunto aparentemente frívolo que é o desaparecimento, do Brasil urbano, de cafés e confeitarias, [...], toca num conjunto de hábitos e valores que com ele se relacionam de modo ostensivo ou sutil e, em alguns pontos, contraditório. Toca em relações dos homens [...] com o sentido de tempo. Toca em atitudes dos homens para com as formas das mulheres: barrocas ou brevílineas, as preferidas outrora pelos homes, quer jovens, quer idosos – nos dias do muito doce comido lenta e voluptuosamente nas confeitarias e ainda hoje apreciadas por muitos dos idosos – góticas ou longilíneas, as preferidas atualmente pelos jovens quase sem exceção no Ocidente e parece que, revolucionariamente, no próprio Oriente Médio. Toca em predominâncias de conceitos ou de preconceitos de higiene e de estética – inclusive de higiene de alimentação e de estética de formas de corpo – revolucionários com a revivescência, pelos jovens, dos hábitos de demorados encontros de amigos com amigos [...]: hábitos abandonados sob a tirania da ética do tempo-dinheiro. (FREYRE, 2001, p. 68-69).

Não poderíamos desprezar a contribuição de Álvaro de Campos (heterônimo do poeta Fernando Pessoa) sobre o tempo que transcorre rápido, que é produção e que é dinheiro, que é febril ao mesmo que fabril, que é velocidade e máquina. A “Ode triunfal” diz o seguinte:

[...]
 Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
 De vos ouvir demasiadamente de perto,
 E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
 De expressão de todas as minhas sensações,
 Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
 [...]
 Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro.
 Porque o presente é todo o passado e o futuro
 [...]
 Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
 Ser completo como uma máquina!
 [...]
 A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa
 Por velas quase irreais de estreiteza e podridão.
 Maravilhosa gente humana que vive como os cães,
 Que está abaixo de todos os sistemas morais,
 Para quem nenhuma religião foi feita,
 Nenhuma arte criada,
 Nenhuma política destinada a eles!
 [...]
 Eia e hurrah por mim e tudo, máquinas a trabalhar, eia!
 Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!
 Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!
 Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!
 Ah não ser eu toda a gente e toda a parte! (PESSOA, 2016, p. 249-250).

Criador e criatura confundem-se²⁹, portanto, num caldo, amálgama (RODRIGUES, 1999, p. 109) que, se antes era da urbanidade em crescente transformação, esquadrinhamento das coletividades, objetivando organizar ininterruptamente o espaço, fragmentando-o, higienizando-o, seguindo o modelo imposto pela medicina social de cunho coletivo (FOUCAULT, 1979), o desdobramento foi crescente para as relações entre os homens e, consequentemente, para a relação do homem consigo mesmo.

Apenas a título de informação, Foucault pergunta e responde em que consistiam os três objetivos da medicina urbana, mais presente na França, distinta da medicina social praticada na Alemanha, “de Estado, [...], da força de trabalho”. Vejamos:

²⁹ Lembremos do filme de Charlie Chaplin, *Tempos modernos* (*Modern Times*, 1936), cujo simbólico começo da película se dá com a melancólica chegada dos ponteiros do relógio às seis horas da manhã, momento fatídico para o trabalhador da fábrica, pois anuncia o começo de uma nova jornada. Vale considerarmos, também, que as primeiras tomadas dos irmãos Lumière, na França, testando a maravilha que viria a ser chamada de “a sétima arte”, foram de registros da vida cotidiana, mas de uma dinâmica em especial: trabalhadores entrando e saindo das fábricas.

1º Analisar os lugares de acúmulo e amontoamento de tudo que, no espaço urbano, pode provocar doença, lugares de formação e difusão de fenômenos epidêmicos ou endêmicos. [...] 2º A medicina urbana tem um novo objeto: o controle da circulação. Não da circulação dos indivíduos, mas das coisas ou dos elementos, essencialmente a água e o ar. [...] 3º Outro grande objeto da medicina urbana é a organização do que chamarei distribuições e sequências. Onde colocar os diferentes elementos necessários à vida em sociedade? [...]. (FOUCAULT, 1979, p. 90-91).

Glorificando transformações corpóreas, sociais e de gênero, chega-se à falência das antigas estruturas doadoras de identidade, para rememorar Jurandir Freire Costa (2004), emergindo o que ele denominou o “advento da cultura somática”³⁰ – numa velocidade frenética que Freyre, usando um tom profético, jamais imaginou que captava tão bem a essência.

Relações do homem com a sua sexualidade, as relações de gênero, o casamento antes endogâmicos que passam a fluir mais facilmente entre casais de idade muito distintas; o ideal e o modelo de beleza, em especial o feminino; interferência no “acaso divino” da fecundação a partir da seleção de embriões; enfim, nada escapa a um processo que, se observarmos atentamente, possui raízes no corpo, no estreitamento de suas possibilidades, quando da disciplinarização e da cartografia dele no espaço das cidades. Promove-se um fenômeno de personalização que, mais acirrado, produz o individualismo tão presente nos modos de subjetivação contemporâneos³¹.

Se antes nos encontrávamos diluídos na multidão das fábricas e das cidades, motivo de sobra para começarmos a desenvolver adoecimentos físicos e psíquicos – tal como o personagem de Carlitos, no filme já referido na nota de rodapé número quarenta e dois, que, submetido a longas jornadas de trabalho estressante numa repetitiva atividade de apertar porcas, a cada intervalo não conseguia definir onde acabava o movimento e onde começava ele próprio –, agora, por força da necessidade de dar conta de graves conflitos, resultado de um desenvolvimento material que já provou ser, em excesso, nocivo à sua saúde, faz o homem forçosamente o caminho contrário.

Desta forma, de acordo com Lipovetsky (2005, p. XVI):

O processo de personalização procede de uma perspectiva comparativa e histórica, determina a linha diretiva, o senso do novo, o tipo de organização e de controle

³⁰ Termo tomado de empréstimo de Gilles Lipovetsky, em *A era do vazio* (2005), quando este trata dos modos de subjetivação contemporâneos; um tipo de exercício que se faz no corpo, verdadeiro utilitarismo e fugacidade em que as experiências corporais contemporâneas atravessam e são hegemônicas nas múltiplas formas de ser, reduzindo a subjetividade a eventos dessa natureza. Também de sua autoria a célebre ideia “o império do efêmero”, utilizada para distinguir a aparente decadência do espírito cívico-moral em contraponto à versatilidade da moda nos dias atuais, atestando, segundo o próprio autor, um “individualismo democrático”.

³¹ Apenas por uma questão de didática, partimos de uma discussão sobre a Modernidade, e já anunciamos os desdobramentos dessas particularidades nas sociabilidades e subjetividades contemporâneas.

social que nos liberta da ordem disciplinar-revolucionária-convencional que prevaleceu até o decorrer da década de 1950. Ruptura com a fase inaugural das sociedades modernas, democráticas-disciplinares, universalistas-rigoristas, ideológicas-coercitivas, este é o sentido do processo de personalização, que se demonstra muito restrito se assimilado a uma estratégia de substituição da essência ainda que ela tivesse um rosto humano.

Assim, para que o sujeito contemporâneo possa se destacar na multidão – antes reduto dos sem nome, dos sem-rosto, mas agora dos com função, dos com trabalho, dos com qualificação –, necessário foi que ele passasse a recorrer a um mecanismo básico de estruturação psíquica, o narcisismo, que, em Freud (1996g) – só para fazermos uma rápida incursão³² sobre este conceito central nas concepções freudianas do funcionamento do aparelho psíquico – constitui o fundamento das nossas escolhas do chamado “ideal do eu” e, conseqüentemente, dos objetos externos a nós.

Freud identificou, no início de seu raciocínio sobre o narcisismo, escolhas de amor do sujeito que, em última análise, são escolhas de amor endereçadas a ele próprio. Seguimos com ele:

O que eu disse até agora à guisa de indicação pode ser concluído por um breve sumário dos caminhos que levam à escolha de um objeto. Uma pessoa pode amar: (1) Em conformidade com o tipo narcisista: (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), (b) o que ela própria foi, (c) o que ela própria gostaria de ser, (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma. (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação): (a) a mulher que a alimenta, (b) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar. (FREUD, 1914g, p. 97).

Estas escolhas acima são apenas a ponta da cadeia do raciocínio que situou no universo pulsional, na melancolia experimentada pela perda do objeto idealizado, prolongando-se inclusive para a maneira como nos relacionamos com a nossa religiosidade, tentando Freud (1996i) buscar as “razões” inconscientes envolvidas nesse processo.

Importante sabermos que o inconsciente é regido por uma lógica que o “desidentifica” com a racionalidade positivista, pois que uma de suas características fundantes é o fato de obedecer a regras e leis próprias, em que conceitos como o de “atemporalidade”, por exemplo, são chave para a sua compreensão numa relação dita transferencial entre analista e analisando; por isso, o termo “razão” foi por nós destacado entre aspas.

Desta forma, a Psicanálise constitui um saber e não uma disciplina racionalmente estruturada – apesar de possuir um arcabouço teórico que partiu de uma organização metódica e de não poder prescindir do poder de veiculação que o saber universitário possui –, pois

³² Tendo em vista ser este um conceito muito valorizado no pensamento sobre o individualismo e a personalização contemporâneos, por conter todos os elementos a partir dos quais os sujeitos atualmente exacerbam seus sintomas, cabe fazermos um pequeno adendo, com nenhum ânimo de aprofundamento, mas, importante, pois este estrutura o homem psiquicamente, explicando muito de suas ações.

dedica-se à escuta de desejos de natureza inconsciente que, em comparação aos objetos das abordagens racionais do homem, interrogam sua estruturação tradicional, fazendo-se necessária a sua apreensão a partir de uma observação que lhe é própria, partindo de uma escuta particular.

Aproximando a reflexão do universo que toca este trabalho, não seria esta a dificuldade que temos em admitir o fenômeno mediúnico, pois se o encaixamos num arcabouço preconcebido para a conformação de fenômenos de ordem material, como podemos querer apreender a experiência da relação com o mundo espiritual a partir desta lógica que lhe é inversa? Assim como a Psicanálise, cujo inconsciente e concepções diz-se de “um saber que não se sabe”, porque não se sabe, como a vida espiritual, quer dizer que não exista?

Não podemos dizer que Thomas Kuhn (2013) deve estar se “remexendo no túmulo” com as dificuldades de construção de novos paradigmas em torno da Educação na atualidade, pois que não acreditamos que tanta inteligência tenha se encerrado para sempre numa fria cova destinada ao endereço permanente das dores, alegrias, amores e desamores das mentes (ou espíritos?) que as viveram.

Defendendo o paradigma do espírito (INCONTRI, 1996) longe estamos de renunciar aos notáveis avanços que a tecnologia nos ofertou, fruto, primeiramente, do avanço da Ciência, da categorização herdeira do esquadramento dos componentes dos fenômenos da vida; queremos apenas chamar atenção para o fato de que para cada coisa a abordagem que lhe é própria, a partir das fronteiras e campos específicos de seus domínios.

Não é oportuno circunscrevermos em bases universais o inconsciente, a matéria, bem como os fenômenos relacionados à transcendência do espírito, pois que estas bases não existem, restando-nos o bom senso e a compreensão de que Ciência é que a capacidade de interrogar coerentemente o objeto, pois, para que o objeto se mostre ao pesquisador, necessário se faz que ele o problematize a partir de suas condições de possibilidade.

Interessante pensarmos com Bachelard (1985, p. 123) quando, a propósito do elastecimento do conhecimento científico, como base necessária para o alcance da universalidade dos fenômenos, este fica refém de um reducionismo, fato identificado pelo autor em tela no pensamento objetivo de Descartes. Vemos que Bachelard critica a exclusão de algumas realidades, móveis, vivas, dinâmicas, em detrimento de outras, passíveis de um aparente universalidade, porque estanques, estáticas.

Devemos, com efeito, dar-nos conta de que a base do pensamento objetivo em Descartes é demasiado estreita para explicar os fenômenos físicos. O método cartesiano é *reduutivo*, não é *indutivo*. Uma tal redução falseia a análise e entrava o

desenvolvimento extensivo do pensamento objetivo. Ora, não há pensamento objetivo nem objetivação, sem esta extensão. [...] o método cartesiano que acerta tão bem em explicar o Mundo, não chega a explicar a experiência, o que é a verdadeira função da pesquisa objetiva.

Foi o que Bachelard (1996, p. 103) identificou como nocivo às singularidades quando, no século XVIII, estas foram apagadas, e toda contradição descartada, sob ordem de uma visão geral de mundo, “[...] por simples referência a um princípio geral da Natureza, [...], que tal generalidade – e outras generalidades conexas – são, de fato, obstáculos para o pensamento científico”.

Refletindo sobre este desejo de eternidade nos métodos, conceituações e teorias por parte dos cientistas, vejamos:

Um dos químicos contemporâneos que desenvolveu os métodos científicos mais minuciosos e mais sistemáticos, Urbain, não hesitou em negar a perenidade dos melhores métodos. Para ele, não há método de pesquisa que não acabe por perder sua fecundidade inicial. Chega sempre uma hora em que não se tem mais interesse em procurar o novo sobre os traços do antigo, em que o espírito científico não pode progredir senão criando novos métodos. Como diz Jean Perri, ‘Todo conceito acaba por perder sua utilidade, sua própria significação, quando nos afastamos pouco a pouco das condições experimentais em que ele foi formulado’. Os conceitos e os métodos, tudo é função do domínio da experiência; todo o pensamento científico deve mudar ante uma experiência nova; um discurso sobre o método científico será sempre um discurso de circunstância, não descreverá uma constituição definitiva do espírito científico. (BACHELARD, 1985, p. 121).

Interrogando a ortodoxia arquitetônica de sua época, vêm à nossa mente agora a lembrança de uma poesia-testemunho de Oscar Niemeyer que, fazendo uma analogia entre a sinuosidade encontrada na geografia brasileira e o corpo feminino, justificativa para a vanguarda de sua produção, este faz com que pensemos que, da mesma maneira, o homem não se resume a um amontoado de configurações racionalmente dispostas e concebidas pela Ciência linear, dura e artificialmente harmônica, pois que possui fluida, sinuosa e concorde, a dimensão espiritual, quiçá, Ciência de Deus.

Não é o ângulo reto que me atrai,
nem a linha reta, dura, inflexível,
criada pelo homem.
O que me atrai é a curva livre e sensual,
a curva que encontro nas montanhas do meu país,
no curso sinuoso dos seus rios,
nas ondas do mar,
no corpo da mulher preferida.
De curvas é feito todo o universo.
O universo curvo de Einstein. (NIEMEYER apud SENATUS, 2008, p. 9).

Como Bozzano (1938) muito bem demarcou, se os cientistas esperavam que, com a abertura dos corpos, encontrariam os espíritos fugindo destes, à maneira de fumaças, lá

jamais os encontrariam, pois, as duas realidades ensejam formações específicas: um, denso, ponderável, enquanto o outro, etéreo, imponderável, mas, não impossível de dedução, bastando apenas que nos apropriemos das leis que lhe são condizentes.

Agora, voltando ao problema do narcisismo, vemos como esse é tema para uma experiência contemporânea das relações, em que o amor assume um caráter narcísico, uma necessidade narcísica, que é, em princípio, de acordo com Calligaris (1996, p. 56), “[...] um afeto propriamente individualista”.

Ou seja, a Modernidade anuncia nossa condição de indivíduo, descolando-nos da comunidade, mas para jogar-nos – como já foi visto – nas fábricas, na produção, na repetição, no utilitarismo que pauta as relações quando, portadores de uma carteira de trabalho e de um documento de identificação, passamos a ser simbolicamente um número, um registro.

Passamos a ser únicos; tão únicos que Freud conseguiu definir este processo como um mecanismo de estruturação psíquica que responde, na atualidade, à gênese do individualismo que assistimos, identificados que estamos com imagens que supomos ser as que necessitamos apresentar em sociedade. Aliás, de um processo narcísico originário, primevo, nascente do psicológico, acontece a emergência e ruína do sujeito (FIGUEIREDO, 2012).

Completamente identificado com as funções orgânicas, portanto, como mesmo pautou Jean Piaget e toda a sua epistemologia – que, inclusive, é nomeada de genética –, vemos despontar os domínios do cognitivismo e do funcionalismo, indicando que o sujeito refina as suas funções orgânicas na experiência de adaptação ao meio e, em plena correspondência com este, ocorre o aprendizado que é, então, substrato de uma psicologia que nasce do corpo, exatamente porque chamada de psicologia do desenvolvimento ou evolutiva (PIAGET, 1973).

Consoante Figueiredo (2012, p. 95):

Na obra de Jean Piaget – um dos mais completos, consistentes e articulados representantes da matriz funcionalista e organicista em psicologia – ficam dissolvidos os limites entre filosofia, psicologia e biologia, mas serão os métodos e conceitos da última que dominarão ao longo de toda a sua fecundíssima obra.

Sobre esta relação, Piaget (1973, p. 119-120) justifica quais os três tipos de conhecimento humano sobre os quais se apoia e que, de certa forma, mantém a integridade durante toda sua obra, como biólogo que era, sendo esta formação a daquele que marcou a história da Pedagogia no Ocidente.

Existem três tipos de conhecimento possíveis: 1) os conhecimentos ligados a mecanismos hereditários (instinto, percepção, etc.), existentes, ou não, no homem, mas correspondentes portanto biologicamente ao domínio dos caracteres transmitidos pelo genoma; 2) os conhecimentos tirados da experiência, e

correspondendo assim biologicamente aos acomodatos fenotípicos; e 3) os conhecimentos lógico-matemáticos, resultantes de coordenações operatórias (funções, etc.), correspondendo biologicamente aos sistemas e regulações em qualquer escala, na hipótese de operações lógicas elementares (reuniões, dissociações, ordem, etc.), com seu caráter ‘necessário’ de coerência ou não-contradição, constituírem o órgão regulador fundamental da inteligência.

Mas, em se falando de Construtivismo – este processo de condução do educando à sua aquisição e construção do conhecimento, que subverte a lógica tradicionalmente utilizada nas escolas até o século XX, mesmo massivamente persistente até os dias atuais –, quando da publicação da sua conhecida obra *Epistemologia Genética* (2002), Jean Piaget se interroga se seria o conhecimento a conjugação de estruturas *a priori*, previamente hierarquizadas, conduzindo o aprendizado a uma redutibilidade, pois que produto de uma gênese de possíveis, ou caberia a esse processo uma cota de possibilidade operatorialmente original, atemporal e contraditória a despeito da condição primeira.

A indagação contida na obra supramencionada é frontal à proposta psicogenética de Piaget (2002), mas, ao mesmo tempo absorve suas concepções, ao que ele tenta responder, dotando o constructo cognitivo de um caráter mais autônomo, com os recursos que lhe eram possíveis, dado o objetivo a que se propunha.

[...] quando o matemático faz uma invenção que abre uma série de novas possibilidades, trata-se simplesmente de um episódio subjetivo ou histórico-genético, que depende tão-só do trabalho humano e temporal de sucessivas gerações de pesquisadores, ou será que se trata de uma articulação que liga o conjunto dos possíveis de um nível determinado a um conjunto hierarquicamente distinto de possibilidades não contidas nas precedentes e, por conseguinte, operatorialmente novas?

Assim, embora passando a vislumbrar o horizonte de autonomia do sujeito em relação ao meio, em seu processo de construção do conhecimento, a resposta a essa indagação, ainda passa, necessariamente, por uma construção lógica e sensível, promovida por uma autorregulação que continua filiada às potencialidades do organismo, um geneticismo, problematizadas e impulsionadas ao encontro de um refino dessas funções, também, pela mediação do educador.

De acordo com Lima (1998, p. 127):

Em 1968 com o estudo das funções (interação), Piaget retoma suas posições iniciais de biólogo, moderando, definitivamente, seu *hiperconstrutivismo*: ‘as modificações impostas de fora para dentro pelos objetos e que obrigam o sujeito a diferenciar e mesmo a transformar, os *esquemas*, mais ou menos profundamente (assimilação e acomodação)’. Muitas vezes Piaget, ao referir-se ao construtivismo, exemplifica essa explicação com os *estádios do desenvolvimento*, filiando-se ao seu geneticismo. Que a gestão dos conhecimentos (pelo menos dos conhecimentos lógico-matemáticos) provém de uma *construção endógena* (auto-regulação), é indiscutível.

Resta saber se as aprendizagens são feitas pelo mesmo processo, uma vez que partem da experiência (objeto e meio) e dependem estritamente das estruturas lógico-matemáticas (não existe um conhecimento-cópia contendo toda aprendizagem, um processo de organização lógica).

Assim, o apelo é forte ao acirramento da condição narcísica que, em sua última expressão, desagua reconfigurada no individualismo, alimentado neste universo em que a Educação pode ter somado solidariamente em se dedicando ao finalismo biológico, obviamente material.

Lamentamos ser a ação educativa, como bem apontou Piaget, um intercâmbio de possíveis temporais, baseada numa estruturação biológica, apesar dele próprio ter admitido uma autonomia do sujeito nesse processo. Da mesma maneira que vislumbramos no desconcerto subjetivo da atualidade uma redução da capacidade transcendente do homem a um manancial tão somente objetivo de conceitos e cognições que pouco explicam o universo bem maior sobre o qual nos apoiamos para superar a mera condição hominal primeva.

Porém, o que deveria ser uma conquista de transcendência, provoca um endereçamento redundante em que, ao invés de apontar para a citada superação, impulsiona a saída do corpo para o retorno a ele mesmo. Desse modo, o impacto das figurações corporais, desde as concepções de Educação, passando pelo avanço tecnológico aqui já discutido como uma das problemáticas impostas aos sujeitos, impõe uma reestruturação num universo que, ao mesmo tempo em que ilusoriamente satisfaz concreta e superficialmente o homem das sociedades complexas e biotecnológicas, gera insatisfações difíceis de serem sanadas com os recursos, medicamentos e posturas disponíveis na atualidade.

Apesar de uma longa citação, o problema de que a tecnologia contribuiu para a desestabilização subjetiva que assistimos atualmente, é assim exposto por Rolnik, citado por Lins (1997, p. 21-22):

É a desestabilização exacerbada de um lado e, de outro, a persistência da referência identitária, acenando com um perigo de se virar um nada, caso não se consiga produzir um perfil requerido para gravitar em alguma órbita do mercado. A combinação desses dois fatores faz com que os vazios de sentido sejam insuportáveis. É que eles são vividos como esvaziamento da própria subjetividade e não de uma de suas figuras – ou seja, como efeito de uma falta, relativamente à imagem completa de uma suposta identidade, e não como efeito de uma proliferação de forças que excedem os atuais contornos da subjetividade e a impelem a tornar-se outra. Tais experiências tendem, então, a ser aterrorizadas: as subjetividades são tomadas pela sensação de ameaça ao fracasso, despersonalização, enlouquecimento ou até de morte. As forças, em vez de serem produtivas, ganham um caráter diabólico; o desassossego trazido pela desestabilização torna-se traumático. Para proteger-se da proliferação das forças e impedir que abalem a ilusão identitária, brega-se o processo, anestesiando a vibratibilidade do corpo ao mundo e, portanto, seus afetos. Um mercado variado de drogas sustenta e produz essa demanda de ilusão, promovendo uma espécie de toxicomania generalizada. Mas, a que droga estou me referindo? Primeiro

as drogas propriamente ditas, fabricadas pela indústria farmacológica que são pelo menos de três tipos: produtos do narcotráfico, que proporcionam miragens de onipotência ou de velocidade compatível com as exigências do mercado; fórmulas da psiquiatria biológica, que nos fazem crer que essa turbulência não passa de uma disfunção hormonal ou neurológica; e, para incrementar o coquetel, miraculosas vitaminas prometendo uma saúde ilimitada, vacinada contra o *stress* e a finitude. [...] A droga oferecida pela TV [...], pela publicidade, pelo cinema comercial e por outras mídias mais. Identidades *prêt-à-porter*, figuras glamorizadas imunes aos estremecimentos das forças. Mas quando são consumidas como próteses de identidade, seu efeito dura pouco, pois os indivíduos- clones que então se produzem, com seus falsos-*self* estereotipados, são vulneráveis a qualquer ventania de forças um pouco mais intensa. Os viciados nessa droga são dispostos a mitificar e consumir toda imagem que se apresente de forma minimamente sedutora, na esperança de assegurar seu reconhecimento em alguma órbita do mercado.

Trocando em miúdos, todas as anestésias impostas ao corpo, bem como os dispositivos de fuga que se tornou a reprodução de modelos externos, são respostas a um paradoxo que é a experiência de dissolução dos sujeitos naquilo que lhes confere identidade, mas que é, em último caso, uma alienação que, tal como nos ensinou o poeta que “Narciso acha feio o que não é espelho”. Nascida na Modernidade, assistimos reconfigurar-se como uma experiência de individualismo contemporâneo.

Amar aos filhos, amar aos pares, amar a profissão – mesmo que ela não seja propriamente a realização da nossa vida –, enfim, todas as formas possíveis de amor operam dentro de uma racionalidade desobrigada da coletividade, donde devemos agora responder aos imperativos do eu. Só para pensarmos, delegamos as obrigações educacionais para com nossos filhos e ficamos apenas com a função soberana de amá-los. No entanto, importa contextualizarmos que, valendo lembrar Freud, este é um amor endereçado a nós mesmos, aos nossos ideais construídos subjetivamente, possuidores de uma razão, mas, com fins amplos de resposta a uma demanda interna.

Diferente do cultivo da individualidade, condição fundamental para a realização da nossa subjetivação, em que o outro se apresenta para mim como partícipe e importante nesse processo, o individualismo que assistimos na atualidade é a resposta radical ao esfacelamento das referências sociais externas, face extrema da liquidez de laços e subjetividades descritos por Bauman (2004).

3.2 Contradições da Modernidade: ciência a favor do espírito

A contradição do tempo foi, na mesma medida, a contradição do corpo, cabendo pensarmos também que, foi porque a Ciência e seus procedimentos instrumentais tornaram-se o referencial de validade de um fenômeno – ao mesmo tempo que o conhecimento metódico

deste lhe confere caráter menos abstrato –, que as realidades material e espiritual e a interação entre elas puderam ser compreendidas, desmistificando este evento que sempre foi envolto em mistérios e tabus.

Graças ao olhar científico, precipitado pela formação intelectual, Hipolyte Léon Denizard Rivail pôde conferir validade à uma complexa dinâmica das relações corpórea e extracorpórea, entre os chamados encarnados e os desencarnados, desenvolvendo, assim, uma doutrina que cumpre um tríplice aspecto, de ordem científica, filosófica e, no trato extensivo à religião, de consequência moral.

Dessa forma, dotando a Doutrina Espírita das características acima mencionadas, fica patente que “[...] o professor Rivail colaborou para a estruturação de uma visão científica do mundo espiritual, atenuando as divisas tradicionalmente estabelecidas entre Filosofia, Ciência e Religião” (VIANA; RODRIGUES, 2015, p. 95).

É um período de paradoxos em que homens de formação científica começam a especular a realidade fora do corpo com os instrumentais que, anteriormente, só lhes autorizavam a investida em fenômenos de ordem eminentemente concreta, desconsiderando que pudesse existir alguma realidade que não a puramente controlada nos laboratórios, ou que a explicação para tais estaria no psiquismo daqueles que as produziam.

Vemos exemplos de mudança de opinião – que notadamente podemos inferir, caso nos seja permitido –, talvez um amadurecimento científico, em certas personalidades expressivas da época, tal como o italiano Cesare Lombroso (1835-1909), chegando este mesmo a afirmar:

Se existiu no mundo um homem, por educação científica e quase por instinto, contrário ao Espiritismo, esse fui eu, que, da tese: Ser toda força uma propriedade da Matéria e a Alma emanção do cérebro –, havia feito a preocupação mais tenaz da vida, eu, que havia zombado por muito tempos dos Espíritos das mesinhas... e das cadeiras! Mas se sempre nutri grande paixão pelo meu lábaro científico, tive outra ainda mais fervorosa: a adoração da verdade, a constatação do fato. Ora, eu que era assim hostil ao Espiritismo, a ponto de não aquiescer por largo tempo em ao menos assistir a uma experiência, deveria, em 1882, presenciar, na qualidade de neuropatólogo, fenômenos psíquicos singulares, que não encontravam nenhuma explicação na Ciência, salvo a de ocorrerem em indivíduos histéricos ou hipnotizados. (LOMBROSO, 1990, p. 59).

Só para que conheçamos um pouco do homem questão, sua tese sobre a relação entre estruturação biológica e os caracteres de delinquência e formação de personalidade, ou a chamada teoria do delinquente nato (1856) influenciou gerações de juristas, criminólogos e/ou criminologistas e profissionais de áreas afins à Criminologia.

Representante e fundador da etapa científica da Criminologia, com a *Escola (Scuola) Positiva*, a contribuição de Lombroso é assim exposta por Molina e Gomes (2002, p. 191):

Sua obra *Tratado Antropológico Experimental do Homem Delinquente*, publicada em 1876, marca as origens da Criminologia científica, e ele é considerado o seu fundador. Médico, psiquiatra, antropólogo, político, foi um homem polifacético e genial, como demonstra sua extensa obra que marca temas médicos (v.g., *Medicina legal*), psiquiátricos (*Os avanços da Psiquiatria*), psicológicos (*O gênio e a loucura*), demográficos (*Geografia médica*), criminológicos (*L'uomo delinquente*), políticos (os dois volumes aparecidos em *Avanti*, órgão de divulgação do Partido Socialista italiano dos trabalhadores, ao qual pertenceu), assim como outros históricos, astrológicos e espíritas. No total, mais de seiscentas publicações. A contribuição principal de Lombroso para a Criminologia não reside tanto em sua famosa tipologia (onde destaca a categoria do 'delinquente nato') ou em sua teoria criminológica, senão no método que utilizou em suas investigações: *o método empírico*.

Assim, a mesma inclinação para a observação e delimitação científica dos fenômenos foi transposta para a defesa dos fenômenos de natureza espiritual, mas, não sem antes a resistência peculiar à necessária prudência, pois, este foi um momento da história que, apesar de fértil do ponto de vista da amplitude de pensamento por parte dos homens, ensejou, na mesma medida, a proliferação de práticas repletas dos sempre recorrentes misticismos e mistificações, bem como de charlatanismos e leviandades³³.

Vemos, também, aqueles que, dedicados a estudar verdadeiramente os fenômenos em voga, rebatiam acusações aparentemente infundadas fruto de “achismos” e opiniões, com comprovações seguindo um método e uma abordagem, mas, que sabiam ainda não bastar aos que se gozavam e intencionavam tão somente criticar.

Alexandre Aksakof, filósofo russo, autor da obra *Animismo e Espiritismo*, publicada originalmente em 1890, foi uma dessas personalidades interessada em compreender os mecanismos envolvidos nas comunicações dos espíritos com os homens, mas, do ponto de vista da Ciência.

Conhecedor que era dos preconceitos que suscitavam o Espiritismo, alvo de crítica exatamente pela imperícia dos praticantes, ou pela leviandade dos aproveitadores, este

³³ Quando já amadurecido no processo e firme no propósito de codificar os pressupostos doutrinários que serviriam de baliza aos circunstantes e interessados pela Doutrina narrada pelos Espíritos, Allan Kardec utilizou-se da Revista Espírita para veicular suas respostas aos ataques fundados e infundados dos que, sem o saberem, através de periódicos, oportunizavam a que o codificar esclarecesse publicamente conceitos importantes. Sugerimos consulta, por exemplo, ao último volume sob responsabilidade direta de Kardec, da referida revista, no ano de 1869 (KARDEC, 2009), quando este inicia o artigo “Ligeira Resposta aos Detratores do Espiritismo” afirmando que, se a doutrina em voga não almejava atender a todas as pessoas, nem tampouco furtar-se às críticas, mas, também não poderia prescindir do direito de responder e esclarecer através dos ataques que recebia. Como ele mesmo asseverou: “O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural; reclama-a para os seus adeptos, do mesmo modo que para toda a gente. Respeita todas as convicções sinceras e faz questão da reciprocidade” (KARDEC, 2009, p. 360). Sobre misticismos, mistificações, sátiras e charlatanices no campo da Ciência e da Religião e no Espiritismo à brasileira, encontramos vasta e interessante gama de exemplos em Machado (1996).

propôs-se a pesquisar o tema do animismo, tentando circunscrever o que, dentro do universo dos fenômenos produzidos pela psique do homem, poderia ser identificado como de caráter personalista, anímico ou espiritual, mas valendo-se de uma método para o cumprimento do intento.

Ele faz a defesa de sua intenção em estudar os fenômenos, tanto do ponto de vista da novidade que este configurava, ainda em fase inicial – embora, na história da humanidade este seja, como já citamos anteriormente, muito recorrente, ao que Allan Kardec apenas estabeleceu a lei que o compete – quanto do que, na ausência de conhecimento sobre uma realidade natural e passível de leis próprias, pode desencadear o trato e a difusão distorcidos, ou a completa negação de sua existência:

O que proporcionou ao Espiritismo um acolhimento tão pouco razoável e tão pouco tolerante, foi que, desde a sua invasão na Europa debaixo da sua forma mais elementar, as mesas girantes e falantes, o conjunto de todos os seus fenômenos foi imediatamente atribuído, pela massa, aos ‘espíritos’. Esse erro era, entretanto, inevitável, e, por conseguinte, desculpável, em presença de fatos sempre mais numerosos, tão novos quão misteriosos e de natureza a encher de admiração as testemunhas entregues às suas próprias conjecturas. Por sua vez, os adversários do espiritismo caíam no extremo oposto, nada querendo saber dos ‘espíritos’ e negando tudo. Aqui, como sempre, a verdade se encontra entre os dois. (AKSAKOF, 1956, p. 11).

Assim apresenta Incontri (2001, p. 20) o vulto em questão que protagonizou – com a publicação do livro acima citado, considerado uma obra referência sobre o assunto para os interessados, na qualidade de médiuns, espíritas ou simplesmente curiosos, conhecer os intervenientes fugidios, mas não impossíveis de serem delimitados, da mediunidade – uma das grandes defesas do Espiritismo em época que, como estamos vendo, eram normais embates dessa natureza:

Aleksander Aksakof (1832-1903), médico russo, doutor em filosofia, conselheiro de Estado do Czar e professor da Universidade de Leipzig, redator-chefe da revista *Psychische Studien*, autor de *Animismo e Espiritismo* e *Um caso de desmaterialização*. Polemizou, junto a outros cientistas e filósofos, com o célebre filósofo alemão, Eduard von Hartmann, discípulo de Schopenhauer.

E eles tinham razão em cultivar ceticismo e trabalhar com o dado de realidade que expunha as incongruências veiculadas no “nascido” e efervescência da doutrina na Europa e países outros de então, pois, o misticismo sempre esteve à frente do fenômeno, tomando espaço, óbvio, num momento em que a razão ainda não estava sedimentada, pois que ainda nascente, desde a revolução que as ideias iluministas proporcionaram.

Assim, vemos a fé cega como um atributo do dogmatismo, enquanto que a fé raciocinada, aquela que avalia, perscruta, observa, interpela os acontecimentos supostamente

divinos, não mais os situando numa causalidade misteriosa e inacessível, pode caminhar *pari passu* com a razão, encontrando nessa faculdade um instrumento de alicerce da sua espiritualidade, e não de fragilidade desta.

As grandes religiões existentes no mundo cultivam uma fé raciocinada, ou promovem o afastamento entre fé e razão?

H. L. D. Rivail compunha também esse séquito de seguidores da realidade estritamente observável, apenas concordando em conhecer aqueles eventos intrigantes das mesas girantes, muito comuns na Europa de então, após encontrar correspondência significativa com as recentes descobertas do Magnetismo, por Franz Anton Mesmer, ao que se dedicou durante alguns anos ao conhecimento dos pressupostos, após chegar em Paris, jovem ainda, depois de anos de estudo no Instituto de Yverdon, instituição educacional do pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi (WANTUIL; THIESEN, 2004).

Assim, num panorama de hegemonia do corpo, do materialismo, experimentado por aqueles que o alimentam, como pelos que o combatem, como poderá nascer o espírito e, conseqüentemente, uma Educação que se debruce sobre essas dimensão humana?

E, mais uma pergunta se impõe nesse instante: quando nos tornamos educadores? Será quando nadamos a favor da maré e continuamos a conceber educando e Educação sob ordens que em si não produzem transformação, ou será quando passamos a considerar uma porção historicamente desconsiderada – admitamos que com razão – e, somado aos aspectos biopsicossociais acrescentamos o móvel espiritual que, inclusive, responde à quase totalidade do anseio dos seres que transitam nas mais variadas culturas do nosso orbe?

A Educação, portanto, deve ser um campo vasto que congrega todas as disciplinas, a pedagógica, a histórica, a sociológica, a psicológica, a antropológica, dentre tantas outras, que tentam responder, cada uma a seu modo, e de acordo com suas competências, pelas necessidades e potencialidades do homem, adquirindo especial relevo quando se articulam e dialogam umas com as outras, pois sozinhas são retalhos sem importância, compondo um todo, revela-se tecido harmonioso e coeso, em especial quando iluminadas pela ligação com o sagrado, na dimensão espiritual.

Assim, além do domínio e da desenvoltura cognitiva, e nem de perto ou de longe uma proposta que configure formação religiosa, o que se busca neste trabalho de doutoramento é que pensemos em alternativas práticas, a partir de uma organização metodológica, que abarque e desenvolva em plenitude a dimensão ética nas sociabilidades cotidianas, superando o passado, que impôs ao conhecimento a mesma fragmentação imposta

aos corpos devassados, transplantando o método e a definição destes em sistemas que, em desdobramento, provocaram uma lesão na integralidade do homem.

Por fim, partindo destas considerações, a Educação que tratamos a partir das transformações experimentadas pelas vidas que são a razão do nosso trabalho, é a de caráter mais amplo, cuja essência do homem ela possa lapidar e que encontramos ressonância nas proposições de Jan Amos Comenius³⁴, bem como nas reflexões que abrigam o ideal educacional que Carlos Roberto Campetti se dedica a divulgar.

Na sua magistral obra *Pampaedia* (Educação Universal), um dos sete livros que compõem a *De Rerum Humanarum Emendatione Consultatio Catholica*³⁵ (Deliberação universal acerca da reforma das coisas humanas), temos o objetivo da Educação proposta por Comenius (2014, p. 39-40):

Este desejo ou aspiração [de uma educação universal] resume-se nas três coisas seguintes: em primeiro lugar, o que se deseja é que assim se consiga educar plenamente para a plenitude humana, não apenas um só homem, ou alguns, ou muitos, mas todos (*omnes*) e cada um dos homens, jovens e velhos, ricos e pobres, nobres e plebeus, homens e mulheres, numa palavra, todo aquele que nasceu homem, para que, enfim, todo o gênero humano venha a ser educado, seja qual for a sua idade, o seu estado, o seu sexo e a sua nacionalidade. Em segundo lugar, deseja-se que cada homem seja retamente formado e integralmente educado, não apenas em uma coisa, ou em poucas, ou em muitas, mas em todas as coisas (*omnibus*) que aperfeiçoam a natureza humana: a conhecer a verdade e a não se deixar iludir pelo erro; a amar o bem e a não se deixar seduzir pelo mal; a fazer o que deve fazer e a preservar-se do que deve evitar; a falar sabiamente acerca de todas as coisas, com todos, quando é necessário, e a nunca se ver obrigado a calar-se; enfim, a agir, em todas as circunstâncias, com as coisas, com os homens e com Deus, não levianamente, mas prudentemente, e, assim, a nunca se afastar do objetivo da sua felicidade. E que isso seja feito universalmente (*omnino*). Não para pompa e brilho exterior, mas para a verdade. Ou seja, para tornar todos os homens o mais possível semelhantes à imagem de Deus (segundo o qual foram criados), isto é, verdadeiramente racionais e sábios, verdadeiramente ativos e ágeis, verdadeiramente íntegros e honestos, verdadeiramente piedosos e santos, e, desse modo, verdadeiramente felizes e bem aventurados, neste mundo por toda a eternidade.

Apesar da distância que o tempo e a cultura nos impõem, vemos que a comunhão de desejos em torno de uma Educação emancipatória, crítica e universal extrapola os impeditivos citados, constituindo-se um anseio comum observado entre o grande pai da Didática Moderna e o personagens que ilustraram nossa tese.

³⁴ A título de informação, pelas concepções universalistas à frente de seu tempo, Comenius é considerado.

³⁵ “As sete obras que compõem a *Consultatio Catholica* – que começou a ser escrita por Comenius em 1644 e só chegando ao seu termo, e ainda assim inacabada por ocasião da morte do seu autor, em 1657 – são: 1. a *Panegersia ou Excitatorium Universale*, 2. a *Panaugia ou Lucis Universalis Via* (participação da Luz Divina), 3. a *Pansophia ou Universalis Sapientia* (sabedoria universal), 4. a *Pampaedia ou Cultura Universalis Mentium* (Cultivo universal das mentes), 5. a *Panglottia ou Cultura Universalis Linguarum* (Cultivo Universal das Línguas), 6. a *Panorthosia ou Reformatio Universalis* (Reforma Universal) e, por último, 7. a *Pannuthesia ou Exhortatorium Universale* (Exortação Universal)” (GOMES, 2014, p. 15-19).

Para que admitamos uma Educação que contemple a parcela espiritual do homem, e por isso possa ser atrevidamente nomeada de Espiritual, antes necessário se faz que o homem se formule uma questão de ordem filosófica, que é a da própria pertinência de Deus.

Deus existe, ou serei eu o deus da especulação corpórea, da fragmentação do conhecimento em disciplinas à maneira dos corpos, anunciado pela Modernidade? Não seria o corpo – e aí é a matéria – começo, meio e fim de uma jornada que se extingue na fria lápide tumular? Admitindo-se que Deus existe, assim o seria partindo de que fundamentos, religiosos, filosóficos ou científicos? Terreno fértil que acolheu a carne exposta para a dedução das leis, cabe que indaguemos: todas as leis? Não teria a Modernidade assassinado Deus após embriagar-se com o instrumental que serviria para apreendê-lo?

Mesmo muitos já sabendo as respostas para tais interrogações, não caberia ao sábio especular da mesma forma, apesar de correr o risco de cometer grande heresia, desta feita acadêmico-científica?

Assim, o pensamento espírita sobre a Educação, que é o que fundamenta a nossa percepção sobre o que deveria ser uma Educação Espiritual³⁶.

A dificuldade de tratarmos da aproximação entre Educação e Espiritualidade está na apropriação indevida das mentes tendentes a uma espiritualidade por uma dada concepção religiosa, calcada em princípios dogmáticos, obscuros e catequéticos, em que Deus foi apresentado sob roupagem inglória e pouco amorosa, com vistas a uma doutrinação específica e alheia à doação de um sentido no mundo e na vida, em que as consciências pudessem se apoiar sem medo ou através da barganha.

Portanto, reportamo-nos a uma espiritualidade que é anterior ao fato religioso, pois que o fundamenta, reside no individual, na esfera mais íntima do ser e que pensamos ser importante para as relações humanas em sociedade, oferecendo a estas uma opção ética, um referencial a partir da conexão com o sagrado, pois, é urgente que nos interroguemos sobre a qualidade da sociedade que vivemos, reflexo da complexidade social e educacional que tivemos até hoje.

³⁶ Insistimos que, em nossa tese utilizamos este saber, mas, consideramos que, seja qual for a concepção que desloque a Educação de um eixo materialista, redutor do homem a aspectos biológicos, psíquicos e sociais, acolhendo neste conceito a dimensão espiritual, será por nós respeitado; principalmente se, também, for considerado que não se trata de religião – filha malsã da Razão, apesar de caminho muitas vezes oportuno para o cultivo da Espiritualidade –, mas, de transcendência e imortalidade do ser, em jornada evolutiva.

4 EDUCAÇÃO E DOCTRINA ESPÍRITA – UM ENCONTRO SEM FRONTEIRAS NO DESPERTAR DA ESPIRITUALIDADE

“[...] eu fui descobrindo a mim mesmo, e vendo o quanto eu tinha que me melhorar, me aperfeiçoar e fazer essa luta de transformação. Porque a gente reencarna aqui com um compromisso de evolução, de melhoria, de aperfeiçoamento. Tenho convicção disso.”

(Carlos Roberto Campetti)

“As sementes dos nossos destinos são as ações do nosso passado nesta e nas vidas anteriores.”

(Armando Souto Maior)

“O tempo, mestre de grande sabedoria...”

(Rui Martinho Rodrigues)

“Levamos o conhecimento para a edificação de um mundo novo, a partir de uma transformação íntima, ou continuamos a buscar a Doutrina Espírita apenas para a saciedade de uma curiosidade que se perde no fenômeno?”

(Gabrielle Bessa)

4.1 Grandes encontros rumo à transformação espiritual: acaso existe o acaso?

Este capítulo, que julgamos ser o coração de nossa tese, conta a história de grandes encontros quais os que ocorrem todos os dias no transcorrer da vida, porém, na singularidade que lhes compete, estes se articulam em torno da vida daquele que será o protagonista desta trama: Carlos Roberto Campetti.

Tais encontros, acontecendo em períodos transatos e específicos, subsidiarão o mais importante de todos, que é o encontro oportuno que defendemos existir entre Educação e Doutrina Espírita. Sim, mais uma vez, nossa tese pretende destacar a aproximação existente entre Educação e Doutrina Espírita, não possuindo estes dois campos, a nosso ver, características de exclusão entre si, mas, ao contrário, de complementaridade ou mesmo de continuidade.

Para nós, contar a história de uma vida não se trata de um fetiche – qual o que comumente ocorre aos biógrafos de personalidades em destaque nas mídias televisivas, redes sociais –, na verdade, este não foi o nosso caso, pois esta pesquisa é fruto de uma contingência acadêmica e – permitam à pesquisadora – espiritual. Para alguns tudo poderia se resumir a um grande acaso do destino, mas, uma pergunta se impõe: acaso existe o acaso?

Para Tuchman (1995, p. 70), “[...] no que concerne à prática da história e da biografia, ‘criador’ não significa, como pensam alguns, aquele que inventa, mas sim dar ao produto uma forma artística”, portanto, uma história que se conta sempre de forma original, porque produto da escolha de quem escreve, daquele que narra.

Essa é a nossa intenção, inclusive quando, subjacente ao intento de conhecer e fazer conhecer uma história reside um sustentáculo que se define por si mesmo: uma formação espiritual, resultado da observância de uma educação em acordo com uma experiência que não se limita a aspectos instrucionais, disciplinares ou a simples apreensão de conteúdos pela via da cognição.

Fazendo um adendo, Comenius amplia objetiva e espiritualmente o conceito de educação formal como aquele em que a objetividade da condução intelectual seria prerrogativa para o desenvolvimento espiritual do homem, fundamentando nossos objetivos:

O homem, por ser dotado de corpo, é feito para trabalhar, e no entanto vemos que não tem de nascença nada mais que simples aptidão: será preciso ensiná-lo aos poucos a sentar-se, a ficar ereto, a andar, a mexer as mãos para realizar uma operação. Como, então, nossa mente poderia ter prerrogativa de ser perfeita, em si e por si, sem preparação? É lei para todas as criaturas ter início do nada e desenvolver-se gradualmente, seja quanto à essência, seja quanto às ações. Mesmo os anjos, próximos à perfeição divina, não conhecem tudo, mas avançam gradualmente no conhecimento da admirável sabedoria divina [...]. (COMENIUS, 2011b, p. 72-73).

Encontramos ressonância destas palavras na pergunta 115 d’*O Livro dos Espíritos*, quando Kardec indaga aos espíritos sobre características gerais da concepção dos mesmos por Deus – que nada mais são que nós, livres da vestimenta corpórea e novamente domiciliados do plano espiritual:

115 – Entre os Espíritos, alguns foram criados bons e outros maus? – Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, quer dizer, sem ciência. Deu a cada um determinada missão com o fim de esclarecê-los e fazê-los alcançar, progressivamente, a perfeição para o conhecimento da verdade e para aproximá-los dele. (KARDEC, 2007, p. 83).

Kardec (2008) retoma e aprofunda essa questão em obra posterior, importante para refletirmos sobre os rumos da nossa formação educacional e a equilibrada aproximação que esta deve ter com as prédicas espirituais, sob pena de tornar-se tendenciosa para um ou outro universo, não cumprindo com o que deveria ser seu grande objetivo, o de formar integralmente o homem.

O ato educativo, portanto, torna-se uma ação espiritual – sendo o contrário também uma verdade –, a vivência de uma ética que não se resume à mera fundamentação objetiva de conceitos, visando, isto sim, a aproximação com os planos divinos de Deus na Terra, não somente num tempo e lugar distantes das relações que estabelecemos ao longo de nossa jornada material para “[...] iluminar todos os homens com a verdadeira sabedoria, para os organizar numa perfeita administração civil e para os unir a Deus [...] de modo que ninguém possa desviar-se do objetivo para que foi enviado para o mundo” (COMENIUS, 2014, p. 40).

Esta dita iluminação, a essência dessa formação e criação espiritual, bem como sua prática, tem, portanto, um sentido na lógica mesma de sua evolução e, principalmente, na fermentação de suas ações relacionais, pois, por exemplo, quando Comenius discute a utilização nobre da inteligência, percebemos que, se esta não é bem direcionada, se não foi bem trabalhada segundo as sugestões de uma tendência superior para o bem, complicado constatar seu desvirtuamento:

[...] na realidade as pessoas inteligentes têm mais necessidade ainda da educação, porque a mente aguda, se não estiver empenhada em coisas úteis, ocupar-se-á com as inúteis, as extravagantes, perniciosas. Assim como um campo, quanto mais fértil, maior abundância de espinhas e cardos produz, também um engenho superior está sempre cheio de pensamentos extravagantes se não é semeado com sementes de sabedoria e virtude. (COMENIUS, 2011b, p. 75).

Afora qualquer dedução de que tais concepções teriam um caráter regulatório das personalidades a serem cultivadas, Freud também não fugiu à regra e observou a necessidade de regulação das nossas pulsões, que seriam tensões psíquicas fundadas sobre as nossas relações sociais mais precoces – as parentais – como forma de dispositivo necessário ao avanço do estado civilizatório.

Ou seja, é sobre a renúncia dos nossos instintos primeiros, a sublimação destes, fonte de nossos mais atrozes sofrimentos, mas que paradoxalmente nos constituem psiquicamente, que a civilização se assenta:

A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. (FREUD, 1996d, p. 103).

Do compromisso com uma ética divina, que ganha validade suprema quando espargida para as relações entre os homens, um longo percurso se faz, pois que a urgência da matéria, as sedução dos interesses mundanos e as disposições morais viciadas sempre nos chegam mais rápido, embaçando nossa visão espiritual e fazendo-nos experimentar uma orfandade que só identificamos como deletéria quando muito perdemos pela incúria das nossas suscetibilidades.

Retomando as assertivas de Tuchman (1995) supracitadas no início desta discussão, estas teriam total validade não fosse algumas vezes sermos tomados pela força das circunstâncias, meio ao modo “ser escolhido pelo objeto” – principalmente em se tratando de um objeto/sujeito da história cujo trânsito se dá nesta panaceia chamada ciências humanas – e que poderá invariavelmente assumir a feição de um organismo vivo a mostrar-nos a força surpreendente do fenômeno.

Assim, a maré das circunstâncias por vezes é mais forte e decide os rumos da pesquisa, inclusive porque todo fenômeno sempre revela um pouco de força própria, funcionando algumas vezes à revelia do pesquisador.

Transcendendo os limites estabelecidos *a priori*, interrogando hipóteses e problemas, Japiassu (1975) nos conforta em relativizando – pela necessidade mesma do avanço da Ciência e a revisão dos seus paradigmas, sob pena de tornar-se tão dogmática e ideológica quanto o que algumas imposturas religiosas e políticas o são – certos credos acadêmicos, segundo os quais jamais poderíamos situar como o coração de uma tese de doutoramento um encontro entre pessoas, pois estaríamos correndo o risco de trazer para a discussão um acontecimento banal, genérico, sem qualquer envergadura epistemológica que o sustente.

Portanto, podemos dizer que fomos surpreendidos com o fato de que o nosso biografado já possuía relações com a nossa pesquisa muito antes do que imaginávamos, remontando aos idos anos 1990, donde convidamos.

4.2 Doutrina Espírita e Agnosticismo: a revisão de paradigmas íntimos

O ano era 1994...

O alvorecer de um novo tempo na nossa existência só acontece quando nos conscientizamos que a verdadeira felicidade se encontra dentro de nós, jamais nos espaços, tempos e sombras sobre os quais depositávamos nossos sonhos e desejos quando ainda grassávamos na infância do espírito, cujos anseios são tantas vezes rasteiros e hedonistas.

Somente quando nos inquietamos com uma falta que não é suprida, procuramos resposta a uma dor que jamais sabíamos fazer parte de nosso ser. Inicialmente, as respostas nos chegam mais urgentes, mais superficiais, mais hodiernas; porém, com o avançar dos anos, aquilo que nos supria inicialmente passa a caminhar conosco como tralhas obsoletas reclamando mudança. Que fazer com elas? Que destino dar à dor? O que procuramos em realidade?

Freud cartografou os sofrimentos, observando sua lógica própria, fruto de nossas inclinações psíquicas que nada mais são que o resultado das relações paternas que experimentamos no início da vida, e prolongadas em nosso círculo social, atualizadas e repetidas ao longo do crescimento do corpo físico e das condições psicológicas que nos creditam identidade no mundo.

Tais sofreres tanto são mais agudos quanto mais depositamos validade na sua importância em nossas vidas, tornando-se uma demanda difícil de ser redimensionada quando temos que definir novos rumos para as nossas angústias após as perdas que, invariavelmente, podem vir a nos assolar ao longo das nossas existências.

Comparando os traços distintivos do luto e os da melancolia, Freud (1996c, p. 250) delineia semelhanças desconcertantes:

O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo [...], a mesma capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele.

Assim, o mesmo processo pode se dar nas reações mais brandas como nas mais patológicas no que se refere às perdas dos mais variados matizes, e que nos provocam reação imediata à desconstrução das nossas antigas verdades e referências.

Aquele que tanto esquadrinhou o psiquismo se viu chocado ante os horrores da primeira guerra que já se agitava fortemente, as perdas humanas, culturais, o fim da civilidade

entre as nações envolvidas, a ganância na busca pelo ouro do avanço econômico a corroer o orgulho dos registros históricos (FREUD, 1996f).

Assim, as suas laborações teóricas neste período consistem em importante patrimônio sobre a angústia resultante das perdas múltiplas produzidas pela guerra, bem mais importantes de serem conhecidas que os registros documentais e levantamentos objetivos da destruição dos artefatos culturais.

Residirão na matéria as respostas capazes de alimentar a inconsistência de nossa alma em busca, pois que elas são tão fugidias? E quando perdemos as referências concretas que nos sustentam emocionalmente, o ser amado, a imponência do corpo físico, a soberania intelectual nos círculos profissionais? Quando o luto visita nossa alma, que encaminhamento dar à nova condição que bate à nossa porta? Será justo conosco que nos entreguemos à cegueira material e espiritual, pois, como saída para o desconforto, “[...] acolhemos as ilusões porque nos poupam sentimentos desagradáveis, permitindo-nos em troca gozar de satisfações?” (FREUD, 1996f, p. 290).

Podemos dizer que vários desses lutos e interrogações visitaram Armando Souto Maior³⁷ – porque natural da nossa frágil constituição humana – principalmente quando descobriu, em determinado momento de sua vida, um câncer na garganta, e que agora serve de mote para tratarmos consideradamente de sua transformação espiritual e do encontro com Carlos Roberto Campetti.

E o motivo que nos faz visitar de maneira amiudada alguns aspectos da vida e realizações do ilustre historiador, foi justamente o fato de, após assistir uma palestra de nosso biografado nos Estados Unidos, o mesmo se interessar – ou seria melhor dizermos: converter-se – ao Espiritismo de forma contundente e apaixonada através do aprofundamento de questões que respondiam às suas interrogações existenciais.

O Dr. Armando nos exames médicos foi detectado um câncer na garganta o que em algum tempo o deixou com dificuldade de expor as aulas porque doía muito. Ele ficou apavorado e angustiado e viajamos para Houston, nos EUA, no Centre MD Anderson. Neste centro hospitalar tinha muitos brasileiros e muitos espíritas, assim começou a se envolver muito [...].³⁸

³⁷ Historiador pernambucano de destaque nacional com seus compêndios de História Geral e História do Brasil, além de outras obras, desponta também, com angulação, com sua tese de doutorado: *Quebra Quilos: Lutas Sociais no Outono do Império* (1978). Ganha prêmios literários significativos com duas obras deste estilo: *O Gato Paralelo* (1989) e *O Diabo no Divã* (1991), confirmando sua inteligência para as letras e não apenas para a historiografia. Nasceu no Recife no dia 12 de fevereiro de 1926 e faleceu em 27 de agosto de 2006, com 80 anos de idade, de infarto fulminante.

³⁸ Entrevista da viúva de Armando Souto Maior, Gabriela Martin, constante em Santana (2013).

E foi neste centro médico que Armando conheceu Fernanda Meira-Wienskoski, que a época era voluntária do hospital onde ele realizava o tratamento do câncer que o acometia e, a história que se desenrola a seguir é indício de que a força que rege nossas vidas não trabalha com simples causalidades, pois que estas respondem muito pouco a uma perfeita arquitetura de fatos através da disposição dos acontecimentos.

Eu conheci o Prof. Armando em Houston, como voluntária e imediatamente ficamos amigos. Conversávamos muito e sobre tudo, mas principalmente livros, estudos, história, ciência, filosofia... Nessa época, fui a um congresso mundial de Espiritismo em Miami, onde conheci o Carlos e quando voltei, já vim com um convite feito ao Carlos para vir a Houston fazer uma palestra, aceito. Convidei o Armando para ir na palestra. No final, apresentei os dois e eles conversaram. No dia seguinte, a conversa continuou na minha casa. Houve outros encontros, acho que todos na minha casa em Houston³⁹.

Imagem 1 – Armando Souto Maior, Fernanda Meira-Wienskoski e Carlos Campetti, em 1994, na cidade de Houston, no Texas (EUA)



Fonte: Arquivo pessoal de Fernanda Meira-Wienskoski (1994).

O próprio Armando Souto Maior nos dá a impressão sobre as novas respostas que buscamos em nossas vidas em determinados momentos chave para o nosso amadurecimento: “Creio que se chega ao Espiritismo através de três caminhos: pelo amor, pela dor ou pela necessidade intelectual de se obter explicação racional para quatro transcendentais perguntas: quem somos, porque somos, de onde viemos e para onde vamos” (SOUTO MAIOR, 2001, p. 9).

³⁹ Entrevista concedida por Fernanda Meira-Wienskoski à pesquisadora, no dia 8/3/2015, por *e-mail*. Atualmente, Fernanda, que é Analista de Sistemas e Engenheira de *Software*, casada, mora na cidade de Austin, no Texas, onde é voluntária do Kardec Spiritist Group of Austin e oradora espírita.

Sobre seu encontro com Carlos Roberto Campetti, e tecendo lúcidas considerações sobre os aspectos renovados que o convidavam a novas reflexões acerca dos sentidos e destinos do homem na Terra, vejamos suas impressões:

[...] certa vez, nos Estados Unidos, fui assistir a uma conferência de Carlos Campetti sobre ‘O Livro dos Espíritos’, para atender ao convite de uma amiga, Fernanda Wienskoski. Após a conferência, Campetti colocou-se à disposição do público para responder a perguntas sobre o assunto tratado. Tentei encostá-lo no canto da parede. Ele respondeu com elegância e lógica. É claro que não me convenceu naquela noite, mas induziu-me a uma posterior leitura de Kardec, onde aos poucos obtive respostas convincentes sobre o problema do ser, do destino e da origem do homem. O aspecto científico do Espiritismo deu-me o apoio de que eu necessitava para aceitá-lo como um fato transcendente na minha vida. (SOUTO MAIOR, 2001, p. 8).

Tais considerações do historiador, certamente, tiveram raiz na filosofia do célebre autor contemporâneo de Allan Kardec: Léon Denis, cujas referências neste trabalho já nos iluminaram o raciocínio.

Citado por muitos adeptos da Doutrina Espírita já no final do século XIX, na Europa, e ainda hoje no meio espírita, como um importante pensador no que se tange ao aprofundamento dos conceitos filosóficos espíritas, Armando Souto Maior homenageou o autor de “O problema do ser, do destino e da dor”, de quem se tornou franco admirador, dando seu nome ao centro espírita que chega a fundar, na cidade do Recife: Centro Espírita Léon Denis.

Quando travamos contato ou escutamos falar de alguém que se converteu a uma dada fé religiosa, abandonando uma postura materialista, podemos pensar num primeiro momento tratar-se de um acontecimento raso, sem raízes profundas que a justifiquem, mas, comungamos com as considerações de Denis (2013, p. 303), pois, se de acordo com sua filosofia, “[...] o mais belo livro está em nós mesmos” e somos seres fadados a experiências múltiplas no corpo físico, podemos deduzir que as infinitas experiências representam para nós uma somatória de ensinamentos capazes de, no momento oportuno, eclodir em forma de respostas inconscientemente procuradas.

Antes de minha aceitação da teoria espírita, eu era pouco complacente, algo vaidoso, autossuficiente e tinha muita dificuldade em perdoar. Fazia da ironia uma regra de conduta e do orgulho intelectual um escudo. Depois, é claro, minha personalidade sofreu grandes transformações. Naturalmente ainda tenho sequelas do passado, mas quem não as tem? Percebi, contudo, que havia dado um grande passo no meu processo evolutivo. (SOUTO MAIOR, 2001, p. 8).

Depois daquele ano que marca o encontro entre Armando Souto Maior e Carlos Roberto Campetti, Armando procurou viver os doze anos seguintes que lhe restariam de vida

física e os primeiros de nova roupagem espiritual, de maneira integral: além de fundar o centro espírita mencionado e o Jornal Espírita de Pernambuco – de Outubro de 1996 a setembro de 2005, totalizando 97 números e 9 anos –, fundou também uma casa de acolhimento de crianças com deficiência, em situação de risco social e vítimas de violência doméstica, a Casa dos Amigos⁴⁰.

Imagem 2 – Armando Souto Maior junto às crianças da “Casa dos Amigos”, que ele mesmo fundou, no Recife (PE), no bairro do Campo Grande



Fonte: Arquivo pessoal de Fernanda Meira-Wienskoski (sem registro de data).

Assim, do autor orgânico, viril e desejoso de carne das obras literárias citadas na primeira nota deste tópico, e que lhe renderam prêmios na área, ao plácido, desamarrado e reflexivo da última obra que publicou antes de morrer, uma vaga lembrança do primeiro nos invade, resultado da transformação interna sofrida por Armando Souto Maior, já bem menos preocupado com os estilos que poderiam lhe dar destaque, mas, bem mais voltado para uma fenomenologia que lhe oferecesse graças em outro mundo... Já não mais o das vaidades!⁴¹

⁴⁰ Essa instituição, não governamental e sem fins lucrativos desde sua origem, segundo pessoas que conviveram com Armando Souto Maior, era considerada “a menina dos seus olhos”. Hoje ela ainda existe, no mesmo local, no bairro do Campo Grande, no Recife. É dirigida desde 2006, ano da morte de seu fundador, por funcionários e voluntários, em parceria com o Juizado e Conselhos Tutelares do Recife. Hoje seu nome é “Lar Rejane Marques” e foi reconhecida pelo presidente da Câmara Municipal do Recife como entidade de utilidade pública, como forma de dar notoriedade ao trabalho social que lá vem sendo desenvolvido, apesar das imensas dificuldades que lhe assolam.

⁴¹ Simbolicamente, o último livro que Armando Souto Maior publicou foi “Antes e Depois de Kardec” (2006), pouco antes de seu falecimento, direcionando toda a sua erudição e desenvoltura no conhecimento historiográfico para a fundamentação de uma história do Espiritismo. Desde os primeiros vestígios arqueológicos da relação do homem com os espíritos, até revelar-se em sua totalidade em meados do século XIX, o autor em questão demonstrando ser este um fenômeno natural da humanidade em suas relações com a realidade espiritual.

Jamais teremos certeza dos labirintos íntimos através dos quais uma alma em ebulição passou antes de decidir perverter a acomodação a partir da qual se firmava no mundo e nas relações⁴², mas um trabalho de dedução pode ser válido, principalmente em se tratando de um homem que transitou toda uma vida em terreno arenoso e irregular, tal como o da intelectualidade, referência pessoal e profissional do historiador Armando Souto Maior.

A figura de linguagem em que assemelhamos a erudição a uma inconsistência é bem mais na intenção de demarcar as impressões que esta deixa no mundo e nas pessoas quando falamos de relações verdadeiras, do que naquelas em que o móvel se dá em desfile por vezes vazio daquilo que realmente nos alimenta por dentro.

Comenius, não por acaso, dedicou reflexão aos que ele chamou “eruditos e cientistas”, e a indagação é mais que justa a propósito do que é importante no terreno do conhecimento: “O que é necessário para o homem em si?”, ao que ele mesmo responde exaltando a sabedoria como aquela responsável por dar ao homem a razão para bem utilizar as coisas, pois “[...] de nada serve ao enfermo uma cama de ouro, nem a um tolo uma fortuna esplêndida” (COMENIUS, 2015, p. 87); mas, para que bem possamos nos utilizar das coisas, faz-se necessário que estejamos voltados para a palavra divina, observando, portanto, aquilo que é essencial.

E a supremacia do conhecimento intelectual sobre a essencialidade das coisas e das pessoas acarreta um ofuscamento dos intelectuais em si mesmos, reduzindo relações verdadeiras a explanações e condutas malsãs: “Encantados com suas próprias suposições, em vez de adorar o sol, contentam-se em adorar as faíscas de sua mente, e ainda pretendem que os demais também o façam. Essa é a fonte de todas as afirmações e contestações denominadas de controvérsias ou ‘disputas científicas’” (COMENIUS, 2015, p. 90).

O trabalho do biógrafo, portanto, traduz-se num verdadeiro garimpar – para utilizar uma linguagem um tanto quanto arqueológica – de sentimentos e sensações daqueles que são peças importantes no mosaico da vida do biografado, expressão de uma história que se escolhe narrar como uma trama romanesca.

É desta maneira que vemos a História: muito menos um fato disponível objetivamente e mais uma trama entendida como a ação subjetiva dos sujeitos circunscrita

⁴² Por isso, certas biografias, apesar de, por exemplo, tratarem com mais sentimento de um fenômeno tão peculiar quanto a conversão, parecem desconectar-se da essencialidade do acontecimento na vida do biografado, tal como em Le Goff (2012). No afã de narrar uma vida em um contexto e a transformação empreendida por esta à sociedade de sua época, conhecemos um Francisco em meio às transformações da sociedade feudal, às tensões junto à ordem franciscana e a influência desta nos modelos culturais do século XIII, mas, bem pouco do universo íntimo, dos conflitos que o levam a romper com o “jazigo” familiar e financeiro que estava fadado a herdar.

num tempo, que muitas vezes não é cronológico, e numa sociedade, constituindo-se, mesmo assim, tão humanos quanto um drama ou um romance podem ser (VEYNE, 2014).

4.3 Doutrina Espírita e Protestantismo: a colaboração sem fronteiras

Quando Armando Souto Maior esteve em Fortaleza, em 1997, a convite da Universidade Estadual do Ceará, por ocasião das comemorações, no meio historiográfico, dos 100 anos da revolta popular de Canudos, este portava exemplares do jornal de cunho espírita que fundou na capital pernambucana, o *Jornal Espírita de Pernambuco*.

Imagem 3 – Armando Souto Maior, em 1997, em Fortaleza (CE)



Fonte: Arquivo pessoal de Luciano Klein Filho (1994).

Ao lado de um amigo que apenas quando já se tornara espírita viria a reconhecer como um “irmão”, Humberto Vasconcelos, editou e distribuiu este contributo à história do Espiritismo em seus níveis regional, nacional e internacional durante todos os anos de existência do periódico.

Além dos colaboradores pernambucanos do jornal em questão, Armando Souto Maior, homem de extensas relações que era, procurou envolver amigos dos mais variados locais, desde os estados vizinhos Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba, à distante terra do tio Sam – Estados Unidos da América –, palco da sua “rendição final” aos preceitos espíritas, três anos antes, nos nostálgicos episódios em torno da palestra de Carlos Campetti sobre *O Livro dos espíritos*, naquela noite não eternizada no tempo e narrada por nós no tópico anterior.

Encontramos registro de colaboração – na qualidade de correspondente e distribuidor – do nosso biografado ao jornal entre os anos 2000 e 2005⁴³, quando este vivia em Los Angeles, na Califórnia e, também, em Assunção, no Paraguai; assim, uma vez importante no processo de transformação espiritual de Armando, Carlos passa a colaborar em uma de suas efetivas realizações de divulgação da Doutrina Espírita.

Por força das atividades profissionais da esposa, Carlos Campetti morou em vários países, sempre trabalhando pela divulgação do Espiritismo, tal como a colaboração no Jornal Espírita de Pernambuco e outras atividades congêneres. Sobre os anos que viveu em Los Angeles e Paraguai, ele próprio narra: “Quando foi no final de 1999, nós fomos então para Los Angeles. [...] então, ficamos ali do ano 2000 até praticamente final de 2002, e então nós saímos para o Paraguai e ficamos ali no Paraguai durante dois anos apenas. Então saímos para a Coréia do Sul, pra Seul [...]”⁴⁴.

Interessa comentarmos, em sucintas linhas, antes de nos determos no encontro anunciado neste tópico, a importância do jornal para Armando Souto Maior, tanto como historiador quanto para o divulgador irrequieto e contundente das concepções sobre as relações mantidas “entre o céu e a terra” e sua conexão com a Educação, que é o espaço que sempre procuraremos demarcar.

Meio de divulgação impresso, os chamados periódicos, sempre proliferaram em nosso país, em especial nos efervescentes anos que marcam o agri-doce período da *Belle Époque*, no mundo ocidental, forma também bastante utilizada pelos espíritas para expressar seus conceitos, bem como para responder às críticas e resguardar a classe de ataques muito comuns em fins do século XIX e início do XX.

Abolição da escravatura, mudança do regime monárquico para a tão desejada República, propagandas genéricas, serviços médicos, medicamentos, cartomancia, secas, enchentes, bate-boca de comadres e de desafetos políticos, enfim, os mais variados gêneros de acontecimentos estavam na boca, ou melhor, nos olhos do povo.

Assim foi que a Doutrina Espírita também passou a utilizar os referidos meios para delimitar seu território em relação a ataques ou desconhecimento de suas práticas e fundamentos, bem como para dirimir a confusão histórica de seus preceitos com as demais

⁴³ Segundo está registrado pelo próprio punho do amigo e diretor do jornal supracitado, Humberto Vasconcelos, o último mês e ano de sua publicação foi setembro de 2005, onze meses antes da morte de Armando Souto Maior, em agosto de 2006. Fazemos esta consideração, pois, o último número do jornal que fez referência ao ano foi o de número 66, ano VI, em fevereiro de 2002, e a informação está registrada a mão nas páginas do jornal que, desde o primeiro número foi colecionado pelo amigo e diretor mencionado, e que este gentilmente nos ofereceu para que compulsássemos sem pressa no decurso de nosso trabalho.

⁴⁴ Trecho da entrevista concedida à pesquisadora no dia 7 de novembro de 2013, na FEB, em Brasília (DF), e que fundamentará nossa a escrita do trabalho biográfico sobre Carlos Roberto Campetti.

religiões de matriz afro, que proliferavam pela capital do Império e demais regiões do nosso país (MACHADO, 1996)⁴⁵.

Dessa forma, de porta voz de homens, fatos, feitos e consciências, o periódico adquire relevo inexorável entre os que transitam no universo historiográfico, na qualidade de profissionais, cujo ofício se prolonga na extensão mesma da soberania do documento quase à moda de monumento, paisagem estanque dos processos humanos, eternizados pela sacralidade de suas realizações eleitas seletivamente e dispostas estrategicamente nas bibliotecas (LE GOFF, 2003)⁴⁶.

Com a escola positivista, o documento triunfa. O seu triunfo, como bem o exprimiu Fustel de Coulanges, coincide com o do texto. A partir de então, todo historiador que trate de historiografia ou do mister de historiador recordará que é indispensável o recurso ao documento. (LE GOFF, 2003, p. 529).

Então, apesar das dificuldades em admitir uma desconcertante e imbatível funcionalidade dos jornais/periódicos, principalmente no que remete à presença da Escola dos *Annales* no contexto dessas discussões⁴⁷, os documentos em questão jamais passaram incólumes, principalmente por sua fácil aceitação nas sociedades, grupos e segmentos sociais que os veiculam.

Para além de discussões sobre validade, pertinência, empiria de documentos e sua permanência no meio historiográfico, cumpre pensarmos “sem fronteiras”, desconstruindo a racionalidade que usualmente reveste os conceitos, com vistas a adotar um outro olhar sobre este processo tão íntimo ao historiador, mas que, mesmo no *frenesi* que alimenta a relação existente entre este e seus pares, a vida não cessa de pulsar, nutrindo as relações nos infinitos encontros embora relegados à acessórios daquilo que é verdadeiramente basilar.

Diante disso, invade-nos uma interrogação: e quando os encontros assumem *status* de documento?

Tal é a ideia que fazemos da história que narraremos brevemente a seguir, pois, unidos por aquilo que é substancial na carreira acadêmica – da mesma maneira que dois historiadores se afinam naquilo que é comum ao seu universo –, dois homens se encontraram e, quando seus momentos e posições pareciam diametralmente opostos, tanto

⁴⁵ Um dos órgãos mais antigos de divulgação do Espiritismo – o Reformador – foi criado em 1883 por iniciativa de um português radicado no Brasil, o fotógrafo Augusto Elias da Silva, e é publicado pela Federação Espírita Brasileira até hoje (SANTOS, 2004).

⁴⁶ Neste instante, concebemos periódico e documento como sinônimos.

⁴⁷ Sobre as construções e desconstruções da História, ao longo da história, tendo em vista sua relação com os periódicos, ver Luca (2014).

mais seus destinos se entrecruzaram, numa comunhão regada à solidariedade universal⁴⁸. “[...] na escala da vida, todas as almas estão unidas por múltiplas relações. A solidariedade que as liga funda-se em identidade de sua natureza, na igualdade de seus sofrimentos através dos tempos, na similitude de seus destinos e de seus fins” (DENIS, 2014, p. 32).

O ano era 1997...

Enquanto Armando Souto Maior carregava resolutamente o calhamaço de jornais, destinados à divulgação de notícias sobre os movimentos espíritas pernambucano, nacional e internacional, em meio ao astro-rei sempre inclemente da capital cearense – Fortaleza, a loira desposada do Sol –, não imaginava que dias antes um homem que viria a se tornar seu orientando de doutorado⁴⁹ tivera uma conversa com aquele que denomina “seu chefe”.

O ato de contrição, o clamor íntimo endereçado ao alto, revelam a alma discreta nos chamados da fé e da emancipação na transcendência do ser, em contraponto ao materialismo religioso que forçou uma reforma de homens e consciências ao longo de sua trajetória na marcha histórica que lhes é peculiar.

Não é demais relacionarmos aquele momento de intimidade e entrega do futuro orientando de Armando Souto Maior com os vividos por um destacado apóstolo da reconstrução religiosa dos árduos tempos medievos, Martinho Lutero, pelo muito que se tornou e edificou resultado dos anos de reclusão, sob uma tutela de si, um estado de confinamento íntimo que se impôs ao que, ao término, um novo homem surgiu se não pronto para as transformações que haveria de empreender, pelo menos certo de que elas urgiam acontecer.

Lucien Febvre escreveu uma biografia afeita à suspeição da profundidade interna do homem que ora emoldura a atitude e o encontro que relatamos, muito equilibrada na proposta ética de escrever – tendo em rota tão visitada vida – a biografia que é possível, “uma versão plausível” (FEBVRE, 2012, p. 54), sendo esta tanto mais profunda quando fruto de uma cogitação interna e refletida do biógrafo, humilde dedução especialmente quando se trata de uma personalidade residente em outros momentos da história, louvável coerência quando admite-se ser impossível “[...] dominar a singularidade irreduzível de uma vida” (BORGES, 2014, p. 216).

⁴⁸ Esta história me foi narrada por meu orientador, professor Rui Martinho Rodrigues, em conversa informal, mas, com a profundidade necessária para desencadear em nós a relação que ora sustentamos e que fundamenta nossa mudança de objeto, logo após a primeira qualificação do nosso primeiro projeto de tese.

⁴⁹ No Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Assim, o estado de intimidade espiritual que nasce na clausura remete Lutero a um encontro doloroso consigo mesmo, mas, extremamente fértil para que pudesse compor o quadro das urgências e práticas religiosas/espirituais que alimentam a alma – segundo suas concepções –, sobretudo a alma ferida existencialmente pelas moléstias do mundo material.

Na manhã de 17 de julho de 1505, um jovem laico transpunha a porta do convento dos agostinianos de Erfurt. Tinha 22 anos. Chamava-se Martinho Lutero. Surdo às objeções de um círculo familiar que vislumbra para ele, como coroamento de estudos universitários bem iniciados, alguma carreira temporal lucrativa, ia buscar naquele claustro um refúgio contra os males e perigos do século. [...] [...] não tivesse Martinho Lutero vestido esse hábito menosprezado pelos práticos burgueses, não tivesse vivido no convento por mais de quinze anos, não tivesse tido a experiência pessoal, dolorosa, da vida monástica, ele não teria sido Martinho Lutero. (FEBVRE, 2012, p. 25).

Percebamos que grandes almas recorrem a estados de reclusão na ânsia de remediar seus conflitos íntimos e responder às buscas espirituais nascidas da fé e da esperança⁵⁰ de que sejam atendidas suas necessidades, mesmo as mais improváveis, tal a experimentada por um homem que, vendo suas possibilidades acadêmicas se esvaírem, decide recorrer ao “arquiteto” deste mundo caótico, porém, organizado sob uma lógica não residente na limitada ação humana.

Na noite do encontro – após a apresentação do livro da professora Gabriela Martin⁵¹ que ele não tivera tempo de degustar intelectualmente com o esmero devido – veio o convite de Armando Souto Maior para que ele fizesse o doutorado no programa fundado pelo reconhecido historiador, desde já constituindo uma banca que o apoiaria, fosse este o empecilho por suas inclinações acadêmicas já se direcionarem para outra área de pesquisa, diversa da pesquisa daquele que viria a ser, em breves tempos – após aquele fugaz encontro, e da cabível seleção – seu aluno, nascendo ali uma relação cortês e reservada.

Os homens se encontram, e junto com eles suas necessidades.

Aproveitemos o ensejo para relacionar tais fatos a uma das ideias importantes que sustentam nossa proposta de tese, qual seja, o de solidariedade universal⁵², base que

⁵⁰ Enquanto a esperança seria “[...] o impulso primordial da vida, ou seja, a mola que leva o ser humano a transcender o presente em direção ao futuro” (ABBAGNANO, 2012, p. 412), a fé, numa perspectiva de natureza moral – recorte mais apropriado para nossas considerações – seria, segundo São Paulo, “[...] a garantia das coisas esperadas e a prova das que não se veem” (ABBAGNANO, 2012, p. 502), disposições do ser que busca uma transcendência em sua ligação com o divino, na consecução das suas realizações cotidianas, dando nova conotação a estas e seguindo uma construção que não extingue a potência sagrada como força realizadora.

⁵¹ Esposa de Armando Souto Maior, arqueóloga, professora da UFPE e do mesmo programa de pós-graduação que o marido à época, lançava naquele dia o livro *Pré-História do Nordeste do Brasil* (Editora Universitária UFPE), apresentado pelo professor Rui Martinho Rodrigues.

⁵² Solidariedade universal é a base fundamental que reverbera na categoria de “Educação Universal”, que será discutida e analisada mais amiudadamente no capítulo sobre “A Internacionalização da Doutrina Espírita”,

fundamentará a pedagogia moderna de Comenius, pois, visando a uma Educação Universal, o homem terá que necessariamente exercitá-la partindo de “fortes ideais filosóficos e político-religiosos”, de forma que o século no qual está nascente a orientação comeniana firma-se como “[...] um modelo de pedagogia explicitamente epistemológico e socialmente engajado” (CAMBI, 1999, p. 281).

Mas, ao lado dos ideais educacionais do educador da Morávia, a figura de Martinho Lutero⁵³ ainda possui cores fortes em nossa mente, então, dos séculos difíceis da conhecida Idade Média, regaço da Educação europeia cristã, da gestação do homem e do mundo moderno, mas, também, de personalidades com forte envolvimento religioso, mas, “paradoxalmente”, mais forte envolvimento com as mal faladas bruxarias – Joana d’Arc –, séculos que assistem o despontar humanista-cristão-reformado do homem Lutero⁵⁴:

[...] a diferença que é típica da Idade Média em relação ao Antigo e ao Moderno, e que gira em torno do princípio religioso que anima em profundidade e em todas as direções a identidade da Idade Média. Diferença antropológica (o homem medieval é o *Homo hierarquicus* e não o *Homo aequalis* dos modernos), diferença política (pelo dualismo dos poderes em luta: Igreja e Império; pelo espírito supranacional que anima aquela época, e a aproxima dos problemas atuais mais que dos problemas atuais mais que dos problemas do Moderno), diferença cultural (não secularizada, não laicizada; retórica e lógica, mas não científica). Quanto à valorização/exaltação, são os aspectos de comunidade, de internacionalismo, de coesão espiritual e de tensão ideal (pense-se nas Cruzadas, na Cavalaria), de vida de fé, mas também de espírito mundano, até mesmo radicalmente mundano, que são colocados no centro da interpretação da Idade Média, reconhecendo seu pluralismo e, ao mesmo tempo, a forte conotação unitária que a torna uma época permeada de contrastes, [...], caracterizada pelo pluralismo, mas também concentrada em torno de estruturas constantes (a Igreja, a Fé, a consciência cristã). (CAMBI, 1999, p. 143).

que trata das atividades de divulgação de Carlos Roberto Campetti no exterior, foco das notas biográficas sobre a sua “Vida Adulta”.

⁵³ Não poderíamos perder a oportunidade de introduzir as considerações de nosso orientador a propósito de Martinho Lutero. Figura situada na transição entre a Idade Média e a Modernidade, de acordo com Martinho Rodrigues, em consideração, “Lutero é uma figura típica da modernidade. Defendeu o livre exame, com o que abriu a porta do humanismo; e defendeu o livre arbítrio, introduzindo a individualidade, que não era reconhecida antes; defendeu o reconhecimento do indivíduo como sujeito da ação social; defendeu o fim da tutela da Igreja sobre pesquisadores. O homem pertencia à família, ao reino e à igreja. Lutero via o homem como pertencendo a si mesmo”. Com a expressiva capacidade de síntese que marca a personalidade do orientador desse trabalho, os atributos elencados a propósito do pastor protestante revelam porque o Espiritismo bebeu nas fontes do Protestantismo, sendo este um benefício salutar, pois que toda a experiência espírita se fundamenta na liberdade do autoexame, das escolhas, na observância de uma interioridade à moda “conhece-te a ti mesmo”, baliza fundamental para o conhecimento e o reconhecimento dos intervenientes e da evolução pessoal promovida pelo intercâmbio com os seres domiciliados no espaço extracorpóreo. Apesar de Lutero não ser unanimidade entre os adeptos do Protestantismo, sua presença marca de maneira indelével a história do Cristianismo, inaugurando uma espiritualidade nascida sem mediações, que aflora na intimidade do homem com o Criador; e, a biografia escrita por Lucien Febvre consegue captar, mesmo que se aproximando da ficção.

⁵⁴ Apesar de Martinho Lutero situar-se num período de transição da Idade Média para a Idade Moderna, para fins didáticos, adotamos o período medieval e suas características religiosas, culturais, antropológicas, políticas, para tratar da referida personalidade.

Chegamos aos ventos que sopram a renovação das ideias em consciências modernas, e endereçamos agora um olhar ao universo que envolve Comenius:

Um século trágico, contraditório, confuso e problemático, que manifesta características frequentemente antinômicas (guerras e revoltas quase endêmicas e profundas aspirações à paz; racionalismo e superstição; classicismo e barroco; absolutismo e sociedade burguesa com seus aspectos de individualismo, jusnaturalismo etc.), mas que opera uma séria de reviravoltas na história ocidental, as quais mudaram profundamente sua identidade, como o Estado moderno, a nova ciência, a economia capitalista; e ainda: a secularização, a institucionalização da sociedade, a cultura laica e a civilização das boas maneiras. (CAMBI, 1999, p. 277).

Vemos que a distância dos anos que separam Martinho Lutero de Jan Amos Comenius podem, ainda assim, nos permitir aproximá-los, pois, se um mergulhou num inferno íntimo em meio aos apelos sociais e culturais desconexos naqueles anos medievos, o outro, de igual parte, sob o fogo ardente das transformações que inauguram a modernidade, realiza esta visita desconcertante aos labirintos do mundo para descobrir que é nos paraísos da alma que reside a paz.

Tanto um quanto outro personagem marcam vigorosamente o pensamento religioso/educacional moderno, donde jamais a história do Cristianismo pode ser contada sem reportar-se àquele homem que exemplifica que o encontro com Deus se dá na intimidade do coração, obtendo assim sua graça suprema, nem esquecer-se daquele que aprende por si mesmo, após as chagas conquistadas pela caminhada na vida que “[...] enquanto estiveres no mundo, goza as coisas terrestres, mas ama as celestes” (COMENIUS, 2011b, p. 168).

Em que essas notas sobre esses dois grandes vultos se assemelham ao encontro entre Armando Souto Maior e Rui Martinho Rodrigues? Ora, um encontro de pensamentos, apesar de distante pelas contingências geográficas e históricas, pode ser mais significativo, deixando raízes mais profundas, que um encontro presencial entre mentes que não se voltam para os valores eternos do ser.

Se o encontro narrado firmou raízes sobre bases firmes, jamais saberemos, pois, o que é essencial, e que nos esforçamos para demarcar nestas reflexões que findam junto com aquele encontro – embora eternizado na memória de quem o viveu – é que na presença ou na distância física, podemos ter uma consonância de nobres propósitos, cabendo àquele que interessa fazer essa comunhão, ou aos próprios envolvidos, a disposição fraterna de escrever uma história sobre pilares sólidos de solidariedade e ética.

4.4 Protestantismo e Doutrina Espírita: reescrevamos essa história...

Imagem 4 – Rui Martinho Rodrigues e Gabrielle Bessa, na Faculdade de Educação



Fonte: Arquivo Pessoal de Jeimes Mazza (2015).

Quando ascendemos aos domínios mais plenos das qualidades superiores da alma, lenta e profundamente passamos a orientar nossas escolhas a serviço de uma liberdade que se projeta no mundo através de sua liberdade irrestrita, porém, mediada pela força maior que sabe o que se passa na intimidade da nossa alma e conhece nossos desejos mais ocultos, aqueles que nem mesmo nós ousamos publicar em nossa consciência.

Liberdade que se traduz nas expressões infinitas do ser, em suas igualmente infinitas experiências no espaço que o envolve e permite sua livre sementeira na medida mesma de sua responsabilidade divina, íntima e social.

Não nos enganemos, este é um ato educativo, uma educação experimental e de contenção de sugestões inconscientes quando, ainda nas malhas inferiores de si, o ser em desenvolvimento necessita de regras mais firmes e que ofereçam um limite mais severo para aquele que ainda não pode exercer em sua plenitude o estar na vida, em relação com seus pares.

O espírito só está verdadeiramente preparado para a liberdade no dia em que as leis universais, que lhe são externas, se tornem internas e conscientes pelo próprio fato de sua evolução. [...] Daí em diante já não precisará do constrangimento e da autoridade sociais para corrigir-se. (DENIS, 2013, p. 323).

De um processo que se estende da infância do espírito à sua maturidade, o movimento é semelhante ao que encontramos na vida física, lapso de tempo em que o homem

se encontra em jornada evolutiva, sujeito às intervenções da carne que, limando-lhe as imperfeições, lentamente o transforma em alguém mais maduro e apto a utilizar em plenitude suas potencialidades. Vejamos uma bela analogia:

[...] as pedras foram-nos dadas para servirem à construção de casas, torres, muros, colunas, etc.; no entanto só servirão se forem talhadas, limpas e esquadradas pelas nossas mãos. Assim, as pérolas e as gemas, destinadas aos ornamentos humanos, são talhadas, raspadas e polidas pelos homens; os metais, produzidos para importantíssimos usos em nossa vida, devem ser desenterrados, liquefeitos, depurados e de vários modos fundidos e trabalhados, pois do contrário ser-nos-ão menos úteis que o lodo da terra. (COMENIUS, 2011b, p. 72).

É no trabalho de burilamento íntimo, através da autoeducação de nossos sentidos, que nos tornamos mais adultos espiritualmente. Assim, desta liberdade de ação e pensamento, filha primogênita da racionalidade conquistada a passos ziguezagueantes no avanço da civilização, eis que surge um modelo de pensamento mais profundo sobre as destinações do homem, aproximando-o de suas inquietações, em meio a conceitos tal como o de fé raciocinada, cunhado por Allan Kardec (2013).

Vejamos especificamente como ele pensou a união entre fé e razão, dois conceitos historicamente diametralmente opostos pela racionalização estreita do homem:

Do ponto de vista religioso, a fé consiste em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões. Todas elas têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, a fé pode ser *raciocinada* ou *cega*. Nada examinando, a fé aceita, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. [...] A resistência do incrédulo, devemos convir, muitas vezes provém menos dele do que da maneira por que lhe apresentam as coisas. A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo que se deve crer. E, para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, *compreender*. A fé cega já não é deste século, tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz o maior número de incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que se pode, com verdade, dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma de vago, que dá nascimento à dúvida. A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade*. (KARDEC, 2013, p. 254-255).

Daí para diante, já não somos mais aqueles geridos por uma causalidade externa, mas, auto gestores de nossas escolhas, colhendo o resultado dos equívocos, quando estes nos assolarem as deduções, mas, de igual monta, a realização indelevelmente satisfeita pelos acertos da estrada, ou seja, tratam-se estes, inegavelmente, de um problema de nossa ação no mundo, quer estejamos a refletir sob um ponto de vista existencial, quer sobre os revezes de uma prática, um ofício.

Sempre haveremos de ser convidados a escolher, e é sobre esta escolha, cujo preâmbulo nos detemos nos termos reflexivos que ora expomos, que esmiuçaremos mais à frente, sinalizando que, mesmo quando pensamos optar por algo que ainda haverá de ser construído por nós – o que em parte é verdade –, este algo já compõe um planejamento, uma organização aparentemente feita à nossa revelia, pois que a perfeição dos resultados, quando os analisamos segundo a potência de nossas capacidades cognitivas maduras, revela ser o fruto de uma arquitetura bem mais harmônica do que a criatividade humana jamais sonhou em conceber.

O universo continua calmo. É o equilíbrio absoluto; é a majestade de um poder misterioso, de uma inteligência que não se impõe, que se esconde no seio das coisas, e cuja presença se revela ao pensamento e ao coração, e que atrai o pesquisador qual a vertigem do abismo. [...] O mesmo acontece às coisas morais. Nossas existências se desenrolam e os acontecimentos se sucedem sem ligação aparente, mas a imanente justiça domina ao alto e regula nossos destinos segundo um princípio imutável, pelo qual tudo se encadeia em uma série de causas e efeitos. Seu conjunto constitui uma harmonia que o espírito emancipado de preconceitos, iluminado por um raio da sabedoria, descobre e admira. (DENIS, 2014, p. 19).

Certas palavras são tão soberanas que se torna difícil traduzi-las, pois incorremos no erro de não sermos tão fidedignos quanto as mesmas exigem que sejamos, dada a sua beleza.

O ano era 2006...

Da afirmação madura de convicções naquele momento ainda estreitamente acadêmicas à entrada numa Faculdade de Educação na ânsia de concretizar um sonho de formação, vemos que o indicativo supremo do livre arbítrio que acreditamos ser uma dádiva educativa de Deus – e que tão magistralmente se delineou quando buscávamos algo que nem sabíamos ser tão profundo – assumiu prerrogativa ímpar em nossa vida.

Partindo da premissa básica de que somos célula individual a compor o quadro de uma unidade coletiva universal, é apenas através de nossas livres ações no mundo que transitamos ao encontro daqueles que atestam que a afinidade transcende os laços biológicos, ou seja:

[...] à primeira vista, a liberdade do homem parece muito limitada no círculo de fatalidades que o encerra: necessidades físicas, condições sociais, interesses ou instintos. Mas, considerando a questão mais de perto, vê-se que essa liberdade é sempre suficiente para permitir que a alma quebre este círculo e escape às forças opressoras. (DENIS, 2013, p. 319).

Na quebra dessas condições primevas, partimos em busca de construir nosso destino, então, temos aí dois grandes desafios que se apresentam neste processo: além de sermos sepultados nos, por vezes, sufocantes laços da matéria – condição da qual nenhum de nós pode fugir – ainda amargamos o fel das distâncias em decorrência das escolhas religiosas.

Mas, vejamos que o referido “fel” é apenas a ponta de um aparentemente inofensivo *iceberg*, pois, antes de encerrar um problema de ordem religiosa, encerra um problema de ordem relacional da própria área do conhecimento em suas matrizes fundantes, de natureza estrutural, sobre o qual se assenta a Educação: qual, na essência, o epicentro de suas preocupações?

Sendo de grande dificuldade a resposta a esta pergunta eminentemente de caráter filosófico, ainda tateamos na revelação que tal indagação nos suscita, de modo a considerarmos sua cogitação uma possibilidade ainda pouco instituída, mesmo para educadores formados e atuantes; mas, em Pires (2008, p. 58-59), o horizonte descortina-se mais claramente disposto, indicando um norte aos que se ocupam de pensar a Educação sob bases mais coerentes, buscando no homem seu princípio, meio e fim: “É evidente que as dimensões da educação decorrem das dimensões do homem. Se o homem pode ser encarado, tanto espiritual como socialmente, numa perspectiva de sucessões dimensionais, então o processo educativo também será susceptível dessa visualização”.

Desta feita, sendo o homem o centro malmente descoberto das responsabilidades da Educação e possuidor de dimensões negligenciadas ao longo da história das ciências, nas disciplinas que o esquadrinharam e compartimentalizaram, inviabilizando, para além do diálogo entre elas, o diálogo do próprio ser com seus traços constitutivos, o resultado de tal processo jamais seria menos cruel no que diz respeito à sua condição espiritual/religiosa na relação com seus pares.

Sobre tal disciplinarização, o regime – se assim pudermos chamar – que escravizou e interrogou os corpos (FOUCAULT, 1988), portanto, foi o mesmo que escravizou as mentes e as relações, donde só lamentamos que, da mesma forma que a loucura originou a psiquiatria naquele período⁵⁵, deveria o homem ter originado a Educação, ou seja, que esta partisse do seu ponto de vista, e não de fundamentos externos a ele.

Assim, temos um movimento de escravidão das mentes, num momento de aprofundamento e chancela do materialismo, impulsionado em muito pelo advento feroz da

⁵⁵ Sobre o esquadrinhamento das cidades e dos corpos, bem como o nascimento da psiquiatria, ver “O nascimento da medicina social” e “O nascimento do hospital”, respectivamente (FOUCAULT, 1979).

tecnologia em irmandade plenamente afim com a Ciência, tornando-se a época moderna o grande trunfo que o fosso sectário das religiões precisava para fincar a sua bandeira⁵⁶.

Recuando um pouco no tempo voltamos à idade média, não menos cruel, mas, um momento da história em que “[...] o império religioso desenvolveu-se em plano racional e crítico, elaborando a autonomia mais completa do pensamento que eclodiria na Renascença” (PIRES, 2008, p. 59). Ao fazermos um rasante através dos recursos da memória, pelos acontecimentos e almas daquele período, deparamo-nos com Martinho Lutero.

Nome de peso na reforma protestante, Lutero desbravou as trilhas inclementes da tradição religiosa, abrindo campo, como seu predecessor e fonte de inspiração, Yan Huss, abriu para ele próprio espaço para uma reforma estrutural da religião que, séculos mais tarde viria a ser, de mesma feita, a mola propulsora da abertura das mentes aos postulados espíritas.

O codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, é importante informarmos, também se formou através de uma mente do protestantismo corrente: Heinrich Pestalozzi, aliando seu olhar de pesquisador aos preceitos da pedagogia de amor do controverso protestante.

Mas, longe de equipararmos o encontro entre duas tão grandes almas da Educação Clássica como o que aqui destacamos, também, nem de longe podemos desqualificar a riqueza dos anos de formação e a importância que o diálogo inter-religioso nos proporcionou, desaguando na tese cujos fundamentos de uma Educação que beba em suas características primeiras, vislumbramos através da vida de Carlos Roberto Campetti.

Em palestra na cidade de Tomelloso, na Espanha, em 3 de outubro de 2011⁵⁷, nosso biografado realça a importância da ação de Martinho Lutero – donde uma das suas ações de fundamental importância foi a tradução da Bíblia para o alemão – para a consolidação do Espiritismo séculos mais tarde.

Foi necessária a ação luterana para que o povo tivesse acesso direto aos ensinamentos de Jesus contidos nos evangelhos, para aprenderem a interpretá-los e, com isso, se tornassem mais maleáveis, “[...] mais abertos, mais flexíveis para a possibilidade de aceitar

⁵⁶ Discussão já contemplada no item 3.2 desta tese, mas, a título de complemento, tais acontecimentos geraram o desconforto que veria na laicidade da Educação a fuga – mas, a nosso ver, a grande desculpa – para um universo social, cultural, que ofereceria mais garantias de não esbarrar em terreno arenoso das divergências em função da Religião.

⁵⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fxpdmre9zm>>.

a realidade da existência da comunicação entre os espíritos, da reencarnação como oportunidade de evolução espiritual”⁵⁸.

De acordo com Martinho Rodrigues⁵⁹:

A reforma protestante, ao estabelecer o livre exame das escrituras (que seria a base da liberdade de consciência), o livre arbítrio (que reforçaria muito a ideia de liberdades políticas) e a doutrina da responsabilidade individual (e com ela a individualidade que seria o alicerce dos direitos individuais) escancarou a porta para o humanismo, que tem o sentido de respeito pelo pensamento secular e pela divergência, facilitando a difusão de todo tipo de doutrina.

Aqui podemos abrir um parêntese para uma discussão mais abrangente e importante em termos do sujeito nascente da Modernidade, que surgia de mãos dadas com o acesso mais democratizado às ditas sagradas escrituras, mas, que também, junto com a secularização, forjou o fenômeno que Figueiredo (1994) nomeou de “gestação do espaço psicológico”.

No quesito reforma – contraponto dos séculos renascentistas, identificados nostalgicamente “[...] por Cervantes (1547-1616), no famoso monólogo de Dom Quixote [...] ‘Ditosos e afortunados os séculos aqueles a que os antigos puseram o nome de dourados’” (FIGUEIREDO, 1994, p. 51) –, vemos como seu campo originário e gênese das incongruências a partir da desagregação da totalidade do mundo e das instituições de caráter fundamentalmente religioso foram, aos poucos, oportunizando que o psicológico emergisse.

Este nascimento seria o resultado da complexificação que as sociedades haveriam de experimentar (ELIAS, 1994), polifonia crescente que tomou conta dos quinhentos, como prévia e causa do que o velho mundo experimentaria nas reformas, protestante, em primeiro lugar, e católica, em seguida, represália e contraponto da primeira, informando que deste caos social e religioso, o mundo já não sairia o mesmo.

Figueiredo (1994, p. 28-29), portanto, explica-nos como a polifonia nascente nos séculos quinhentistas, reverbera na produção da individualidade que, da descoberta do outro radicalmente diferente, descobre, também, a necessidade de comunicação, nem sempre perfeita ou respeitosa – ainda, em alguns aspectos, belicosa e violenta –, mas já a individualidade em gérmen, que consideraria fundamental apropriar-se dos textos sagrados sem mediadores institucionais, abrindo espaço para o individualismo *a posteriori*:

⁵⁸ Trecho da palestra supramencionada, na Espanha.

⁵⁹ Em discussão de aspectos caros à reflexão desta tese e a este ponto em tela.

[...] o crescimento das atividades comerciais e os projetos de expansão da cristandade, por um lado, e o renovado interesse pelos textos sacros e filosóficos nas suas versões originais, por outro, já no século XIII tinham levado Roger Bacon (1214-1292) a insistir, na sua *Opus maius*, no estudo das línguas, dando para isso uma grande variedade de razões teóricas e práticas. Sabe-se, também, que a expansão do comércio ultramarino e a política colonialista de Portugal haviam determinado a necessidade de se considerar o estudo das línguas como essencial no campo das grandes navegações. O contato europeu com a Ásia, África e América, durante muito tempo a cargo de portugueses e, logo depois, espanhóis, não apenas alterou hábitos de toda a espécie na Europa (por exemplo, a difusão do tabagismo) como colocou frente a frente vozes e falas absolutamente distintas [...]. [...] É preciso um esforço intenso e disciplinado para enfrentar os conflitos de interpretação inerentes a uma atividade generalizada de tradução imposta pela multifacetada descoberta da alteridade intra e extra-europeia.

Voltando ao motivo de tão prolongada explanação, a retribuição, anos depois, pela convivência fraterna daqueles anos que, mesmo abraçando orientações religiosas diferentes, puderam desfrutar de momentos de evolução pessoal e acadêmica é expressa através desse registro, que constitui-se fragmento de uma história repleta de coincidências que foram sendo conhecidas aos poucos.

Vale lembrarmos que Hippolite Leon Denizard Rivail, mais tarde Allan Kardec, futuro codificador da Doutrina Espírita recebeu, das mãos de um educador protestante, Johann Heirinch Pestalozzi (SOUTO MAIOR, 2006), os elementos para, anos mais tarde, compilar assuntos da observação metódica que empreendeu sobre o fenômeno das mesas girantes, ou dançantes, que aconteciam nas reuniões que a burguesia francesa estimava fazer.

A formação recebida por Allan Kardec das mãos do professor Pestalozzi jamais foi impedimento para que, anos mais tarde, já maduro, na aurora dos seus anos, ele se debruçasse sobre as apresentações que deram a base necessária à organização da proposta espírita, ou as visse com preconceito e desdém, atitudes pouco esperadas de um pesquisador, de um homem da ciência.

O grande educador Pestalozzi conviveu com professores calvinistas e luteranos, mas sempre se colocou equidistante dos preconceitos e fanatismos de suas posições religiosas. Dava, como homem inteligente que era, valor relativo à Bíblia [...]. O grande mestre de Yverdon era formalmente protestante, mas tendo uma mente aberta, seu cristianismo era tolerante, admitindo um Deus de amor [...]. (SOUTO MAIOR, 2006, p. 113).

Tal como a Doutrina Espírita nasce da curiosidade de três jovens americanas protestantes – Leah, Margareth e Kate –, esta tese só pôde concebida a partir do encontro entre um orientador protestante e uma orientanda espírita, resultando numa comunhão oportuna e não excludente de concepções, pois que concebida após anos de amadurecimento íntimo, expressos na viva satisfação de anseios regulados pela responsabilidade.

4.5 O encontro entre Doutrina Espírita e Educação: vinte anos depois do encontro de 1994...

Imagem 5 – Carlos Roberto Campetti e Gabrielle Bessa (14 de novembro de 2014), em Brasília (DF)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2014).

O ano de 2012, que marca nossa entrada no Doutorado em Educação, ainda não haveria de ser o marco determinante das transformações que experimentaríamos e que desaguiariam na mudança de paradigmas íntimos, decisivos, inclusive, para a mudança de orientação do projeto de tese proposto inicialmente na seleção do concurso.

Somente em 2014, logo nos primeiros meses, reorientaríamos nossos interesses de modo a acomodar em nós a possibilidade de empreendermos finalmente a união entre campos disciplinares que, até o momento, jaziam distantes uns dos outros, ocupando universos multi, porém, não interdisciplinares na nossa formação acadêmica.

Educação, Psicologia e História coexistiam em nossas linhas de interesse, formação e atuação, mas, até uma aula com nosso orientador, que nos sugeriu escrevêssemos a biografia do nosso informante mais destacado até aquele momento para a nossa pesquisa, não nos era claro o fio comum entre as mesmas, um elo de ligação que representasse um território sobre o qual transitássemos sem prejuízo para as peculiaridades de cada área e onde elas coexistissem com suas identidades harmônicas e férteis.

Desta forma, tínhamos que lidar com a formação multidisciplinar e com a síntese acadêmica destas na nossa prática, mas, de certa forma, ler as considerações de Volpato (2013, p. 179) nos ajuda a reduzir nossa angústia acadêmica quando este defende que a formação específica:

[...] embora [...] seja importante, [...] priva os cientistas de ver outros ângulos nos problemas que investigam. A necessidade de leitura e conhecimento em áreas correlatas, ou mesmo completamente diferentes de sua especialidade, é real para o cientista e não um capricho para denominá-lo *culto*.

A mesma aproximação que não conseguíamos fazer e que marca de maneira indelével nossa trajetória profissional – sendo inexorável que o fizéssemos, ou padeceríamos de uma atuação, embora bem alimentada de campos disciplinares, capenga da falta de homogeneidade destes –, é a mesma que sentimos ser a base irrevogável de discussão de nosso trabalho: o encontro entre Doutrina Espírita e Educação como um fator inalienável para uma transformação espiritual educativa que fundamenta uma transformação educacional.

Por isso, não desconectamos nossa experiência de vida de nossa proposta de discussão – apesar de nossa vida não ser o foco de análise –, mas, é importante assim nos colocarmos para alcançarmos uma “[...] reconceptualização da investigação educacional, de modo a assegurar que a voz do professor seja ouvida, ouvida em voz alta e ouvida articuladamente” (GOODSON, 2013, p. 67), embora num primeiro momento referente a aspectos funcionais, mas, alimentados pela experiência de vida do educador⁶⁰.

Afinal, os fenômenos educacionais, nascentes do universo formal da escola ou dos infinitos universos informais na escola da vida, só assim se apresentam porque possuem um ator muito importante nesse processo, que é o professor/mediador/facilitador – sejam quais forem as alcunhas adotadas para defini-lo.

Quando assim procedemos, oferecemos ao professor um lugar especial, bem mais alargado na investigação educacional, conferindo a esta uma nascente na intimidade da prática do educador. Desse modo, educador e Educação caminham em consonância com o ideal a que se propõem, não se colocando um em oposição ao outro, tampouco um em detrimento do outro.

Röhr (2013, p. 16-17) toca no papel e importância do educador, a esse propósito:

[...] não aceitamos isentar o educador da responsabilidade diante do estabelecimento da meta educacional. Degradaríamos o educador a um mero papel de técnico, de executor de tarefas determinadas à sua revelia, caso negássemos a responsabilidade que a própria atitude educacional implica em relação a sua meta [...].

Embora o autor não se remeta, na passagem supramencionada, objetivamente ao dado subjetivo do educador em processos da própria dinâmica educacional, não podemos deixar de ver esta parcela na assertiva.

⁶⁰ O que julgamos fazer toda a diferença, pois, anterior a provocarmos o respingar de uma espiritualidade na Educação, necessário se faz que esta espiritualidade nasça naquele que é a alma do processo: o educador.

Sendo – como ele próprio assevera em páginas à frente de seu livro – a dimensão emocional (RÖHR, 2013) uma das dimensões constitutivas do homem, enlaçada às demais – a saber, as dimensões material, sensorial, emocional, mental e espiritual –, não podemos desconectar uma da outra, pois que uma influencia sobremaneira a outra, apesar de possuírem funções e universos aparentemente estanques.

Assim, quando o educador se interroga, problematizando suas questões de natureza pessoal, invariavelmente está abrindo espaço para que esta atitude enriqueça o trato educacional, afinal, o fenômeno para o qual se devota possui a sua mesma essência e, o que se reveste de vivência para ele, é, possivelmente, a gênese de um processo para o outro, ou na melhor das hipóteses, será o ponto de contato de individualidades em construção.

Assim, “[...] associar a essência e a estratégia aponta para uma nova direção em relação à reconceptualização da investigação e desenvolvimento educacionais” (GOODSON, 2013, p. 69), assumindo este um ponto capital de confluência entre o educador e o produto final da Educação, o fim último, a emancipação a que esta aponta e que oportunamente denominamos “transformação espiritual”.

Mas, no que toca ao fenômeno objeto de nossa discussão, de natureza aparentemente religiosa, é importante demarcarmos que a ânsia de circunscrevermos a aproximação entre Educação e Doutrina Espírita como fundamento para uma efetiva transformação espiritual de natureza pedagógica, encontra guarida na assertiva de que a espiritualidade tem acompanhado o homem desde tempos imemoriais (SOUTO MAIOR, 2006), e que nossa experiência particular, como um fato a ser considerado, é o substrato de uma condição universal, o que não anularia a condução científica empreendida.

[...] o religioso considera que tem consciência sobre, no mínimo, uma verdade absoluta: Deus (ou forma similar) existe. [...] o cientista só considera discursos baseados em evidências que possam ser universais (obtidas por quaisquer pessoas, desde que obedecidas certas condições descritas). [...] Neste dilema, uma postura científica que apenas assume que a hipótese ‘Deus existe’, ou ‘Deus não existe’, não é científica, pois não temos como imaginar situação factual (empírica) que a negaria. A convivência com essa dicotomia, no entanto, não é epistemologicamente fácil, pois implica uma aceitação de premissas contraditórias (todo x nem todo e universal x pessoal). Se assumirmos como necessária a coerência entre nossos pressupostos teóricos, então não poderemos ser, ao mesmo tempo, cientistas e religiosos tentando discorrer sobre o mesmo mundo. Se, por outro lado, admitirmos a incoerência como um processo normal e humano, então podemos naturalmente ser cientistas e religiosos. (VOLPATO, 2013, p. 109).

Mesmo colocando o fenômeno religioso no campo da contradição humana, pensamos que este não o rebaixa, pois que aceitar a ideia de Deus é necessariamente entrar em contradição com a ordem material disposta de maneira racional, perfeitamente apreensível

através dos sentidos. Importa apenas demarcarmos nesta contenda que a ideia de Deus sempre implicará uma transcendência, uma apreensão contrária ao ordenamento materialista.

Neste universo, pensamos que a essência da aproximação entre Educação e Doutrina Espírita está expressa na profusão de atividades que são disponibilizadas para que o aspirante a espírita possa começar a envolver-se com um clima favorável ao fomento de sua transcendência espiritual, ou, para que ao espírita de fato, se estabeleçam as condições necessárias à manutenção desta experiência pessoal fundamental para a construção de uma transformação educacional.

Tais dados e concepções se encontram intrinsecamente ligados, não nos sendo possível determinar qual alimenta o outro, qual se sobrepõe ao outro, donde arriscamos desde já antecipar que não há um acima do outro, em posição vertical, mas, que a condição de irmandade de ambos se dá na horizontalidade de concepções e práticas – citadas acima – que se estabelece entre eles.

Mas, retomando a discussão do nosso envolvimento com o “objeto”, foi numa tarde quente, dessas sentidas nos meses de fevereiro, nas terras vivas de areias escaldantes da controversa Fortaleza – em que desde 2006 vínhamos envolvida com os dramas da História do Ceará, em sua cruel, maquiada e esquecida faceta educacional⁶¹, tão europeizada pela triste e ignorante obrigação de seguir os ditames da cultura francesa de meados do século XIX⁶², ao mesmo tempo tão especial em conceber personagens originais da cultura e formação do pensamento cearense, tal como Rodolpho Teóphilo⁶³ – que vimos nosso projeto de trabalho sofrer uma significativa digressão.

A proposta de transmutar a análise do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) para a escrita de uma biografia nos impactou sobremaneira, pois, nos remeteu aos momentos iniciais de nossa pesquisa quando, ainda buscando coletar materiais para a composição da história do ESDE, conhecemos Carlos Roberto Campetti⁶⁴ e, numa troca aparentemente corriqueira de mensagens via *e-mail*, sobre questões relacionadas à entrevista a ser realizada no dia 7 de novembro de 2013, uma colocação sua foi marcante, e agora transcrevo na íntegra:

⁶¹ Sobre essa temática, conferir dissertação de Maia (2011).

⁶² Obra que foi um marco do nosso envolvimento com a História, no ano de 2006, e que marcaria de maneira indelével nossa formação e produção acadêmico-científica: *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)* (PONTE, 2001).

⁶³ Três obras do farmacêutico (2001, 2006, 2006 [1905]) foram marcantes na pesquisa da temática educacional no período da oligarquia Accioly, no Ceará, objeto de nossa predileção e curiosidade, inclusive no mestrado, cuja dissertação fizemos referência na nota anterior.

⁶⁴ Na oportunidade, Coordenador Nacional do Campo Experimental do estudo em tela.

Gabrielle,

Há outras pessoas que também participaram do início do ESDE e tem visões diferentes da Marta por causa da perspectiva de sua participação. Edna Fabro, por exemplo, era aluna das primeiras turmas e hoje é vice-presidente da área. Vera Campetti elaborou roteiros para o primeiro programa do ESDE e foi quem descobriu a Edna no meio dos primeiros participantes. Rute Ribeiro não está mais na FEB, mas participou da elaboração e realização dos primeiros cursos para monitores. Tossie também não está na FEB, mas viveu com a Cecília por mais de 30 anos e trabalhou no ESDE todo esse tempo. É possível conseguir algo com as duas, penso eu. A própria Gladis, autora do livro, responderia a algumas de suas perguntas se enviadas por e-mail. Ela fez parte da equipe desde o começo e conhece todo mundo, inclusive do exterior que contribuiu para o ESDE. A Darcy Neves Moreira, do Rio de Janeiro é outra pioneira. Alerto para o risco de aparecer, durante a sua pesquisa, algum dono do ESDE. Esse foi um trabalho coletivo desde o começo. Ninguém fez nada sozinho, apesar da responsabilidade da equipe mais próxima da Cecília ter sido maior.

Às ordens para o que necessitar.

Abraço fraterno, com votos de paz.

Carlos Campetti

Daquele vinte de setembro de 2013 em diante – cuja ética de nosso biografado ficou eternizada nestas linhas iniciais –, os acontecimentos se sucederam rápido, cabendo frisarmos que a sugestão de nosso orientador se configurou uma porta aberta ao entendimento de um processo que alargou nossa compreensão do que seja a Educação, pois que iluminada por uma prática que já trazíamos das hostes do movimento espírita e que doravante poderia ser ilustrada pela vida de nosso personagem.

Pelas razões discutidas acima e, mais que tudo, pelo encontro com um homem cujo ideal de reformar-se intimamente é mais precioso que qualquer eventual destaque de natureza pessoal – substrato que poderia ser o escolha de quem possui a vida narrada biograficamente⁶⁵ –, podemos afirmar que nossas pretensões acadêmicas reconfiguraram-se e ganharam especial relevo ao escrever sobre uma vida que ilumina nossa própria prática e as transformações educacionais herdeiras de um processo de transformação em bases educativas.

Assim, quando meses após os contatos iniciais, a primeira entrevista e a proposta de escrever uma biografia de um homem pleno em suas capacidades produtivas, fizemos a proposta de contar a sua vida para um público acadêmico, a resposta, após algum tempo de reflexão, pareceu-nos plausível para aquele que nos parecia alguém consciente de sua responsabilidade pessoal, familiar e social, não um aventureiro disposto a um reconhecimento qualquer, vazio de um propósito nobre.

⁶⁵ Uma das “misérias” da biografia, para usar um termo de Borges (2014), é justamente o escolha que ela suscita no biografado, podendo cair este nas amarras comuns de indivíduos oitocentistas mergulhados no universo cuja “[...] ideologia individualista que então se consolidava encontrava grande respaldo nas narrativas que enfocavam as vidas de indivíduos que se sobreponham à sociedade e contrariavam as forças do destino” (SCHMIDT, 2012, p. 191).

Gabrielle, bom dia.

Respondo assim que leio seu e-mail. Em primeiro lugar, agradeço pela confiança e pela proposta de trabalho que me apresenta. Tenho a esperança de que ela seja fruto de boa inspiração para o direcionamento do seu trabalho. Peço um pouco da sua paciência, pois preciso amadurecer a ideia, pelo menos até hoje pela tarde, especialmente porque, como trabalhador espírita, não devo ter interesse em minha projeção pessoal. Como a intenção do seu trabalho não é essa e as três vertentes apontadas estão muito interessantes para a divulgação do Espiritismo, em princípio não vejo impedimento, em função da seriedade de todos os envolvidos: você, os professores, a Universidade e a própria proposta. [...].

De toda forma, ainda hoje, pela tarde, pretendo escrever para você definindo se aceito ou não sua proposta. Como disse, em princípio, não vejo problema, mas preciso falar com pessoas amigas para saber se terei o apoio delas e aguardar a orientação, via inspiração, do meu mentor amigo. [...] É preciso estar preparado e contar com a cooperação de amigos e o amparo da espiritualidade maior tanto para minha insignificante pessoa, como para você e todos os envolvidos na tarefa.

Abraços fraternos,
Carlos Campetti

Não é necessário informar o encaminhamento tomado pela pesquisa após essa mensagem trocada com Carlos Campetti no dia 24 de abril de 2014, visto que o principal laço firmado neste trabalho, para além do existente entre biografado e biógrafo, constitui-se a aproximação literal que nasceu entre a Educação e a Doutrina Espírita naqueles dias de definição de objeto de pesquisa, pequeno universo do macrocosmo discutido nesta tese.

Sendo a Educação, de acordo com Röhr (2013), não a simples articulação entre os campos que a fundamentam, mas, a resposta às questões que o próprio fenômeno educativo nos coloca, foi pensando nesta dinâmica que encontramos, na prática de Carlos Roberto Campetti, afinidade entre a proposição que orienta a função da Educação que ocupa nossas reflexões, e os conceitos kardequianos/espiritistas.

Resposta que sugerimos ser de ordem moral⁶⁶, como o proposto por Comenius (2011a) na sua cartilha destinada à formação das crianças e da juventude. Na página 17, o educador checo projeta nos chamados “bons costumes” e nas “virtudes” o principal apoio que deve orientar a Educação dispensada pelos pais e professores aos filhos e educandos, respectivamente, no início de suas vidas. A moderação, o asseio, o respeito aos superiores, a cortesia, a verdade, a justiça, a bondade, a iniciação no trabalho, o silêncio quando necessário,

⁶⁶ No Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2012, p. 795), o conceito de Moral confunde-se, numa primeira acepção, ao conceito de Ética, e assim concordamos, visto que esta aproximação aponta, neste trabalho, para a conduta em sua valoração positiva, quase um contraponto do termo Moralismo, trabalhado na mesma linha léxica pelo autor em questão, que seria a ação de “[...] moralizar sobre todas as coisas, sem tentar compreender as situações sobre as quais expressa o juízo moral”, que não é o nosso propósito por, acima de tudo, não enxergarmos essa inclinação nas concepções espíritas. Dentro desse universo, vale destacarmos que, se algumas vezes parecemos moralistas na divulgação dos conceitos espíritas em sua aplicação nos revezes cotidianos da vida, tal fato traduz muito mais uma leitura conservadora nossa que, propriamente, o objetivo da teoria espírita no esclarecimento das nossas relações interpessoais, sempre compreensiva no que tange aos equívocos morais que ainda cometemos.

a paciência, a civilidade e a presteza aos mais velhos, as boas maneiras, bem como a ação de evitar a leviandade e a grosseria, são atitudes prescritas por Comenius em sua cartilha.

Poderíamos nos dedicar a discorrer sobre tais indicativos relacionais, mas vemos que estes são tão fundantes das normas básicas de civilidade que, se não fossem de suma necessidade às relações interpessoais na atualidade, poderíamos até não os citar, porém, nos ocorre para refletirmos se o óbvio, muitas vezes, não é justamente o necessário, o inadiável.

Basta apenas fazermos um ajuste com relação aos preceitos acima, que é o de que, se o caminho educativo, tanto no que compete aos pais e educadores quanto no que compete aos próprios sujeitos que se formam sob tais expedientes, não for feito atentando o homem para uma interioridade em conexão com os desafios contemporâneos, tais fundamentos se perdem na ingerência dos conceitos.

Uma palestra de Carlos Campetti⁶⁷, proferida na Comunhão Espírita de Brasília, intitulada “Educação do Espírito”, ilustra nossas considerações e a importância da Educação para a Doutrina Espírita, expressa em comentário de Allan Kardec, a propósito da pergunta 685, n’*O Livro dos Espíritos* (2007), em que estão sendo discutidos aspectos relacionados ao trabalho na velhice e a responsabilidade da sociedade com eles e com aqueles em situação de risco social em momentos de flagelos.

Vejamos:

Há um elemento que, comumente, não entra na balança e sem o qual a ciência econômica não é mais que uma teoria: a educação. Não a educação intelectual, mas a educação moral, e não, ainda, a educação moral pelos livros, mas aquela que consiste na *arte de formar os caracteres*, a que dá os hábitos: porque *a educação é o conjunto de hábitos adquiridos*.

Nesta palestra, Carlos toca em conceitos especiais à Doutrina Espírita, reportando-se à raiz pedagógica do codificador Allan Kardec⁶⁸, seus precursores históricos – pensadores importantes que, ao longo da história, contribuíram para a formação do pensamento espiritista –, desaguando numa reflexão sobre problemáticas humanas da atualidade, em especial a base espiritual que compete aos pais oferecer aos filhos (COMENIUS, 2011a).

Discutindo problemáticas atuais, presentes na nossa complexa vida nos grandes centros sociais – o que, para doutrinas religiosas outras, falas dessa natureza podem parecer referir-se a uma cotidianidade que deveria ser deixada de lado –, vemos que a prática de

⁶⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x3sd-zyu7om>>. Só a título de informativo, esse tema também foi, pela primeira vez, explorado por Carlos Campetti, sob a forma de conferência, no 6º Congresso Espírita Mundial, realizado em Valência, na Espanha, em 2010. “La Educación del Espíritu” está disponível em: <<https://m.youtube.com/watch?feature=youtu.be&v=0y8gnucwxcy>>.

⁶⁸ Sobre a influência de Pestalozzi, o educador que pensou o “ensino da cabeça, do coração e das mãos”, na formação pedagógica de Hippolyte Léon Denizard Rivail, de pseudônimo Allan Kardec, ver Hillesheim (2004).

Carlos Campetti denota que a vida espiritual deve ser problematizada e vivida em conexão com as angústias, benesses e desafios da vida social, comunitária, familiar, cotidiana. Assim, se à Educação cabe, conforme acreditamos, uma transformação social, cumpre pensarmos que esta somente se processa após uma reforma interior do homem (COMENIUS, 2010), no contato com as questões sociais que o envolvem, interrogadas na sua vivência espiritual.

Destarte, se estamos falando de uma aproximação entre Doutrina Espírita e Educação, e temos que a Educação é a inserção do homem na cultura – nos seus aspectos linguísticos, ritualísticos, consuetudinários –, não faz sentido pensarmos uma espiritualidade desocupada de uma formação num ambiente com características educacionais, sob pena de essa, espontânea e negativamente, afastar-se de uma discussão social mais ampla, deixando de cumprir sua função formadora de consciências críticas, em desalinhando-se da observância das problemáticas atuais.

Esta foi a harmonia de propósitos que facilitou o diálogo entre a biógrafa e o biografado, tal como o expresse na comunhão entre a Educação e a Doutrina Espírita, pois que estes campos ensejam o mesmo empreendimento de (trans)formação dos homens, com vistas a um mesmo fim, tão necessário nos dias atuais.

Nas casas espíritas, nos encontros regionais, nacionais ou internacionais, nos grupos de estudos, nas práticas assistencialistas, enfim, nos mais variados espaços onde se encontrem concepções doutrinárias espíritas, haverá, também, o esforço de promover, através de toda uma prática em uma ambiência educativa, uma transformação espiritual que é antes tudo sustentada por uma formação educacional.

5 EDUCAÇÃO ESPIRITUAL

5.1 O autoconhecimento: a mediunidade como mediadora da transformação espiritual

E aquele homem fez uma palestra [...]. Num dado momento, eu comecei a ver uma abóbada, como se tivesse uma abóbada em cima, ela se abria em luz. E aquele era um banho de luz, as pétalas caindo em cima da gente. E ele, naquela hora, ele disse: ‘A espiritualidade está proporcionando uma maravilha pra nós...’. E descreveu o que eu estava vendo. (Sol).

É, porque é uma viagem interior que a gente faz. Com certeza! É uma viagem que não tem porto de parada, porque, quanto mais a gente aprende, mais a gente quer aprender. Que aquela frase, eu não lembro se é de Einstein, não, não tô lembrando agora quem disse... Acho que foi Isaac Newton, que: ‘O que eu sei é uma gota, o que eu ignoro é um oceano’. (Amarelo).

[...] teve um período... assim... eu tinha uma salivação, que eu não sabia explicar o que era, e eu sentia aquilo muito intenso, minha boca enchia d’água, e era o tempo todo, e me vinham palavras que eu não tinha a mínima ideia do que significavam. Palavras, frases, e eu ficava elucubrando comigo mesmo, no meu pensamento, e falando, falando, falando. Depois eu fui entender que eu na verdade não estava sozinho; já estava conversando com outros amigos, e tal, e tinha um compromisso nessa área da divulgação, da Comunicação, e eu pude fazer o *link*. (Verde).

Se nos seus antecedentes históricos, e no solo mesmo de sua expansão, a Doutrina Espírita, no Brasil, chega de mãos dadas com o sobrenatural, a proposta registrada na codificação cunhada por Allan Kardec aponta para outro universo – racional, filosófico e moral – que em muito se afasta da confusão por desconhecimento de que normalmente os espíritos são vítimas.

Fruto de anseios maravilhosos do povo nascido de uma mestiçagem peculiar, a história registra a afeição à presença daqueles que, devido ao desconhecimento da população em geral, são confundidos com espíritos, entretanto, são cartomantes e médiuns de conduta duvidosa que proliferavam nos espaços recém-republicanos do país e estavam na ordem do dia, sem compromisso com o preconizado nos anais kardecistas da codificação⁶⁹.

Se o Espiritismo é apenas sessão mediúnica ou a crença nos espíritos desencarnados, basta ser médium ou participar de sessões, sejam quais forem, para que alguém seja espírita; se, porém, Espiritismo é o corpo de doutrina organizado por Allan Kardec, com todas as suas consequências filosóficas e religiosas, com todas as suas implicações de ordem moral, é claro que não basta ser frequentador de *sessões* ou ter faculdades mediúnicas desenvolvidas para ser *espírita*, na exata acepção doutrinária. (AMORIM, 1992, grifo do autor).

⁶⁹ A propósito da afirmação, vale sabermos que “[...] o choque de três culturas fertilizava as imaginações. Ao fetichismo do indígena e ao animismo fetichista do negro somava-se a histeria do sebastianismo, que exaltava o colonizador” (MACHADO, 1996, p. 24).

Por isso, dada a importância de conhecermos a realidade das coisas e dos contextos para não incorrermos no erro de criticar por desconhecimento, a realidade das casas espíritas difere muito da que usual e tradicionalmente se deduz sobre ela, pois, esta possui muitos trabalhos assistenciais (sopas, passes, visitas fraternas, evangelho itinerante em visita a casas de adeptos) e tipos de estudo, quais sejam: Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE), Grupo de Estudos Mediúnicos (GEM), Assistência Espiritual (AE), estudos de obras complementares às da codificação, Evangelização infantojuvenil.

Todas as atividades educativas seguem parâmetros e orientações determinados pela FEB, em acordo com as lideranças espíritas que anualmente se reúnem no Conselho Federativo Nacional (CFN), com a finalidade de definir estratégias, campanhas e conteúdos a serem desenvolvidos e abordados durante todo o ano nas casas espíritas brasileiras, dando às casas federalizadas um caráter homogêneo e unificado em suas linhas de ação.

Allan Kardec se preocupou com essa organização necessária a que se evitassem as possíveis dissensões dentro do Espiritismo e sugeriu que uma comissão fosse soberana em detrimento das individualidades que pudessem surgir no seio da doutrina, assim:

[...] para o público de adeptos, a aprovação ou a desaprovação, o consentimento ou a recusa, as decisões, em uma palavra, de um corpo constituído, representando uma opinião coletiva, terão forçosamente uma autoridade que elas jamais teriam emanando de único indivíduo, que não representa senão uma opinião pessoal. (KARDEC, 2008, p. 250).

A fundação da Federação Espírita Brasileira, no dia 2 de janeiro de 1884, no Rio de Janeiro, capital da República, teria respondido a esse temor das classes dirigentes do movimento que já representava “[...] um potencial sócio-político relativamente importante em número” (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 146).

DaMatta (1986) consegue traduzir esse universo mágico-formal que permeia as práticas religiosas, os cultos e os sacramentos no Brasil, tentando responder a uma pergunta cuja resposta é no mínimo intrigante para os que não compreendem a particularidade étnica que referenda nossas ações individuais e coletivas: “Mas como se chega a Deus no Brasil?”. Ao que responde:

Aqui, como em outros lugares, temos uma religião dominante e que até bem pouco tempo (até 1890, para ser preciso) foi oficial. Trata-se, conforme sabemos, do Catolicismo Romano, denominação religiosa formadora da própria sociedade brasileira e, naturalmente, de um conjunto de valores que são essenciais no Brasil. Naturalmente que tal forma de denominação religiosa é acompanhada de outras que a ela estão referidas [...]. Assim, essas experiências religiosas são todas complementares entre si, nunca mutuamente excludentes. O que uma delas fornece

em excesso, a outra nega. E o que uma permite, a outra pode proibir. O que uma intelectualiza, a outra traduz num código de sensual devoção. Aqui também nós, brasileiros, buscamos o ambíguo e a relação entre esse mundo e o outro. (DAMATTA, 1986, p. 115-118).

Essa mesma confusão envolve o exercício vulgar das faculdades mediúnicas, em contraponto com a condição delineada pela Doutrina Espírita e que caracteriza o verdadeiro espírita-cristão como aquele que conhece a natureza do fenômeno e a ele se dedica através do estudo, da prática e do recolhimento e observação necessários.

No trabalho de recepção de energias provenientes do plano espiritual, em que médium, o espírito e aquele que recebe os fluidos encontram-se em conexão, se tomarmos como exemplo o passe, vemos essa como uma transmissão de energia do plano espiritual para o indivíduo beneficiado, em que o médium atua como doador de recursos materiais para o pleno intento deste processo, mas, com mais refino, quanto for a melhor sintonia que ele mantiver com os bons propósitos.

De acordo com Goidanich e Campetti (2007, p. 15), “[...] *los pases son, por lo tanto, transfusiones de energías psíquicas. La mente desempeña un papel central en los pases y establece el nivel de la sintonía del pasista con la espiritualidad*”, sendo, portanto, “[...] movimentos que se fazem com as mãos sobre o corpo do doente com o pensamento e a vontade de curá-lo” (MICHAELUS, 1995).

Ser espírita não é simplesmente aceitar a existência dos espíritos e manter com estes relações, mas, ao contrário, sendo esta uma das últimas etapas do processo, importa destacarmos que, anterior a estas relações, e para que se garanta que a comunicação com os seres domiciliados no plano espiritual possua natureza e finalidade nobres – jamais para deleite de satisfações egocêntricas – cabe que o espírita aprofunde o conhecimento sobre os mecanismos envolvidos neste processo, desde as balizas inauguradas por Kardec (2008) através da observação das mesas girantes até as obras especializadas e complementares ao tema.

Segundo o codificador, e que seria simplesmente um avivamento das prédicas cristãs na consciência do espírita:

[...] não se reconhece por seus adeptos senão aqueles que colocam em prática os seus ensinamentos, quer dizer, que trabalham para o seu adiantamento moral, esforçando-se por vencer as suas más inclinações, serem menos egoístas e menos orgulhosos, mais dóceis, mais humildes, mais pacientes, mais benevolentes, mais caridosos com o próximo, mais moderados em todas as coisas [...]. (KARDEC, 2008, p. 181).

Vemos que tal indicação já carrega em si o embrião da proposta de transformação espiritual, cara à reorientação educacional que defendemos, e que consiste na interface entre Educação e Doutrina Espírita.

O preâmbulo referente aos atributos do espírita, a organização burocrática da Doutrina Espírita, bem como o trato coerente da mediunidade, são de suma importância, pois também atesta que o envolvimento com um fenômeno desde sempre tratado com tabu pelas religiões tradicionais, não teria tratamento diverso ao que o corpo doutrinário orienta em termos institucionais.

Cabe argumentarmos veementemente que a experiência mediúnica, que enseja como causa e efeito o conhecimento de nossas fragilidades morais e psicológicas a serem revistas, é uma relação que se estabelece todos os dias, todos os momentos, pois, este não é um fenômeno que possamos efetivamente descartar de nossas experiências cotidianas, pois que encontra seu reduto na constituição orgânica daquele que a possui, em quase que a maioria de nós.

É importante considerarmos a baliza de Allan Kardec (2008) sobre os fenômenos implicados na mediunidade, esta faculdade orgânica e inerente a todos os seres humanos, em maior ou em menor grau, e os seus intervenientes, pois, ao longo da história da humanidade, uma aura de especulação se criou em torno dessa condição, variando da recepção às cegas do fenômeno ao rechaço por simples ignorância, nunca, todavia, se realizando um estudo de fato sério para que se desse um *status* coerente a ela.

A mediunidade pode apresentar-se em qualquer fase da vida, “e, frequentemente, entre crianças muito jovens, [...] [em que] esta faculdade não é, por ela mesma, indício de um estado patológico, porque não é incompatível com uma saúde perfeita” (KARDEC, 2008, p. 136), mas o desprezo dela, principalmente quando presente com traços muito expressivos, pode produzir certas disfunções orgânicas e comportamentais decorrentes do mau uso que se faça de suas potencialidades.

As chamadas disfunções não têm relação com a faculdade propriamente dita, mas, com o mau uso que se lhe faz, principalmente se o médium possui predisposição para uma dada patologia ou psicopatologia⁷⁰ ou faz uso de substâncias que alteram o seu estado de consciência, como drogas, álcool ou outros princípios ativos.

Em última instância, para além da ausência ou da presença da mediunidade em nossas vidas, têm-se um indivíduo que a contém, e suas relações, suas escolhas, suas opções de vida, serão fundamentais para a definição de sua saúde espiritual, de modo que o equilíbrio ou não no que diz respeito aos seus atos cotidianos, atestarão a natureza dos espíritos que lhe serão afins e, acima de tudo, a forma como eles manterão contato.

⁷⁰ Kardec (2008) dedica considerações ao fato no capítulo “Inconvenientes e perigos da mediunidade”.

5.2 Internacionalização e Interconexão Espiritual: por uma Educação universal do espírito

Desta vez nasci no Brasil, sou brasileiro, amo meu país, mas meu coração também está na Espanha! Em função da visão universalista que o Espiritismo nos oferece, consideramos que, em realidade, somos todos cidadãos do universo. ¡*Sin fronteras!* (Sol).⁷¹

A Doutrina busca sempre que você se coloque de maneira que procure prejudicar o menos possível as pessoas que estão ao seu lado. [...] É o dia a dia, é a sobrevivência nossa em sociedade, do nosso planeta, porque sem o planeta a gente não tem como sobreviver bem. (Amarelo).

Uma das caras concepções à Doutrina Espírita está contida n’*O livro dos Espíritos*, no item que trata da “Pluralidade dos mundos”. No capítulo III, do Livro Primeiro da referida obra, com a sistematização de Allan Kardec, são discutidas questões que, se viessem à lume em momento pretérito, não hesitamos afirmar que às linhas e explicações, viriam as chamadas ardentes dos inquisidores, tentando silenciar, com o perecimento do corpo físico do codificador, informações que ainda hoje são estranhas à limitação dos homens de Ciência da nossa época, imbuídos em observações circunscritas ao “universo” que lhes é peculiar.

No item referido d’*O Livro dos Espíritos*, há a afirmação categórica que de que os demais globos que circulam no espaço infinito são habitados, com formas de vida condizentes às suas composições bioquímicas, não sendo a Terra o único planeta no universo a conter vida inteligente; inclusive, em sobre “Diferentes ordens de Espíritos”, constante no capítulo I do Livro Segundo, são descritas as características de cada espírito de acordo com o degrau evolutivo que ele ocupa e amalha ao longo das inúmeras existências que grassa ao logo de sua evolução, nos processos reencarnatórios que abrigam as vivências necessárias ao seu adiantamento espiritual, moral e intelectual.

Vejamos a explicação de Kardec (2007, p. 60)⁷² à indagação e resposta contidas na pergunta 55:

Deus povoou os mundos de seres vivos, concorrendo todos ao objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos estão limitados ao único ponto que habitamos no Universo, seria pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que não fez nada inútil; ele deve ter determinado para esses mundos um fim mais sério que o de recrear nossa visão. Nada, aliás, nem na posição, no volume, na constituição física

⁷¹ Em encontro com a pesquisadora em Brasília-DF, em 12 de novembro de 2014.

⁷² Primeira obra da codificação, como já informado em nosso trabalho, *O Livro dos Espíritos* contém perguntas feitas por Allan Kardec a médiuns em diferentes pontos de Paris e outros países, ao que eram pretensamente respondidas pelas inteligências espirituais, ou espíritos. Algumas dessas perguntas e respostas contém explicações e elucidações de determinados pontos pelo próprio Allan Kardec, sendo uma dessa a que ora destacamos.

da Terra, não pode razoavelmente supor que só ela tenha o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.

E, da mesma maneira que o universo seria povoado por planetas que acolhem vidas inteligentes compatíveis com as suas especificidades, no item dedicado à “Escala Espírita”, incluído no capítulo I do Livro Segundo da obra em análise, vemos importante consideração sobre os espíritos em função de seu estado evolutivo.

A classificação dos Espíritos baseia-se sobre o grau do seu adiantamento, sobre as qualidades que adquiriram e sobre as imperfeições das quais devem ainda se despojar. Esta classificação, de resto, nada tem de absoluta; cada categoria não apresenta um caráter nítido senão no seu conjunto. Todavia, de um grau a outro a transição é insensível e sobre seus limites a pequena diferença se apaga como nos reinos da Natureza, como nas cores do arco-íris, ou ainda como nos diferentes períodos da vida do homem. Pode-se, pois, formar maior ou menor número de classes, segundo o ponto de vista sobre o qual se considera a questão. Ocorre o mesmo que em todos os sistemas de classificações científicas: esses sistemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência, mas, quaisquer que sejam, não mudam em nada as bases da Ciência. (KARDEC, 2007, p. 72).

E, à maneira de um adendo: dependendo do ponto de vista adotado, nem espíritos existem, muito menos que estes mereçam ser catalogados e compreendidos na universalidade de suas existências extra e intercorpóreas.

Contudo, a natureza do nosso trabalho apoia-se numa Educação de caráter universal que, contribuindo para e através de uma (trans)formação espiritual, parta de um paradigma do espírito, como assevera Incontri (2001). Esta realidade extracorpórea que só passou, parcialmente, a ser compreendida a partir do século XIX, poderia atestar a imortalidade do homem, contextualizando e respondendo, finalmente, aos grandes enigmas que sempre o acompanharam, desde a observação dos astros e estrelas nos céus, ao longo dos tempos, na tentativa de deduzir o que se passava no silêncio do firmamento, como resposta às suas problemáticas íntimas, familiares e sociais.

E se inumeráveis, incontáveis são os mundos habitados, de modo a que afirmou Bruno (data *apud* BARACAT FILHO, 2009), em sua cosmologia, que “[...] existem inumeráveis sóis, em torno destes giram inumeráveis terras, e os habitam seres vivos”, assim como, também, infinito seria o ordenamento possível dos Espíritos, defendemos que bem mais profundas e múltiplas são as vidas dos seres objetos dessas considerações: estes universos que testemunham a riqueza que cada história, em sua complexidade, comporta.

Nos termos de Baracat Filho (2009, p. 65-66):

[...] tal e qual nosso pensamento age de espaço em espaço, sem fim, assim na realidade estende-se um espaço infinito, em que o centro e a periferia, o alto e o

baixo, e qualquer outra determinação são todas sempre relativas. O espaço infinito é preenchido por uma matéria infinita, movida toda ela pela mesma causa intrínseca – a alma universal – que forma e faz girar mundos inumeráveis: ‘Assim somos levados a descobrir o efeito infinito da infinita causa, o verdadeiro e vivente vestígio do infinito vigor; e a nossa doutrina é não procurar fora e distante de nós a divindade, embora ela esteja perto, ou melhor, dentro de nós, mais ainda do que nós mesmos estamos dentro de nós’. A divindade que vive em nós, assim como em todos os seres da criação, no nosso mundo é igual a todos os demais, infinitos, que juntos formam o universo infinito, é a alma universal, presente toda no todo e em qualquer parte dele. Em função desta onipresença cada coisa é um espelho do universo, que está em cada ser particular, microcosmo que reflete em si o macrocosmo. Assim, em cada coisa, por diminuta que seja, e mesmo separada de outras, se pode intuir um mundo, como em cada homem, em cada indivíduo contempla-se o mundo.

Caminhando de um geocentrismo para um heliocentrismo, apesar de não mais negar veementemente a tese do universo infinito de Bruno (BARACAT FILHO, 2009), o homem, ao invés de especular sobre essa possibilidade, envereda por um egocentrismo difícil de ser rompido, se não por suas estreitas concepções e escolhas – confirmando ainda uma tendência fortemente idealista disfarçada de materialista –, principalmente pela dificuldade em admitir que na infinitude do cosmos repousa também a infinitude das vidas, o que enseja consequências para as suas ações no mundo e na vida de relação entre os seres.

E já que falamos da vida de relação, partindo de tais considerações, recordemos um importante registro e descrição de Carl Sagan (2008) por ocasião de sua participação num evento que congregou uma multiplicidade de sacerdotes religiosos, políticos e membros representantes das minorias e majorias étnico-culturais e religiosas que existem na imensidão do nosso planeta. Tal acontecimento nos convida a pensarmos se temos o direito de nos achar possuidores de uma verdade única, posto que tantas vezes encasteladas em referenciais construídos numa certa comunidade afim de propósitos e tendente a realizações puramente materiais em torno de sua subsistência naquela realidade local.

Deixemos que o físico que nos alertou que “em muitos casos, tem nos faltado uma bússola moral”, nos transporte àquele momento, que teve como objetivo uma aliança entre Religião e Ciência, com a finalidade de que fosse firmado um laço ético entre dois polos opostos da história da humanidade moderna, com vistas a conter a depredação ambiental voraz que o avanço tecnológico promoveu no mundo desde a primeira revolução industrial até os dias atuais:

Tive a felicidade de participar de uma experiência extraordinária de várias reuniões realizadas em todo o mundo. Os líderes religiosos do planeta se reuniram com cientistas e legisladores de muitas nações para tentar lidar com a crise ambiental mundial que está piorando em ritmo acelerado. Representantes de quase cem nações estavam presentes nas conferências do ‘Fórum Global dos Líderes Espirituais e Parlamentares’ em Oxford, em abril de 1988, e em Moscou, em

janeiro de 1990. De pé sob uma imensa fotografia da Terra vista do espaço, eu me vi diante de uma representação da maravilhosa variedade da nossa espécie, com suas indumentárias diversas: madre Teresa e o cardeal arcebispo de Viena, o arcebispo de Canterbury, os principais rabinos da Romênia e do Reino Unido, o Grande Mufti da Síria, o metropolitano de Moscou, um ancião da Nação Onodaga, o sumo sacerdote da Floresta Sagrada de Togo, o Dalai-Lama, sacerdotes jainistas resplandecentes em seus mantos brancos, *sikhs* de turbantes, *swamis* hindus, abades budistas, sacerdotes xintoístas, protestantes evangélicos, o primaz da Igreja Armênia, um ‘Buda vivo’ da China, os bispos de Estocolmo e Harare, metropolitanos das Igrejas Ortodoxas, o chefe dos chefes das Seis Nações da Confederação Iroquesa – e, junto com eles, o secretário-geral da Noruega, a fundadora de um movimento de mulheres do Quênia para replantar as florestas, o presidente do World Watch Institute, os diretores do Fundo para a Infância das Nações Unidas, de seu Fundo Populacional e da UNESCO, o ministro soviético do Meio Ambiente e parlamentares de várias nações, inclusive senadores e deputados norte-americanos e um futuro vice-presidente dos Estados Unidos. Esses encontros foram organizados principalmente por uma pessoa, Akio Matsumura, antigo funcionário das Nações Unidas. Lembro-me dos 1300 delegados reunidos no Salão de São Jorge, no Kremlin, para ouvir um discurso de Mikhail Gorbachev. A sessão foi aberta por um venerável monge védico, representando uma das mais antigas tradições religiosas sobre a Terra, que convidou a multidão a entoar a sílaba sagrada ‘Om’. (SAGAN, 2008, p. 166-167).

Assim é que não podemos prescindir da presença e da influência uns dos outros, pois, estamos interconectados material e espiritualmente e fadados a nos encontrar e reencontrar, se não somente nas problemáticas e desafios planetários impostos a nós e cujas soluções serão mais eficazes se tomadas em conjunto. Mas quem sabe, principalmente, na multiplicidade das vidas e dos mundos, que são palcos onde, a cada nova existência, avançamos individualmente e também na dimensão coletiva.

Esta é uma das teses defendidas pela Doutrina Espírita que vê, na reencarnação e na variedade de mundos habitados, a ampla atuação dos sujeitos que, em constante desafio existencial seguem estabelecendo, à maneira de uma aranha que tece pacientemente uma teia, uma infinidade de relações, em uma série de possibilidades familiares, sociais e culturais que tornam a cada um de nós – é racional assim pensar – cidadãos do universo.

Uma mesma família foi criada na universalidade dos mundos, e os laços de uma fraternidade, ainda inapreciável de vossa parte, foram dados a esses mundos. Se esses astros, que se harmonizam em seus vastos sistemas, são habitados por inteligências, não são por seres desconhecidos uns dos outros, mas sim por seres marcados na fronte por um mesmo destino, que devem se reencontrar momentaneamente segundo as suas funções de vida, e se procurarem segundo as suas simpatias mútuas; é a grande família de Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abarca a extensão dos céus, e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual. (KARDEC, 2008, p. 86-87).

Façamos um breve exercício de raciocínio: se o nosso planeta já congrega uma infinidade de formas de vida possíveis, aparentemente disformes, incongruentes no comparativo de seus sistemas físicos, o que não dizer das possibilidades de vida nos infinitos

planetas que nos circundam e até naqueles que ignoramos completamente existir, apesar de sabermos, conforme Tyson (2016, p. 257) nos esclarece, que “os três ingredientes quimicamente ativos mais abundantes no cosmos são também os três principais ingredientes da vida sobre a Terra?”.

Vejamos o que o discípulo de Carl Sagan observa:

Não sei se os biólogos vivem assombrados com a diversidade da vida. É o que certamente me acontece. Neste simples planeta chamado Terra, coexistem (entre inúmeras outras formas de vida) algas, besouros, esponjas, águas-vivas, cobras, condores e sequoias gigantes. Imagine esses sete organismos vivos alinhados um ao outro por ordem de tamanho. Se não tivesses maiores conhecimentos, você custaria a acreditar que todos vieram do mesmo universo, quanto mais do mesmo planeta. Tente descrever uma cobra para alguém que nunca viu uma: ‘Você tem que acreditar em mim. A Terra tem um animal que (1) pode perseguir sua presa com detectores infravermelhos, (2) engole animais vivos inteiros até cinco vezes maiores que sua própria cabeça, (3) não tem braços, pernas nem quaisquer outros complementos, mas (4) pode deslizar ao longo de um terreno a uma velocidade de 61 centímetros por segundo’. (TYSON, 2016, p. 256).

Se para nós essa diversidade orgânico-estrutural, a destreza, as capacidades, são manifestações quase maravilhosas no que concerne a seres que existem na nossa fauna, no nosso próprio ecossistema, de fato é justificável a dificuldade de transpormos esse raciocínio para planetas e formas de vida com possibilidades de existência completamente diversas das que até para nós, que coexistimos, nos são estranhas.

Assim, se a Terra e o cosmos – até onde foi possível ao homem mapear – possuem a mesma filiação bioquímica, humildemente especulamos não ser de todo impossível encontrarmos registros de vidas em outros planetas e que, acima de tudo, estas serão vidas-irmãs à nossa.

Um dia, como supôs Sagan (2016, p. 75), é provável que:

[...] tenhamos informações sobre pelo menos centenas de outros sistemas planetários perto de nós na imensa galáxia da Via Láctea – e talvez até sobre alguns pequenos mundos azuis agraciados com oceanos de água, atmosferas de oxigênio e sinais indicadores da maravilhosa vida.

E, quem sabe não confirmemos o que os poetas há muito já veem, mas, acusados de possuidores de sonhos metafísicos, fiquem restritos a validação de alguns poucos que não necessitaram da confirmação dos físicos e astrônomos, simplesmente sentindo com a alma a vida pulsante, firme e objetiva em realidades antes viventes apenas nos suspiros de transcendência existencial.

Na poética de Alves (2013, p. 80-81) e na perfeita identidade e interconexão entre o homem e o universo, entre o micro e o macrocosmos, encontramos guarida:

Os poetas, desde sempre, ouviram música ao ver estrelas. Tanto assim que Shelley definiu a poesia como ‘música cósmica para ouvidos mortais’. A poesia acontece quando a alma, provocada pela música exterior, é por ela possuída, se põe a vibrar em transe, e o corpo se transforma em instrumento musical que faz soar a sua própria música. Era isso que acontecia aos sábios antigos ao contemplarem os céus. Ficavam em êxtase, fora deles mesmos, e ouviam a ‘harmonia das esferas’. Já pensaram nisso? Estrelas, esferas de cristal flutuantes, transparentes, iridescentes, gotas de orvalho celestial, cada uma delas emitindo um som, e todas elas, em conjunto, uma orquestra tocando a música divina... Como se os céus estrelados e a alma, tão distantes, nada mais fossem que os dois lados, avesso e direito, da nossa carne: a minha pele se estende até os limites do universo; o universo inteiro mora no meu corpo! Assim, entre eles, o universo infinito e o corpo, gêmeos, haveria um conluio, uma ‘harmonia preestabelecida’: as estrelas que se acendem de fora fazem acender as estrelas de dentro.

Assim, múltiplos são os mundos, como múltiplos somos nós, seres em jornada evolutiva, dando as mãos em perspectiva interplanetária, nas múltiplas vidas que compõem a nossa trama existencial, de modo que é lógico admitir que:

[...] o ser que existe hoje possa sentir amanhã e depois, porque tudo o que tem existência real e consciente pede existência sem fim, todo ser que uma vez chegou à consciência do Eu traz dentro do seio o germe da imortalidade. Não voltará jamais à noite do não existir o que foi iluminado pelo dia do ser eterno. É, pois, perfeitamente crível que exista para sempre o que hoje possui realidade. (ROHDEN, 2013, p. 27).

Dessa forma, na busca de responder aos seus dilemas existenciais, o homem valeu-se, ao longo das eras, através dos tempos, da razão. Não seria, portanto, paradoxal pensar que vivendo uma existência terrena tanto buscou respostas a enigmas que dizem respeito ao seu destino e que, finda a vida do corpo físico, todas as respostas ou até as ainda persistentes perguntas estejam endereçadas apenas aos seus descendentes biológicos, sendo o que se foi apenas um elo cognitivo na cadeia das indagações eternas?

Assim, à guisa de conclusão vêm-nos à mente a lembrança de um filme muito sugestivo, e que tomamos a liberdade de deixar aqui o registro, pois, já nos utilizamos dessa ferramenta educativa para subsidiar nossas reflexões no item 1.2, alusivo à “relação da pesquisadora (e espírita!) com o fenômeno pesquisado”.

O filme ora mencionado, *O homem que viu o infinito*, trata da busca de um brilhante jovem indiano que, autodidata em matemática, tem como sonho a publicação de suas fórmulas sobre frações contínuas nos anais da grande universidade inglesa de Cambridge.

Apesar de não possuir um diploma de graduação, este foi admitido no Trinity College, da referida universidade, sendo convidado pelo professor G. H. Hardy para que passasse a frequentar as aulas, o que para Srinivasa Ramanujan seria a oportunidade de começar a realizar o sonho de ver seus achados matemáticos – que serviram de base para

que os físicos começassem a compreender o comportamento dos buracos negros – entre os trabalhos das mentes brilhantes que compunham o quadro acadêmico daquele centro de referência civilizatória, mas que infelizmente descobriria: não humanística.

Foi na convivência com grandes mentes do raciocínio filosófico e matemático, tal como o independente Bertand Russel, que Ramanujan descobriu que a necessidade de um método que formalizasse o seu saber intuitivo sobre os padrões das leis da natureza poderia custar-lhe a saúde, pois, lamentavelmente, rigor acadêmico e sensibilidade se acostumaram a caminhar distantes, em oposição radical.

Todavia, essa oposição alimenta estranhamentos entre culturas quando o homem ocidental moderno vê-se diante da afirmação de um asiático – cuja relação com a espiritualidade, com a transcendência, é o fundamento de sua vida – sujeito à matemática dura dos grandes centros civilizatórios do mundo que sua deusa, Namagiri, fala com ele colocando as fórmulas na sua língua, por vezes quando este reza.

Em completa estupefação o cético responde não acreditar em Deus, pois não acredita em nada que não pudesse comprovar, e o aluno, apesar de não ter poderes para demover o mestre de seus paradigmas empíricos, ao menos defende o que para ele é a tese das teses: “uma equação não tem significado para mim a não ser que expresse um pensamento de Deus”.

Desta feita foi que pelas mãos de físicos e matemáticos que pensamos em registrar esse raciocínio intercósmico que baliza a consciência de que, quando olhamos as estrelas nos céus estamos olhando a nós mesmos, em jornada evolutiva, mudando apenas o ponto de vista que historicamente sufocou nossa condição, adotando uma visão mais ampla da vida.

Necessitados de comunhão cultural inicialmente nos aspectos mais urgentes da vida em nosso planeta, firmando a base necessária à construção de nossa cognição, que evolui, na perspectiva doutrinária que analisamos, “do átomo ao arcanjo”⁷³, vemos que, se nos

⁷³ Na pergunta 540 d’*O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec indaga sobre a intervenção dos espíritos no mundo corporal, se estes o fazem “com conhecimento de causa, em virtude de seu livre-arbítrio ou por um impulso instintivo ou irrefletido”, ao que a resposta que se impõe para reflexão aponta para a condição dos espíritos e, consequentemente, dos homens no ápice da cadeia evolutiva, que é a moral, ou seja, a capacidade ética de reger as sociedades, de regular as relações entre os homens. Vejamos a resposta que os espíritos oferecem à pergunta de Kardec: “Alguns sim, outros não. Eu faço uma comparação: imagina essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem surgir do mar as ilhas e os arquipélagos; crês que nisso não há um fim providencial e que uma certa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? Esses não são mais que animais da última ordem que cumprem essas coisas para proverem suas necessidades e sem desconfiarem que são os instrumentos de Deus. Muito bem! Da mesma forma os Espíritos, os mais atrasados, são úteis ao conjunto. Enquanto ensaiam para a vida e antes de terem a plena consciência de seus atos e seu livre arbítrio, agem sobre certos fenômenos dos quais são agentes inconscientes; eles executam primeiro; mais tarde, quando sua inteligência estiver mais desenvolvida, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material. Mais tarde, ainda, poderão dirigir as coisas do mundo moral. É assim que tudo serve, tudo se

dispusermos a observar os astros, as constelações, as interconexões de nosso micromundo, poderemos estar abrindo espaço para a visão macrocósmica que nos colocará não apenas em contato com outras vidas em planetas e realidades aparentemente distantes da nossa, mas, para uma significativa jornada em nós mesmos.

E este raciocínio anima todo aquele que, como Carlos Campetti, e outros dedicados ao diálogo intercultural e à divulgação de conceitos com vistas ao avanço espiritual das nações, aproveita o trânsito em outros países:

En aquel año, vino a Madrid Doña Cecilia Rocha con Rute Ribeiro y Marta Antunes, todas de la Federación Espírita Brasileña, y, juntamente con Carlos Campetti, presentaron el Estudio Sistematizado de la Doctrina Espírita en la FEE. En otra oportunidad, D. Rafael González Molina organizó una gira por España con Doña Cecilia Rocha, presentando el Estudio Sistemático de la Doctrina Espírita, junto con Carlos Campetti y Tossie Yamashita. En su segunda visita a Alcázar, D. Rafael trajo un tal Carlos Campetti, que participó con él de un programa en la Radio Canfali, hablando de Espiritismo. En aquella oportunidad Carlos se comprometió a escribir artículos que serían publicados en el periódico de nuestra región. [...] En el año 1994, se celebró el primer mini-congreso espírita en España, en la ciudad de Montilla, Córdoba, al que asistimos algunos de los componentes de nuestro grupo 'casero', y a partir de este mini-congreso el siguiente se transformó en Congreso Espírita Nacional, pues fue tanta la afluencia de público que reunió este mini-congreso que dejó de ser mini para ser Congreso. En este mini-congreso tuvimos como exponentes de la Doctrina Espírita a Carlos Campetti, Vera Campetti además de José Medrado, con su mediumnidad Psicopictográfica. A continuación, invitamos a José Medrado para que viniera a nuestro pueblo para dar una charla sobre Espiritismo, la cual se celebró en el Salón de Plenos del Ayuntamiento de nuestra localidad. En el siguiente Congreso Espírita Nacional conocimos a Divaldo P. Franco y también lo invitamos para que hablara de Espiritismo en nuestro pueblo, también en el Salón de Plenos antes mencionado, con el título de la conferencia 'En Defensa de la Vida'. (Violeta).

[...] fui a um Congresso Mundial de Espiritismo em Miami, onde conheci o Carlos e quando voltei, já vim com um convite feito ao Carlos para vir a Houston fazer uma palestra, aceito. (Capella).

Assim, descolando-nos do raciocínio que limita o homem a uma fórmula fria, para a compreensão de uma lógica superior e coerente, quiçá a grande resposta aos dilemas não solucionados de todos os tempos que, longe de continuarem como paradigmas intransponíveis, a eles caberão “transcendências” inteligentes, não mais estanques no espaço de estreitas gerações, tempos e eras.

coordena na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo que, ele mesmo, começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia da qual vosso espírito limitado não pode entender ainda o conjunto”. Tal é a base que rege nossa discussão.

5.3 O Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE): a Educação Espiritual no cerne da transformação espiritual

Então, o nosso processo é de Reforma Íntima. Reforma Íntima! Vai despertando consciências, um grau de consciência um pouco maior. [...] Então, mesmo sendo espíritas... Tem essas pessoas acima, mas, tem umas lá embaixo que só querem passe, água fluidificada, pensando que resolve o problema. É um atenuante, mas, não tem um significado profundo na transformação do ser humano. (Vermelho).

Seja qual for a metodologia de ensino, expositiva ou não, que utilize nos grupos de estudo espírita, a ideia é sensibilizar a todos para a urgência de crescer interiormente. É como diz Emmanuel, numa de suas obras: duas asas conduzem o espírito humano à presença de Deus. Uma é o Amor e a outra a Sabedoria. Ele diz que, através do Amor, nós nos valorizamos para a Vida e, pela Sabedoria somos, pela Vida, valorizados. Mas, se a Bondade e a Inteligência não caminham juntas – pode acontecer –, por exemplo, a Inteligência que não ama é semelhante a um poste de aviso em pleno deserto, indicando o caminho do viajor, entretanto, não tirando-lhe a sede. E a Bondade que ignora, é semelhante a um poço amigo, em pleno deserto, qual oásis, dessedentando o viajor, entretanto não indicando-lhe o caminho a seguir. (Laranja).

Não podemos prescindir da condição material conhecida e mapeada pelo homem, quais sejam: a cognição, as potencialidades orgânicas, as leis de funcionalidade sistêmica e sistemática do corpo, pois, enfim, este é o solo sobre o qual se assenta o espírito, também cumprindo a função de, dentre outras coisas, desenvolver suas capacidades na ordem educativa da vida.

Todavia, todo nosso esforço até aqui tem sido para demonstrar que não podemos atender apenas a uma necessidade unilateral de Educação em seus aspectos formais, negligenciando uma parcela significativa de nossa condição, que é a espiritual, que, sem ela, não complementamos a integralidade em que somos forjados.

E a ideia de circunscrever a vida espiritual em três pilares, quais sejam o da ciência, da filosofia e da religião, oferece a base necessária para que o espírito se forme, se eduque, tendo respeitadas as suas dimensões profundas na matéria e fora dela.

Cada ser traz consigo, para cada existência, os resultados do seu desenvolvimento anterior, em existências passadas. Esses resultados se encontram em estado latente no seu inconsciente, mas desde os primeiros anos de vida começam a revelar-se nas suas tendências e no conjunto das manifestações do seu temperamento. Cabe aos pais e aos educadores observar esses sinais e orientar o seu ajustamento às condições atuais, corrigindo as deficiências e os exageros na medida do possível e ao mesmo tempo propiciando novos desenvolvimentos na atual existência. A criança encarna o ser com todas as suas potencialidades morais e espirituais, mas o seu instrumento de manifestação, o corpo físico, não se apresenta em condições imediatas de manifestar em plenitude o seu estágio evolutivo. O ser está sujeito, inicialmente, às condições biológicas da espécie. Só através do desenvolvimento orgânico o ser vai se definindo em suas características individuais e revelando a sua capacidade de ajustamento social e cultural, bem como as suas possibilidades de autossuperação

moral e espiritual. Podemos assim estabelecer o esquema de sua evolução existencial segundo as fases geralmente admitidas no plano pedagógico: o ser biológico se completa no ser social, este no ser moral e este no ser espiritual. Compete à Educação auxiliá-lo nesse desenvolvimento progressivo e orientá-lo para novas conquistas para novas existências. (PIRES, 2008, p. 181-182).

Não se trata apenas de observarmos e perscrutarmos os fenômenos materiais e espirituais, nem tampouco a validação e tentativa de resposta à indagação pungente que sempre acompanhou o homem ao longo da história da humanidade sobre seu destino e a razão de ser de suas dores, e menos ainda de uma adaptação forçada às leis e determinações civilizatórias e que encontraram ressonância nos dogmas religiosos; mas, em princípio, e respeitando todo um processo, contemplada aí estará a condição de espírito eterno do homem, e essa compreensão tem impactos significativos na qualidade da sua vida, passando este a ver nos outros e nas situações uma explicação lógica e não mais misteriosa ou meramente abstrata, campo muitas vezes restrito aos poetas e filósofos ao longo da história.

Compreender que temos uma história muito maior do que a que é meramente ilustrada pela vida física – que, infelizmente, se extingue com o falecimento dos órgãos, sepultando com ele nossas emoções mais caras, nossos sentimentos mais cultivados no seio da família e das relações, nossas buscas, nosso projetos, nossos avanços intelectuais – nos remete a que consideremos dimensões profundas, que se apresentam e se atualizam exatamente nessas relações cultivadas e nos inúmeros projetos que mobilizam nossa existência, ficando estas – as dimensões profundas do ser – notórias, por exemplo, nas relações entre pais e filhos, quando estes oferecem as mesmas condições e educação a filhos diferentes e cada um absorve potencialmente ou rejeita a cultura familiar, demonstrando que aí reside um ser cujos valores podem ser sedimentados em aspectos muito singulares, não apenas uma “tábua rasa” em que são depositadas impressões, conhecimentos e regras sociais.

Por isso situamos a Doutrina Espírita como uma proposta educativa para além de uma aproximação com a Educação formal, pois, de acordo com o que já discutimos anteriormente, é difícil aproximarmos universos distintos quando um deles não admite que o outro polo possa lhe ser complementar, daí a dificuldade que sentimos em encontrar literatura que embasasse nossa tese, cabendo muitas vezes que ficássemos restritos à literatura doutrinária.

Mas, hoje vemos com mais lucidez que um objeto dessa natureza, que trata do educando como um espírito em constante evolução – e que as suas conquistas seriam doravante perenes, não mais impermanentes – deveria mesmo receber um trato teórico e acadêmico especiais, quiçá sendo esta a maior contribuição do nosso trabalho.

Dessa forma, à medida que o ser se descobre possuidor e partícipe de um universo não apenas subjetivo – resultante de suas condicionantes familiares e sociais –, mas espiritual, que existe verdadeiramente junto à sua identidade genética e à identidade do universo, resultado dentre outras experiências do autoconhecimento que, por exemplo, a mediunidade pode proporcionar a ele – permitindo-se livremente compreender o fenômeno que, inclusive, só acontece na dependência de sua estrutura física –, situações como a relatada no item passado pelo físico Carl Sagan, ou ainda encontros que se deram em momentos pretéritos ao da concepção desse trabalho e que trouxeram especial significado a ele, merecem destaque e a revisão do método e da literatura com qual deveríamos apreendê-lo.

Neste tópico trataremos, portanto, do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), que, de acordo com informações disponibilizadas no *site* da Federação Espírita Brasileira (FEB)⁷⁴, que é a instituição responsável pela divulgação dessa metodologia para o movimento espírita em todo o território nacional, é “uma proposta de estudo com metodologia e dinâmica adequadas para facilitar o conhecimento do ensino que os Espíritos trouxeram para a Humanidade e que o codificador, Allan Kardec, nomeou Espiritismo”.

Para tanto, de acordo com Campetti (2015, p. 10), em documento “Orientação ao Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita”, elaborado junto aos demais responsáveis pela área de Estudo do Espiritismo, na FEB, o objetivo de todo e qualquer estudo dentro das casas espíritas é:

[...] que todo estudo sistematizado precisa estar norteado por metodologia que garanta a definição do que se pretende alcançar (objetivos) e a sugestão de possíveis caminhos para o oferecimento da oportunidade do estudo do conteúdo espírita, evitando transformar a reunião em palestra ou, ainda, em perda de tempo com a discussão de quaisquer assuntos ao sabor da ‘inspiração’, sem a garantia de que os participantes, em certo período de tempo, adquiram o conhecimento básico dos princípios e da proposta de renovação individual e coletiva, norteadores da filosofia espírita.

Mas, de que forma nasce o ESDE?

O referido estudo veio à lume por volta do dia 28 de abril de 1976, através da expressão mediúnica da educadora Cecília Rocha, quando foi recebida uma mensagem, a primeira de duas, atribuída a um espírito, de nome Angel Aguarod⁷⁵, na Reunião de Apoio e

⁷⁴ Disponível em: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Conceito do ESDE**. Brasília, DF, 2016. <www.febnet.org.br>. Acesso em: 12 dez. 2016.

⁷⁵ Ao pesquisarmos na Biblioteca de Obras Raras da FEB, deparamo-nos com obras publicadas por Angel Aguarod. Este foi “[...] ex-presidente da FERGS, de nacionalidade espanhola, e que teve marcante atuação espírita na Espanha, Argentina, Uruguai e Brasil” (OLIVEIRA, 2009, p. 173) que publicou, ainda em vida, três obras constantes nas Referências de nosso estudo. Para que conheçamos o homem, autor das mensagens espirituais que impulsionaram a composição do ESDE.

Orientação Espiritual, na Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), sob o título “Integridade Doutrinária”.

Vejamos a mensagem de Oliveira (2009, p. 173-175):

Desde a tarefa apostolar do insigne Mestre de Lion, que o Movimento Espírita por ele iniciado, através da monumental obra da Codificação, tem sofrido oscilações na sua marcha e tem sido ameaçado na sua unidade ou integridade de princípios. A missão dos homens encarnados e dos Espíritos encarregados de zelar pelo desenvolvimento da ideia espírita não tem sido fácil, dado ainda o grau de ignorância das criaturas em geral, que procuram os esclarecimentos do Espiritismo de maneira superficial e sem desejar, na realidade, aprofundar conhecimentos e modificar atitudes. Em razão disso, vemos todos os dias os mais disparatados conceitos a respeito da Doutrina Espírita e, especialmente, da mediunidade, meio de comunicação com o mundo dos desencarnados, provocando situações constrangedoras de toda sorte para a verdadeira interpretação do que seja mediunidade, como funciona e principalmente para que serve. Nesse sentido, há uma preocupação significativa por parte dos que têm a elevada incumbência de conservar a Doutrina Espírita dentro de sua verdadeira estrutura, e com a finalidade de promover a redenção do Espírito, curando os males da alma e do sentimento, esclarecendo o entendimento e alargando os horizontes da Humanidade, na busca da felicidade e da paz. Cabe, pois, aos espíritas, responsáveis pelo Movimento Espírita, uma ampla tarefa de divulgação das obras básicas da Doutrina, promovendo um estudo sistemático das mesmas, com chamada de atenção para os aspectos que estão colocados à margem com graves prejuízos para a assimilação correta dos princípios e bases do Espiritismo e de sua missão. Recomendamos, portanto, o estudo de um plano amplo, no sentido de esclarecer os mais responsáveis pela dinamização do Movimento Espírita, da importância do estudo, da interpretação e da vivência do Espiritismo. Exorando para todos nós as bênçãos de luz e esclarecimento de Deus, nosso Pai, os nossos votos de êxito na tarefa. Angel Aguarod.

Assim começava a história que em 2016 completou 30 anos, e que teve na segunda mensagem, ditada no dia 26 de julho de 1978 na FERGS e nomeada de “Despretensiosa Sugestão”, finalidade de reiterar a importância de uma base comum de estudo no movimento espírita brasileiro e que está hoje presente em países da hispano-américa, Europa, Estados Unidos (OLIVEIRA, 2009, p. 175-176):

O Movimento Espírita do Rio Grande do Sul e de todo o Brasil vive um momento especial, o de renovação do seu quadro direcional, e, com ela, a esperança do progresso no aspecto da difusão; e o que é mais importante, no da vivência da mensagem renovadora codificada por Allan Kardec. Essa mudança para melhor não será feita, entretanto, sem luta e sem muita renúncia e igual perseverança por parte daqueles que devem ajudar a realizar essa transformação. No Rio Grande teremos que – aqueles que devem orientar o progresso do Movimento Espírita – usar de muita sabedoria para que a tarefa se concretize, firmeza com compreensão. Tolerância sem comprometer os fundamentos da Doutrina, enfim, conduzir sem impor. Em relação à defesa dos princípios norteadores do Espiritismo, o que, sem dúvida, estão nas obras da chamada Codificação Kardequiana, deveremos ser firmes. Qualquer concessão, nesse momento especial, será de consequências bastante lastimáveis. Nesse ponto, cabe aos Dirigentes atuais, talvez, o maior testemunho que deles se espera. Não é possível erigir um movimento doutrinário, como é o da Revelação Espírita, deixando-nos levar, a cada dia, por ideias que sopram de todos os lados, sem direção, qual vendaval que tudo derruba na sua passagem. Estamos sendo alertados do Plano mais alto sobre esse aspecto do nosso movimento, pois

dizem-nos nossos superiores que se não nos fizermos vigilantes nesse sentido, em pouco tempo o Movimento Espírita, embora conservando o nome, nada terá de Espiritismo... Reiterando despretensiosa sugestão, recomendamos uma ‘grande campanha’, para usar nomenclatura moderna, em torno da importância do estudo das obras básicas da Doutrina Espírita. Angel Aguero.

Destacamos as impressões de Carlos Campetti sobre o lançamento da proposta na FEB:

Ah, com o ESDE, o envolvimento já foi aqui na Federação Espírita Brasileira, naturalmente. Em 1982, quando a Federação Espírita do Rio Grande do Sul trouxe a proposta para a Federação Espírita Brasileira e para o Conselho Federativo Nacional⁷⁶, nós estávamos presentes na reunião. Então, nós vimos a federativa fazendo a proposta e a d. Cecília Rocha⁷⁷, que era também do Rio Grande do Sul, pediu a palavra, como diretora da FEB na época, e afirmou pra todo o conselho federativo que achava muito interessante, inclusive ela tinha recebido as mensagens, né, mas, a FEB não tinha equipe pra desenvolver o projeto. Então não haveria, em princípio, possibilidade de fazer aquilo de imediato. Então, o Rio Grande do Sul já vinha fazendo experiências, né, mas, quando terminou a reunião, ou houve o intervalo, não me lembro bem, várias pessoas procuraram a Cecília, e se ofereceram pra ajudar. E, já dentro daquele espírito de preparação do material de Infância e Juventude, que foi um trabalho coletivo, então, a Cecília já ali conseguiu montar uma equipe. Pequena, mas montou. E aquelas pessoas se comprometeram a buscar mais gente. Então o ESDE já nasceu, desde aquele momento, como um trabalho coletivo. E aí nós tivemos várias pessoas sendo envolvidas no processo da elaboração dos roteiros.

Ao difundir para o território nacional os conceitos doutrinários dispostos de maneira organizada e sistematizada, observamos que esta ação se refere à fidelidade aos preceitos básicos da Doutrina Espírita e como estes são absorvidos pelo grande público no vasto território brasileiro, bem como nos países que já iniciaram o ESDE, inspirados nascida no Rio Grande do Sul e institucionalizada pela FEB.

Agora, referindo-nos ao conteúdo ministrado, apesar deste ser oferecido através de material padronizado, em aulas ministradas por monitores/facilitadores, em ambiente clássico de sala de aula, obedecendo a um formato aparentemente tradicional, todo o esforço reside na transformação que se pretende encetar nos aspirantes a espíritas ou nos simplesmente curiosos por conhecê-la, agregando novos valores às suas vidas.

O ESDE se apresenta como um conteúdo formal, instrucional, de uma determinada forma de enxergar a vida e as reverberações destes conceitos para a ligação com Deus, com a expressão metafísica do ser e da vida e como este expediente deságua na sociedade que circunda os sujeitos que com ela interagem.

⁷⁶ O Conselho Federativo Nacional (CFN).....

⁷⁷ Cecília Rocha foi uma educadora.....

Mas a que se referem tais conteúdos? Partindo-se do pressuposto de uma Educação desprovida dos fundamentos essenciais ao exame do sentido da vida, vimos que o ESDE tenta suprir esta lacuna, não somente para o aprendente, como também para quem o ministra.

Sobre aquilo a que nos remetemos, Denis (2013, p. 7) reflete com propriedade:

Uma dolorosa observação surpreende o pensador no ocaso da sua vida. Resulta também, mais pungente, das impressões sentidas em seu giro pelo espaço. Reconhece ele então que, se o ensino ministrado pelas instituições humanas, em geral – religiões, escolas, universidades –, nos faz conhecer muitas coisas supérfluas, em compensação quase nada ensina do que mais precisamos conhecer para encaminhamento da existência terrestre e preparação para o Além. Aqueles a quem incumbe a alta missão de esclarecer e guiar a alma humana parecem ignorar a sua natureza e os verdadeiros destinos. Nos meios universitários reina ainda completa incerteza sobre a solução do mais importante problema com que o homem jamais se defronta em sua passagem pela Terra. Essa incerteza se reflete em todo o ensino. A maior parte dos professores e pedagogos afasta sistematicamente de suas lições tudo que se refere ao problema da vida, às questões de termo e finalidade [...].

Toda a Introdução da referida obra do filósofo Léon Denis (2013), e que abriga o fragmento reflexivo acima, serve como base para pensarmos os complexos distanciamentos da Educação das questões do espírito e sua destinação na vida.

Imagem 6 – Campanha de estudo sistematizado da Doutrina Espírita – Manual de Orientação – Lançamento: 1983



Fonte: FEB (1983).

Imagem 7 – Campanha de estudo sistematizado da Doutrina Espírita – Contracapa do Manual de Orientação



Fonte: FEB (1983).

Através das entrevistas com Carlos Campetti, identificamos aspectos que vão desde a sistemática do estudo em seu regime informal baseado em discussões em grupo e por meio de apostilas, aos desafios que se apresentam aos voluntários que ministram as aulas,

bem como àqueles que o buscam na qualidade de ouvintes, estudiosos e curiosos em conhecer o Espiritismo; a formação minimamente exigida para que o espírita se torne monitor, o ESDE como dispositivo de sociabilidade, convivência e homogeneidade dos conteúdos em solo nacional e internacional.

O documento “Orientação ao Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita” (CAMPETTI, 2015) – que na época de nossa primeira entrevista com Carlos Campetti era ainda uma proposta a ser avaliada em conjunto no CFN, que ocorre anualmente nas dependências da FEB e congrega presidentes e representantes de todas as federativas de cada estado nossa nação, com a finalidade de definição de diretrizes a serem seguidas por todo o movimento espírita, de maneira harmônica e organizada – também subsidiou nossa compreensão.

Sobre sua confecção e para que tenhamos uma ideia de como um material desses é produzido no movimento espírita, de forma coletiva, respeitando as particularidades culturais de cada região, Carlos Campetti registra:

Agora está no CFN pra ser aprovado ‘Orientação ao ESDE’, foi um documento gerado a cinquenta mãos, passou por todo o movimento. Foi no quarto encontro onde metade do pessoal que estava examinou o documento e fez uma versão mais finalizada. A gente só fez a redação depois, com as ideias deixadas e foi apresentado.

Contando com o referido documento e com a contribuição valorosa dos demais entrevistados – que aqui serão escutados livremente, sem a intercessão de teorias ou suportes instrumentais que já se fizeram presentes no momento da consulta destes e durante toda a escrita desta tese de doutoramento –, os pontos relevantes, os avanços e as dificuldades que estão subjacentes no estudo em tela são os seguintes:

- A importância da leitura, principalmente, entre os facilitadores:

Em termos participativos, a pessoa vai percebendo, à medida que se envolve nos estudos, a necessidade de não ficar num clima de passividade. Deve ir em busca da pesquisa, das leituras, das reflexões, e tudo o que possa contribuir para o crescimento individual e coletivo. (Laranja).

E você vê hoje a volta do estudo da obra básica, as pessoas sentando em círculo pra estudar de novo a obra básica; mas agora as pessoas que estão ali foram monitores, facilitadores no ESDE, estão inclusive, continuam, mas, em outro dia na casa ele sabe a dinâmica do envolvimento, de cativar essas pessoas e de fazer com que elas se sintam motivadas dentro do processo de aprendizagem do Espiritismo no estudo direto da obra de Allan Kardec, ou às vezes, da obra subsidiária como André Luiz. (Sol).

[...] a gente tem trabalhado, dentre eles a falta de hábito de leitura da obra. Seja ela de André Luiz... Principalmente: Emmanuel, André Luiz, Joanna, né. Nisso eu já tô considerando que você já tem conhecimento de Kardec, porque se não, você não tem como avaliar obra nenhuma. Então, a gente tem tentado reforçar a leitura na obra. [...] Quando a gente oferece o livro, a gente pede: ‘Não divide o livro em capítulo, não

põe para apresentar capítulo'. [...] O dividir constitui escolarização! O dividir e apresentar! [Inaudível]. Ninguém tem obrigação nem de ler, agora nós, como facilitadores, temos obrigação de oferecer e dizer o que tem lá dentro. Isso nós temos obrigação! E eu coloco a palavra 'obrigação' [Ênfase na palavra], porque nós estamos aqui para oferecer a doutrina, para apresentar a doutrina [...]. Quando a gente se envolve numa discussão onde todos leram o livro, nossa, a discussão se enriquece... assim... Porque tem viés que eu não observei e que você observou. Então, o que a gente tem tentado implementar é exatamente isso na questão da leitura [...]. (Índigo).

- A “escolarização” do estudo que, como qualquer outro processo educativo, envolve desafios que vão se apresentando na experiência cotidiana:

Mas, qual é a fragilidade do ESDE? [...] a gente começou a ver que em algumas casas espíritas, inclusive aqui alguns grupos, aqui na própria FEB, era muito técnico, ficava muito preocupado com aquele negócio de trabalho em grupo, daquelas dinâmicas grupais, e o conteúdo, ao invés de ser o primeiro lugar ficava para segundo. [...] Então, eu acho que o ESDE passa a ser uma coisa assim muito de escola, muito escolarizado, quando ele não vê aquele material tão nobre que auxilia o nosso progresso. [...] Então, em muitos lugares ficou aquele tecnicismo. Eu acho que é nesse ponto que a pessoa pode se perder, que o ESDE tem que fazer esse resgate, que a dinâmica é uma boa, que as pessoas aprendem a viver, a se socializar, a respeitar a opinião do outro, a ouvir, debater, isso é muito bom na formação, nesse processo de socialização e pra gente fazer um trabalho grupal, a gente trabalha com uma equipe na casa espírita, mas, você tem que tomar cuidado pra que aquilo não seja o essencial, o essencial é a Doutrina. (Terra).

O movimento tinha evoluído, nós já estávamos com vinte e cinco anos de ESDE, mais ou menos, de trabalho, vinte e seis anos de ESDE. Havia certas práticas que estavam arraigadas. E nós observamos, no contato com as pessoas, inclusive as críticas que a gente foi vendo, que o ESDE estava escolarizado em muitos lugares. Muito controle de frequência, muito acompanhamento da presença dos chamados alunos e, muita cobrança. (Sol).

- A evasão de trabalhadores/colaboradores do ESDE:

E como é que a gente faz pra evitar a evasão? Nós temos trabalhado agora com a não obrigatoriedade das coisas. Antes o monitor era obrigado a vir, por exemplo, às reuniões, todas elas. A gente tem umas reuniões aos sábados à tarde e ele tinha que vir, se ele não vem, a gente acompanha e conversa com ele, se ele continua não vindo, ele não pode ser monitor. Então, nós abrimos, você não está obrigado a vir, a não ser na reunião administrativa, porque essa tem que tá porque não tem jeito, e numa reunião de integração de toda área de estudo da FEB, que esse também é um momento de encontrar os outros trabalhadores de outras áreas, então, nesse dia é necessário estar aqui. Nem todo mundo vem, então, é uma obrigatoriedade de compromisso, mas, as outras duas ou três reuniões no mês estão livres, e nós fizemos até o ano passado um dia livre, que eles tinham pedido, pediram pra voltar a ter atividade. Então, nós estamos com atividade todos os sábados do mês e não está obrigado a vir nas duas últimas, ou até na terceira última, porque às vezes tem cinco semanas no mês, e, mas, tem aumentado progressivamente a frequência... Por que? Porque as reuniões que nós estamos fazendo atraem a atenção deles, nós não estamos mais com aqueles assuntos em que alguém ficava lá na frente falando pra eles. Há um envolvimento, é criado um espaço de convivência, em que as pessoas manifestam as suas inquietações, as suas dificuldades, e a gente traz assuntos que eles precisam desenvolver lá dentro, saber desenvolver nas reuniões. (Sol).

- O sistema de estágio que, embora se tratando de um estudo em que os monitores são voluntários, viu-se a importância de uma prática e uma formação antes que estes assumam tais funções:

Então, a FEB criou, já faz algum tempo, um sistema de estagiários. Nós estamos mudando isso, inclusive, agora o monitor observa a turma e, depois de um ano da pessoa frequentando, quando ele está terminando o que hoje é considerado o Fundamental I, que ele está indo pra um ano e meio, ele é convidado, quando ele tem condições segundo o critério do monitor, para fazer um curso, uma preparação, e ele passa a fazer uma assistência, ele ajuda o monitor. Começa ajudando a cuidar dos equipamentos, preparar um *Power Point*... Ele vai ajudando até o momento que ele se sente mais à vontade e ele aplica parte do roteiro, depois ele aplica um roteiro e vai sendo avaliado. (Sol).

Nós estamos tentando, vamos dizer assim, trabalhar na ‘construção’ de um facilitador. Facilitador, para mim, ele tem um cargo muito maior do que aquele que monitora. [...] O que já está como estagiário, a gente trabalha bem a parte pedagógica, especialmente, a parte pedagógica do adulto, a Andragogia, para ele perceber a importância dele adequar a técnica, recurso, saber como ele vai lidar na hora de desenvolver um debate, por exemplo. (Índigo).

- A avaliação e reformulação permanentes, tendo em vista ser esse um processo contínuo e que não deve ser tratado como um fim em si mesmo, mas, a abertura para a reorientação dos trabalhos:

Um curso básico é um curso básico, depois você aprofunda. Foi por isso que nós criamos o EADE, porque a Cecília achou que o ESDE estava muito pequeno com três, mas, não tava, e vai ser mais encolhido ainda. Vai começar a revisão agora em dezembro. (Terra).

- “Aprender fazendo”:

Porque nós chegamos à conclusão que você aprende na prática, e é fundamental, é aprender fazendo, isso é crucial, é muito importante dentro do ESDE, mas, ele precisa de uma base teórica, que ele não vai adquirir como monitor. (Sol).

Eu sou engenheiro. Não tenho nada de conhecimento de Pedagogia. Zero. A Marta também, da área de Saúde, também não era muito entendida, mas, a Cecília Rocha era pedagoga, foi professora o tempo todinho, aposentou-se especializada nisso, naquilo e naquilo outro, então, nos orientou com muita tranquilidade, com muita sabedoria. Aí foi um, dois, três, aqueles objetivos, os objetivos específicos, desenvolvimento, aquilo eu nem sabia que existia, eu não sabia isso. Ela explicou pra mim como é que era. ‘Tá certo, então, vamos fazer como você tá orientando’. (Vermelho).

Aí eu comecei como monitora desde, se não me falha a memória, em 2009. Até 2007, 2008, eu estava como estudante. E, até então, a gente vem tentando, né?! [risos] Tentando passar, passar da melhor maneira possível o conhecimento, compartilhado junto com os companheiros de estudo, que é importante, mas, na verdade eles acabam me ensinando mais ainda [...]. (Amarelo).

- O compromisso:

Ele precisa, realmente, passar por um momento em que ele tenha essa preparação e, se ele não vier, ele não será mais estagiário. Isso, inclusive, demonstra uma certa disciplina de vencer as dificuldades, superar as barreiras pra poder estar presente no dia do encontro em que ele vai ser preparado. E a preparação não é uma vez só, a gente faz isso pelo menos a cada semestre, a pessoa passa ou por uma preparação ou por uma atualização. Então, assim a gente vai formando mais pessoas [...]. (Sol).

- O ESDE como espaço de convivência em grupo, onde a diversidade de potenciais é valorizada, em contraponto ao que se observava na divulgação da Doutrina Espírita no passado, anterior a esse sistema de estudo:

Eu acho que houve um crescimento na Doutrina Espírita revolucionário, porque o ESDE... Antigamente o Espiritismo vivia de palestras públicas. Palestras públicas, Palestra pública, ela esclarece, ela ajuda, ela auxilia, poucos estados estudavam... Porque o ESDE é um estudo que não é uma aula, é um estudo grupal, aonde precisava as pessoas terem participação, saber como se procede dentro de um grupo, aquele que pergunta muito, aquele que é calado, aquele que é tímido, um sabe tudo, o outro sabe menos [...]. (Vermelho).

Não faltaram reflexões: ‘Não seria uma maneira mais agradável de envolver os participantes? Não seria mais favorecido o desenvolvimento das habilidades para a assimilação dos conteúdos? E a exposição de suas ideias, não seria melhorada? Assim, teríamos uma forma continuada e mais participativa de estudar a Doutrina Espírita nos aspectos filosófico, científico e religioso’. [...] Naquele ambiente acolhedor e fraterno, envolvidos pelas vibrações espirituais de apoio, partilhávamos as nossas expectativas de como apresentar entusiasmamente e esperançosos as lições da Doutrina Espírita, através do ESDE. (Laranja).

[...] eu me identifico com o ESDE porque é uma via de mão dupla. A gente tá sempre ali, ensinando e aprendendo, simultaneamente. E é um relacionamento que é como se a gente estivesse, assim, numa família mesmo. A gente vai desenvolvendo aquela afinidade pelas pessoas, aquela fraternidade gostosa. Isso torna o conhecimento agradável, porque, além do conhecimento em si, passa, também, a ser uma terapia em grupo, onde a gente troca ideias sobre os nossos problemas do dia a dia, à luz do Evangelho, é claro, que a gente não pode esquecer disso. (Amarelo).

- A sensibilidade para identificar as necessidades do movimento espírita:

[...] o próprio movimento tem ‘empurrado’ para propostas novas, sabe por quê? Porque nós somos de [Inaudível], nós somos progressistas por natureza, não é a Doutrina progressista. Nós somos! O ser humano é progressista. Então, quando começa a ficar aquele ‘trem’, aquela ‘aguinha morna’ [...]. ‘Não, mas, espera aí... Ôpa, tem alguma coisa que não está batendo[...]’. (Índigo).

Isso a gente tem pedido para fazer. Uns fazem, outros não, mas, o próprio movimento já tem pedido isso. Porque nas avaliações a gente vê que eles dizem que é muito fraco, que o conteúdo é muito superficial, e as pessoas buscam respostas. (Índigo).

- Os desafios do Campo Experimental:

A gente, normalmente, tem as reuniões setoriais, que elas acontecem aqui, na FEB. Quando tem projetos novos, a gente marca as reuniões – como é que o Carlos chama? –... do colegiado. Em que vão ser discutidas propostas, até fechar mesmo o

planejamento. Mas, no transcorrer do semestre, a gente vai tendo essas reuniões, porque na verdade o planejamento é montado final-início de ano. Então, entre dezembro, janeiro, fevereiro, é montado já o Plano de Ação que vai correr no próximo semestre. Entre dezembro e fevereiro não, janeiro, já tem que estar o Plano de Ação já bem estruturadinho, com relação a projetos pedagógicos. (Índigo).

- Os requisitos para que o voluntário se torne um monitor/facilitador de ESDE:

O ESDE tem esse papel preponderante, pela própria situação dele, de ser um grupo, de se constituírem grupos de estudo do Espiritismo para adultos... Pessoas que já são profissionais, que estão se profissionalizando, já tem especialização muitas vezes em certas áreas e que são potenciais trabalhadores já pré-preparados para as atividades espíritas e que, bastando uma pequena capacitação, às vezes mesmo só o próprio estudo do conhecimento espírita já o coloca em condições de ser um colaborador voluntário em alguma das áreas de ação da casa espírita. [...] O trabalhador, a pessoa, ela se sente parte, ela se fixa na instituição na medida em que ela se envolve, em que ela tem atribuição, ela se sente responsável, então, também é uma maneira de fixação, porque uma pessoa que está preparada, conhece, e ela não tem oportunidade de trabalho, ela se sente frustrada, ela não se sente também integrante, ela por qualquer razão vai embora. Então é muito importante essa fixação, a partir de um certo momento do histórico do estudo do indivíduo que ocorra essa transição do estudo para a prática, agregando ao estudo a prática. (Sol).

No ESDE não basta só boa vontade, é uma outra etapa. A gente costuma dizer que basta boa vontade pra ser um freqüentador, um participante do ESDE, agora um monitor do ESDE tem que ter superado a etapa da boa vontade. Ele precisa manter a boa vontade, mas, a boa vontade tem que ter gerado nele os elementos necessários para ele estar preparado pra aquilo, e a gente não encontra pessoas preparadas sempre. Como você disse, há realmente uma evasão e são vários os fatores: ou a pessoa é convidada pra outras áreas da casa ou a pessoa muda pra certos locais, e Brasília tem essa característica ainda. Tem muita gente que passa períodos em Brasília e depois vai embora. Então nós temos uma certa rotatividade e estamos sempre precisando formar, preparar pessoas pra essa atividade. Então, a FEB criou, já faz algum tempo, um sistema de estagiários. Nós estamos mudando isso, inclusive, agora o monitor observa a turma e, depois de um ano da pessoa freqüentando, quando ele está terminando o que hoje é considerado o Fundamental I, que ele está indo pra um ano e meio, ele é convidado, quando ele tem condições segundo o critério do monitor, para fazer um curso, uma preparação, e ele passa a fazer uma assistência, ele ajuda o monitor. Começa ajudando a cuidar dos equipamentos, preparar um *Power Point*... Ele vai ajudando até o momento que ele se sente mais à vontade e ele aplica parte do roteiro, depois ele aplica um roteiro e vai sendo avaliado. Nós observamos que isso aí traz um probleminha: o monitor, normalmente, identifica como bom aquele que é um semelhante a ele. É natural isso, faz parte do processo. Então, nós vamos aperfeiçoar isso, a partir de agora, e a decisão do convite não será mais do monitor, mas, da coordenação. Ele propõe, a coordenação vai examinar, ela terá outros elementos de acompanhamento do indivíduo, pra ver então quem poderia. E um dos critérios vai ser o indivíduo vai ser convidado para a preparação, se ele não vier, ele não vai ser monitor, ele não vai ser estagiário. Porque nós chegamos à conclusão que você aprende na prática, e é fundamental, é aprender fazendo, isso é crucial, é muito importante dentro do ESDE, mas, ele precisa de uma base teórica, que ele não vai adquirir como monitor. Ele precisa, realmente, passar por um momento em que ele tenha essa preparação e, se ele não vier, ele não será mais estagiário. Isso, inclusive, demonstra uma certa disciplina de vencer as dificuldades, superar as barreiras pra poder estar presente no dia do encontro em que ele vai ser preparado. E a preparação não é uma vez só, a gente faz isso pelo menos a cada semestre, a pessoa passa ou por uma preparação ou por uma atualização. (Sol).

- A Educação Moral:

E sempre, a cada estudo desses agrega naturalmente conhecimento e a experiência faz com que a gente veja coisas que a gente não viu nos estudos anteriores e aquilo vai se ampliando. Inclusive, porque não é meramente uma leitura. Não é! O termo tem que ser bem compreendido. É um estudo, de fato. O estudo pressupõe comparação, busca de informação em outras fontes, pressupõe meditação sobre aquilo que você está lendo, incorporação de conceitos, valores, e aplicação prática daquilo que você conhece. Pra que serve aquilo que a gente aprende, se não é pra nos modificar para melhor e para auxiliar o semelhante também a se melhorar, a se fazer melhor e ter mais paz de consciência? (Sol).

Na condição de espírito em aprendizado aqui na Terra, reconheço que o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita foi, e continua sendo, uma fonte inspiradora de esforço pessoal, que deve ser empreendido para me aperfeiçoar cada vez mais. Reconheço que ainda tenho muito que aprender. Acima de tudo, de viver os ensinamentos de Jesus, em sua plenitude. (Laranja).

A Doutrina Espírita é essencialmente educativa porque essa proposta de Jesus, da gente se colocar no lugar do outro, isso é uma coisa que o Espiritismo nos estimula a fazer diariamente. [...] A Doutrina coloca você muito nessa dimensão da vida real, de você realmente questionar, de você analisar as coisas, de você refletir em cima daquilo e, a partir da hora que você faz essa autoanálise, você vai procurando ver o que tá faltando pra você se tornar uma pessoa melhor, mais feliz. (Amarelo).

Esse é o grande escopo do Espiritismo porque, de fato, seja pelo viés da ciência, através da filosofia, que você fica embevecido quando você analisa, por exemplo, a Reencarnação, que é um dos nossos princípios básicos [...] e que inevitavelmente nos compele a uma parada necessária, uma reflexão, a respeito da nossa caminhada de ascensão espiritual para que nós redimensionemos as nossas vidas e nos modifiquemos internamente. Muitas filosofias espiritualistas têm propostas semelhantes, até porque com o Espiritismo nós entendemos que todas as expressões de fé são caminhos que levam a um mesmo fim, que é Deus, mas, a que nós fizemos opção de seguir – eu, Carlos Campetti, o professor Armando – nos sinaliza nesse sentido: você tem a ciência, que embevece, que desperta curiosidade, a filosofia que estimula a reflexão e nos dá a compreensão a respeito dos grandes enigmas da vida que sempre afligiram a criatura humana, nos faz entender melhor quem somos nós, de onde viemos, para onde vamos, mas, indubitavelmente, a diretriz que nos aponta a conquista daquilo que é, de certo, o desiderato de todos nós na Terra, que é a harmonia íntima, o equilíbrio, a paz [...]. (Azul).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta da existência de um Cosmos muito maior do que o que conhecemos, nomeado de Matéria Escura, que seria a fonte de uma gravidade desconhecida nos aglomerados de galáxias, nos idos de 1930, revelou que por trás de um conhecimento já conhecido, existe ainda um mistério muito maior por se revelar.

Da mesma forma que a Matéria Escura não pode ser observada, exceto pelo seu efeito gravitacional, revelando a presença de um universo invisível muito mais denso que o universo visível, assim é o mundo espiritual.

Muito mais perfeito em suas formas e expressões, o mundo espiritual, por não ser aparente, revela-se a partir de deduções, de observações acuradas, que transcendem a lógica a partir da qual apreendemos a matéria, pois que contém suas próprias leis que lhe são condizentes.

E a certeza cultivada pelos astrônomos de que o Universo se encontra em franca e progressiva expansão, é daqueles fenômenos que põem à prova a nossa razão, para que nasça a humildade de reconhecermos que o que sabemos é uma fração pequena do que na verdade existe.

Quando em 1977 a Nasa lançou duas missões espaciais capitaneadas pelas naves espaciais Voyager Um e Dois, estas revelaram um sem número de detalhes próprios da constituição planetária de Júpiter e Netuno e do Sol encontrados em achados rochosos nos oceanos profundos da Terra, devido acontecimentos que datam de bilhões de anos atrás. Tanto a originalidade desses achados quanto a comparação feita entre uma dinâmica distante anos-luz de nós e aquela encontrada nas nossas profundas águas revelam que o oceano interestelar é intrigante o bastante para suscitar que mudemos nossas perspectivas de apreensão dos fenômenos se assim quisermos ser mais coerentes com os princípios da Ciência que, em se revelando neutra em sua essência, métodos e pressupostos, pode ser limitada quando não utilizada com a liberdade que ela precisa.

O que o leitor conhecerá a seguir é uma ação de Carl Sagan, a propósito de uma herança que poderemos oferecer à humanidade, nos termos de um conhecimento mais integral da vida, dos homens e dos seus destinos, que ilustra a reflexão que intencionamos deixar nas considerações últimas favorecidas por esta tese de doutoramento, tocando no universo ainda por descobrir adequadamente das relações existentes entre a Educação e a Doutrina Espírita, observadas nas transformações espirituais sobre as quais nos debruçamos.

Apesar desta última etapa não comportar mais citações, insistimos em incorrer nesta heresia acadêmica, pois, outra forma não encontramos para fundamentar nossa pretensão de deixar uma consideração que sirva de móvel para pesquisas futuras.

É a narrativa de Neil deGrasse Tyson, sobre a mensagem a outras civilizações que Carl Sagan induziu a NASA a deixar com a Voyager – na figura de um diagrama com inscrições universais contendo elementos do Universo comuns a tudo que encontramos nas composições microcósmicas e que se projetam numa dimensão macrocósmica –, e que tomamos a liberdade de reproduzir:

Em 1979, quando as duas Voyagers circularam Júpiter, sua imensa gravidade agiu como um estilingue jogando-as para fora do Sistema Solar para viajar ente as estrelas de nossa galáxia por um bilhão de anos. Carl Sagan percebeu que a missão Voyager oferecia duas passagens gratuitas para algo parecido com a eternidade. Ele reuniu uma equipe para criar uma mensagem para qualquer civilização que possa, um dia, encontrar a nave espacial abandonada. [...] O que poderíamos ter em comum com uma civilização alienígena com sua própria história evolucionária tão avançada que possa patrulhar o espaço interestelar? Pelo menos uma coisa: a linguagem universal, a Ciência. É difícil quebrar os laços da gravidade. Só se pode velejar mares cósmicos se ‘falar’ Matemática e Física. O hidrogênio e o elemento mais comum do Universo. O elétron num átomo de hidrogênio muda a direção de seu giro a uma taxa constante ou frequência. Os átomos de hidrogênio são minúsculos relógios naturais tique-taque. Agora temos uma unidade de tempo em comum com os extraterrestres. Isso será útil quando passarmos ao próximo nível da mensagem. Aqui está nosso endereço de retorno no espaço. Os pulsares são estrelas de nêutron que giram e emitem pulsos regulares de ondas de rádio. Pode acertar seu relógio por eles. O Sol está no centro deste diagrama e as linhas apontam para os 14 pulsares mais próximos. Um código simples rotula cada pulsar com sua frequência única usando o tique-taque do átomo de hidrogênio como a unidade de tempo. Então, os astrônomos alienígenas podem usar esse diagrama para localizar a estrela doméstica da nave Voyager em nossa galáxia. Também podem dizer há quanto tempo a nave foi lançada. E isso é importante, porque o gravador da Voyager tem uma duração projetada de um bilhão de anos. Seja um arqueólogo extraterrestre por alguns minutos. Um artefato foi ‘pescado’ no oceano interestelar. Foi produzido por seres que viveram há cerca de um bilhão de anos. O que você acharia deles e de seu mundo? Eles nos enviaram sua música e suas saudações em 59 línguas humanas. O olá das crianças do planeta Terra. E uma linguagem das baleias. E um ensaio de som que inclui um lançamento de foguete do Saturno 5. As primeiras palavras de uma mãe para seu bebê recém-nascido. As ondas cerebrais de uma jovem que acabou de se apaixonar. E o som de um pulsar. Tudo isso viverá por um bilhão de anos.

A proposta foi endereçar ao Universo os registros de seres de um planeta chamado Terra, utilizando as ferramentas disponíveis pela Ciência para condensar informações que indicassem que naquele dito planeta habitam aqueles que produzem sensações e sons que, da originalidade de suas experiências, características de suas culturas, se harmonizam com a formação cósmica universal.

Com a diferença que poderemos ser nós mesmos a reencontrar as mensagens deixadas nas dependências da espaçonave – pois que tomamos como referência o retorno do espírito às experiências materiais nos infinitos planetas através da Reencarnação –, a ideia

mesma de tomarmos como paradigma o espírito no traço firmado pela (trans)formação educativa, amplia nosso espectro de visão sobre nossa atuação no mundo.

Ligados pela mesma lógica de formação universal, vemos que nossas ações possuem, desta feita, impactos, à maneira de ondas quando “a pedra cai nas águas”, e progressivamente atingem as regiões mais periféricas. É por isso que acreditamos que nada acontece ao acaso e dedicamos especial atenção aos encontros ocorridos nas feiras do tempo, mas que, ainda possuidores de ressonâncias, foram a base de nossa discussão, fomentando os raciocínios de nossa tese.

As vidas tomadas de exemplo, orbitando nas adjacências das experiências de Carlos Roberto Campetti, promoveram a certeza de que coesos, organizados, fundamentados, podemos transcender conflitos individuais na busca de edificar um ideal coletivo, tal como o experimentado pelos sujeitos que acreditam na promoção de (trans)formação espiritual através do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE).

Transformar-se aqui deve ser lido como educar-se, quiçá o contrário, numa perspectiva universalista e integral, através da comunhão de propósitos de natureza não dogmática, mas, que vislumbrem o estudo e conhecimento das especificidades de nossos destinos, balizados pela coerência destes em harmonia com a informação de quem somos e de onde viemos, numa perspectiva reencarnatória.

Não gostaríamos de ver nossa proposta distorcida pelas visões conservadoras de que somente certas religiões promovem transformações, pois que já ajustadas a interesses e lógicas sociais caducas em suas propostas, até porque não acreditamos existir uma religião oficial, se não que oficiosa, ao tomar por seus pressupostos a resposta a todos os anseios que podem se apresentar no íntimo do ser humano.

Possuímos tantas peculiaridades que nos distinguem uns dos outros, que se apresenta como um lamentável equívoco achar que uma dada fé religiosa possa abarcar a totalidade dos anseios dos sujeitos dispostos, com suas experiências singulares. O que nos move, isto sim, é a certeza de que, se baseada em princípios que levem o ser humano a perceber-se como uma engrenagem importante de uma máquina chamada vida, seja qual for a crença sobre a qual se assenta o sujeito, este terá feito uma boa escolha, e a garantia de sua transformação será certa.

Por fim, encaminhamo-nos para o encerramento com uma importante consideração de Carl Sagan, esta personalidade marcante que ilustrou nossa tese, pois que ele compreendeu o sentido da vida para nós, no planeta que habitamos, mesmo quando nem nós mesmos temos lucidez sobre a importância de nossa trajetória no tempo e no espaço nesse

endereço, apesar deste ser tão pequeno quando deslocamos nosso ponto de vista para olhá-lo de mais longe:

É ali. É a nossa casa. Somos nós. Ali estão todos que você amou, todos que conheceu, de quem já ouviu falar, todos os seres humanos que já existiram, vivem ou viveram suas vidas ali. O conjunto de nossas alegrias e nossos sofrimentos, as inúmeras religiões, confiantes ideologias e doutrinas econômicas, todos os caçadores e saqueadores, heróis e covardes, criadores e destruidores de civilizações, reis e camponeses, jovens casais apaixonados, pais e mães, todas as crianças esperançosas, inventores e exploradores, professores de moral, políticos corruptos, celebridades, líderes supremos, todos os santos e pecadores da História de nossa espécie viveram aqui, num grão de poeira suspenso num raio de Sol. A Terra é um palco muito pequeno em uma imensa arena cósmica. Pense nos rios de sangue derramados por todos os generais e imperadores para que, na glória do triunfo, pudessem ser os senhores momentâneos de uma fração desse ponto. Pense nas crueldades infinitas cometidas pelos habitantes de um canto desse píxel contra os habitantes quase indistintos de algum outro canto em seus frequentes conflitos, sua ânsia de recíproca destruição, seus ódios ardentes. Nossas atitudes, nossa pretensa importância, a ilusão de que temos uma posição privilegiada no Universo, tudo é posto em dúvida por esse ponto de luz pálido. O nosso planeta é um pontinho solitário na grande escuridão cósmica que nos envolve. Em nossa obscuridade, em meio a toda essa imensidão, não há indício de que virá algum socorro que nos salve de nós mesmos. A Terra é, até agora, o único mundo conhecido que abriga a vida. Não há nenhum outro lugar, ao menos no futuro próximo, para onde nossa espécie possa migrar. Visitar? Sim. Habitar? Ainda não. Goste-se ou não, no momento, a Terra é o nosso posto. Já se disse que a Astronomia é uma experiência que forma o caráter e ensina a humildade. Talvez não exista melhor comprovação da loucura e das vaidades humanas do que esta distante imagem. Para mim, ela sublinha a responsabilidade de nos relacionarmos com mais bondade uns com os outros, de preservarmos e amarmos o pálido ponto azul, o único lar que conhecemos.

E que seja através de um pensamento racional equilibrado a nossa descoberta dos universos que povoam a vida, desde os microuniversos aos macrouniversos de experiências possíveis, para que possamos compreender a extensão e importância de nossas ações conjugadas com as ações de cada um, e estas somadas à totalidade do que representam verdadeiramente o individual e o coletivo, a matéria e o espírito, como campos que compõem um todo maior e único.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1984. v. 5.
- AGUAROD, Angel. **Grandes e pequenos problemas**: considerados à luz da nova revelação. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- AGUAROD, Angel. **Verdad a los niños**: diálogos entre madre e hija. Buenos Aires: Luz y Vida, 1931.
- AGUAROD, Angel. **Vozes de além túmulo**: comunicações recebidas pelo médium Angel Aguarod no período decorrido de 17 de agosto de 1916 a 3 de agosto de 1917. Porto Alegre: O Delta, 1917.
- AKSAKOF, Alexandre. **Animismo e Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1956.
- ALMEIDA, Alexandre Moreira de; LOTUFO NETO, Francisco. A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 132-141, 2004.
- ALMEIDA, Alexandre Moreira de; LOTUFO NETO, Francisco. Diretrizes metodológicas para investigar estados alterados de consciência e experiências anômalas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 21-28, 2003.
- ALVES, Rubem. **O infinito na palma da sua mão**: o sonho divino ao nosso alcance. 4. ed. Campinas: Verus, 2013.
- AMORIM, Deolindo. **O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas**. 5. ed. Rio de Janeiro: CELD, 1992.
- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidade social espírita entre França e Brasil. Maceió: Ufal, 2009.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1958.
- BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- BARACAT FILHO, Antônio Abdalla. **O infinito segundo Giordano Bruno**. 2009. 181 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BETARELLO, Jeferson et al. **A temática espírita na pesquisa contemporânea: textos selecionados**. São Paulo: CCDPE-ECM, 2010.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 203-233.

BOZZANO, Ernesto. **Animismo ou Espiritismo?** Brasília, DF: FEB, 1938.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

CAMPETTI, Carlos Roberto (Org.). **Orientação ao estudo sistematizado da Doutrina Espírita**. 2. ed. Brasília, DF: FEB, 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CHRISTANTE, Luciana. Com-saída. **Revista UnespCiência**, São Paulo, p. 30-35, 2010.

CINEMA Paradiso (*Nuovo Cinema Paradiso*). Direção: Giuseppe Tornatore. Produção: Franco Cristaldi. Itália: Cristaldi Film, 1988. 123 min, italiano, color.

COLOMBO, Dora Alice (Dora Incontri). **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

COMENIUS, Jan Amos. **A escola da infância**. São Paulo: Unesp, 2011a.

COMENIUS, Jan Amos. **Didática Magna**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011b.

COMENIUS, Jan Amos. **O labirinto do mundo e o paraíso do coração**. Bragança Paulista: Comenius, 2010.

COMENIUS, Jan Amos. **O único necessário**. Jarinu: Pentagrama, 2015.

COMENIUS, Jan Amos. **Pampaedia: educação universal**. São Paulo: Comenius, 2014.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DENIS, Léon. **Cristianismo e Espiritismo**. 17. ed. Brasília, DF: FEB, 2013.

DENIS, Léon. **Joana d’Arc (médiuim): suas vozes, visões, premonições**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

DENIS, Léon. **No invisível: espiritismo e mediunidade**. 26. ed. Brasília, DF: FEB, 2014.

- DENIS, Léon. **O grande enigma**. 16. ed. Brasília, DF: FEB, 2014.
- DENIS, Léon. **O problema do ser, do destino e da dor**. 32. ed. Brasília, DF: FEB, 2013.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1989.
- EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- EKSTEINS, Modris. **A sacração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Conceito do ESDE**. Brasília, DF, 2016. <www.febnet.org.br>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. **A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)**. 2. ed. São Paulo: PUC: Escuta, 1994.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. **Matrizes do pensamento psicológico**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 39. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2016.
- FRANKL, Viktor E. **O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver**. São Paulo: É Realizações, 2015.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 4.
- FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. 2.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 14.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v. 21.

FREUD, Sigmund. Primeiras publicações psicanalíticas. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. v. 21.

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. v. 14.

FREUD, Sigmund. Sobre a transitoriedade. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996g. v. 14.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996h. v. 14.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996i. v. 13.

FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico. In: FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996j. v. 14.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 14. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Além do apenas moderno**: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks UniverCidade, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 6. ed. São Paulo: Global, 2004.

GIL, Marcelo Freitas. **A educação das almas**: o estudo sistematizado da Doutrina Espírita e a unificação do Movimento Espírita Brasileiro. 2014. 591 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

GOIDANICH, Simoni Privato; CAMPETTI, Carlos Roberto. **Pases a la luz del Espiritismo**. Asunción: Arami, 2007.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 67-79.

GONDAR, Jô. Sobre as compulsões e o dispositivo analítico. **Ágora**: estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 25-35, 2001.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto, 2013. p. 63-78.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HILLESHEIM, Maria Elisa. O universo educacional e a proposta de Pestalozzi. In: NUNES, Beatriz Helena P. Costa et al. (Org.). **Em torno de Rivail: o mundo em que viveu Allan Kardec**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004. p.

IANNI, O. **Pensamento social no Brasil**. São Paulo: USC, 2004.

INCONTRI, Dora. **A educação segundo o Espiritismo**. Bragança Paulista: Comenius, 2012.

INCONTRI, Dora (Org.). **Educação e espiritualidade: interfaces e perspectivas**. Bragança Paulista: Comenius, 2010.

INCONTRI, Dora Alice. **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas**. 2001. 340 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

JABERT, Alexander. **De médicos e médiuns: medicina, Espiritismo e loucura no Brasil da primeira metade do século XX**. 2008. 308f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KARDEC, Allan. **A gênese**. 52. ed. Araras: IDE, 2008a.

KARDEC, Allan. Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo. **Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 355-360, 2009.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. 131. ed. Brasília, DF: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. 170. ed. Araras: IDE, 2007.

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns**. 85. ed. Araras: IDE, 2008b.

KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo**. Araras: IDE, 2009.

KARDEC, Allan. **Obras póstumas**. 27. ed. Araras: IDE, 2008c.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KÜNG, Hans. **Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns**. Campinas: Verus, 2004.

LACHÂTRE, Maurice. Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail) In: NUNES, Beatriz Helena P. Costa et al. (Org.). **Em torno de Rivail: o mundo em que viveu Allan Kardec**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004. p.

- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- LE GOFF, Jacques. **São Luís**: biografia. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LIMA, Lauro de Oliveira. **Piaget**: sugestões aos educadores. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.
- LOMBROSO, Cesare. **Hipnotismo e mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 111-153.
- MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo**: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Lachâtre, 1996.
- MAIA FILHO, Osterne Nonato. Formação para o trabalho ou formação do trabalhador? In: PINHEIRO, Clara Virgínia de Queiroz; CARVALHO, Jannayna Queiroz; SILVA, Maria Flávia Vieira da (Org.). **Estudos psicanalíticos na clínica e no social**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2011. p. 197-230.
- MAIA, Gabrielle Bessa Pereira. **Modernidade e educação**: (des)caminhos históricos e críticas à Educação no governo Nogueira Accioly (1896-1912). 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- MAIA, Gabrielle Bessa Pereira; CARVALHO, Wirla Risany Lima (Org.). **A Doutrina Espírita e as transformações educacionais**: por uma humanidade melhor. Fortaleza: UFC, 2015.
- MARCONDES, Danilo. A crise dos paradigmas e o surgimento da modernidade. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 14-29.
- MARTINHO RODRIGUES, Rui. **A História, autores e atores**: compreensão do mundo, educação e cidadania. Fortaleza: UFC, 2013.
- MARTINHO RODRIGUES, Rui. **Pesquisa acadêmica**: como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2007.
- MICHAELUS. **Magnetismo espiritual**. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- MOLINA, Antonio García-Pablos de; GOMES, Luiz Flávio. **Criminologia**: uma introdução a seus fundamentos teóricos – introdução às bases criminológicas da Lei 9.099/95 – Lei dos Juizados Especiais Criminais. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

MORAIS, J. F. Regis de. Espiritualidade e educação na universidade. In: INCONTRI, Dora (Org.). **Educação, espiritualidade e transformação social**. São Paulo: Comenius, 2014. p. 107-122.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.

O HOMEM que viu o infinito (The Man Who Knew Infinity). Direção: Matthew Brown. Produção: Edward Pressman, Sofia Sondervan, Jim Young, Jon Katz, Joe Thomas. Reino Unido: Diamond Films, 2015. 108 min, inglês, color.

O'DEA, Thomas F. **Sociologia da religião**. São Paulo: Pioneira, 1969.

OLIVEIRA, Gladis Pedersen de. **A missão e os missionários**. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2009.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Lisboa: 70, 1992.

PEIXINHO, André Luiz. **A face eterna do ser**. Salvador: José Petitinga, 2007.

PESSOA, Fernando. **Obras escolhidas**: Mensagens, Poemas De Alberto Caeiro, Odes de Ricardo Reis, Poemas de Álvaro de Campos. Porto Alegre: L&PM, 2016.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. Petrópolis: Vozes, 1973.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PIRES, José Herculano. **Pedagogia espírita**. Campinas: Paidéia, 2008.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social (1860-1930). 3. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

PORTELLI, Alessandro; FENELÓN, Déa Ribeiro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História, v. 14, p. 25-39, 1997.

QUEIRÓZ, João Paulo de Souza. **O filme “Nosso lar” (2010) e o Espiritismo**: psicografia, umbral e reencarnação. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICOEUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ROCHA, Cecília (Org.). **Estudo sistematizado da Doutrina Espírita**: programa fundamental. 2. ed. Brasília, DF: FEB, 2015.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na História**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

ROHDEN, Huberto. **Deus**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

RÖHR, Ferdinand. **Educação e espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da Educação. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. *In*: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas: Papirus, 1997. p. 19-34.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

SAGAN, Carl. **Bilhões e bilhões**: reflexões sobre vida e morte na virada do milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAMPAIO, Jader *et al.* **Pesquisas sobre o Espiritismo no Brasil**: textos selecionados. São Paulo: CCDPE-ECM, 2009.

SANTANA, Anselmo Jerônimo de. **Historiadores de fé**: agnosticismo e religiosidade em Jean Delumeau e Souto Maior. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANTOS, Georgina Silva dos. São Luís: o retorno da historiografia francesa à biografia. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 261-266, 2001.

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. Campinas: Átomo, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187-205.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Por uma historiografia da reflexão. *In*: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 56-60.

SENATUS. Oscar Ribeiro de Almeida de Niemeyer Soares, ou simplesmente, Oscarniemeyer.br. **Senatus**, Brasília, DF, v. 6, n. 1, p. 8-12, 2008.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (Coord.). **Hagiografia e História**. Banco de dados das hagiografias ibéricas (Séculos XI ao XIII). Rio de Janeiro: PEM, 2009. v. 1.

SÓFOCLES. **Édipo Rei - Antígona**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SOUTO MAIOR, Armando. **Antes e depois de Kardec**. Recife: Doxa, 2006.

SOUTO MAIOR, Armando. **O diabo no divã e outros contos**. Recife: Fundarpe, 1991.

SOUTO MAIOR, Armando. **O gato paralelo**. Recife: Fundarpe, 1989.

SOUTO MAIOR, Armando. O Espiritismo visto por um historiador. **Jornal Espírita de Pernambuco**, Recife, v. , p. 8-9, 2001.

TEMPOS Modernos (Modern Times). Direção: Charles Chaplin. Produção: Patrícia Santans. Estados Unidos: Charlie Chaplin Film Corporation, 1936. 87 min, mudo, preto e branco.

THEÓPHILO, Rodolpho. **Libertação do Ceará**: queda da oligarquia Accioly. Fortaleza: Waldemar de Alcântara, 2001. Fac-símile.

THEÓPHILO, Rodolpho. **O caixeiro**: reminiscências. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006a. Fac-símile.

THEÓPHILO, Rodolpho. **Violência**: Liceu do Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006b. Fac-símile.

TUCHMAN, Barbara W. **A prática da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Biblioteca do Exército, 1995.

TYSON, Neil deGrasse. **Morte no buraco negro e outros dilemas cósmicos**. São Paulo: Planeta, 2016.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História**: Foucault revoluciona a História. 4. ed. Brasília, DF: UnB, 2014.

VIANA, Tania Vicente; RODRIGUES, Maria do Socorro de Sousa. Allan Kardec e o Espiritismo: ciência de observação e doutrina filosófica de consequências morais. *In*: MAIA, Gabrielle Bessa Pereira; CARVALHO, Wirla Risany Lima (Org.). **A Doutrina Espírita e as transformações educacionais**: por uma humanidade melhor. Fortaleza: UFC, 2015. p.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 33-42.

VOLPATO, Gilson Luis. **Ciência**: da filosofia à publicação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**: o educador e o codificador. Rio de Janeiro: FEB, 2004. v. 1-2.

WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**: pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

ZIMMERMANN, Zalmino. **Teoria da mediunidade**. Campinas: Allan Kardec, 2011.

APÊNDICE A – PELOS VOOS DO SER

CARLOS ROBERTO CAMPETTI - SOL

IDADE: 55 anos

ESTADO CIVIL: Casado

PROFISSÃO: Aposentado. Bancário e Jornalista.

TEMPO DE DOCTRINA ESPÍRITA: De berço espírita, mas, com consciência, a partir dos 9 anos de idade.

ATIVIDADE QUE EXERCE NO MOVIMENTO ESPÍRITA: médium, palestrante, escritor, presidente do Centro de Estudios Espíritas Sin Fronteras (CEESF), membro da Junta Diretiva da Federación Espírita Española (FEE), Diretor da Federação Espírita Brasileira (FEB), Coordenador Nacional da Área de Estudo do Espiritismo (FEB).

LOCAL DA ENTREVISTA: Federação Espírita Brasileira (FEB) – Brasília, DF

ENTREVISTA REALIZADA EM 7 DE NOVEMBRO DE 2013

GB: Então, como eu já te falei, Carlos, são três perguntas que regem a nossa conversa: a primeira delas, de onde você vai partir, diz respeito ao teu envolvimento com a Doutrina Espírita, como você conheceu a Doutrina, como você se tornou espírita; depois, o teu envolvimento com o ESDE, quando você iniciou, etc.; e, a gente termina falando um pouco dessa “transformação espiritual” que... Será que o ESDE possibilita? O que ele produz no sujeito, digamos assim?

CARLOS CAMPETTI: Bom, o meu envolvimento com o Espiritismo começou quando eu deveria ter talvez meus três, quatro anos de idade, quando eu tenho “*flashes*” de lembrança do meu pai lendo “O Evangelho Segundo o Espiritismo” sentado na cama. À época, naturalmente, eu não sabia que era “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e, mais ou menos naquele tempo, também, meu pai ouvia, a gente morava no campo – era uma fazenda onde ele tinha cultivo – e a gente ouvia pela rádio, todos os domingos, eu via ele sentado ouvindo, em ondas curtas, recebendo, no interior de São Paulo, pela Rádio Rio de Janeiro, à época, o programa do Alziro Zarur que, apesar de ser ecumênico, não é, e propugnar pelo acumenismo, aquela coisa toda, mas, ele falava do Espiritismo em muitos momentos. E, mais ou menos, pelos cinco ou seis anos de idade, estava na casa de uma vizinha, de repente fecharam a porta e começaram um trabalho mediúnico com a mulher que tinha chegado lá... Foi meu primeiro trabalho mediúnico. Não sabia o que estava acontecendo, mas, tava sentado, pediram pra eu sentar e ficar quietinho e, eu lá fiquei, acompanhando o que estava acontecendo.

GB: Qual era a cidade, Carlos?

CARLOS CAMPETTI: Isso era no interior. A região é Boa Vista dos Andradas, que era a vila, e, fica na região de Álvares Florence, a cidade maior mais perto é Votuporanga e, o centro da região, São José do Rio Preto. Nasci em Tanabi, pertinho de São José do Rio Preto. Aí, depois nós nos mudamos pra outra cidade do interior de São Paulo chamada Urânia, o centro ali é Jales e... não havia...a nossa família era a única família espírita de Urânia, naquela época. Então, não havia grupo espírita na cidade, e o centro mais próximo estava em Jales. Só depois, muito mais tarde, já com os meus dezessete anos pra dezoito anos é que nós conseguimos nos reunir, cinco famílias espíritas na cidade e criamos o primeiro centro espírita lá, em Urânia. Mas, voltando, aos nove anos eu fui morar com uma tia, de volta em Tanabi. E, ela era evangelizadora⁷⁸ e tinha alguns livros de André Luiz⁷⁹ e os livros principais de Kardec, e ela fazia o Evangelho no Lar⁸⁰. Então, eu me envolvi no Evangelho, ela me levava pra evangelização, e, ela começou a me dar os livros de André Luiz pra ler. Eu tinha nove anos. Então, me encantei com os livros de André Luiz, simplesmente. E, com a evangelização, aquilo pra mim era uma revelação. Eu tinha um tio, irmão da tia que me hospedou, cuja mulher preparava as palestras pra ele, que ele lia no centro. Ele era muito tímido, mas, era ela quem preparava. E, pela segunda vez eu participei de um trabalho mediúnico... A minha tia me levou... Em Tanabi. E, nessa segunda vez eu tinha nove, ainda não tinha completado dez anos. E, eu pedi pra minha tia que eu queria ir, ela conversou com o dirigente e ele disse que eu ficaria sentado, fora da mesa, e então eu estava acompanhando o trabalho e tinha duas tias participando do trabalho. E, eu ouvi, de repente, passos vindo da entrada do centro e, eu pensei: “Pôxa, deixaram a porta aberta!”. E eu fiquei um pouco assustado, olhei, e não vi ninguém vindo. Mas, os passos continuavam na minha direção. E eu ouvi aqueles passos fortes, sabe? E, passou do meu lado, subiu... porque a mesa ficava... o centro era pequeno, então, o local de fazer as palestras era onde estava a mesa, a mesma mesa que era usada pra trabalho mediúnico. E, então, o espírito chegou atrás de uma das minhas tias e ela começou a falar com voz de homem. E, ele não sabia que tinha desencarnado. Então, foi toda uma orientação, eu me lembro direitinho disso tudo. Quando terminou o trabalho, terminou o atendimento, ele se desligou e desceu de novo, aí eu ouvi os passos mais leves, aí ele foi de

⁷⁸ A casa espírita possui muitos trabalhos (sopas, passes, visitas fraternas, vibrações, etc.) e tipos de estudo (ESDE – Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, EADE – Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, GEM – Grupo de Estudos Mediúnicos, TE – Tratamento Espiritual, etc.) dentre eles, a Evangelização infantojuvenil. Por isso, os trabalhadores que estão mais ligados à evangelização são chamados de “evangelizadores”.

⁷⁹ Sobre André Luiz, podemos afirmar que...

⁸⁰ O chamado “Culto do Evangelho no Lar”....

novo em direção à porta do centro e saiu. Bom, essa foi a segunda experiência. Quando eu voltei pra casa, eu já tava com dez anos, e disse pra minha mãe: “A senhora precisa juntar um dinheiro, porque a gente precisa ir à Jales. Eu preciso comprar os livros de André Luiz. Todos!”. Na época eu já tinha pesquisado, já sabia quantos eram... “E os de Kardec, que eu preciso ler...”. E ela, então, juntou um dinheiro, foi juntando dinheiro que meu pai, ele trabalhava com transporte, ele trazia certas coisas pra vender, como tijolo, como madeira, e ela foi juntando. Quando ela tinha o dinheiro, ela me disse: “Olha, eu acho que eu já tenho suficiente. Vamos lá?”. E aí nós fomos, compramos então os livros, eu conheci o centro, alguém já tinha me falado do centro, a gente achou o endereço e fizemos aquela compra, aquele monte de livro. A pessoa ficou até espantada: “Nossa, como é que vocês estão comprando todos esses livros de uma vez?” E levamos, então, e foi aí que eu fui ler André Luiz do primeiro até o último e comecei a leitura de Kardec. Ainda não era estudo. E, nessa época, eu propus ao meu pai pra gente fazer o evangelho em casa, como na minha tia tinha. Eu sentia muita inspiração, às vezes eu conversava com a minha mãe e sabia que não era eu que estava falando com ela. Então o meu pai disse: “Mas, quem vai dirigir? Eu viajo muito, eu quase nunca tô em casa.” Eu disse pra ele: “Mas, ninguém precisa dirigir, né, papai! A gente faz, abre o evangelho, lê, e quem quiser comenta e, quando o senhor tiver aqui o senhor dirige.” Aí ele falou: “É, se for assim, acho que dá pra gente fazer.” E, começamos um dia que ele estava em casa, iniciamos, fizemos o primeiro e ele muitas vezes não estava, mas, quando ele estava fazia muita diferença. Porque o meu pai não teve oportunidade de estudar, mas ele pegava aquilo que ele entendia do evangelho e falava: “Puxa, eu preciso mudar. Olha o quê que isso aí tá falando! Eu briguei com fulano, eu vou ter que pedir perdão pra ele, porque aqui tá dizendo pra perdoar.” Então, ele pegava a lição e colocava aquilo na vida prática, né?! Ele teve um “q” na vida da gente. A partir dali, então, eu fui me envolvendo mais. Aos treze pra catorze anos apareceu na cidade um parapsicólogo protestante, mas, discípulo de Quevedo. Quevedo que combatia o Espiritismo, era um dos padres da Igreja. E esse discípulo de Quevedo fez um trabalho lá durante vários dias. E, eu me inscrevi. Minha mãe me arrumou dinheiro e eu me inscrevi. E o curso dele era um combate ao Espiritismo, algo que a população da cidade nunca tinha ouvido falar direito. Então, ele apresentou o Livro dos Médiuns, e fez umas leituras, e aquilo parecia uma loucura. Parecia que Kardec nem sabia o que tava escrevendo, não fazia sentido. E ele, então, comentando... E aí, ele tinha terminado o curso e meu pai chegou de viagem. E eu disse pra ele: “Papai, eu não sei se eu vou ser espírita porque, se for verdade o que esse parapsicólogo falou, não dá pra ser espírita.” Aí meu pai respirou pra dar uma resposta, mas, eu tava tão afoito que eu não deixei ele falar. Eu disse pra

ele: “Mas, antes eu vou estudar Kardec, porque até agora eu só li algumas coisas, pra poder formar minha própria opinião.” Aí ele só disse: “Faça isso, meu filho.” E, não falou mais nada. Pra você ver, né, o conhecimento... A sabedoria! Ele já sabia o resultado. Aí eu comecei a ler, aí fui pegar o Livro dos Espíritos, de fato, pra estudar... Aí, quando eu cheguei no “Livro dos Médiuns” eu fui encontrando as incoerências que ele havia apontado, porque ele só dava pedaços, ele lia o que interessava somente, ligava com outros trechos mais na frente, aí ficava parecendo... Aí, eu vi que a pessoa tinha mentido pra todo o auditório o que, efetivamente, é antiético, não se deve fazer. E eu vi o que os combatentes do Espiritismo fazem muitas vezes. E aí, então, fui me envolvendo mais, passei a freqüentar o centro em Jales e, com o tempo me convidaram pra fazer palestra e, nós começamos a nos envolver, ali tinha um albergue, né, essa coisa toda. Até o momento que, eu lembro muito bem disso, eu vou finalizar com isso aqui, essa parte, eu via a “logo” da FEB nos livros e aquilo me tocava muito e foi me nascendo um desejo muito grande de conhecer a Federação Espírita Brasileira. E tudo que eu via que tinha o nome... Inclusive, um dia eu vi lá: “FEB vai à guerra!” E eu disse: “Meu Deus, quê que a FEB foi fazer na guerra?”.

GB: RISOS

CARLOS CAMPETTI: Era Força Expedicionária Brasileira. E, então, eu tinha aquele encanto, mas, eu queria conhecer a FEB em Brasília⁸¹. Eu não tinha atrativo pra ir ao Rio de Janeiro, conhecer lá, eu queria conhecer em Brasília. Então, a FEB tava se instalando, aquela coisa toda por aqui. E eu recebia as notícias. E, então, quando eu fui fazer o vestibular, surgiu, dentro de uma certa circunstância, eu fiquei sabendo de um ônibus, quando eu fui saber, em São José do Rio Preto, isso eu tava fazendo cursinho lá, tinha duas vagas. Então, eu pedi pra reservar e fui atrás da minha mãe de novo: “Me arruma dinheiro...” E aí, vim pra Brasília fazer o vestibular e passei de primeira, em Brasília. E aí, passado algum tempo, morando próximo daqui, acabei descobrindo os horários da FEB e passei a freqüentar a Federação Espírita Brasileira.

GB: Passou pra Jornalismo?

CARLOS CAMPETTI: Pra Comunicação. Na época eu fiz opção por Jornalismo, mas fiz também Rádio, TV e Cinema. Faltou concluir essa parte porque eu passei pro Banco do Brasil, e aí fui trabalhar no Banco do Brasil e não deu mais pra fazer estágio, né. Mesmo o Jornalismo eu só exerci para o movimento espírita.

GB: Mas, você concluiu a graduação...

⁸¹ A primeira sede da Federação Espírita Brasileira foi no Rio de Janeiro, na capital, lá permanecendo entre os anos, sendo posteriormente transferida para Brasília, capital do Distrito Federal.

CARLOS CAMPETTI: Conclui a graduação, depois fiz pós-graduação em Marketing, depois fiz um MBA, que era considerado um mestrado na Coréia, também, nessa área. E aí fui me especializando nisso. E, a partir daí, então, me envolvi mesmo na FEB, no movimento espírita.

GB: Desculpe, mas, antes de continuarmos você poderia falar um pouco da sua experiência fora do Brasil?

CARLOS CAMPETTI: Em 1989 eu e minha esposa já vínhamos adiando a nossa saída pro exterior há algum tempo. Ela, como diplomata, precisava cumprir tempo fora do Brasil, pra ser promovida, inclusive. Mas, eu estava aguardando alcançar uma certa posição dentro do Banco do Brasil na ilusão de que nós pudéssemos ser removidos, os dois, pra um mesmo local, e eu continuaria trabalhando. O fato é que as coisas foram me evidenciando que isso seria praticamente impossível, não é, conciliar os dois trabalhos. E, diante da pressão, da necessidade dela sair, eu tomei a decisão, em conversa com ela de renunciar à minha carreira no banco, eu continuaria ligado ao banco de licença, já tinha verificado que isso era possível, mas não conseguiria remoção com facilidade, seria muito difícil. Então, o caminho mais fácil seria, o caminho mais viável, vamos dizer assim, seria eu renunciar mesmo à minha carreira no banco, continuaria ligado ao trabalho, voltaria, quando retornássemos ao Brasil, ao meu trabalho, ao meu emprego, mas, eu não teria condições de fazer carreira no banco. Então, foi uma coisa consciente, combinada entre nós dois, eu fiz essa opção, mas, me restava uma preocupação, aquilo me incomodava muito: que eu tinha um compromisso dentro da Federação Espírita Brasileira. Nessa época eu estava como diretor já praticamente oito anos e sentia essa vinculação, esse compromisso sério com a instituição e com o movimento espírita no Brasil. E, eu não costumo fazer consulta pessoal a nenhum médium. É um respeito que eu tenho pelos médiuns, acho que os médiuns não existem pra isso, sabe, mas, examinando a situação com a minha mulher, chegamos à conclusão que não seria uma consulta pessoal. Eu tinha intenção de conversar com Divaldo⁸² e colocar a situação pra ele pra saber se eu não estaria rompendo com o compromisso saindo pro exterior, um compromisso assumido com Ismael, com a Federação Espírita Brasileira – Ismael é o anjo tutelar do Brasil. Então, numa circunstância, não foi muito fácil, Divaldo sempre muito ocupado, aquela coisa toda, mas, uma amiga nos proporcionou esse encontro. Ele estava hospedado na casa dela, e ela proporcionou esse encontro e eu então iniciei a conversa dizendo a ele que pedia desculpas por incomodá-lo e que eu não estava ali pra fazer uma consulta pessoal, mas, eu precisava

⁸² Carlos Campetti refere-se ao médium baiano Divaldo Pereira Franco.

apresentar pra ele a situação e contei da iminência da nossa saída, e que eu tinha muita preocupação de romper com o compromisso que eu tinha com a FEB e com Ismael. E ele então disse: “Olha Carlos, em função do conhecimento que você tem hoje do Espiritismo, do seu compromisso já firmado, do trabalho já realizado até agora, então, pra onde você for, mantendo-se fiel ao conhecimento que você tem, a bandeira de Ismael será levada. Então, você não deixará o compromisso pelo fato de ir pra outros países, porque esse compromisso não se rompe por causa disso. Então, esteja tranquilo e confie em Deus.”

GB: Para qual país vocês iriam, Carlos?

CARLOS CAMPETTI: O país seria o Uruguai naquele momento.

GB: E o ano, qual era?

CARLOS CAMPETTI: O ano era 1989. Então, quando um dia meditando sobre essa possibilidade de sair, ainda não tínhamos definido o país, eu senti uma inspiração me dizendo que eu ia ter que ir mesmo - foi antes da conversa com Divaldo -, que nós teríamos que sair mesmo pro exterior, e que eu iria pra um país onde eu iria me preparar para as lutas que viriam depois, “pros” embates posteriores no exterior. Na época eu não entendi bem, não sabia qual era o país ainda, mas, na conversa com Divaldo eu já sabia que o país indicado era o Uruguai. Bem, nós fomos pro Uruguai, fomos recebidos por uma pessoa que nós já tínhamos conhecido, era amiga nossa, do próprio movimento espírita, ficamos hospedados com ela inicialmente, passamos a frequentar o grupo que ela dirigia, e ali demos a nossa contribuição. Havia cinco centros espíritas apenas no país, na época, no Uruguai. Naquele período, de três anos e meio que nós ficamos no Uruguai, eu praticamente passei um ano no Brasil, espaçadamente, vinha, ficava um mês, às vezes dois meses, e no período do congresso, que nós tivemos em 89, eu passei três meses no Brasil. Um mês de férias com a família e dois meses depois na ajuda da preparação do congresso. Depois do Uruguai, até naquela época eu queria estudar espanhol e essa amiga me sugeriu que eu fizesse com uma professora lá do Uruguai e eu disse pra ela não, que eu queria uma professora ou um professor espanhol, porque eu não sabia depois pra onde eu iria, vai que eu fosse pra Espanha depois, eu tinha que aprender o espanhol da “madre patria”. E ela tinha uma pessoa que era professora de alemão, na porta da frente da casa, do apartamento onde ela morava, no apartamento ao lado, de frente, e essa pessoa era catalã, era uma senhora, então eu tive aulas de espanhol com ela um mês e ela disse que eu não precisava mais de aula com ela que ela ia só me tomar o dinheiro. O espanhol foi muito simples pra mim, muito fácil de aprender, muito rápido. Bom, dali então nós saímos pra Espanha, depois de três anos e meio. Então, 89, 92, nós saímos pra Espanha, e ficamos até 95 na Espanha. Depois da Espanha nós voltamos ao Brasil, ficamos quatro anos

no Brasil. Quando foi no final de 1999, nós fomos então para Los Angeles. Me lembro bem que nós passamos Natal e Ano Novo acampados dentro da casa que nós havíamos alugado, ainda não tínhamos amigos no local, ainda estávamos iniciando a nossa atividade, não é, o conhecimento das pessoas, então, ficamos ali do ano 2000 até praticamente final de 2002 e, então nós saímos para o Paraguai e ficamos ali no Paraguai durante dois anos apenas. Então saímos para a Coréia do Sul, pra Seul, que foi onde eu fiz o meu MBA, que lá é considerado um mestrado, na Sejong University, na época. E então quando foi em 2008, final de 2008, nós estávamos retornando pro Brasil. E agora, neste momento, a minha mulher está servindo na Guiana Francesa, em Caiena, como Cônsul Geral, então, a partir deste ano nós estamos radicados aqui na Guiana Francesa.

GB: Então, suas atividades fora do Brasil se intensificam nesses momentos, não é, Carlos?

CARLOS CAMPETTI: É, com certeza, nesse período depois da mudança pra cá, tá completando agora dois meses, que a minha mulher veio primeiro pra cá, então, nesse período eu já intensifiquei minhas viagens, bastante...

GB: Como é que foi pra você esse afastamento? Você disse que ficou muito temeroso, inseguro por conta da FEB, mas, como foi pra você como homem, digamos assim...

CARLOS CAMPETTI: Eu não percebi bem o drama naquele começo no Uruguai porque, como eu vinha muito ao Brasil e eu, quando no Uruguai, eu montei um escritório, levei os livros, nós viajamos, na mudança foram cerca de mil livros espíritas nos acompanhando, naquela época, então eu tinha já na época um computador, então eu tinha um escritório, eu trabalhava em casa. Naquele tempo eu fiz toda uma reformatação do estatuto, do regimento interno da Federação Espírita Brasileira, por encomenda do então presidente Francisco Thiesen. Então, como eu vinha muito ao Brasil, trabalhava muito ligado à FEB ainda como Diretor, não é, então, eu não senti muito, não, o afastamento do trabalho profissional. Mas, depois, quando nós fomos pra Espanha, a distância maior, a dificuldade dos recursos financeiros pra nos movimentar, foi naquele período, depois de um ano de estar lá, nós nos desligamos da Federação, como Diretor da Federação Espírita Brasileira, não tinha possibilidade de participar das reuniões, na época não tinha Skype, esse coisa toda, então, nós nos afastamos da diretoria e demos continuidade ao trabalho lá. Tinha bastante trabalho no movimento espírita também na Espanha. Ajudamos a fundar vários grupos, a gente visitava os grupos pelo país acompanhando o presidente da Federação Espírita Espanhola na época e outros companheiros. Então havia uma certa intensidade no trabalho. Mas, nos Estados Unidos também, logo que nós chegamos, depois já na segunda etapa, eu não percebi muita diferença. Havia o movimento, logo nós desenvolvemos o projeto da criação de um grupo

novo lá e isso nos tomou praticamente os três anos, do tempo que nós estivemos lá. Naquele período nós fizemos de vinte e cinco a trinta capacitações de trabalhadores espíritas para a manutenção do centro espírita que ficou e está ainda hoje funcionando lá. E visitamos os locais próximos, vizinhos, e viajamos pelo país para os diversos lugares... durante aquele tempo também não percebemos muito... Fomos sentir uma grande “baque” quando nós fomos para o Paraguai, é, porque uma belo dia eu comecei a me sentir mal, e eu comecei a me sentir mal, eram várias coisas, vários sintomas estranhos. Eu não podia subir escada que eu sentia tontura, e, um monte de coisa. E aí fui num clínico geral, não é, preocupado com a situação, descrevi tudo que eu tinha e ele então disse pra mim: “Olha, do jeito que você descreveu aqui, eu teria que diagnosticar em você, agora, oito doenças diferentes, e ninguém vive com oito enfermidades diferentes. Você já estaria morto. Então, eu tenho que lhe informar que na verdade você está com depressão.” Foi uma coisa tão chocante – eu acho que ele olhou para os meus olhos, que quase saltaram fora das órbitas – foi tão chocante, tão chocante, que ele disse: “Calma, rapaz! Você tá no começo, não é, tá no começo mas é uma depressão.” E eu não admitia, como espírita, que eu tivesse com depressão, que história era essa????!! Aí eu fui entender a problemática toda, era a segunda vez que eu deixava o meu trabalho, eu já tinha tido a depressão antes, mas, eu não tinha percebido, não tinha notado, eu tinha me envolvido no trabalho e aquilo passou. Então, foi uma luta tremenda e, eu pude compreender o que uma amiga minha disse uma vez. Ela passou pelo problema de depressão e ela disse: “Olha, é incrível porque só quem passou pode realmente saber o que é. Porque antes eu ouvia falar, eu tinha ajudado pessoas que estavam em depressão a sair da situação e tudo isso, mas, eu realmente só fui saber quando eu tive dentro dela.” Ela me disse isso. Aí eu realmente fui entender o que ela tinha falado quando eu passei pelo problema. E a depressão é uma coisa muito sorrateira, ela pode se apresentar em qualquer momento da vida da gente e depois que ela se apresenta ela tem uma tendência a voltar, não é. Então, o trabalho profissional às vezes faz muita falta pra gente. E apesar da atividade espírita e tudo mais às vezes faz uma falta tremenda, mas a gente pode trabalhar isso, naturalmente, eu trabalhei a situação e pude me integrar com tranquilidade no processo de atividade espírita e de retorno à atividade profissional, hoje eu estou aposentado da atividade profissional, então, é uma coisa que a gente pôde trabalhar ao longo do tempo, graças ao conhecimento espírita.

GB: Então, Carlos, quer dizer que o fato de você ter que se afastar das suas atividades pra acompanhar a sua esposa mexeu com você de alguma maneira...

CARLOS CAMPETTI: Mexeu, mexeu sim, seguramente, mexeu bastante, nos dois sentidos, não é: primeiro, a questão de querer conciliar a minha carreira profissional com a

carreira profissional dela, essa foi a primeira coisa. Depois, pela preocupação de não me afastar de um compromisso espiritual que eu tinha certeza que eu tinha assumido. Depois, passado algum tempo, não é, andando nos jardins da FEB, num encontro do Conselho Federativo Nacional – o Divaldo normalmente participa –, nós estávamos caminhando entre um prédio e outro para o refeitório, no horário do almoço, e deu uma coincidência de estarmos só os dois, e vínhamos caminhando, eu estava admirando os jardins, que eu gosto muito dali, apesar de viver dentro da FEB, aqueles jardins são maravilhosos, então, eu estava admirando os jardins ao lado do Divaldo, eu não perguntei nada, não falei nada, era um momento muito gostoso, inclusive, tava uma vibração muito boa. E de repente ele olhou pra mim e disse assim: “O seu compromisso com Ismael começou na época de Francisco de Assis.” Então, espontaneamente ele me deu uma informação que eu não tinha pedido, não é, e confirmando aquele compromisso que eu tenho com o trabalho espírita, com Ismael que, segundo a tradição do mundo espiritual, está registrada por Humberto de Campos no livro *“Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho”*, ele recebeu de Jesus a incumbência de espalhar o evangelho a partir da América do Sul, eu coloco assim, pra todo o mundo.

GB: Sim, por isso talvez que você tenha ido pra fora do Brasil, não é, seu trabalho não era propriamente no Brasil....

CARLOS CAMPETTI: É, eu e outros companheiros que nós fomos encontrando ao longo do tempo, não é, e aí é onde a gente identifica os compromissos assumidos antes da reencarnação. E, se não fosse o apoio desses companheiros nos diversos países, nós não poderíamos realizar nem um terço do trabalho, não é, porque o trabalho na seara do Cristo e o trabalho espírita mais especificamente, é um trabalho de solidariedade, é um trabalho que não se faz individualmente, é um trabalho do conjunto das pessoas...

GB: É verdade! Mas, voltando um pouco, você não exerceu a profissão em si...

CARLOS CAMPETTI: De jornalista. Mas, no banco eu trabalhei na área de Marketing, criação de produtos, essa coisa toda... pude aproveitar... Inclusive, a primeira especialização eu fiz paga pelo próprio banco, em Marketing. E depois eu fiz outro curso por minha conta, né, porque eu estava morando na Coréia, na época. Então, foi como eu me envolvi. Dentro disso eu lembro de uma vez, em Jales, de uma palestra e, eu estava distribuindo mensagem, recebendo as pessoas na entrada, né, ainda jovem, entregando as mensagens... Aí veio um senhor e eu entreguei a mensagem pra ele, e falei: “Olha, o senhor guarde, porque atrás tem um número e o senhor pode ganhar um livro. Vão ser sorteados alguns livros.” E ele disse assim pra mim, rindo: “E se o palestrante ganhar o livro?” E me deu um abraço. Era Newton Boechat. Um perfume!!! Um perfume espiritual, uma coisa lindíssima. E aquele homem fez

uma palestra... Num dado momento, eu comecei a ver uma abóbada, como se tivesse uma abóbada em cima, ela se abria em luz. E aquele era um banho de luz, as pétalas caindo em cima da gente. E ele, naquela hora, ele disse: “A espiritualidade está proporcionando uma maravilha pra nós...” E descreveu o que eu estava vendo⁸³. Nossa, uma coisa lindíssima, sabe?! Então, o envolvimento com o Espiritismo é de muito carinho. Recebi muito, e tem me ajudado demais. A gente traz nossos problemas... todo mundo tem... as dificuldades da gente... os impulsos do nosso passado... é... esse sangue latino, de muita agitação... e, uma coisa que a gente tem visto é que o orgulho não tem cabida, e é a luta tremenda que o Espiritismo tem ajudado a gente a ir superando, devagarinho, né, a gente conseguindo vencer, bem aos poucos essas problemáticas todas. Ah, com o ESDE, o envolvimento já foi aqui na Federação Espírita Brasileira, naturalmente. Em 1982, quando a Federação Espírita do Rio Grande do Sul trouxe a proposta para a Federação Espírita Brasileira e para o Conselho Federativo Nacional⁸⁴, nós estávamos presentes na reunião. Então, nós vimos a federativa fazendo a proposta e a d. Cecília Rocha⁸⁵, que era também do Rio Grande do Sul, pediu a palavra, como diretora da FEB na época, e afirmou pra todo o conselho federativo que achava muito interessante, inclusive ela tinha recebido as mensagens, né, mas, a FEB não tinha equipe pra desenvolver o projeto. Então não haveria, em princípio, possibilidade de fazer aquilo de imediato. Então, o Rio Grande do Sul já vinha fazendo experiências, né, mas, quando terminou a reunião, ou houve o intervalo, não me lembro bem, várias pessoas procuraram a Cecília, e se ofereceram pra ajudar. E, já dentro daquele espírito de preparação do material de Infância e Juventude, que foi um trabalho coletivo, então, a Cecília já ali conseguiu montar uma equipe. Pequena, mas montou. E aquelas pessoas se comprometeram a buscar mais gente. Então o ESDE já nasceu, desde aquele momento, como um trabalho coletivo. E aí nós tivemos várias pessoas sendo envolvidas no processo da elaboração dos roteiros. Uma das pessoas foi a Marta, que você vai conversar amanhã. E ela cuidava da parte do conteúdo, a Cecília mais da parte pedagógica. Mas, muitas pessoas fizeram material, muitas pessoas... A minha mulher mesmo trabalhou nisso. E, nós tínhamos uma mesa grande, em casa, de cerejeira na época, e ela fez um dos roteiros que era sobre “Instinto e Inteligência”. Ela teve um momento de ter trinta livros abertos em cima da mesa. Minha esposa fez Letras e Mestrado em Língua Inglesa. Então, assim como ela, outras pessoas trabalhavam dessa forma. Era uma pesquisa profunda, cada um daqueles roteiros nasceu de

⁸³ Usado Epígrafe capítulo Mediunidade.

⁸⁴ O Conselho Federativo Nacional (CFN).....

⁸⁵ Cecília Rocha foi uma educadora.....

muita análise. E depois de terminado, feito por aquela pessoa, era examinado por outras. A Cecília normalmente lia tudo isso, examinava tudo isso.

GB: Esse material, Carlos, foram as primeiras apostilas...

CARLOS CAMPETTI: Exatamente, daquele programa que tinha seis... Cada um deles era chamado Programa, não é, então, era de um a seis⁸⁶. Quando o programa ficou pronto, inclusive, o presidente⁸⁷ fez um comentário com a Marta: “Tá muito grande! Tá ótimo, tudo bem, mas, tá muito grande, precisava ser menor.” Mas, era tanta ansiedade de proporcionar pra casa espírita a oportunidade de conhecer o Espiritismo que aquele primeiro ESDE abrangeu muita coisa. Ele tinha o aspecto... trazia primeiro o histórico do Espiritismo, o surgimento, Kardec, os precursores, a obra básica, aí ia tratar dos aspectos, tratava um pouco da Leis Morais, e aí entrava no aspecto: primeiro filosófico, científico e, por último, religioso. Então, era um programa muito completo. Bom, o ESDE passou ao longo do tempo por várias reformulações...

GB: Só te interrompendo um pouco, Carlos. Esse primeiro levaria quanto tempo para o espírita, ou para o interessado pelo conhecimento sobre a Doutrina Espírita, completar o estudo, do início ao fim?

CARLOS CAMPETTI: Olha, variava porque existe uma situação, alguns centros espíritas fazem atividade quase sem interrupção, e outros, têm uma interrupção maior. Então, variava entre quatro anos e teve casa de chegar até seis anos aplicando aquele programa.

GB: Uma graduação...

CARLOS CAMPETTI: É, uma verdadeira graduação. Então, tratava de tudo, tocava em todos os assuntos, de uma maneira mais ou menos profunda, mas, dando pra pessoa uma base muito importante do que é, efetivamente, o Espiritismo. Então, naquela época, nós começamos a nos envolver, a gente trabalhava no DIJ⁸⁸, fazíamos a coordenação. Fazíamos a coordenação da Juventude, depois do Campo Experimental⁸⁹ da Infância e Juventude. Então, num dado momento, a Cecília nos convidou pra nos envolver com o ESDE. Estávamos formando as primeiras turmas aqui, essa coisa toda...

GB: Você lembra o ano?

CARLOS CAMPETTI: Olha, foi mais ou menos... Era... 83 foi lançado... Era 84, 85, por aí. Então, fomos nos afastando do DIJ e nos integramos ao ESDE, na época. Aí fazendo

⁸⁶ As primeiras apostilas do ESDE foram.....e tratavam..... e.....

⁸⁷ Na época em questão, o presidente da FEB era Francisco Thiesen. Ele foi o 19º presidente, tendo presidido a instituição entre os anos 1975 e 1990, de acordo com informações no *site* da FEB: <www.febnet.org.br>.

⁸⁸ Departamento de Infância e Juventude.....

⁸⁹ O Campo Experimental a que se refere nosso entrevistado é o do Departamento de Infância e Juventude, mas, o Campo Experimental do ESDE... (

monitoria e, logo em seguida assumindo, também, a coordenação do trabalho. Então, o ESDE cresceu muito rápido dentro da FEB, né, a Cecília até dizia: “Ah, para as apostilas da Infância e Juventude a gente tem que fazer publicidade, tem que divulgar, tem que fazer curso, não é?! Aí as pessoas se conscientizam e aí se interessam pelas apostilas. O ESDE, você não precisa falar nada. Basta imprimir, você coloca lá e, sabe, as pessoas se interessam, se envolvem, querem...” Então, era uma campanha que se movia por ela mesma. Isso foi logo naquele começo e as federativas, algumas foram se conscientizando. Houve um momento, eu não me lembro exatamente o ano, em que houve uma encomenda grande, era a USEERJ – União das Sociedades Espíritas do Rio de Janeiro, ela solicitou quinhentas (500) apostilas de uma vez. Fizeram uma ampla campanha instalando no estado, agora não lembro bem o ano que aconteceu isso. Então, nós fomos nos envolvendo cada vez mais com o ESDE, desenvolvendo algumas tarefas e, depois de um tempo mais longo fora, voltamos pra cá e tentamos nos ligar ao Departamento de Assistência Social, a gente queria uma experiência no Departamento de Assistência Social. Só que a gente tava lá fazendo o trabalho e ninguém podia nos ver que dizia: “Quando é que você vai pro ESDE?” E aí, começamos a fazer a monitoria, também. Precisavam de monitor, tava aquela coisa toda... E aí, começamos a trabalhar e, um dia eu disse pra minha mulher... Isso eu vou falar aqui, normalmente eu não falo, não. Mas, eu disse pra ela: “Não demora muito vão me convidar de volta pra fazer a coordenação.” Aí ela disse: “Mas, de jeito nenhum! Não tá vendo como tá? Tá tudo organizadinho.” Eu falei: “Olha, Vera, é a minha intuição.” Não demorou acho que seis meses disso aí, me chamaram de volta pro trabalho. E aí, a gente chegou encontrando uma realidade bem diferente. O movimento tinha evoluído, nós já estávamos com vinte e cinco anos de ESDE, mais ou menos, de trabalho, vinte e seis anos de ESDE. Havia certas práticas que estavam arraigadas. E nós observamos, no contato com as pessoas, inclusive as críticas que a gente foi vendo, que o ESDE estava escolarizado em muitos lugares. Muito controle de frequência, muito acompanhamento da presença dos chamados alunos e, muita cobrança. Então, a gente sentiu que assim não podia ser. Era muito rigor, mas, nós estávamos como monitor, não podíamos fazer nada. Quando a gente assumiu a direção, era coordenação ainda, não era um departamento, então, a gente assumiu a coordenação. Não foi fácil implantar mudanças, por causa dos hábitos arraigados, levou um tempo ainda, sabe.

GB: E quando você fala coordenação, por ser dentro da Federação Espírita Brasileira, é uma coordenação já com caráter nacional ou uma coordenação só daqui...

CARLOS CAMPETTI: Naquele momento a diretora da área era a Cecília Rocha, como vice-presidente ela era responsável pelo ESDE e a Coordenação Nacional estava já com a

Sônia Arruda. Então, nós assumimos a coordenação do Campo Experimental. Aí, um ano depois da gente estar na coordenação, um ano e pouco depois, transformaram em departamento. Houve uma reformulação e, como a gente tava à frente do trabalho, a Cecília já não estava mais, estava pra sair, uma coisa assim, e, ela não era mais a diretora, ela não era mais a vice-presidente, alguma coisa assim. O fato é que, como foi transformado em diretoria, precisava de um diretor, e quem era a pessoa que estava à frente do trabalho, no momento, era a gente. Então, nos convidaram para a diretoria. No momento que você assume a diretoria, você assume o trabalho não apenas dentro do Campo Experimental, mas, também a área federativa, que é a característica da FEB isso, não é?! Mas, tem a coordenação nacional, que é a Sônia⁹⁰, e nós trabalhamos em conjunto. Passado um tempo a Sônia solicitou ao César⁹¹ que me colocasse como assessor dela, pra facilitar o trabalho, essa coisa toda. E aí o César levou pro CFN, foi aprovado, e a gente então assumiu a Assessoria Nacional do ESDE, apoiando a Sônia na Coordenação Nacional do ESDE. Somos uma equipe de seis pessoas: a Sônia, na coordenação nacional, a gente na assessoria e mais quatro coordenadoras regionais, a Socorro Sousa, da Região Nordeste, do estado do Ceará, a Iracema, do Pará, a Marlene, do Mato Grosso e a Martha, do Rio de Janeiro. E, então, foi aí que nós conseguimos fazer os trabalhos que a gente vem desenvolvendo. Agora está no CFN pra ser aprovado “Orientação ao ESDE”, foi um documento gerado a cinquenta mãos, passou por todo o movimento, foi no quarto encontro onde metade do pessoal que estava examinou o documento e fez uma versão mais finalizada, a gente só fez a redação depois, com as idéias deixadas e foi apresentado. Também desenvolvemos um novo *site* do ESDE nesse conjunto de pessoas, que nos reunimos três vezes em Brasília antes do quarto encontro. Também estamos desenvolvendo um projeto chamado “Projeto Memória”, resgate dos trinta anos do ESDE. E aí nós tivemos, também, as comemorações dos trinta anos do ESDE, com artigos publicados em *Reformador*⁹², outras revistas espíritas, alguns periódicos leigos e, fizemos toda uma campanha com geração de cartazes, *folders*, “logo”, surgiu uma “logo” para o ESDE, uma logomarca, e assim sucessivamente. Então, finalmente, nessas reuniões nós planejamos também o quarto encontro e, em julho a gente realizou, em julho de 2013, o quarto encontro – porque antes era Encontro de Coordenadores e Monitores do ESDE – e a gente sempre achava meio incoerente isso. Então, propusemos e foi aceita a mudança do nome: Encontro Nacional do ESDE. Porque não reúne só coordenadores e monitores, reúne trabalhadores, presidentes de casas, de centros, de

⁹⁰ Nosso entrevistado refere-se à Sônia Arruda.

⁹¹ César Perri, atual presidente da FEB, eleito em 16/03/2013.

⁹² *O Reformador*, revista mensal idealizada pelo espírita Augusto Elias da Silva teve, em 1883, sua primeira publicação.

federativas, que tem interesse no assunto e gostam de participar, também, reúne as pessoas que trabalham na área. Então, o nome tinha que refletir mais essa realidade. E, o que eu posso te colocar, pra finalizar com a sua pergunta, última, não é, é que o ESDE realmente ele envolve, ele cativa a gente. É um processo de educação, não tenho a menor dúvida quanto a isso. Mas, não é um processo de educação comum, não é um processo de educação que exija recursos, que a gente muitas vezes tem nas escolas normais e comuns. Ele é um processo dinâmico, participativo, envolvente, em que a pessoa é convidada a construir junto e, quando o monitor entende isso, ele é um facilitador do processo, ele consegue fazer o grupo crescer, se desenvolver. A maior parte das pessoas quando termina, e hoje o programa pode durar de dois a quatro anos, quando termina esse ciclo, normalmente boa parte da turma é integrada dentro das atividades do centro, quando o monitor trabalha bem isso. Então, o ESDE seguramente proporciona, pra pessoa, condição dela se autoconhecer, dela entender porque ela está aqui e, a pessoa entende a necessidade de se envolver no processo, ela entende não apenas que ela é filha de Deus porque é um dogma, ela entende que ela é filha de Deus porque ele nos criou, mas, ele não criou só a pessoa, ele criou todos os outros seres e que, como nós somos irmãos, existe uma solidariedade. Então, esse indivíduo sente dentro do processo a necessidade de superar suas dificuldades, pra ser mais útil. Então o ESDE promove essa renovação, ele proporciona essa reflexão. Agora, precisa ser bem trabalhado e, aí é onde entra a necessidade de estar sempre atualizando, sempre capacitando, sempre orientando as pessoas que trabalham na área e, promovendo esse intercâmbio de experiências entre as pessoas que trabalham, porque as experiências são muito ricas e, às vezes, o grupo que está trabalhando encontra limitações, dificuldades, que já foram superadas por outro grupo. Então o movimento nacional promove esses encontros, que facilitam esse intercâmbio, pra ir crescendo, não é, e há todo um entusiasmo. A filosofia do ESDE se espalha hoje pela casa espírita, porque o ESDE propõe um estudo sério, continuado, conforme a proposta de Kardec, e sistemático no sentido dele ter realmente um planejamento e ele estar inserido dentro de um contexto que você pode conhecer como sistema, o “sistema centro espírita”. Então, dentro desse sistema centro ele vai proporcionar ao indivíduo uma oportunidade de conhecer o Espiritismo e, ao mesmo tempo, se conhecer melhor, identificar suas potencialidades, resolver seus problemas e auxiliar no sistema, integrando-se dentro do sistema, fazendo parte, se tornando um trabalhador da casa. Lógico que você não alcança isso com cem por cento das pessoas, mas, há uma boa integração e, uma boa quantidade dessas pessoas fica integrada dentro da casa e conscientes. Hoje nós temos, depois de trinta anos, presidentes de federativas de casas espíritas que foram participantes do ESDE, que estiveram no ESDE, graças a Deus,

porque, por outro lado nós temos, infelizmente, pessoas que chegam à presidência de casas espíritas, hoje, sem conhecer o Espiritismo. Essa é uma realidade que nós estamos vivendo e que precisa ser corrigida. Essas próprias pessoas, se elas se conscientizam, elas verão que elas precisam ser espíritas não apenas afirmando, mas, realizando a proposta do autoconhecimento e da transformação moral proposta por Kardec, porque se reconhece o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e, mais que isso, pelos esforços que emprega para domar as suas más inclinações. Então, quando o indivíduo não está fazendo isso, ele é uma pessoa que está numa representatividade ilegítima, porque ele se autodenomina espírita e é reconhecido por outros como, inclusive, capacitado a administrar uma instituição espírita, quando ele não tem o comportamento espírita. Não precisa ser perfeito, e nós não vamos encontrar essa perfeição aqui, o ESDE deixa isso muito claro, mas, o indivíduo precisa estar trabalhando pra isso. Se ele não está, como é que fica? Não pode efetivamente assumir uma responsabilidade que ele não está em condições de arcar com ela. Então, eu posso finalizar dizendo que o ESDE é uma oportunidade magnífica e a sua filosofia vai se espalhando hoje quando você desenvolvimento de um programa, de um projeto chamado EADE, que é um Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, que é uma outra vertente de estudo sistematizado.

GB: É um desdobramento do ESDE?

CARLOS CAMPETTI: É um desdobramento... E você vê hoje a volta do estudo da obra básica, as pessoas sentando em círculo pra estudar de novo a obra básica, mas agora as pessoas que estão ali foram monitores, facilitadores no ESDE, estão inclusive, continuam, mas, em outro dia na casa ele sabe a dinâmica do envolvimento, de cativar essas pessoas e de fazer com que elas se sintam motivadas dentro do processo de aprendizagem do Espiritismo no estudo direto da obra de Allan Kardec, ou às vezes, da obra subsidiária como André Luiz. E temos uma esperança muito grande, alguns grupos já estão fazendo, de que cresça o estudo de Léon Denis⁹³, dos clássicos do Espiritismo, dentro das casas espíritas. Esses pequenos grupos, mas grupos que vão fazer a diferença porque, como uma pessoa pode se dizer espírita se ela não conhece Léon Denis? É efetivamente uma idiossincrasia, é uma contradição, então, a pessoa precisa conhecer Léon Denis e outros clássicos do Espiritismo que são fundamentais. Então, eu finalizo dizendo isso: ESDE é uma maravilha, mais que uma paixão, porque a gente realmente se apaixona pelo trabalho, mas o ESDE é uma atividade que nos dá condição efetiva de dizer: agora eu sei o que é ser espírita.

⁹³ Léon Denis, conhecido como aquele que daria continuidade à obra de divulgação da Doutrina Espírita iniciada por Allan Kardec, publicou...

GB: Sim!! Então, tem só umas questões que eu gostaria que nós falássemos, antes de terminarmos, que são as seguintes: É, tem uma particularidade, né, na primeira entrevista que eu realizei, e você tocou nisso também, é como se o ESDE não precisasse nem fazer divulgação, engraçado que, não é muito da cultura do brasileiro, o brasileiro infelizmente não tem elementos que exige o deter-se nos livros, o debruçar-se sobre os livros, e é uma prerrogativa na Doutrina dos Espíritos a leitura, Educação se assenta sobre isso, não sendo um processo puramente formativo, instrucional, mas, ele abre portas para as casas espíritas evoluírem em termos não sóde trabalhador, mas, em termos de conhecimento, de dinâmica da casa espírita, ampliando a casa espírita, e você tocou nesse aspecto... Agora, tem um aspecto, também, e eu fiquei com vontade que você falasse um pouquinho a respeito, é sobre a evasão de trabalhadores... E eu acho que quando a gente fala do que sai da Federação Espírita Brasileira, que é de onde vão todas as determinações para nível nacional, a doutrina sofre disso, pois, é um trabalho voluntário, nas casas espíritas, inclusive, já é problemático... Então, como é isso, Carlos, essa experiência dentro do ESDE? Trabalhar com o ESDE é algo bem específico... Mas, por vezes temos que receber o trabalhador, mas, é só receber por receber, a boa vontade já está de bom tamanho?

CARLOS CAMPETTI: No ESDE não basta só boa vontade, é uma outra etapa. A gente costuma dizer que basta boa vontade pra ser um freqüentador, um participante do ESDE, agora um monitor do ESDE tem que ter superado a etapa da boa vontade. Ele precisa manter a boa vontade, mas, a boa vontade tem que ter gerado nele os elementos necessários para ele estar preparado pra aquilo, e a gente não encontra pessoas preparadas sempre. Como você disse, há realmente uma evasão e são vários os fatores: ou a pessoa é convidada pra outras áreas da casa ou a pessoa muda pra certos locais, e Brasília tem essa característica ainda. Tem muita gente que passa períodos em Brasília e depois vai embora. Então nós temos uma certa rotatividade e estamos sempre precisando formar, preparar pessoas pra essa atividade. Então, a FEB criou, já faz algum tempo, um sistema de estagiários. Nós estamos mudando isso, inclusive, agora o monitor observa a turma e, depois de um ano da pessoa freqüentando, quando ele está terminando o que hoje é considerado o Fundamental I, que ele está indo pra um ano e meio, ele é convidado, quando ele tem condições segundo o critério do monitor, para fazer um curso, uma preparação, e ele passa a fazer uma assistência, ele ajuda o monitor. Começa ajudando a cuidar dos equipamentos, preparar um *Power Point*... Ele vai ajudando atéo momento que ele se sente mais à vontade e ele aplica parte do roteiro, depois ele aplica um roteiro e vai sendo avaliado. Nós observamos que isso aí traz um probleminha: o monitor, normalmente, identifica como bom aquele que é um semelhante a ele. É natural isso, faz parte

do processo. Então, nós vamos aperfeiçoar isso, a partir de agora, e a decisão do convite não será mais do monitor, mas, da coordenação. Ele propõe, a coordenação vai examinar, ela terá outros elementos de acompanhamento do indivíduo, pra ver então quem poderia. E um dos critérios vai ser o indivíduo vai ser convidado para a preparação, se ele não vier, ele não vai ser monitor, ele não vai ser estagiário. Porque nós chegamos à conclusão que você aprende na prática, e é fundamental, é aprender fazendo, isso é crucial, é muito importante dentro do ESDE, mas, ele precisa de uma base teórica, que ele não vai adquirir como monitor. Ele precisa, realmente, passar por um momento em que ele tenha essa preparação e, se ele não vier, ele não será mais estagiário. Isso, inclusive, demonstra uma certa disciplina de vencer as dificuldades, superar as barreiras pra poder estar presente no dia do encontro em que ele vai ser preparado. E a preparação não é uma vez só, a gente faz isso pelo menos a cada semestre, a pessoa passa ou por uma preparação ou por uma atualização. Então, assim a gente vai formando mais pessoas, a perda é natural, inclusive de participantes. O ESDE tem esse histórico de desistência de trinta por cento. Em alguns momentos acontece mais, em alguns momentos acontece menos, e gente tem acompanhado isso: “Porque as pessoas saem?” E é interessante que uma boa parte das pessoas saem porque, aqui pelo menos, ela vem porque a FEB tem uma aura, e ela vem às vezes de longe, ela tem casa espírita lá perto, mas ela vem aqui pra FEB, se matricula, faz a inscrição pro ESDE e aí começa a frequentar. Quatro, cinco reuniões depois ela não aparece mais, aí você telefona e ela diz assim: “Olha, eu gostei muito, mas, eu tô frequentando aqui pertinho de casa, ficou muito difícil pra eu ir pra aí.” Então vários dão esse retorno... “Tô em tal centro agora, pode ficar tranquilo que eu tô frequentando.” E às vezes vem do centro um pedido: “Fulano de tal realmente frequenta aí o ESDE, ou frequentou aí o ESDE? Porque ele tá querendo entrar aqui no Tomo II...” Então, a gente informa se a pessoa teve ou não, a gente tem o acompanhamento todo, né. E como é que a gente faz pra evitar a evasão? Nós temos trabalhado agora com a não obrigatoriedade das coisas. Antes o monitor era obrigado a vir, por exemplo, às reuniões, todas elas. A gente tem umas reuniões aos sábados à tarde e ele tinha que vir, se ele não vem, a gente acompanha e conversa com ele, se ele continua não vindo, ele não pode ser monitor. Então, nós abrimos, você não está obrigado a vir, a não ser na reunião administrativa, porque essa tem que tá porque não tem jeito, e numa reunião de integração de toda área de estudo da FEB, que esse também é um momento de encontrar os outros trabalhadores de outras áreas, então, nesse dia é necessário estar aqui. Nem todo mundo vem, então, é uma obrigatoriedade de compromisso, mas, as outras duas ou três reuniões no mês estão livres, e nós fizemos até o ano passado um dia livre, que eles tinham pedido, pediram pra voltar a ter atividade. Então, nós estamos com

atividade todos os sábados do mês e não está obrigado a vir nas duas últimas, ou aténa terceira última, porque às vezes tem cinco semanas no mês, e, mas, tem aumentado progressivamente a frequência... Por que? Porque as reuniões que nós estamos fazendo atraem a atenção deles, nós não estamos mais com aqueles assuntos em que alguém ficava lá na frente falando pra eles. Há um envolvimento, é criado um de espaço de convivência, em que as pessoas manifestam as suas inquietações, as suas dificuldades, e a gente traz assuntos que eles precisam desenvolver lá dentro, saber desenvolver nas reuniões. Então, do tipo assim “Aborto”, “Eutanásia”, a questão da sexualidade, assuntos do tipo “Reencarnação e Encarnação”, tem diferença ou não tem, e aí aquilo é trazido como uma reunião em que a pessoa recebe uma bibliografia pra ele ler antes. Não tem problema se ele não leu, porque na hora que ele chega ali ele vai ter que debater aquilo, e aí a gente incentiva a pesquisa. E é muito interessante porque eles ficam empolgados e trazem pesquisa. “Então, fulano falou sobre isso tal coisa, tem uma pesquisa de uma universidade não sei das quantas.” No assunto da sexualidade foi riquíssimo, porque vários monitores tinham pesquisado o assunto antes. Agora nós estamos levando o modelo, e nós vamos ter uma mudança dentro do ESDE.

GB: Uma nova mudança...

CARLOS CAMPETTI: Uma nova mudança nessa dinâmica, porque nós vamos levar esse modelo pra dentro das atividades do ESDE, devagarinho, por que hoje os monitores não estão preparados pra isso. Se você chegar e quiser implantar isso, eles não tem preparo, eles fazem palestra, e voltam ao estado anterior. Então, é preciso ainda indicar as dinâmicas, isso eu estive conversando hoje com a coordenadora pedagógica, ela tá trabalhando um projeto e eu disse pra ela: “Se você não disser pra ele o que é pra fazer, ele não vai saber. Porque ele está acostumado a receber tudo mastigado. Então, você vai dando os passos por enquanto...”

GB: Principalmente se ele não tem formação pedagógica...

CARLOS CAMPETTI: Você dá os passos e vai diminuindo isso progressivamente, a ponto dele olhar e dizer: “Ôpa, aqui tá faltando alguma coisa. O quê que eu faço?” A hora que ele se perguntar isso ele vai buscar e vai avançar, não é, devagarinho, tem que ser muito bem montado isso, pra levar as atividades mais nesse sentido, em que as pessoas se sentem partícipes e construindo o processo juntas. Vai ficar bastante dinâmico. O ESDE vai diminuir outra vez de tamanho, vai ficar com dois anos e meio como máximo. Ele poderá ser feito até em dois anos e, depois dele nós vamos criar, já estamos até com o projeto pra apresentar pro movimento espírita: módulos independentes. Eles são módulos complementares. Então, nós temos lá o estudo de “Deus”, com as atividades normais, com uma pequena modificação agora, mas, depois ele tem “Deus e o Universo”. “Você quer aprofundar o assunto?” “Quero.

Vamos lá, quantas reuniões vão ter?” “Não sei, depende da turma.” Então, nós vamos propor atividades que serão desenvolvidas na medida da necessidade do grupo entender aquele assunto até o nível que eles desejam aprofundar. E aí muda, acaba aquele módulo e ele poderá fazer um outro, independente desse. Aí ele pode fazer esse módulo, ou ele pode fazer aquele outro ou ele poderá fazer um quarto ou quinto módulo e depois fazer esse aqui, então eles não terão mais essa relação...

GB: Sequenciada...

CARLOS CAMPETTI: Porque isso já foi atendido no ESDE. O ESDE vai ter ainda essa sequência, mas nesses módulos complementares do ESDE, você já não precisa mais disso, a pessoa tem que ter condição de escolher o que ele quer. Ele não gosta de tratar sobre, por exemplo, o aspecto científico do Espiritismo, ele não quer isso, mas, ele gostaria de conhecer mais sobre Deus, sobre o perispírito, aí tem um grupinho que quer aprofundar alguma coisa do aspecto científico, por exemplo, o que é fluido, não é. “Porque que Kardec tratou de fluido? O que é fluido hoje? E energia?” Então, vai ter um grupo tratando, cuidando disso aí durante um tempo pra aprofundar.

GB: Então, o grupo vai, como um organismo vivo, construindo esse saber.

CARLOS CAMPETTI: Essa idéia também integra uma espécie de ponte para o EADE, as duas coisas são complementares.

GB: Então, o ESDE tradicional, se é que nós podemos dizer assim, permanece, mesmo com as reformulações que são inerentes ao estudo nesses trinta anos, mas, ele agora sintetiza mais ainda, é isso?

CARLOS CAMPETTI: Sim, mas a proposta é dois anos e meio como máximo, nas casas que tem pouco tempo de intervalo, poucas férias, então em dois anos ele consegue fazer. Terminou isso aqui, ele entra com os módulos complementares. A pessoa vai escolher: “Eu quero aprofundar o assunto Deus.” O outro: “Não, eu quero tratar sobre fluidos.” E aí o convite é também aberto.

GB: E que são permanentes, também, não é, na medida que começam, terminam, iniciam novamente e assim sucessivamente.

CARLOS CAMPETTI: Termina, começa de novo, assim que tem um grupinho interessado de novo sobre Deus, forma um novo grupo. Com quantas pessoas? De cinco a vinte e cinco, trinta, não tem problema.

GB: E vão ter apostilas também, de orientação?

CARLOS CAMPETTI: Vai ter uma apostila mais para o próprio facilitador, monitor. Para o participante, no módulo complementar, a primeira etapa tem apostila, vai ter livro, na

verdade, são dois livros, dois tomos. Na outra etapa, para o participante, não necessariamente vai ter material, porque ele será levado a compulsar as obras. Porque o próprio monitor vai ser orientado a recomendar pra ele capítulo tal de tal livro. Ele se prepara antes e aí ele vem pro encontro que o encontro é pra aprofundar aquilo. Isso depende, naturalmente, da sanção do movimento, porque tudo isso são coisas que surgem das conversas com o movimento, que a gente vai sentindo. “O que o movimento tá querendo?” Aí a gente faz o projeto, porque se você vai sentar sem ter pelo menos alguma coisa alinhavada, a gente não chega a lugar nenhum. Você alinhava algumas idéias e leva, porque às vezes, até pra alinhar essas idéias você chama pessoas de vários lugares. Alinhava as idéias e apresenta, aí o movimento trabalha em cima daquilo. Aí propõe, dispõe, muda, altera, até chegar a alguma coisa que você vai levar pro teste. Aí, dessa vez, também, nós vamos testar como a Mediunidade tá fazendo... Eu vou terminar com isso... É... O Campo Experimental de Brasília e Rio de Janeiro se amplia agora nessa nova etapa.

GB: Então, eu gostaria que você falasse um pouco sobre o Campo Experimental...

CARLOS CAMPETTI: Não é um centro espírita, a FEB, nos termos tradicionais. A gente faz experiências, com projetos que a gente desenvolve. Mas, nós ao longo do tempo percebemos que a gente tem uma realidade aqui, e cada federativa, as vinte e sete, têm realidades diferentes, e as casa espíritas, também têm. Então, nós estamos elastecendo o Campo Experimental. A gente faz o teste aqui, é o nosso campo, onde a gente trabalha e acompanha de perto, e pessoas que entendem o mecanismo, às vezes pedagogos ou pessoas que têm alguma especialidade, ou que pela prática chegaram a desenvolver habilidade pra isso, nós colocamos o mesmo programa numas vinte casas espíritas espalhadas pelo Brasil, com apoio das federativas. Elas vão aplicar e mandar pra gente o retorno, que a gente chama de avaliação, daquilo que funcionou, não funcionou, por que, que aconteceu, como você entendeu, não entendeu, tudo direitinho pra gente, então, depois, formatar alguma coisa que atenda à necessidade mais ampla, não de apenas uma realidade. E, naturalmente, o material vai ter que ser adaptado sempre, mas, pelo menos ele vai estar atendendo mais, de forma mais ampla...

EU: A realidade de cada casa. Porque, realmente, aqui o espaço é privilegiado, as condições de trabalho são privilegiadas, então, não cabe um Campo Experimental num ambiente com essas características. Devem sair as determinações mas, a prática deve ser vista em outros centros...

CARLOS CAMPETTI: Porque aqui, a FEB, tem uma situação interessante porque ela tem gente de todo Brasil, é Brasília, né, e de todas as classes sociais. A gente pensa que não, mas,

vêm pessoas de todas as classes sociais. Às vezes você olha uma pessoa muito humilde, ela chega e diz assim: “Eu ouvi falar que tem ESDE aqui, eu queria fazer, também.” Então, ela é acolhida, é envolvida dentro do grupo. E, já temos pessoas dessas humildes que depois terminam como monitores.

GB: Isso, Carlos, é o que eu acho que é uma das excelências do ESDE. Porque mesmo a pessoa não tendo feito uma escolarização...

CARLOS CAMPETTI: Formal...

GB: Boa, né, formal e boa, ela pode ser um bom monitor.

CARLOS CAMPETTI: Pode. Porque é a questão da maturidade no sentido moral, a pessoa entende em profundidade o conceito espírita. Pode não entender de Matemática, ou de seja lá o que for, de Química, mas, e essa pessoa tem habilidade, tem condições, ela maneja bem grupo... Então, não tem porque... A gente fica muito feliz quando a gente consegue integrar essas pessoas de todos os níveis dentro do trabalho.

GB: Inclusive, você tocou na questão da escolarização: “Ah, o ESDE se tornou escolarizado.”, naquele momento que você se ausentou, teve que viajar, passar um tempo fora e, quando você retornou ele estava com essa característica.

CARLOS CAMPETTI: É, no retorno eu encontrei ele assim, mas, foi todo um processo, na verdade, ao longo do tempo, foi como as pessoas foram entendendo, né, e aquilo foi se caracterizando e, naturalmente, a gente tem que fazer mudanças... Isso faz parte do processo, e era “uma grita” do próprio movimento. Havia, de alguma maneira, a identificação dessa necessidade, então, a gente simplesmente seguiu, a gente tem que estar muito atento, tanto numa federativa, quanto na própria FEB, aos anseios e necessidades do movimento. Nós não estamos fazendo um trabalho voltado pro próprio umbigo, pra atender a nossa necessidade, precisamos ter consciência da amplitude do trabalho...

GB: Porque, quando eu falo da FEB ser privilegiada é porque, em termos de instalação física, você há de convir que não é a realidade da grande maioria das casas espíritas no Brasil.

CARLOS CAMPETTI: E foi construída graças ao apoio do movimento. Então, a gente costuma dizer que a casa é de todos nós. Cada um de nós veio de suas casas espíritas, muito raro você encontrar uma pessoa que só tenha frequentado a FEB, muito raro, a maior parte veio de outras casas espíritas. Então, é a nossa casa, a casa de todos nós, e recebe mesmo de braços abertos. Até temos uma situação interessante, porque aparecem pessoas de outras religiões. Apareceu uma pessoa protestante, ela começou a frequentar e descobriram que ela tinha sido pastora. Aí ficaram preocupados. Ela frequentou um tempo e desapareceu. Aí disseram: “Ah, provavelmente ela só veio bisbilhotar.” Aí eu disse assim: “Bisbilhotar o quê,

não temos nada pra esconder...” Aí passado um tempo ela não apenas voltou pro ESDE, mas, ela veio sentar aqui, ó, junto da gente, o Eduardo⁹⁴ acompanhou todo esse processo, veio sentar do nosso lado aqui, numa coisa que a gente chama de Colegiado do ESDE, em que participam atéos frequentadores, que é onde a gente colhe as idéias, sugestões. Ele não é deliberativo, ele é propositivo. Então, ela se sentou aqui e ela disse que ela realmente tinha sido pastora, que ela estava conhecendo o Espiritismo fazia quatro anos, e hoje é uma das nossas excelentes trabalhadoras. E alguém veio falar pra mim uma vez: “Será que ela não tá vigiando?” E eu: “Vigiar o quê? A gente não tem nada pra esconder, eu quero que ela conheça tudo...” (RISOS)

GB: (RISOS) Que ela não venha vigiar, não é?! Que ela venha conhecer...

COMPLEMENTO DA ENTREVISTA COM CARLOS ROBERTO CAMPETTI

LOCAL DA ENTREVISTA: Federação Espírita Brasileira (FEB) – Brasília, DF

DIA: 8 DE NOVEMBRO DE 2013

GB: Carlos, já que você iniciou falando da sua trajetória e do envolvimento, no nível pessoal, com a Doutrina Espírita que, como eu lhe falei, se confunde, a tua vida com a Doutrina, e por isso a sua contribuição é bem particular por isso, mas, olhando pra trás, toda essa experiência que você tem, o que ela representa pra você?

CARLOS CAMPETTI: O Espiritismo representa pra mim, porque ele é, de fato, uma revelação. E, apesar de ter nascido em lar espírita, o Espiritismo não se absorve por osmose, o espírita consciente não pode se afirmar espírita se ele não conhece o Espiritismo. Então, o mesmo caminho que outras pessoas devem ter percorrido, eu tive que percorrer também na consulta às obras, no estudo, na reflexão, na luta de auto-superação, de colocar em prática aquilo que a gente vai entendendo; porque o Espiritismo explica o Evangelho de Jesus de uma maneira muito objetiva, com aquilo que Allan Kardec chamou de a fé raciocinada. Então, o Espiritismo exige da gente envolvimento, se você efetivamente quiser ser espírita, a não ser que a pessoa fique na superfície. E logo, conforme eu falei, logo na minha infância eu fui descobrindo isso no contato com as pessoas espíritas da família, e de fora da família, e na própria leitura, no estudo dos livros. O Espiritismo pra mim é essa revelação, porque eu fui descobrindo, e ao mesmo tempo em que eu fui descobrindo o evangelho de Jesus pelo Espiritismo, eu fui descobrindo revelação que já estava feita, na verdade, pelo Cristo, e que

⁹⁴ Referindo-se ao companheiro que, naquele momento, adentrava na sala para avisar ao nosso entrevistado que as demais atividades daquele dia iriam reiniciar e que, infelizmente, teríamos que encerrar a entrevista.

nós tínhamos perdido contato com ela em função dos dogmas, das imposições dogmáticas das igrejas tradicionais, das religiões tradicionais e, conforme eu fui descobrindo isso, eu fui descobrindo a mim mesmo, e vendo o quanto eu tinha que me melhorar, me aperfeiçoar e fazer essa luta de transformação. Porque a gente reencarna aqui com um compromisso de evolução, de melhoria, de aperfeiçoamento, tenho convicção disso. E todos nós, sabendo ou não disso... Mas, nós que sabemos somos mais responsáveis. Uma vez que você tem o conhecimento, o comportamento precisa refletir isso. É por isso que Jesus dizia: “Aquele que tem, mais será pedido dele, mas, também, ele mais receberá.” Como é que vai receber mais? Vai receber mais oportunidade de trabalho, de desenvolvimento, de realização em favor do próximo. Não vai receber em nível pessoal, pra dele usufruir, porque tudo no Universo é trabalho, é dedicação, é construção. Então, isso a gente aprende com o Espiritismo. Então, o meu envolvimento com o Espiritismo, desde a minha infância, não me privou da necessidade do esforço de transformação. Eu tive que fazer isso ao longo do tempo, ainda hoje eu trabalho muito isso, não sou espírito perfeito, então, eu reconheço que tenho muitas limitações a serem superadas, ainda, mas, eu me sinto feliz, ao mesmo tempo, pelo fato de saber disso e de encontrar no Espiritismo as ferramentas que me ajudam a dar sequência a esse processo de transformação iniciado, e que tem continuidade, e que terá natural continuidade ao longo da existência, que é eterna. Uma vez criados nós não deixaremos de existir, morrerei um dia... Ôpa! Eu não! O meu corpo morrerá algum dia. Eu seguirei vivo e seguirei o meu processo evolutivo, como todo mundo, e o Espiritismo me dá essa consciência e, além de me dar essa consciência, ainda me dá as ferramentas pra realizar esse processo, de maneira consciente.

GB: E a ferramenta, quando você fala, o ESDE me parece essa ferramenta instrucional, mas, de um processo que acaba se efetivando no campo educacional.

CARLOS CAMPETTI: Sim, educacional, no sentido moral e dessa verdadeira revolução, dessa auto-descoberta para o indivíduo. E o ESDE me ajudou bastante, naturalmente, dentro desse processo, porque, na medida em que você se envolve com a tarefa, com o trabalho em que você faz, ou participa fazendo o curso, ou quando você se envolve, principalmente na parte de monitoria, depois, eventualmente, numa coordenação de um trabalho, você tem que conhecer o processo, e você não pode recomendar aos outros o que você não está fazendo pra você. Então, é nesse sentido que o ESDE ajuda ainda mais a gente a se transformar. Cada monitor, cada facilitador do processo, as pessoas envolvidas no trabalho, são convidadas a aplicar aquilo na sua vida, pra ficar coerente o discurso, ficar coerente com a prática que a pessoa tá levando na sua vida diária. Então, nesse sentido o ESDE me ajudou e eu tenho convicção de que ajuda muita gente, pelos depoimentos que a gente colhe, pelas

manifestações naturais que as pessoas trazem pra gente, pelo momento que o grupo termina, por exemplo, a etapa, em que há a finalização daquele processo, as pessoas dizem pra gente: “Eu não sou a mesma pessoa que eu era quando eu entrei.” Então, o ESDE ajuda a pessoa nesse processo de educação moral, que melhora em todos os sentidos, e a gente vê as repercussões na vida diária da pessoa, na sua ação no trabalho, inclusive na sua ação no campo educacional comum, porque a pessoa trata aquilo com mais seriedade, com um objetivo mais amplo. Então, ela pode não gostar, por exemplo, de Matemática, mas ela entende a Matemática como necessária. “Porque a Matemática é necessária?” A pessoa tem uma outra visão e tem um outro tipo de interação com a Matemática. Então, a pessoa compreende que não é meramente aprender a Matemática pra ter posição aqui na Terra, ou entender certos fenômenos no campo social ou econômico, mas, entender que a Matemática está presente na realidade espiritual, também. O Universo é uma sequência, a vida é uma sequência, e o ESDE nos ajuda, realmente, a compreender isso. Quando a pessoa estuda o Espiritismo - e isso é colocado por Kardec de uma maneira muito clara, muito objetiva -, o Espiritismo toca em todos os ramos do conhecimento, todos. Ele chegou a tocar em ramos do conhecimento que não existiam na época. Então, os Espíritos sabem do nosso futuro e da nossa realidade e muitas vezes nos antecipam coisas que a gente só consegue perceber quando chega aquele momento. Então, quando a gente observa que o estudo da energia quântica, e que a própria Ciência avançou bastante, esse conhecimento todo que se ampliou, os Espíritos vêm trazendo pra gente essas informações devagarinho ao longo do tempo, quando eles usam a linguagem da época pra nos falar, por exemplo, dos fluidos, e que hoje a palavra não é usada no campo científico, no entanto, quando você vê o que os Espíritos queriam dizer com aquilo, é o que hoje está se tratando em termos de energia quântica.

GB: E que de menor monta, mas que também muito significativo, o processo de nossa vida pessoal, quando nós percebemos um fato que acontece, mas, se fizermos uma observação mais pormenorizada, este já vinha em “gestação” já há um tempo...

CARLOS CAMPETTI: Com certeza, ao longo do tempo...

GB: Tal como as grandes realizações, essas pequenas, mas, extremamente significativas realizações na vida de cada uma...

CARLOS CAMPETTI: A gente citou o exemplo da Matemática, mas, isto realmente serve para todos os ramos do conhecimento, abre realmente um leque de conhecimentos e, dá pra pessoa não uma espécie de acomodação, jamais, mas, no seguinte sentido: cada coisa no seu momento. E você vai construindo ao longo do tempo, e ampliando as suas possibilidades, na medida em que a vida vai te dando oportunidade... E isso ao longo de um processo que

ultrapassa a vida que a gente conhece como sendo a vida atual que a gente tá vivendo, porque Deus nos criou para a felicidade que a gente mesmo constrói e, dentro desse conceito, nós vamos encontrar Jesus colocando: “O Pai trabalha ainda agora, e eu também.” Então, Jesus nos vem trazer uma realidade que transcende o campo da matéria. No momento em que ele vai crucificado e todo mundo entende aquilo como algo especial, que só aconteceu com ele, ele vem nos dar o exemplo daquilo que acontece com todos nós. Então, quando há a Ressurreição, todo mundo pensa que aquilo é um milagre ocorrido com Jesus, mas, a Ressurreição é um fato que ocorre com todo mundo, mas, não nesse sentido místico que as religiões acostumaram a gente a entender dessa maneira. Não! Na realidade é um fenômeno natural da vida. A vida continua... Então, a Ressurreição é nada mais que um símbolo da continuação da vida, em que o indivíduo tem a oportunidade da renovação e da transformação constante, para alcançar o seu objetivo, que é a sua integração dentro do plano divino, para ser um colaborador consciente dentro do plano divino, e, portanto feliz, por estar cumprindo a função para a qual ele foi criado.

ANTÔNIO ALFREDO DE SOUZA MONTEIRO (SR. MONTEIRO - VERMELHO)

IDADE: 73 anos

ESTADO CIVIL: Casado

PROFISSÃO: Militar Aposentado

TEMPO DE DOUTRINA ESPÍRITA: 44 anos

ATIVIDADE QUE EXERCE NO MOVIMENTO ESPÍRITA: Dirigente de casa espírita.

LOCAL DA ENTREVISTA: Grupo Espírita Paulo e Estêvão (GEPE) – Fortaleza, CE.

ENTREVISTA REALIZADA DIA 01 DE JULHO DE 2013

GB: Como nasceu, então, o ESDE?

SR. MONTEIRO: O ESDE nasceu no Rio Grande do Sul. Começou na Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS) que, sentido a necessidade de um estudo mais organizado, mais didático para as casas espíritas, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul iniciou com o estudo que ela chamou de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita.

GB: Qual era o ano?

SR. MONTEIRO: Eu vou te dizer depois... Eu não me recordo agora... Então, foi implantado, foi elaborado por uma equipe da Federação Espírita do Rio Grande do Sul

quando foi recebida pela Cecília Rocha aquela famosa mensagem de Angel Aguarod⁹⁵. Já ouviu?

GB: Não!

SR. MONTEIRO: Não? Ela recebeu no RS, foi que deu origem ao ESDE. Ela era diretora da FERGS... E, então, foi lançado no RS, foi organizado, e o objetivo era fazer com que as casas espíritas tomassem conhecimento mais profundo da doutrina espírita e não ficassem só na superficialidade, se inteirassem mais do projeto de Allan Kardec, que era um estudo para poder esclarecer, desenvolver as pessoas, desenvolver o espírito, fazer com que o Espiritismo crescesse, organizado. E o sucesso foi muito grande no RS. E na reunião do Conselho Federativo, que eu não sei o ano, mas, te digo, o presidente da Federação, então, Maurice Herbert Jones, ele propôs que a Federação Espírita Brasileira tomasse para si esse projeto, e colocasse para todo o Brasil...

GB: Então, ele não nasceu na FEB...

SR. MONTEIRO: Não! Ele nasceu no RS (FERGS) em termos... Porque veio de lá, foi proposto, eu vou procurar qual foi o ano que foi proposto isso... Entra até nos Anais e vê... E então, a federação, foi aceito, e posteriormente foi iniciado, vamos dizer a formação, o esquema do curso como seria. Eu tinha vindo de Manaus e fui transferido de Manaus para Brasília e, ao chegar em Brasília, logo em seguida, o presidente então da federação espírita brasileira, Francisco Thiesen convidou para que eu fosse diretor da federação brasileira, um dos diretores, na área do estudo, juntamente com outra diretora, que era a Marta Antunes, que ainda está por lá... Iniciamos fazendo o modelo, como é que seria, os objetivos, objetivos ficaram divididos em várias sessões, vários conteúdos, e foi feito esse ESDE, nasceu, que foi em novembro de 1983, fazendo hoje 30 anos, né?!

GB: 30 anos! 2013...

SR. MONTEIRO: Então, foi lançado lá no Conselho o primeiro programa no qual tinha aquele retrato de Allan Kardec, era todo impresso em mimeógrafo...

GB: Então, nós podemos dizer que esse foi o início do ESDE? Ou o senhor atribui àquele momento inicial?

SR. MONTEIRO: Eu atribuo que o ESDE foi proposto pela Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul... Então, a federação (FEB) disse que ia colocar e colocou mesmo, passou tempo, mas, colocou... Mas, lá no RS estavam seguindo o de lá, depois é que foi adotado pela Federação. Então, a história da qual eu participei, vivenciei, é esta. 83 foi que nasceu o que

⁹⁵ A mensagem a que nosso entrevistado se refere poderá ser observada no Anexo 4.

estava na federação (FEB) então, como Diretor da Federação, ajudei na organização do Programa I do ESDE, e os outros, a programação geral, mas, tava apenas completo o I e o II pela metade, mas, não que eu tenha escrito os resumos, porque eu sou muito ruim pra escrever. Ajudei na pesquisa, nisso, naquilo, tudo, mas, apenas coloquei assim o Cronograma, coloquei semelhante aodo RS, é, os fenômenos espíritas, depois as mesas girantes, depois até entrar na Doutrina, que era o mesmo programa do RS, foi igual, quase copiado, não igual, mas, copiado quase, parecido. E de lá, lançado, eu logo vim, em 1986, eu fui transferido, quer dizer, fui para a reserva, e vim para Fortaleza e, ao chegar aqui em fortaleza... Bem, eu já tô passando...

GB: Não! Pode falar...

SR. MONTEIRO: Bem, aqui o movimento espírita era muito devagar, uma tristeza, quase não tinha estudo, não tinha nada, o Paulo e Estêvão praticamente não existia, não tinha coisa nenhuma, era... Aí, em 87 comecei o estudo aqui e na União espírita cearense. Na União Espírita cearense, lá, o que foi que houve com a união, ela praticamente cresceu demais com o ESDE, todo mundo querendo estudo, estudo, e era um estudo didático, um estudo bem dinâmico, com todo esse projeto grupal, então lá foi feito, iniciado lá e foi um sucesso muito grande...

GB: Foi o primeiro local em que foi implantado aqui em Fortaleza...

SR. MONTEIRO: O primeiro local em que foi implantado o ESDE...

GB: Foi na União... Antiga União Espírita...

SR. MONTEIRO: União Espírita Cearense... Quer dizer, o primeiro local, o primeiro decerto, foi aqui no Paulo e Estêvão...

GB: Aqui no Ceará...

SR. MONTEIRO: Foi! Aqui no ceará, foi o Paulo e Estêvão, foi aqui, quando cheguei em 86...

GB: Esse Paulo e Estêvão aqui da Piedade...

SR. MONTEIRO: Esse Paulo e Estêvão da Piedade, que era só uma casinha, iniciamos o estudo e eu falei até uma brincadeira, de como aconteceu... Você tava lá no dia da reunião?!...

GB: Sim, lá na Federação (FEEC)?

SR. MONTEIRO: Sim...

GB: Sim! Tava, tava...

SR. MONTEIRO: Meus sobrinhos?

GB: Mas, continue...

SR. MONTEIRO: Não tinha ninguém pra você dar o ESDE aqui... Tinha o Sr. Sebastião, a D. Sulamita e eu... Começamos, mas, não vinha ninguém, o pessoal rejeitava aqui a passagem que aqui era muito ruim, muito escura, não tinha... A iluminação muito fraca, carnaúba... então, eu falei com uns quatro sobrinhos meus, jovens, que estavam aqui, tudo da mesma idade. Eu disse: “Vamos lá, vamos ali, para o centro espírita, estudar uma coisa, depois eu saí com vocês...” Pode dizer isso, mas, melhor que fosse até em *off*... “Depois a gente vai na Beira-mar” - eu não bebia – “mas, eu dou uma rodada de cerveja pra cada um...” .

GB: (Risos)

SR. MONTEIRO: Eu dizia: “Olha, entra, sai, um entra, outro sai, movimenta...”

GB: Movimenta a casa...

SR. MONTEIRO: A casa... Ficava aquele movimento... E ficaram uns curiosos, chegaram por aqui... Então, foi juntando um, outro... E iniciou-se o curso com umas dez pessoas aproximadamente... Minha família, minha esposa, meus filhos e esses rapazes, é, faziam parte, só... E foi chegando um ou outro de fora. Então, começamos a modificar logo que já não cabia. O outro grupo já não cabia, pois, só tinha uma sala... Não cabia mais ninguém. Aí tivemos que começar a ampliação. Aí foi ampliando, fazendo outra sala, outra sala, outra sala, e, todo o impulso foi dado no ESDE. Ao mesmo tempo, passei a dar na União Espírita... E lá, também aconteceu a mesma coisa, cresceu muito, duplicou, triplicou de gente, foi preciso construir o segundo piso...

GB: Então, quer dizer que, tanto aqui no Paulo e Estêvão, principalmente porque era um espaço ainda pequeno, quanto na União, o ESDE teve essa participação efetiva na ampliação da casa...

SR. MONTEIRO: Na ampliação da casa... Ajudou muitas casas espíritas a se construírem... Necessitava de uma sala adequada... Então, teve uma amplidão muito grande nessa área, também, física... Mesma coisa foi com a União... Então, a União foi, de lá, foram dois rapazes fazer o curso... Quem sabe bem, quem foi fazer o curso que eu dei de monitor do ESDE, na União... E quem foi fazer o curso da União Espírita Cearense, hoje Federação, foram duas pessoas... que implantaram lá... Você não sabe quem é??

GB: Socorro Sousa?

SR. MONTEIRO: Não!

GB: Richard?

SR. MONTEIRO: Richard! Ele é aquele do Banco do Nordeste, moreninho, magrinho...

GB: Eu conheço o Richard...

SR. MONTEIRO: Pode conversar com o Richard... Quem fez o curso lá na União foi ele... Não! Na Comunhão... Era a Comunhão Espírita... E, aí, o ESDE tomou conta do Ceará e, daí pra frente a gente dava muitos cursos, no interior, e saíamos dando curso por todo interior, quase todas as casas queriam o curso, mas, as pessoas não assimilavam muito porque não tinham costume do estudo, né?!

GB: No interior...

SR. MONTEIRO: No interior, aqui também... É muito difícil... ainda hoje é muito difícil... Porque as pessoas não são habituadas ao estudo... gostam muito de ver um livro, um romance, em casa, mas estudar a Doutrina Espírita já é um outro aspecto. Você utiliza o raciocínio, a lógica, o bem pensar, para traduzir bem a mensagem dos espíritos, o que eles querem dizer com aquilo... Então, não pode ser uma coisa decorada, de uma leitura fácil...

GB: Então, o senhor acha que essa é uma das dificuldades...

SR. MONTEIRO: Uma das grandes dificuldades do Espiritismo... Então, eu ia para o interior e muita gente praticamente analfabeta, porque ficava ali e eu dizia: “Como é que vai aprender Espiritismo desse jeito?”. Então foi introduzida, assim, uma maneira diferenciada, adaptando cada caso, fazendo como se fosse um novo curso de Espiritismo. Vamos dizer, uma pessoa lá do interior do Ceará, bairrinho bem pobrezinho, vai falar de Hidesville, irmãs Fox, é difícil a pessoa compreender todo esse processo de França...

GB: A parte científica...

SR. MONTEIRO: A parte científica... Que é isso, que é aquilo... Então...

GB: O que é Ciência, o que é Doutrina Espírita...

SR. MONTEIRO: Então, tinha que ter uma coisa inicial, que iniciasse isso. Então, o auxiliar do ESDE chama-se TE. O sistema de alimentação do ESDE é o TE. O ESDE sem o TE dificilmente se alimenta.

GB: Então, o ESDE veio primeiro e o TE veio depois, que é o Tratamento Espiritual, exatamente pra dar esse apoio pra que as pessoas comesçassem a se familiarizar com a questão mais conceitual da Doutrina...

SR. MONTEIRO: O trabalho grupal, já inicia no trabalho grupal, já faz um tratamento, já estuda o Evangelho no nível de perguntas e respostas. Você não tem o livrozinho, não tem???

GB: Tenho, tenho...

SR. MONTEIRO: Pois é, aquilo ali foi feito lá em Manaus, foi criado... Não vou dizer não que fica muito chato... Foi bolado por mim, todo o TE...

GB: Qual foi o ano?

SR. MONTEIRO: Foi 1978, 79, 80, 81, 82... 82 eu voltei pra Brasília. Foi quando fim de 82, começo de 83, eu voltei pra Brasília... Mas, o TE foi iniciado em Manaus. Todo esse processo, lá de Manaus, foi quando eu implantei o Estudo da Doutrina Espírita lá na Federação Espírita do Rio Grande do Sul, o ESDE lá. Então, o TE, eu digo, mas, como é que você chega na casa espírita e, a pessoa pode se envolver, tá certo o passe atrai, mas, ela não se envolve, então tem que ter um processo que envolva as pessoas, e esse processo de envolvimento é um processo de contato humano, de interação entre uma pessoa e outra, entre um grupo e o coordenador, e ele vai incentivando, mostrando, vendo as pessoas, e depois possa pegar essa pessoa, que já com dois meses, ali, de trabalho, de Evangelho, de debate em grupo, de estudo grupal, que aquele fala muito, fala pouco, aquelas coisas todas, então, já que ia para o ESDE, com os aprendizados lá...

GB: Os elementos básicos da Doutrina...

SR. MONTEIRO: Os elementos básicos da Doutrina, do Evangelho, etc., Reencarnação, essas coisas, e já tinha um tipo de estudo, que as casas eram todas palestras. Então, só vendo a palestra pública, ele tinha dificuldade...

GB: Então, no momento da criação do ESDE o TE já existia...

SR. MONTEIRO: Existia...

GB: O senhor pensou lá em Manaus...

SR. MONTEIRO: Pensei em Manaus, e aqui no Paulo e Estêvão, eu coloquei em muitos cantos aí da Bahia, de todo canto, e a pessoa daqui ia e, nas reuniões da Federação Espírita, que tinha reuniões regionais, né, eu colocava sempre isso, esse projeto, mas, ninguém dava valor...

GB: A Federação não acolheu, como acolheu depois o ESDE...

SR. MONTEIRO: Não! Não acolheu de jeito nenhum, porque é uma coisa que ia mexer com quem? Com as pessoas que já faziam palestras. Então, todo mundo que fazia palestra, disse: “Bom, agora você vai sair do trono e vai dar oportunidade agora pro grupo”. Então, houve muita reação, os palestrantes de um modo geral bateram... Não, não é... Você não vai acabar com a palestra, mas, deixa um dia de palestra, porque a palestra é muito passiva, né, então as coisas, a gente tem que olhar... E o ESDE trabalhava com dois setores: com o setor do estudo e, paralelamente, com o trabalho de engajamento na casa espírita.

GB: Essa é a proposta do ESDE...

SR. MONTEIRO: Então, dentro do próprio Paulo e Estêvão, agora, no momento, termina, você tem que conhecer todos os trabalhos de ação social da casa. Tem que ir lá e se envolver um dia, num sábado, num domingo, no trabalho de assistência social do grupo, o grupo tal, o

grupo tal, tem o cronograma todinho pra você seguir. Ele se envolve. Então, ao se envolver você diz: Olha, tá precisando de gente pra ir pra Evangelização... Mas, ele nunca conheceu o que é Evangelização. Então, você vem visitar, o grupo vai, recebe toda orientação do grupo, né, da Infância e Juventude, e sempre tem um que sintoniza. Dez não querem, mas, tem um que quer. Então, aproveitam os Espíritos daquele momento em que façam incentivá-lo que aquilo é bom. Aí vai para o sopão, vai para os idosos, aí vai para as nutrizes, aí vai para as grávidas, aí vai desenvolvendo esse trabalho e, não falta gente para o trabalho de assistência social e engajamento na casa espírita. Então, dentro de um grupo desse, quando terminava o ESDE I, o que é que eu fazia... O que o Paulo e Estêvão fazia... Colocava todos os cursos dentro do ESDE... Parava... Curso de Passe... Todos do ESDE, participantes, iam ter um curso de passe... Curso de Atendimento Fraternal... Todos... Ia fazendo isso...

GB: Certo!

SR. MONTEIRO: Para que você não viesse num sábado, que a gente vinha sábado, mas, não vinha ninguém, não vinha ninguém que eu digo o seguinte, não vem todo mundo, um tinha um problema, um tinha outro, tinha outro... E você parando o ESDE por duas semanas e engajando todos no processo onde você quer colocar as pessoas, ficava melhor.

GB: Isso quando o ESDE já estava implantado.

SR. MONTEIRO: Implantado, implantado. Aí depois paramos com isso porque passamos a atuar em cada departamento. Por exemplo, o da Infância, ele que faz todo o processo. O do TE é feito dentro do TE, que bota sábado e domingo, não vem. Então, todo o processo de formação, do atendente, é feito durante o TE. Sai, os dirigentes do grupo são três, então, sai um, dois, fica só um, fica dirigindo o grupo, os outros vão fazer um curso.

GB: E é como uma reciclagem... Uma formação... Uma reciclagem...

SR. MONTEIRO: Então, os trabalhadores... Como é que você diz: Como que é forma o Paulo e Estêvão 700 e tantos médiuns? É um negócio danado... As pessoas.. Nem passa pela cabeça deles... Nem passa... Porque 700 médiuns, pensam que aqui é... Acho que é até mais... Agora, nunca falta permanentemente os cursos mediúnicos. De onde é que ele vem? Ele vem do ESDE. Então, a pessoa para trabalhar na casa espírita ela tem que ter uma frequência de 70% no ESDE. Aqui, sabia, né?

GB: No Paulo e Estêvão é...

SR. MONTEIRO: Então, pronto, 70%. Então, ela tem que tá no ESDE. Pode ser o melhor do mundo, mas, não pode, porque tem que ter uma base, ter embasamento da Doutrina Espírita a vida toda. Temos que estudar até não sei quando, morrer estudando, porque num dia não aprende nada. Então, se acostuma, no começo tinha reação, mas, agora, as pessoas já sabem,

já entram.. E diz; Olha, pra você fazer isso tem que tá matriculado no ESDE, frequentando o ESDE. Olha, curso mediúnico... Como tem aqueles que não vão na mediúncia, a gente vem e fala dentro do ESDE sobre a mediunidade, o que é mediunidade, o que pode ser, a prática. Então, dali os candidatos vão para o curso. Hoje você só faz dizer, só pra você ver eu tô com o curso de manhã, agora. Lá na Água Fria tenho outro às 18h, um às 8h da manhã, segunda-feira das 8h da noite. Agora vai iniciar aqui, na Piedade, domingo à noite e 9h da manhã de terça, já tem outro curso. Enquanto esse tá terminando já tá aqui um outro curso...

GB: Sobre mediunidade...

SR. MONTEIRO: Sobre... Estudo das pessoas que querem desenvolver a mediunidade, já estudo. Chama-se o seguinte: Grupo de Estudos Mediúnicos, mas, não pratica, não, você vai pra teoria.

GB: É teoria...

SR. MONTEIRO: Teoria... Atualmente, depois de reestruturado, de ser reestruturado, ele demora um ano.

GB: Certo!

SR. MONTEIRO: Antes, era menos... Até hoje... Terminamos hoje o último módulo que a pessoa só passava oito meses, agora vai ser um ano. Aumentamos mais com a parte teórico-prática...

GB: Mas, Sr. Monteiro, eu achei muito interessante o senhor trazer esse dado, que o ESDE é como um filho do TE...

SR. MONTEIRO: O ESDE filho do TE? Não! Eu acho que você pode botar o TE como o sistema de alimentação do ESDE. É ele que vai colocar dentro do ESDE...

GB: Mas, quando o senhor pensou lá trás, qual seria mesmo o ano, vamos lá...

SR. MONTEIRO: O ano?

GB:É, o primeiro pensamento sobre o TE, sobre a organização do TE...

SR. MONTEIRO: Foi em Manaus...

GB: Em Manaus, naqueles anos... Quais eram?...

SR. MONTEIRO: Em 1979, 80, 81 e 82, quatro anos eu passei lá em Manaus... Assim que eu cheguei lá... Eu já vinha do Rio Grande do Sul... Agora eu vou voltar ao RS... Eu vinha do RS de uma sociedade chamada Sociedade Espírita Luz e Caridade e naquele tempo eu era mais dinâmico, mais doidão, tinha recém entrado no Espiritismo e cheguei lá completamente obsidiado, né?

GB: No RS?

SR. MONTEIRO: No RS... E entrei... Fui recebido pelo presidente da Federação de lá... Foi ele quem me recebeu... Então, ele me recebeu, olhe como são as coisas... Eu fui pra lá, mas, não fui com interesse de aprender nada, não, né?! Tinha 27 anos... Fui pra lá por causa de um problema que houve no quartel... Eu não gostava de uma pessoa, que mexia muito comigo. Quando era muito frio, ele era um gaúcho muito alto, (inaudível), Um alemão dos olhos bem... daqueles... humilhando os nordestinos... Eu chegava lá e ele dizia: “Chegou o arataca!” Chamava a gente de arataca... Não sei porquê.. “O arataca... O nordestino... Traz a farinha e a tapioca...” Na frente de todo mundo, cheio de gente, dos oficiais... Eu chegando, todo enjaponado, cheio de frio... Aquilo me humilhava, eu ficava com tanta... Aí eu soube que ele era espírita, mas, não era espírita, não. Eu pensava que ele era... Diziam que ele era, mas, parece que ele frequentava Umbanda, uma coisa assim... Aí eu fui atrás de um centro espírita perto do Quartel. Eu fui lá e “botei um boneco” danado, e mando vocês tudo não sei pra onde... Olhe, eu quero dizer que... Não dizia nada, que eu não conhecia... Aí eu fui falar com esse senhor. Me segurou e lá tinha um cartaz: Não fume! Até uma senhora que a gente usa muito, até o cartaz eu trouxe de lá, que tava com o dedo assim, né? Era: Não fume! Eu disse: “Pronto, agora chegou a hora de eu colocar um boneco aqui, e ele vai me mandar embora, e eu não vou.” E naquele tempo...

GB: Dentro da casa espírita...

SR. MONTEIRO: Casa espírita... De papo com esse senhor e eu senti lá...

GB: E, “Não fume!” para aquela época era danado, porque em todo lugar se fumava naquela época... Brasil.. Nos hospitais, nas escolas, nas novelas... Em todo canto, todo mundo fumava...

SR. MONTEIRO: Aí, peguei o cigarro, abri, fumei, acendi e não disse nada... Eu esperei, né... Vai já mandar eu não fumar... Ele não disse nada e eu fiquei nervoso e comecei a soprar nele a fumaça, e ele não disse nada... Nada! Nada! Absolutamente nada! Acabou comigo, né... Eu disse: “Eu não posso fazer mais nada...” Aí terminou, não sei o quê, aí ele disse: “Eu vou dar um livrinho pra você ler!”. Aí me deu “O que é o Espiritismo”. Aí pronto, levei pra casa e fui ler, caí na besteira de ler...

GB: Os diálogos... Do Kardec mesmo? “O que é o Espiritismo”? Do Kardec mesmo?

SR. MONTEIRO: Sim! Li todinho numa noite... Aí voltei pra casa espírita. Aí, quando chegou lá, com seis meses eu dirigi a casa. Casa... Como se fosse a Direção... Ele botou pra mim... Aí compramos terreno vizinho, se tornou uma casa muito grande e de lá saímos Presidente de Federação. Saiu Maurice Herbert Jones, saiu (inaudível)... Saiu... De lá da casa...

GB: Qual era a cidade no RS?

SR. MONTEIRO: Porto Alegre.

GB: Capital.

SR. MONTEIRO: Capital. E lá essa casa é assim, um modelo, tipo GEPE, né? Organização, disciplina... E lá, o dirigente, esse Maurice Herbert Jones, inteligente como todo, que ele é meio francês, ele chegou e disse: “Olha, esse negócio de ficar em mediúncia e o paciente lá num sei aonde, tá certo, não.”, dizia ele. O cara tá num bar, tá não sei aonde, não, não dá certo. Teria que vir pra cá, pra fazer o quê? Fazer o que aqui na casa espírita? Não teve assim uma idéia... A gente discutia isso...

GB: Ele era nessa época presidente da casa?

SR. MONTEIRO: Presidente da Federação...

GB: Ah, da Federação...

SR. MONTEIRO: Ele foi Presidente da casa e depois passou pra mim e eu fiquei na presidência não sei quanto tempo. Hoje esta casa é a sede da CEPA⁹⁶. Sabe o que é CEPA?

GB: Não!

SR. MONTEIRO: Confederação Pan-americana de Espiritismo... É o que é contrário à FEB. Todo o movimento espírita, mas, estudado demais, a CEPA, ela não aceita o Evangelho, que diz que é um pieguismo, esse negócio, são muito bons, são gente de muito boa ética, a CEPA é uma ética, mas não com igrejismo, que eles dizem... Aí, hoje tá lá essa sociedade... Eu voltei lá uma vez, pedi até pra fazer uma prece e eles deixaram, tem problema, não, fazer uma prece... Mas, voltando aqui, que nós conversamos demais... O TE... Tem aí uma caneta?

GB: Uma caneta?

SR. MONTEIRO: Um pedaço de papel qualquer...

(Procuramos papel e caneta)

SR. MONTEIRO: Então, o processo aqui é uma espiral. Então, ele chega aqui na casa espírita doente, alquebrado, né, quê que ele vem? Ele vem em busca de uma coisa que lhe dê alívio... Então, nós temos que dar tudo que ele procura. Quê que ele procura? O passe, a água fluidificada, uma mediúncia. Então, vamos dar todos os atributos a ele pra ele e que ele possa... E ser... E que ele seja acompanhado... Porque todo mundo que não tiver uma meta na casa espírita... Chegou na casa espírita e se não tiver uma meta, vai embora... Então, ele tem que ser acompanhado. E o TE, tem uma reunião inicial, não tem?

GB: Tem!

⁹⁶ Encontramos registros *online* de que a sigla significa Confederação Espírita Pan-Americana.

SR. MONTEIRO: Tem uma reunião inicial, para poder colocar pra ele todo projeto, embora ele não queira, uma pessoa dizendo: “O seu caminho vai ser esse aí. Quando terminar, você pode ir embora... Beleza! Mas, só que a metodologia usa pra poder...” O sujeito pergunta: “Quanto tempo dura?”.

GB: Mas, esse é o pensamento que o senhor estava falando...

SR. MONTEIRO: Não! O TE, vamos dizer... Qual é a função dele? Aqui é a espiral, sobe mais um pouquinho. (Rabisca no papel) Aí vem para o ESDE. ESDE... Do ESDE... Trabalhador... Trabalhador do centro... Trabalhador federativo... Tinha uma meta... Quando eu cheguei, eu tava aqui... No Paulo e Estêvão... Quem tava lá? (Se referindo à Federação Espírita do Estado do Ceará - FEEC) Por exemplo? Daqui do Paulo e Estêvão... A Olga.

GB: Sim...

SR. MONTEIRO: Quem que tava lá? A que morreu agora há pouco tempo?

GB: Angélica?

SR. MONTEIRO: Angélica! E naquela época eu levei muita gente daqui pra lá... Mas, o pessoal fica complexado, lá, por causa de negócio de Paulo e Estêvão, porque tá tomando, tá tomando conta... Aí eu disse: “Olhe, não vou mais me meter nisso, não”. Porque você tem que ter padrão e, por bons que seja os trabalhadores dali, né, de várias casas espíritas, né, porque tem que pegar a miscigenação toda e colocar dentro de um processo, do TE... Agora a Mediúnica... Quando fazemos desobsessão, o cara que fez o pedido de desobsessão tava tomando porre, tava não sei aonde, tava viajando, tava não sei o quê, e ele dizia (entrevistado se refere a Maurice Herbert Jones): “Mas, isso não pode ser. Essa pessoa tem que ficar ligada.” Então, quando começou o TE, quando todos os TE’s iniciaram, tinha uma Mediúnica, e aqui o grupo de pessoas que estavam noutro canto. Mediúnica lá em cima... Então, quê que aconteceu? Mediúnica pra ajudar este, este, este, dez pessoas... Aí formou um grupo, dois, e a mediúnica não dava mais conta. Certo? Então, tira a Mediúnica e toda a Mediúnica vai viver em função do TE, em função do trabalhador... Então, todos os médiuns da casa fazem desobsessão, sem exceção de nenhum. De onde vem? Vem do pessoal que tá aqui no TE. Então, vai, todos os que necessitam, tá aqui a fichinha e vão todos, aqueles que mais necessitam...

GB: Vão ser tratados no grupo...

SR. MONTEIRO: Tratados no grupo, dentro do grupo aqui e a ficha dele vai pra Mediúnica. Lá na Federação é assim...

GB: Certo!

SR. MONTEIRO: Pelo menos eu implantei lá, não sei se é assim ainda. É?

GB: Sim, lá é assim, no Aurora Redentora é assim...

SR. MONTEIRO: Então, você tem que ter uma metodologia. Daí nasceu o TE... Então, passou-se a formar um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze grupos. Então, temos que investir porque, porque essas pessoas vão ser... Você bota 700 pessoas, são 700 trabalhadores.

GB: Possíveis trabalhadores...

SR. MONTEIRO: Já que são da Mediúnica são trabalhadores, né, porque eu formo, vou formando grupo... Então, grupo do André, então tem grupo aqui segunda de manhã... Mediúnica aqui é segunda o dia todo, são... a de oito, a de dez, a de doze... agora não tem... o horário que não tem gente é esse aqui... esse horário a gente diminuiu, pra poder ter esse de oito horas, de oito às nove, né... Tiramos a manhã pra limpar, pra fazer limpeza... Então, aí tem das duas, das quatro, das seis, das oito... Como tem o TE, né... Dois de manhã, dois de tarde, dois de noite... Pra poder você ter gente e ajudar a crescer mais ainda...

GB: Sim!

SR. MONTEIRO: E vai botando na cabeça das pessoas que, agora, você tem que fundar uma casa espírita ou ajudar com uma casa espírita... Tem muita gente ajudando... Muita gente aí, que se dedica ao Paulo e Estêvão, ou então vai acolá, fica, rodeando, chega e ajuda a casa... Aurora Redentora tem muita gente composta do Paulo e Estêvão. As pessoas brigam aqui... Então, se você não quiser, os Espíritos botam pra expulsar... “Rapaz, esse aí tá atrapalhando, bota pra outro canto...”...

GB: (Risos) Vai dando pra outra coisa, não é?!

SR. MONTEIRO: Então, o processo é mais ou menos esse aí... Agora vou te passar as datas... A mensagem do Angel Aguarod tu pega, sabe quem tem... A Socorro...

GB: Socorro Sousa... Essa mensagem que o senhor se referiu no início da nossa conversa.

SR. MONTEIRO: De Angel Aguarod, que ela fala, em Porto Alegre, eu estava presente na reunião, que ela fala da necessidade de um vendaval, nós temos que ter um estudo da Doutrina Espírita, mas, que já existia no RS... Não, existia, não, nós... Imediatamente após isso aqui, o estudo começou... Aí passou para a Federação Espírita Brasileira... Aí, aceitou e em 83 lançou, e daí pra frente foi uma revolução...

GB: Mas, o senhor não vê a importância... Porque eu vejo a importância capital do TE, anteriormente pensado, como se fosse um grande alimentador mesmo do ESDE...

SR. MONTEIRO: Então, as casas que não tem o TE... Agora a Federação ajudou, né... Agora abriu, né... ATE...

GB: É ATE...

SR. MONTEIRO: Então, de tanto falar, de tanto falar... Não é dentro dessa lógica porque você também não pode “botar” as coisas assim, tem que ser com muito critério, né... Não pode chegar e “botar”, e deixar que cada um faça do seu jeito, né...

GB: O senhor diz para as casas espíritas...

SR. MONTEIRO: Então, ela liberou o ATE, que é o trabalho em grupo, esse trabalho em grupo do Evangelho, que, aquele do Evangelho ali, da IDE, foi feito lá em Manaus, por um sargento do Exército. A maioria não era espírita, não. Fazia as perguntas do Evangelho, “botava”... não tinha quem fizesse isso. Tinha que fazer o modelo...

GB: O manual de monitor de TE?

SR. MONTEIRO: Não! O Evangelho que segue o TE... Não tem um livrinho?

GB: Tem um livrinho... Não é, não um manual, para os monitores?

SR. MONTEIRO: É, não... É, para os monitores... É com perguntas e respostas do Evangelho... Do tempo de D. João VI... Eu vivo dizendo aqui no Paulo e Estêvão... Eu digo: Olha. Fizeram isso em Manaus, vocês não em vergonha, não???

GB: Risos!

SR. MONTEIRO: Não mudou nada... As mesmas perguntas... Porque ali, você vê que não tem uma didática de perguntas. É uma pergunta, depois resolve a mesma coisa aqui, depois pergunta a mesma coisa aqui com outras palavras... E fica cansativo! E tem muitas coisas que ele repete a mesma coisa. Se você tem que falar uma coisa, tem que ser um pouco dinâmico, porque é um mês. O TE é um mês, quarenta dias, por aí, dois meses, no máximo. Então, você dá uma caminhada boa. Então, nunca fica repetitivo. Então, uma vez lá vai, Paciência... Uma aula, segunda aula, terceira aula... Eu acho, assim, cansativo. Então, tem que mudar... Então, o TE é o sistema alimentador do ESDE, funciona como sendo, por quê? Porque ele resolve, atende a necessidade das pessoas que buscam a casa espírita... O ESDE não atende, a Mediúnica não atende... Então, tem que ter o Atendimento Fraternal, porque sem isso aí, você conversava lá com a pessoa e mandava ela lá não sei pra onde. Por exemplo: Ah, você vá lá pra Reunião Pública, lá pra Reunião Pública, lá pra Reunião Pública... Então, você tem o sistema dos monitores voltados para a captação de pessoas e com a intenção de colocá-las todas no ESDE. Então, também, a gente tem uma avaliação, a gente tem que acompanhar... Então, a casa espírita tem que ter uma estrutura, tudo estruturado, de procedimento, de crescimento... Então, é por aí que eu acho que o movimento espírita vai. Se você não coloca metas... “Não, Reunião Pública... Quem é o palestrante? Ah, é o padre fulano, é o padre sicrano, aí fica (como se estivesse dormindo)...

GB: (Risos!!!) Dormindo...

SR. MONTEIRO: Dormindo debaixo do ventilador, se levanta, toma um passe e vai embora... Eu digo: “Rapaz! Congresso, na época de Congresso, Congresso não forma o trabalhador.”

GB: O que forma o trabalhador é o cotidiano da casa espírita.

SR. MONTEIRO: ...cotidiano da casa espírita. Congresso, Encontro, não é por aí o caminho. Vai ter que ter, mas... tem uma época que é todo mundo fazendo... Mas, é uma ideologia falsa. Falsa eu digo de conceito, de tudo... Então, tá lá muito bonito, mas, você sai e... não teve um “chamamento”, não teve um envolvimento. É bom, eu vou dizer, é bom, mas, se não tiver este processo de você encaminhar as pessoas... Eu acho complicado. Por quê? Porque os crentes estão crescendo, todo mundo tá crescendo... tem uma meta... Eles têm as metas deles, tem as coisas pra fazer, atendem as pessoas que precisam, porque o Espiritismo não atende da maneira como eles querem, né... Então, atende, invoca, promete isso, promete aquilo, é o processo deles. Então, o nosso processo é de Reforma Íntima.

GB: Sim!

SR. MONTEIRO: Reforma Íntima! Nós temos que nos reformar, porque não adianta a nossa encarnação... Vai despertando consciências, um grau de consciência um pouco maior. Então, é um clichê mental lá em cima. Então, mesmo sendo espíritas... Tem essas pessoas acima, mas, tem umas lá embaixo que só querem passe, não sei o que mais, água fluidificada, pensando que resolve o problema. É um atenuante, mas, não tem um significado profundo da transformação do ser humano.

GB: E pelo que o senhor já vivencia a Doutrina Espírita... Há quantos anos, Sr. Monteiro?

SR. MONTEIRO: Vinte e sete anos... Eu reconheço que fui muito dedicado, eu reconheço...

GB: Com muitas realizações...

SR. MONTEIRO: Não digo realização, porque eu tenho uma dívida muito grande, eu sou uma pessoa muito compromissada. Só os médiuns sabem... Compromissado, tenho um compromisso, tenho um problema sério de compromisso, coisas erradas que eu fiz, muito erradas, em uma encarnação, outra... E agora, eu fiz uma opção. O seguinte, eu me formei em Engenharia e coloquei uma construtora lá em Porto Alegre.

GB: O senhor é engenheiro?

SR. MONTEIRO: Sou! Eu fiz o IME e depois eu fiz a PUC, lá em Porto Alegre. Porque eu queria a especialização do civil, de membro de calculista, né.

GB: Porque o senhor é militar...

SR. MONTEIRO: Sou militar. Fiz o IME...

GB: Foi pra reserva com qual patente?

SR. MONTEIRO: Eu fui Coronel. E eu fui do IME, dentro da Engenharia é um instituto difícil, né?! Pronto! Eu trabalhei no Exército nessa área, só técnica... não tem nada nessa área, de contato, nessa área, só técnica. E depois, fui pra reserva cedo, com quarenta e cinco anos...

GB: Os militares terminam cedo a vida profissional...

SR. MONTEIRO: Antigamente, porque agora não tem mais isso, não.

GB: Não?

SR. MONTEIRO: Eu fui com quarenta e cinco anos, porque optei mesmo, hoje tem gente da minha idade, como o Enzo, comandante do Exército, daqui, meu companheiro, tá lá com setenta e tantos anos, na ativa. Então, não existe... Aí, eu tinha opção... “Rapaz, ou eu vou ganhar dinheiro...”, mas, eu já era espírita, aí me danei, por causa disso.

GB: Foi trabalhar na Doutrina...

SR. MONTEIRO: “Como é que eu vou...”, ficava pensando... “Não, eu preciso de dinheiro... Não, não, eu não me formei pra isso, não é possível...” Aí ficava aquele dilema... Não tem uns dilemas que você fica pensando?...

GB: Demais! Conflitos infinitos...

SR. MONTEIRO: Aí, fiquei... “Quer saber de uma coisa, vou me dedicar um ano, se der certo, eu continuo, se não der eu volto. Pronto!”. Ia dando certo, mais um ano, mais um ano, mais um ano... Até hoje tô mais um ano. E aí...

GB: (RISOS!) Vinte e sete anos de Doutrina Espírita.

SR. MONTEIRO: Então você que tem um processo de dívida nessa área, cármica, de conceito moral, também, de formar as pessoas. Gosto de ir lá no Polo⁹⁷, não é por outra coisa, eu gosto do Polo por causa do assentados, ninguém sabe disso. Gosto dos homens rudes. Você entendeu? Eu quero ver se desperto pelo menos um, dois. Você transformar mentalidade... Então, lá tá indo, não é fácil, porque a dívida quando a pessoa tem dói muito na gente, né?! Você se sente mal se vai pelo outro lado, né?!

GB: Por isso que Deus é muito sábio e coloca esse esquecimento⁹⁸ pra que nós não fiquemos incapacitados de produzir...

⁹⁷ Polo de Divulgação Espírita Bezerra de Menezes - sob a sigla sugestiva de Podebem – situado em Jaguaratama, assim nomeado por encontrar-se na região do antigo Riacho do Sangue, onde nasceu o médico Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, em 29 de agosto de 1831. O Polo, como é carinhosamente chamado pelos que compõem o movimento espírita cearense foi idealizado por Benvidado da Costa Melo (ex-presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará entre os anos) e inaugurado em , com a finalidade de Conhecendo o entrevistado e suas realizações na Doutrina Espírita, vimos que o conhecimento dessas dívidas, por vezes, ajudam a que façamos algo melhor das nossas vidas. Atualmente é chamado Polo

⁹⁸ O esquecimento, para a Doutrina Espírita, é o processo segundo o qual o ser, ao reencarnar, esquece de atos cometidos em encarnações anteriores para que, mais livremente, possa escolher seus caminhos e

SR. MONTEIRO: Olha, dentro do Paulo e Estêvão, nós temos que formar todo o processo de cadeia dentro do Paulo e Estêvão. Então, não vai mais ter repetição, embora, presidente, não. Não vou me candidatar, não aceito, o maior erro que vocês poderiam cometer é me “botar” de novo como presidente. O maior erro! Não aceito! Não aceito! Não aceito! Tenho consciência disso.

GB: O senhor foi quantos anos presidente?

SR. MONTEIRO: Fui não sei quantos anos... Muito tempo! Aí colocou outro, aí o pessoal achou ruim e agora... O Almeidão... Gosto muito dele... (INAUDÍVEL)... Vai, quer ser presidente... Ele gosta, né?! Porque é o conselho que vota, o presidente, é o Conselho, então é muito fácil. E você não pode chegar e estar à frente de tudo. Então, você tem que dar chance às pessoas. Formo muita gente, formo menino do Polo, formo aqui, dou curso, curso disso, curso daquilo, curso daquilo outro. Jovens! A pessoa não tem percepção. Eu digo: “Rapaz, ‘bota’ aqui como funciona o GEPE.” Aí digo: “Tem que fazer o TE.” Nem sabe o que é. Aí passa aqui um ano e digo: “‘Bota’ pra lá.” Tá com um conceito de Espiritismo, você entendeu?! Influenciar lá alguém. E assim tem uns oito ou dez, que já foram passando, pra fundar um centro espírita. Então, a partir do Polo tem cinco centros espíritas.

GB: Já fundados... Sr. Monteiro, mas, olhando pra trás, analisando esses vinte e sete anos de Doutrina Espírita, o senhor avançou?

SR. MONTEIRO: Eu acho que eu continuo o mesmo, com as mesmas tendências. É uma coisa muito forte, eu vivo me freando... As mesmas tendências, mas, me freando... Não tenho problema de roubo, de coisa nenhuma, não é isso. Dinheiro... Ave Maria!

GB: Inclusive, o Sr. é tido como alguém muito honesto na Doutrina Espírita, uma referência de honestidade.

SR. MONTEIRO: É, o povo é o tempo todo perguntando: “De onde é que tira dinheiro pro Polo? Que é que tá acontecendo? De onde é que vem? É da Federação...”. A Federação, eu tinha deixado lá um dinheiro, de... Vinte e três mil, se não me engano... Mas, eu disse: “Graça, você fica com isso aqui, com o recibo, tudo isso, eu vou colocar...” Mas, eu disse: “Eu tô deixando uma carta de doação.” A dívida, deixei lá... Todo mundo ficou doido... Diziam: “Sr. Emmanuel” Aí o Castro me telefona: “Sr. Monteiro, rapaz, você deixou tudo aqui, declarou tudo, nem disse pra gente.” Eu disse: “Não! Não tenho obrigação de dizer, vocês que tem que descobrir que dinheiro é esse.” E a Graça, perguntaram a Graça e a Graça mostrou, eu disse: “Mostra, Graça!” Mostrou a doação. Disse que tava tudo pago, tudo doado, não tem problema

nenhum. Para que as pessoas despertem, também. Olhar a contabilidade, vasculhar, não sei o quê. A Federação não tem dinheiro suficiente pra se manter. “Tem, sim!” Então, quem assumir vai ver que não tem dinheiro... “Não, tem, porque você construiu a Federação, construiu o Pólo.” Então, tá, quando vocês assumirem aí, vocês vão ver de onde é que vão tirar dinheiro. Tanto é que nem aguentaram e “botaram” já um centro espírita, transformaram.

GB: Foi! Agora é Federação, de um lado, e Centro Espírita Cearense⁹⁹, de outro. Mas, e esse freio, Sr. Monteiro, o “continuo me freando”... O que a Doutrina Espírita tem de participação nisso?

SR. MONTEIRO: Não, a Doutrina Espírita me ajuda muito. “Me freando” nos impulsos. Se eu vejo uma pessoa errada e tenho que... Lá vou eu... Por exemplo, o Presidente quis trocar o ESDE aqui e eu era o Presidente do Conselho. Quem manda aqui é o Conselho, não é o Presidente, ele só faz executar. Então, um menino muito bom, o Presidente, mas, quis tirar o ESDE. Quis tirar o ESDE pra fazer outro. Aí, sim, eu passei mal pra não dizer a verdade pra ele. Entrega a cartela aí de Presidente, não vai mexer com o ESDE, não. Mas, eu disse: “Rapaz, sabe que eu tô com uma vaidade tola. Vou deixar ele experimentar isso aí.” Bastava dizer não que não tinha problema. Mas, eu fiquei travado com isso aí. Aí foi... Aí diziam: “Não, é porque de seis em seis meses ganha dinheiro com a apostila.” Aí eu disse: “Rapaz, ganhar dinheiro com apostila? E a Doutrina Espírita, meu amigo?” O ESDE, você apoia na Federação, aí depois complementa, faz o trabalho da Federação, porque fazer à parte? Aí, ontem na Federação o Sésio tava dizendo, o Sésio tem essa missão do Espírito chegar e brônquear. E “vamo” devagarinho “botar” na cabeça do Almeida, pra mudar e frequentar a Federação. Eu não vou porque a pessoa que é pai de alguma coisa ou é parente de alguém ou o cara que se casa e tem a mulher dele, aí fica falando mal da mulher... Eu não vou passar na Federação, mas, vou passar um bocado de tempo sem ir. Então você começa... Isso aqui, não sei quê, palpite que não vale nada... Deixa as pessoas fazerem o que querem, né... Então, o meu freio está nisso aí. Aqui no centro espírita eu tento “baixar a bola”, eu tento mandar menos, eu tento juntar pessoas, eu... Sou muito “mandão”! “Mandão” que eu digo... Metido!!! Aí vou lá e... “Olha, tem que colocar a porta na casa dessa moça aqui. Essa senhora aqui, quem cuida do Paulo e Estêvão. Casa caindo. Nós demos pra ela esse pedacinho de casa...” “Não! Não tem dinheiro, não.” “‘Vamo’ lá, ‘vamo’ lá...”

GB: (Risos) A gente arranja...

SR. MONTEIRO: É, pronto! Então, é assim...

⁹⁹ Centro Espírita Cearense (CEC).

COMPLEMENTO DA ENTREVISTA COM SR. MONTEIRO EM 14 DE SETEMBRO DE 2013

GB: Então, vamos voltar só um pouquinho, Sr. Monteiro, em 83 quando o senhor já estava lá na Federação Espírita Brasileira...

SR. MONTEIRO: Em 83, quando eu já estava como diretor da FEB, o Presidente da Federação pediu para que eu e a diretora Marta Antunes, pudéssemos elaborar um programa que servisse para todo o Brasil. Eu não sou pedagogo, nem a Marta era pedagoga, talvez de conhecimento extra, mas, ela é da área de Saúde. Então fizemos, sob a orientação de Cecília Rocha, que era pedagoga.

GB: E o senhor é engenheiro?

SR. MONTEIRO: Eu sou engenheiro. Não tenho nada de conhecimento de Pedagogia, zero. A Marta também, da área de Saúde, também não era muito entendida, mas, a Cecília Rocha era pedagoga, foi professora o tempo todinho, aposentou-se especializada nisso, naquilo e naquilo outro, então, nos orientou com muita tranquilidade, com muita sabedoria. Aí foi um, dois, três, aqueles objetivos, os objetivos específicos, desenvolvimento, aquilo em nem sabia que existia, eu não sabia isso. Ela explicou pra mim como é que era, “Tá certo, então, vamos fazer como você tá orientando.”

GB: E por que o Presidente da FEB naquela ocasião, Sr. Monteiro, fez o convite a vocês dois?

SR. MONTEIRO: Não sei! Eu cheguei em Brasília, eu cheguei começo de 83, janeiro de 83, dezembro, eu me lembro bem. Quando cheguei lá ainda não tinha chegado a minha bagagem de transferência de Manaus pra Brasília porque demorava muito tempo. Vinha primeira de navio até Belém depois descia.

GB: O senhor estava vindo de Manaus...

SR. MONTEIRO: De Manaus! Eu estava morando já no prédio do Exército, na super quadra 209, sul, tava morando no apartamento, só que dormia no chão, não tinha ainda chegado a bagagem. E então, o Thiesen mandou a pessoa lá, que eu fosse até a Federação. Eu fui lá na Federação, cheguei lá, sentamos assim, um na frente do outro e ele disse: “Eu estou lhe chamando pra ser Diretor da Federação.” Aí eu disse: “Thiesen, Presidente, Thiesen, pense bem no que você tá dizendo.” Ele disse: “Eu não estou pedindo a sua opinião. Eu estou pedindo se você concorda ou não concorda em ser Diretor da Federação, porque eu tenho um plano pra você.” Eu disse: “Tá certo, tudo bem.” Fui então ao Rio de Janeiro, porque a FEB

ainda estava com toda a diretoria no Rio de Janeiro, depois se transferiram pra Brasília... “Eu vou ao Rio de Janeiro, falar com os Conselheiros e os Diretores da Federação Espírita para me colocar como Diretor.” Foi, voltou, chegou e disse: “Queria que você ficasse, junto com a Marta responsável pela elaboração do Estudo Sistematizado.” Marta Antunes... Mas, o meu conhecimento é muito pouco, eu não sei escrever bem, eu não tenho facilidade de escrever, eu tenho muita dificuldade pra escrever, embora eu tenha muitos pensamentos, eu não sei colocar o adjetivo, etc., essas coisas... Então, como a minha formação é só técnica e *milico*, é tudo sintético, né. Sintético, sintético, sintético, então, não tem essa facilidade na escrita.

GB: Sintético, que o senhor fala, objetivo.

SR. MONTEIRO: Objetivo...

GB: Mas, às vezes é muito importante pra elaboração de um estudo dessa natureza.

SR. MONTEIRO: Pois, foi aí, aí pronto, colocou-se no Conselho, reunião de todos os Presidentes das Federações Estaduais, se reuniram no Conselho Federativo Nacional, em Brasília, que durante três dias ficam resolvendo, estudando os problemas do Espiritismo. E, também não só problemas, os avanços, as coisas boas... Representação de cada estado, o que é que fez, o que é que não fez, o que é que pretende fazer. Chamado esse Conselho Federativo Nacional.

GB: Aí eu lhe pergunto só uma coisa pra gente fechar, Sr. Monteiro: estar envolvido nesse momento, da criação do ESDE, no Brasil, o que representou pro senhor, o senhor olhando pra trás...

SR. MONTEIRO: Eu acho que houve um crescimento na Doutrina Espírita revolucionário, porque o ESDE... Antigamente, o Espiritismo vivia de palestras públicas. Palestras públicas. Palestra pública, ela esclarece, ela ajuda, ela auxilia, poucos estados estudavam... Porque o ESDE é um estudo que não é uma aula, é um estudo grupal, aonde precisava as pessoas terem participação, saber como se procede dentro grupo, aquele que pergunta muito, aquele que é calado, aquele que é tímido, um sabe tudo, o outro sabe menos, essas personalidades de um grupo deveriam ser trabalhadas antes de começar porque não dava certo, ninguém nunca tinha trabalhado em grupo. Então, foi um pouco difícil no início tendo em vista essa dificuldade encontrada. Pronto! Para solucionar isto já tinha um projeto. Eu já tinha feito um projeto. Agora eu vou colocar aqui... O projeto se chamava TE, e que ele servisse para alimentar o ESDE. Nem era pra ajudar tanto as pessoas... Ele ajudava as pessoas diminuindo o número de palestras públicas, colocava-se o TE duas vezes por semana, ou uma vez, como queira o Centro Espírita, para que a pessoa que viesse doente, porque as pessoas que chegam à casa espírita, elas chegam problemáticas, a maioria, doentes, não chegam batendo na porta, com

doença, não chega dizendo: “Olha, eu vim aqui porque eu quero ensinar o Espiritismo...” Porque não sabem! Elas chegam doentes e aí nós temos que trabalhar essa pessoa, né, durante o ATE, esse trabalho, né, colocá-lo com a finalidade de ir pro ESDE. Se você quiser continuar, quando ele chega no ESDE, já sabendo trabalhar em grupo, porque todo o ATE é em grupo, ele sente mais facilidade no prosseguimento do estudo. Então, o Espiritismo cresceu de maneira fabulosa.

GB: E pro senhor, como pessoa, o que esse processo acrescentou?

SR. MONTEIRO: Olha, eu olho pra trás e vejo que dei um pouco de colaboração, mas, como muitos... A partir do Ceará foi implantado o ESDE em vários estados daqui, através de uma senhora, uma equipe que tinha aqui no Paulo e Estêvão, que fazia esse trabalho, porque tinha conhecimento, já, viu crescer os centros espíritas, viu crescer, a Federação crescer, e ficavam perguntando por que este crescimento tão grande. Como é que foi? Pelo estudo e por este trabalho...

RICHARD ALEXANDRINO DE SOUZA LEITE - LARANJA

IDADE: 57 anos

ESTADO CIVIL: Casado

PROFISSÃO: Professor

TEMPO DE DOUTRINA ESPÍRITA: 39 anos

ATIVIDADE QUE EXERCE NO MOVIMENTO ESPÍRITA: Coordenador de Curso Básico de Espiritismo (CEC/FEEC) e monitor do EADE (Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita).

LOCAL DA ENTREVISTA: Centro Espírita Cearense (CEC/FEEC) – Fortaleza, CE.

ENTREVISTA REALIZADA EM 24 DE SETEMBRO DE 2013

GB: Tenta rememorar um pouco, Richard, como foi o seu envolvimento inicial com a Doutrina dos Espíritos, o que ela representa pra você, o que você buscava naquele instante...

RICHARD: Na década de 70, ainda bem jovem, tive oportunidade de receber um irmão que estava cursando o Exército, lá, no Rio de Janeiro. Estava na AMAN - Academia Militar das Agulhas Negras. Ele teve de retornar à Fortaleza. Em sua bagagem trazia, em uma das malas, um livro azul, bem volumoso. Era o Livro dos Espíritos. Despertou-me o interesse, chamou-me a atenção. Ao folhear suas primeiras páginas, vi grafada uma dedicatória. Tinha sido escrita por minha irmã mais velha, pois trazia o seu nome. Ora, eu não sabia que ela lidava com aquele assunto, inusitado, para mim. Pensei: “Ah! Ela deve ter presenteado este livro

para o Marcus!” Comecei a olhar aquele livro, folheando suas páginas, observando seu conteúdo. Desejava saber de que assunto tratava. As perguntas, as respostas lógicas; aquele conhecimento atraiu-me. Naquele momento, na faixa etária entre 14 e 15 anos, transição da adolescência, onde jovem iniciava meus questionamentos sobre a vida. Então, aquelas perguntas e respostas eram esclarecedoras e muito bem colocadas. E, diante das dúvidas, questionamentos e reflexões que eu fazia sobre a vida, aquele conteúdo iluminava-me, qual Sol da manhã a surgir na linha de horizonte da minha vida. Ali foi o meu ponto de partida. A busca de novos conhecimentos, que dirimissem minhas dúvidas, que aclarassem meus anseios de crescimento interior, estavam, a partir daquele instante, sendo contemplados. Esta obra, “O Livro dos Espíritos”, foi lida e relida por mim. Em ocasião oportuna, fiz a doação da mesma para a biblioteca da instituição que passei a frequentar. Antes, porém, tive a oportunidade de, na companhia do meu irmão Marcus, conhecer, pela primeira vez, uma instituição espírita. Ele me levou para assistir as reuniões doutrinárias, na sede da antiga União Espírita Cearense, ali na Av. Carapinima. Acompanhei, com interesse, várias palestras proferidas à noite. Aconteciam às sextas-feiras. Essas reuniões ficavam sob a coordenação do confrade Orlando, Presidente daquela instituição, muito experiente, conhecedor dos ensinamentos espíritas e bom orador. Tive informações das reuniões mediúnicas de sábado, pela manhã, onde aconteciam as sessões práticas. Também eram abertas ao público. A minha primeira vivência de uma sessão espírita prática foi muito interessante. Retornava de um curso de Desenho Mecânico, na companhia daquele irmão que chegara do Rio de Janeiro. Andávamos desde o SENAI (próximo do Lar Torres de Melo e Liceu do Ceará) até à nossa casa (Bairro Jardim América, imediações do campo do Ceará). Certo dia nesse trajeto, passamos em frente desta instituição, a União Espírita Cearense. Ao adentrar no recinto daquele Centro Espírita tive o ensejo de assistir à minha primeira reunião espírita prática. A partir de então, fui tornando-me assíduo às palestras da noite, e, às sessões mediúnicas ao público. Sentado numa das cadeiras do auditório, observava com respeito e atenção os fenômenos que se processavam. Naquele ambiente, ao redor de uma mesa, sob a coordenação do irmão Orlando, senhores e senhoras de caráter idôneo, e de uma seriedade inquestionável, davam comunicações mediúnicas e o doutrinador¹⁰⁰ dialogava com as entidades, orientando-as. Quantas entidades eram esclarecidas! Assomou-me, a partir daquele instante, um enorme anseio de mergulhar profundamente nessa linha de conhecimento, de saber mais. Assisti a outras reuniões e fui me informando sobre o movimento espírita. Obtive notícias do Clube do Livro Espírita de

¹⁰⁰ Doutrinador, na Doutrina Espírita, refere-se àquele trabalhador que

Fortaleza, que prestou relevantes serviços de divulgação do espiritismo, não somente em Fortaleza, mas em todo o estado do Ceará. À época já havia sido fundado pelo irmão Benvindo da Costa Melo, isso foi em 74. Através do Clube do Livro Espírita-CLEF (ali na Liberato Barroso, 609, no Centro) soube de um curso que iria começar na Comunhão Espírita Cearense (R. Princesa Isabel, 255 – Centro), no início de 1975. Fiz a inscrição. Tratava-se do “Ciclo Básico de Estudos Espíritas”, posteriormente, denominado “Curso Básico de Espiritismo”. Tive a felicidade de acompanhar aquelas preciosas instruções de grande utilidade para a minha iniciação ao estudo do espiritismo. Ocorriam sempre, aos sábados, à tarde. Das 16 às 17h30min. A dinâmica das apresentações se dava na forma expositiva. Havia um breve intervalo, de 15 minutos, para um chá visando uma pausa para descontração muscular e integração entre os participantes; depois ocorriam as perguntas e respostas, onde participavam três expositores, cada um falando sobre: Evangelho, Doutrina e a parte prática. Normalmente era o irmão Benvindo da Costa Melo (Advogado, Funcionário da Receita Federal, diretor do CLEF, membro da diretoria da CEC) na parte da Doutrina ou o Marcus Vinícius Monteiro (Jornalista Espírita, Pesquisador, Administrador), o Evangelho tinha o confrade Manoel Lima Soares (Professor da Universidade Federal do Ceará). A parte prática, normalmente, ficava com o irmão Benvindo, vez por outra o Ari Bezerra Leite (Professor universitário, da Escola de Administração do Ceará, Escritor, Pesquisador, membro da diretoria da CEC), que também dava instruções na parte doutrinária. Eles faziam um revezamento. O confrade Marcos Vinícius Monteiro, já citado, posteriormente foi um dos responsáveis pela fundação do Centro de Documentação Espírita¹⁰¹, aqui no estado do Ceará. Então, estive cursando o ciclo básico de espiritismo com a duração, aproximada, de um semestre. Ao final do curso, pela programação estabelecida, ocorria uma visita ao Lar Torres de Melo, abrigo dos idosos. Tratava-se de sensibilizar os participantes do curso a se integrarem numa atividade social, fraterna, caritativa. Tratava-se do ponto culminante dos vinte sábados decorridos nesse período. Totalizando 60 aulas. Mas, acentuando o que eu disse, anteriormente, no Ciclo Básico de Estudos Espíritas falava-se sobre o Evangelho, Doutrina e Prática Espírita. Focalizava-se, desta forma, os aspectos filosófico, científico e ético-moral (religioso) da Doutrina Espírita. A essa altura, fui me integrando na instituição, a Comunhão Espírita Cearense. Aos poucos participava da atividade de divulgação doutrinária. Passei a atuar como expositor de algumas aulas que seriam ministradas no Ciclo Básico de Estudos Espíritas. Tempos depois, passei a compor a primeira equipe mediúnica, que

¹⁰¹ Centro de Documentação Espírita – Cedoc – fundado em

funcionava às terças-feiras, à noite. A coordenação estava a cargo de Ari Bezerra Leite e Benvindo da Costa Melo. A propósito, este curso passou por algumas alterações, ao longo de sua existência. Uma delas foi a sua denominação, de “Ciclo Básico de Estudos Espíritas”, passou a ser chamado “Curso Básico de Espiritismo”. No início, eram três partes: Evangelho-Doutrina-Prática, com tempo para cada expositor de vinte minutos. Toda exposição constava do uso de material didático, um Trabalho Dirigido. Cada TD, de duas a três folhas, apresentava uma cor diferente: róseo, azul e verde. Estampava, na primeira página a logomarca da “Comunhão Espírita Cearense”, o endereço, o ramo da parreira (inspirado em “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec), o nome do curso, assunto. O conteúdo do roteiro de exposição mantinha a mesma dialética Kardeciana do “O Livro dos Espíritos” - sistema de perguntas e respostas. Na última página, destacava-se a bibliografia consultada para elaboração do roteiro, sugerindo aprofundamentos, e, um estímulo à leitura e pesquisa. A propósito, já havia uma biblioteca disponível, com um bom acervo de livros para quem desejasse realizar suas pesquisas.

GB: Rosa, azul...

RICHARD: É, tinha as cores azul, verde e rosa. A prática era a cor rosa. Vale salientar, dentro de um contexto histórico, que Ari Bezerra Leite e Benvindo da Costa Melo foram os fundadores da instituição: “Comunhão Espírita Cearense”, que surgiu da fusão do Centro Espírita Cearense e Centro Espírita Meimei. Também idealizadores do pioneiro curso sobre o Espiritismo, nos moldes em que foi implantado, com pleno êxito. Ari Bezerra Leite foi, à época, o primeiro a presidir a Comunhão Espírita Cearense. Um homem dotado de vastos conhecimentos, caráter idôneo, gentil, empolgado com a causa espírita, mérito pesquisador, escritor, inclusive psicografava. Detentor de uma Biblioteca pessoal com inúmeros e raros títulos. Estimo que fosse uma das maiores, senão a maior, Biblioteca Espírita, daqui de Fortaleza. Em toda viagem comprava os livros espíritas. De retorno ao nosso estado, trazia obras que ampliavam a sua fonte de pesquisa. Voltara da Espanha, recente (1973-74), ampliando os seus conhecimentos profissionais, como professor da Escola de Administração. Estava cursando doutorado no exterior. Assim, hábito comum, por onde passasse, fazia aquisições de obras espíritas inéditas. Trazia, portanto, muitos livros em sua bagagem. Estas obras, por certo, deveriam enriquecer o seu acervo bibliográfico, que já era muito grande, por sinal. Então, era o Dr. Ari Bezerra Leite. Teve o ensejo de, em suas viagens, contatar o inesquecível médium mineiro Francisco Cândido Xavier, em Uberaba. Recebeu do Chico a orientação de que lesse bastante. Na administração da Comunhão Espírita Cearense o professor Ari Leite implantou vários cursos, seminários, dentre outras ações. Acontece que ele

ministrava disciplinas nessa área de Administração. Imprimiu por vários anos um periódico espírita, editado aqui em Fortaleza, conhecido por “Manhã de Sol”. Teve um caráter singular, boa aceitação, de excelente gosto literário. Além das matérias e dos artigos de alto nível, trazia uma bela diagramação em papel especial, o papel Couchê. Teve a iniciativa de publicar neste periódico, de forma inédita - provavelmente a nível de movimento espírita nacional - balanços contábeis, da instituição Comunhão Espírita Cearense. Tal procedimento era incomum. Não se tinha notícia de que tal procedimento fosse comumente efetuado em outras instituições espíritas. Esta iniciativa dava transparência aos registros contábeis da instituição. Avançando no tempo, o Curso Básico de Espiritismo sofreu alterações ao longo dos decênios. Em função da chegada de novos colaboradores, outras ideias e métodos foram sendo implementados. Sugeriram, por exemplo, que ao invés da utilização das apostilas/TDs - que por sinal eram muito boas, pois traziam resumo e bibliografia pertinente, antecipando a existência futura de trabalhos semelhantes – fossem usados os livros básicos da codificação espírita. Eles eram companheiros bem-intencionados e estudiosos que chegaram à instituição, egressos das diferentes áreas do conhecimento humano. Daí porque, em reuniões de avaliação e planejamento, ponderaram: “Por que em vez de usarmos as apostilas, não se utilizam, como roteiros, os textos básicos de O Livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo?” Isso faria com que os inscritos no curso, pelo menos, adquirissem esses livros, tivessem em mãos essas obras, lendo-as em casa. A partir disso, poderiam se aprofundar, após consolidarem as bases doutrinárias da Doutrina Espírita. A sugestão foi acolhida. Então, foi o que aconteceu. Por conseguinte, respirávamos esse período áureo de estudo. A Comunhão Espírita Cearense tinha uma série de atividades desenvolvidas semanalmente. Nas segundas, quartas e sextas-feiras: “Evangelho e Passes”, confrades palestrantes faziam uso da palavra e depois a aplicação de energias, através dos passes. Nas terças-feiras, o irmão Marcos Vinícius Monteiro, que trabalhava na linha jornalística espírita, fazia um estudo comparativo de Kardec e Emmanuel: “Estudando Kardec e Emmanuel”. Nas quintas-feiras, o médico Lázaro Medeiros realizava estudos semanais das obras de André Luiz, era o: “Estudando André Luiz”, onde o mesmo abordava os conteúdos da série do espírito André Luiz, psicografados por Francisco Cândido Xavier. Com a sua formação médica, esclarecia as colocações de cunho técnico-científico, os termos médicos, comuns nas obras daquele espírito que fora médico quando de sua passagem pela Terra. Nos sábados à tarde, acontecia o: “Curso Básico de Espiritismo” - como disse anteriormente - chamado de “Ciclo Básico de Estudos Espíritas”. Neste mesmo dia, no turno da noite, o confrade Bartolomeu, que hoje é advogado, coordenava a atividade de estudo: “Encontro com o Livro”. Todos os sábados evidenciava

uma obra espírita recentemente publicada. Interessante, pois incentivava as pessoas que não tinham oportunidade de acessar esses livros, seja por falta de tempo para ler ou condições de comprá-los. Ele desenvolvia muito bem esse trabalho de divulgação: comentava as obras já lançadas no meio editorial. Aos domingos acontecia, à tarde, as Reuniões da Mocidade Espírita. A sua primeira reunião ocorreu em 14 de agosto de 1975. Tendo sido coordenada e motivado o seu funcionamento o confrade Benvindo da Costa Melo, de saudosa memória. Posteriormente, este grupo de jovens passou a ser chamada de MEJA (Mocidade Espírita Joanna de Ângelis). No período da noite o irmão Benvindo dirigia, no auditório, a atividade: “Parábolas e Ensinos de Jesus”. Fazia abalizados e inspiradores exames dos capítulos sobre livro de mesmo nome, tendo-se como autor Cairbar Shutel. Então, passada a década de 70, com a tendência de aperfeiçoamento da metodologia de ensino na casa espírita, inúmeros cursos aconteceram e atividades surgiram. Desta forma ocorreram seminários: “Seminário Allan Kardec”, tendo como livro-texto “Allan Kardec” de André Moreil; “Seminário de Literatura Espírita”, com apresentação de slides; Curso “Mediunidade Espírita”, com base no “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec; Curso “A Justiça Divina Segundo o Espiritismo”, tendo como livro-texto “O Céu e o Inferno”, de Allan Kardec; Curso “A Gênese segundo o Espiritismo”, tendo por base o livro “A Gênese”, de Allan Kardec; dentre outros. Bom, mas voltemos à questão do ensino expositivo. Acontecia, quer seja na forma de seminários, encontros envolvendo o estudo de uma obra espírita. O auditório dispunha daqueles assentos tradicionais de cinema, interligados entre si. Tornava-se meio difícil trabalhar aquelas dinâmicas de grupo. Então, sentimos a necessidade, no transcurso do tempo, alcançando a segunda década de andamento do curso, de vivermos experiências inovadoras. Foi que no primeiro semestre de 1986, tive a alegria de ser convidado pelo irmão Benvindo da Costa Melo - à época presidente da Comunhão Espírita Cearense - juntamente com mais dois companheiros, o Edísio Noronha e o Manoel Sampaio da Silva, para um treinamento de um curso. Seria ministrado pelo irmão Monteiro e sua equipe, na sede da União Espírita Cearense. Tratava-se de um curso abordando o “Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita”, onde seriam mostradas dinâmicas diferentes de estudo e o material apostilado. Essa equipe foi designada para aprender tudo que fosse possível sobre a novidade em matéria de estudo sistematizado da doutrina espírita. Depois seria estudada a viabilidade de implantação do curso nas dependências da Comunhão Espírita Cearense. Seria exatamente, dentro dessa nova sistemática: o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – ESDE. Com as devidas adequações, mas nos moldes em que estava sendo apresentado à época, pelo irmão Monteiro e sua equipe. Eles apresentaram o curso de modo brilhante, atraente, motivador. Não foram

somente lógicos, didáticos, mas incentivadores de primeira linha. Deram as primeiras noções de como se trabalhar dinamicamente o estudo. Como seria feita a abordagem do estudo sistematizado, uso de álbum seriado, etc. Enfim, o uso das técnicas modernas de ensino-aprendizagem. Isto favoreceu a uma melhor visualização em estilo diferente, mais atrativo, de como desenvolver os vários programas de estudo que seriam trabalhados. Não faltaram reflexões: “Não seria uma maneira mais agradável de envolver os participantes? Não seria mais favorecido o desenvolvimento das habilidades para a assimilação dos conteúdos? E a exposição de suas ideias, não seria melhorada?” Assim, teríamos uma forma continuada e mais participativa de estudar a Doutrina Espírita nos aspectos filosófico, científico e religioso. Após esse período - década de 80 - se não me falha a memória, em agosto de 1986 - após este treinamento/capacitação - efetuamos algumas reuniões de planejamento. Depois de constarmos ser viável a sua implantação, fomos avançando nas ações. Com uma boa divulgação, e, as inscrições feitas (com o aval da diretoria da CEC), iniciou-se a primeira turma do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Mais de vinte componentes se mantiveram assíduos, desde o primeiro programa I até o último programa VI. Vários anos foram transcorridos (sempre aos domingos, pela manhã). Na equipe de monitores e coordenadores se mantiveram firmes os mesmos companheiros que participaram do treinamento. Ao longo dos anos, prosseguiram em suas atividades profissionais, progredindo em seus estudos acadêmicos a fim de melhor servirem à causa espírita: Edísio Noronha (administrador, profissional de contabilidade, e, atualmente no plano espiritual), Richard Alexandrino (atualmente professor do ensino público e particular em química, Bacharel e licenciado em Química, com pós-graduação em Planejamento Educacional) e Manoel Sampaio da Silva (atualmente, professor universitário, com Doutorado em Educação, que inclusive chegou a ser presidente da Comunhão Espírita Cearense). As reuniões de planejamento e preparação de material didático ocorriam às quintas-feiras à noite (19h), aqui na sede da Comunhão Espírita Cearense¹⁰². Na parte de trás havia uma mesa muito grande, cobertura de telha, e, ao lado, um belo jardim. Naquele ambiente acolhedor e fraterno, envolvidos pelas vibrações espirituais de apoio, partilhávamos as nossas expectativas de como apresentar entusiasmamente e esperançosos as lições da Doutrina Espírita, através do ESDE. Alguém já disse, “ensinando é que se aprende”. Estávamos nesse contexto, aliás, até hoje, estamos aprendendo. Somos eternos aprendizes desta grande Escola que é a Vida. Assim,

¹⁰² O entrevistado se refere ao local em que realizávamos a entrevista, a saber, a sede da Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC), localizada hoje à Rua: Princesa Isabel, 255, no Centro, e que abrigava, também, a sede da Comunhão Espírita Cearense, citada por nosso colaborador.

organizávamos os cartazes, fazíamos a divisão de tarefas, permutávamos ideias, planos e projetos. Isso até às 21 horas, para que no domingo recebêssemos, com o maior carinho e desvelo, os irmãos que vinham com muita boa vontade, às oito horas da manhã, participar dos roteiros de estudo dos programas do ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita). Imagino quanta boa vontade! Senhores, senhoras, jovens que acordavam cedo, aos domingos pela manhã, para estarem reunidos com o objetivo de estudarem os postulados da Doutrina Espírita, através de uma abordagem participativa, onde cada um era sutilmente instado a se expor, por meio das inúmeras dinâmicas empregadas.

GB: Na Comunhão Espírita Cearense...

RICHARD: Sim, na Comunhão Espírita Cearense (CEC), que hoje é o CEC¹⁰³ (Centro Espírita Cearense). Mas não mudou a sigla. Apenas a primeira palavra foi alterada. A sigla é a mesma... A causa, os ideais são os mesmos.

GB: Pois é, a Comunhão era aqui, aqui na Princesa Isabel, nesse prédio da Federação...

RICHARD: Porque a Comunhão surgiu como resultado da fusão entre o antigo Centro Espírita Cearense - como disse momentos atrás, pois é histórico, não é mesmo? - e o Centro Espírita Meimei. Dessa fusão surgiu a Comunhão Espírita Cearense que, posteriormente, doou as suas instalações para a Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC). Daí cedeu parte de seu espaço físico, suas instalações, para viabilizar o movimento federativo do estado do Ceará. Associando-se, dessa forma, a ideia do pacto federativo nacional de unificação, sob o comando espiritual de Bezerra de Menezes e inúmeras entidades venerandas. Depois, houve um desmembramento de atividades. O Centro Espírita Cearense ocupa um determinado espaço, enquanto a Federação Espírita do Estado do Ceará ocupa outro. Ambas entidades têm espaços comuns, em horários diferentes, previamente estabelecidos, como por exemplo, o auditório. Tudo obedecendo ao planejamento anual, a uma programação preestabelecida. Assim, tudo funciona, harmoniosamente. Muito bem... Então, as atividades do ESDE ocorriam aos domingos pela manhã, como disse. Foram quatro anos de ininterrupta alegria, trabalho, seriedade e perseverança nos estudos realizados. Aliás, foram mais de quatro anos para que atingíssemos o programa seis. Do programa um até o seis são vários roteiros. Os

¹⁰³ O CEC (Centro Espírita Cearense) funciona, atualmente, no prédio da Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC), onde, no passado, funcionou a instituição a que o nosso entrevistado se refere, Comunhão Espírita Cearense (CEC). A sigla de ambas é a mesma, e elas ocuparam o mesmo prédio onde hoje funciona, desde 21 de outubro de 1990, a FEEC, mas, cada uma numa época distinta. No caso do Centro Espírita Cearense, este foi fundado em 19 de junho de 1910, pelo militar e laborioso espírita Manoel Vianna de Carvalho, em que o antigo endereço, mesmo na mesma sede, era Rua Santa Isabel, 105 (Klein Filho apud CARVALHO, 2005). Posteriormente, o Centro Espírita Cearense deu origem, através da fusão com outra instituição espírita chamada Centro Espírita Meimei, à Comunhão Espírita Cearense. Em 19 de junho de 2007, o Centro Espírita Cearense foi reinaugurado, voltando a dividir, mais uma vez, como já registramos acima, a sede com a FEEC.

conteúdos se desenvolviam através de seminários, painéis, simpósios, estudos em grupo, dinâmicas variadas, etc. Todos se processaram de forma bem entusiástica. Tanto isso é verdade que esses participantes permaneceram. Foram assíduos, pontuais e fiéis até o fim do curso, com exceção, é lógico, dos que mudaram de bairro/cidade/estado ou que desencarnaram. Ao final do último programa do ESDE houve a apresentação de seminários e/ou simpósios apresentados publicamente, pelos concludentes do curso. As apresentações se efetivaram no auditório, em outro horário, que não era o de domingo pela manhã. Durante a realização do curso nós nos reuníamos, a princípio, no salão principal: o auditório. As tarefas de estudo eram distribuídas e os componentes se dirigiam para as diversas salas onde os grupos se reuniam. Isso foi acontecendo à medida que a primeira turma foi ganhando corpo, ou seja, passando para os estágios mais avançados. Novas inscrições foram abertas. Houve a necessidade de ir formando novos grupos de estudo e, assim por diante. Então, foi motivo de muita alegria, muitos confrades continuaram, outros tiveram que ir para outras instituições mais próximas de suas residências. Inclusive, participando da fundação de outras casas espíritas. Hoje, temos notícias de companheiros que dirigem instituições espíritas. Alguns permaneceram aqui no CEC, como é o caso de nosso irmão Heleno, dentre outros. Ele, após a conclusão do curso, deu um testemunho interessante. Foi como participante, militar do Exército. Algo alentador, vibrante! Relatou que foi convocado para integrar um contingente de forças de Paz da ONU, em Angola. Neste país beneficiado, com o apoio de colegas e autorização de seus superiores destas forças de paz, teve o ensejo de aplicar os ensinamentos apreendidos no ESDE. Chegou a implantar os estudos espíritas, junto às tropas, a fim de levantar-lhes o moral, divulgando os ensinamentos da doutrina consoladora. Segundo o próprio Heleno, essa experiência pode ser conferida documentalmente, através de registro feito na Federação Espírita Brasileira. Saiu artigo na revista espírita “O Reformador”, de circulação nacional. As Forças de Paz da ONU...

GB: Em Angola...

RICHARD: Em Angola! Muito bem, então, o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, desde aquela época, prossegue, continua formando novas mentalidades. O estudo da Doutrina, o clima de participativo continua sendo muito alentador. Ao contrário do que acontecia, as pessoas se mostram mais ativas, menos passivas. Isto não significa que fossem tolhidas em seus anseios de progresso interior, doutrinário, evangélico... Não, absolutamente... Não nos esqueçamos do que asseverou o Mestre Jesus: “Ajuda-te que o céu te ajudará.” São oportunidades diferenciadas que a Providência Divina concede a todos, indistintamente. Os recursos pedagógicos, quando bem aplicados, funcionam como meios de favorecer o

crescimento do ser em processo de formação. Assim, oportuniza a todos nós – espíritos imortais - repito, que somos todos aprendizes dessa grande escola que é a vida, a realizarmos algo de bom, nesta atual romagem terrena. Então, o ESDE é esse campo imenso para o trabalho da Nova Era, essa porta aberta para que possamos estudar os ensinamentos de Jesus à luz da Doutrina dos Espíritos. Cabe-nos o esforço pessoal, de procurarmos vivê-la no cotidiano. Eis o objetivo maior desse estudo. Favorecer, através de uma efetiva participação, maior envolvimento nos estudos doutrinários. Mas, sobretudo, a vivência desses ensinamentos, em todas as instâncias de nossa vida. Seja em casa, na rua, no ambiente profissional, onde quer que estejamos, conforme Jesus preconizou.

GB: O ESDE, eu acho que ele tem, Richard, essas duas características, inclusive você tocou em uma delas, em duas, nas duas, que o Sr. Monteiro, também, já tinha se remetido na entrevista dele que é, uma é que ele ajuda muito a casa espírita a...

RICHARD: Formar trabalhadores...

GB: Formar trabalhadores! A evoluir no sentido de receber mais pessoas e aí movimentar a casa e isso é algo muito positivo e outra, também, é tirar o espírita da condição passiva, apenas ouvinte, receptor de conhecimentos.

RICHARD: Exatamente, porque existe aquela dualidade: instrução e/ou vivência evangélico-doutrinária. Ambas são estimuladas. Parece-me que o grande pesquisador e estudioso J. H. Pires, certa feita afirmou que se o Espírito de Verdade fosse novamente colocar para os espíritas os mandamentos, não diria “Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo.” Mas acrescentaria, ao final: “[...] e, Educai-vos”. Nos estudos espíritas, isso é muito relevante. Em termos participativos, a pessoa vai percebendo, à medida que se envolve nos estudos, a necessidade de não ficar num clima de passividade. Deve ir em busca da pesquisa, das leituras, das reflexões, e tudo o que possa contribuir para o crescimento individual e coletivo. Seguindo aquela ideia geral, que todos nós devemos buscar, insistentemente, o Amor. Jesus ensinou: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Porque, aqui na Terra, como alguém já afirmou, a questão não é viver ou sobreviver, é aprender a conviver. Conviver bem, com os nossos semelhantes, é um exercício diário, em nosso aprendizado de espíritos imortais; então, nos grupos de estudo, além da instrução propriamente evangélico-doutrinária, cultivar respeito mútuo, saber ouvir as opiniões alheias, trazendo o seu contributo pessoal na aplicação constante das lições. Portanto, a respeitabilidade como meio da vivência dos ensinamentos de Jesus, são lembrados ainda mais pela luminosidade dos ensinamentos da doutrina consoladora – a Doutrina dos Espíritos.

GB: É como se, escutando você falar, Richard, é como se o ESDE trouxesse esse elo, né, ele firmasse esse elo entre instrução e Educação. Ao mesmo tempo em que me parece que o espírita, ele evolui no sentido instrucional, de conhecimento, e também evolui, se assim o quiser, no sentido educativo, no dia a dia...

RICHARD: Perfeitamente! Seja qual for a metodologia de ensino, expositiva ou não, que utilize nos grupos de estudo espírita, a ideia é exatamente sensibilizar a todos para a urgência de crescer interiormente. É como diz Emmanuel, numa de suas obras: duas asas conduzem o espírito humano à presença de Deus. Uma é o Amor e a outra a Sabedoria. Ele diz que, através do Amor, nós nos valorizamos para a Vida e, pela Sabedoria somos, pela Vida, valorizados. Mas, se Bondade e Inteligência não caminham juntas, pode acontecer, por exemplo, a Inteligência que não ama é semelhante a um poste de aviso em pleno deserto, indicando o caminho do viajor, entretanto, não tirando-lhe a sede. E a Bondade que ignora, é semelhante a um poço amigo, em pleno deserto, qual oásis, dessedentando o viajor, entretanto não indicando-lhe o caminho a seguir. Então, há a necessidade de conjugar essas duas coisas: a inteligência e a bondade, em outras palavras.

GB: Um indicativo que te dá ânimo, né, que te alimenta a alma, que te anima pra prosseguir na caminhada...

RICHARD: Claro que nós sabemos que no processo evolutivo nem todos desenvolvem ao mesmo tempo essas duas linhas. Às vezes numa Encarnação a pessoa se desenvolve mais no campo da Inteligência, noutra associa, também, a Bondade. Então, cada um vai, dentro do seu ritmo de evolução, vai caminhando. Mas, a ideia da Doutrina é de que devemos caminhar sempre para frente, e para o alto!

GB: E para o alto... (RISOS) Olhando um pouco pra trás, que é isso que nós estamos fazendo aqui, Richard, o que representou ter participado daqueles anos? Você foi, então, monitor, né, quantos anos, você lembra? Envolvido nas elaborações de material, na monitoria...

RICHARD: Inicialmente, foi um desafio para todos que passamos um momento de afirmação no que se refere aos métodos de ensino da Doutrina. Também, de um aprofundamento maior desses conhecimentos, porque à medida que você passava de um programa para outro, tinha que se desdobrar no avanço dos próprios conhecimentos. Para poder satisfazer aqueles que estavam ali, sequiosos de tudo saber. Muitos profissionais, médicos, professores, engajados naquele conhecimento; se dispunham a estar ali, aprendendo, acompanhados, de nós jovens. Muito novos para aquela clientela adulta, vividos. Muitos com uma larga experiência de vida. Traziam consigo conhecimentos pessoais, de suas profissões. Entretanto, ali estavam, com boa vontade, esperança e humildade, sequiosos de aprofundarem os conhecimentos no campo da Doutrina

Espírita. E, aquele sistema apostilado, citando uma vasta bibliografia, era uma oportunidade de fazer parte de um grupo, digamos, um grupo seletivo de estudo da Doutrina Espírita, naquele instante de suas vidas, de nossas vidas, não é mesmo? Todos acrescentamos algum aprendizado indelével, em nossa existência de espíritos imortais que somos. Então, foi motivo de muita alegria e satisfação a oportunidade que nós todos tivemos. Agradeço a Deus o ensejo que tive em participar, associado àqueles irmãos, da implantação do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, na Comunhão Espírita Cearense, atual Centro Espírita Cearense.

GB: Parece que essa experiência pode ter rendido muitos frutos pra você enquanto profissional, enquanto professor. Você é professor, mas, já era professor à época?

RICHARD: Sim, antes mesmo de ter acesso à Universidade (1977) para o curso de Bacharel em Química, já ganhava experiência em aulas particulares, a domicílio. Depois cursei a Licenciatura em Química, complementando as cadeiras pedagógicas, da área da Educação. Em 1980, já ministrava aulas em cursos supletivos e ensino regular; tive acesso ao sistema educacional do Estado (SEDUC), de 1980 até 2012, como professor efetivo do estado do Ceará; após 32 anos lecionando (sala de aula e Laboratório de Química), por último, no Liceu do Ceará, adquiri a aposentadoria. Mas ainda prossigo, com carga horária reduzida, na mesma escola particular (desde abril de 1994) - ensino fundamental e médio - no Laboratório de Química. Então, já era professor, à época.

GB: Pode ter sido importante pra sua vivência enquanto profissional? O que você acha?

RICHARD: Bom, certamente que tive a oportunidade de associar as duas coisas.

GB: Ou você trouxe a experiência como profissional e foi importante pra estar aqui?

RICHARD: Foi uma via de duas mãos, digamos assim. Nós tivemos oportunidade de trazer conhecimentos que nós lidávamos na Universidade, nos cursos de Licenciatura... Bacharelado e, posteriormente, Licenciatura. Também, o conhecimento das lições espíritas favoreceram-me, bastante, na profissão que abracei, no sentido de melhor lidar com os alunos, por exemplo. Tive o ensejo de passar aquela ideia de espiritualidade; minha convicção da continuidade da vida, a Reencarnação, a presença de Deus em nossas vidas, em relação às atitudes nobres perante a vida. E isto sem ferir ou agredir quaisquer crenças ou convicções pessoais, porque em todos os setores da vida, sobretudo, na área do ensino nós temos que respeitar as diferentes ideologias, não é mesmo? Claro, que em dados momentos devemos esclarecer. As oportunidades, de dar esclarecimentos, surgiam, vez por outra. Principalmente, quando somos questionados sobre os assuntos, cuja fonte se originava da Doutrina Espírita, nos ensinamentos do educador dos educadores – Jesus. Portanto, entender e respeitar as diferentes concepções religiosas, eis a questão. Sempre trazia à minha memória a afirmação sábia de

Emmanuel: “Todas as religiões são caminhos que levam a Deus”. Em outro momento, no livro “Escrínio de Luz”, Emmanuel, utilizando os recursos mediúnicos de Chico Xavier, escreveu: “Todas as religiões são educandários do Espírito, em processo de crescimento para a vida eterna”. Então, nós temos que respeitar a todos, indistintamente. Daí, devemos passar aquela ideia de que o momento de estudo requer disciplina. É um momento que cada espírito deve aproveitar. Quantos jovens ou adultos, não chegam ao colégio recheados de problemas? Quantos não comparecem à sala de aula, acompanhados por entidades que não querem vê-los progredir? E assim comparecem esperando um momento para complicar o trabalho do professor, gerando indisciplinas que afetam a harmonia do ambiente escolar? É um teste contínuo de paciência do educador. Mas é melhor para a sociedade que este aluno esteja no ambiente escolar. Preferível estar na escola que na rua, aprendendo o que não deve. O próprio Emmanuel, em determinado momento, diz que a escola é “centro de indução espiritual”. Hoje, refletindo sobre o assunto, concluímos que realmente, enquanto aquele aluno está ali, trazendo diferentes mazelas, tendências, dificuldades, algum progresso, às vezes imperceptível, acontece nele. Passando cinquenta minutos, cento e vinte, quatro, cinco e às vezes, até seis aulas, com a sua mente direcionada para a assimilação daqueles conhecimentos formais (numéricos, linguísticos, históricos científicos, sociológicos...), do ensino formal, crescem, evoluem sutilmente. Além da disciplina, do respeito aos colegas, ao professor está ali, para ajudá-lo. O educando vai desenvolvendo as suas habilidades cognitivas, afetivas e psicomotoras. A sua capacidade de absorver, de aprender e isso você leva para qualquer ramo do conhecimento humano. Não é isso mesmo?

GB: Isso é verdade!

RICHARD: Por isso, considero que houve essa via de mão dupla, essa inter-relação. A experiência que eu trouxe do ensino regular, como docente, (ainda trabalho no Laboratório de Química) com as estratégias, a didática aplicada aos ensinos espíritas. E os ensinos espíritas, favorecendo na educação do próprio educador, na forma do entendimento, segundo o qual, todos somos espíritos em aprendizado. E, aqueles que ficam sob a nossa tutela, na condição de alunos são espíritos “criados simples e ignorantes, mas tendentes ao progresso”, mais cedo ou mais tarde, evoluirão. Daí o sentimento que nos alimenta a ideia de nunca perder a esperança de que todos, um dia avançariam. E, quanto a isto, todos estamos inseridos neste processo de vir a ser: o progresso infinito, a evolução de todos.

GB: E como pessoa, Richard, pra gente fechar... Olhando pro Richard hoje, depois de ter passado por essa experiência, qual foi o valor... Está em toda a sua fala, em toda a sua fala você já deixa transbordar a importância do Estudo Sistematizado, dessa experiência, mas... O que

você poderia dizer nesse momento de você, pra você como pessoa, como foi ter passado por tudo isso?

RICHARD: Na condição de espírito em aprendizado aqui na Terra, reconheço que o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita foi, e continua sendo, uma fonte inspiradora de esforço pessoal, que deve ser empreendido para me aperfeiçoar cada vez mais. Reconheço que ainda tenho muito que aprender. Acima de tudo, de viver os ensinamentos de Jesus, em sua plenitude. Porém, o que mais me chama atenção em relação ao momento em que tive acesso e, até hoje, é exatamente essa capacidade de inspiração que nos dá, a cada dia, de ansiarmos por nossa melhoria. Na condição de espíritos imperfeitos, temos sempre alguma coisa para aperfeiçoar em nós mesmos. Então, seja qual for o curso: expositivo ou com a utilização de outras técnicas de dinâmica de grupo, acionam os potenciais intrínsecos do ser, do participante, não é mesmo? Hoje em dia observamos que os irmãos que estão integrados à casa espírita, que passaram pela feira, digamos assim, do Curso Básico de Espiritismo ou do ESDE, estão mais abertos à experiência, mais propensos ao estudo. São o sinal evidente de uma capacidade mais ampla em opinar, dando seu ponto de vista sem dogmas, de refletir sobre os ensinamentos de Jesus à luz da Doutrina Espírita, fanatismos ou extremismos inquietantes ou intolerantes. A própria Doutrina Espírita, lembra o Apóstolo Paulo, quando asseverou: “Não acrediteis em todos os espíritos, mas vede se os espíritos são de Deus.” Então, a Doutrina Espírita não nos impõe dogmas em que você deve aceitar cegamente aquilo que é divulgado. Ao contrário, estimula a investigação, a pesquisa, a reflexão. Chico Xavier, querendo saber de Emmanuel, seu guia espiritual, o que deveria fazer para evitar que outros espíritos tentassem se passar por ele, então, perguntou-lhe: “Qual o procedimento que deveria adotar?” O sábio instrutor, respondeu: “Se algum dia, eu disser alguma coisa que seja contrário aos ensinamentos de Jesus e Kardec, deixe-me, e, fique com Jesus e Kardec. No “O Livro dos Médiuns”, Erasto, um espírito que orientava Kardec, referindo-se às manifestações que aconteciam dos espíritos, dizia: “Mais vale rejeitar dez verdades, a aceitar um só erro, uma só teoria falsa”.

GB: Muito bem, Richard, você gostaria de dizer mais alguma coisa?

RICHARD: Devo lembrar que o Curso Básico de Espiritismo (CBE) e o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) se completam. Cada um atende aos diferentes públicos. Ambos podem funcionar como pontos de partida para o conhecimento mais amplo do Espiritismo. Sob outro ângulo, o CBE pode ser um gancho para a continuidade dos estudos espíritas no ESDE. Temos bons exemplos, dignos de citação, como: A irmã Socorro Sousa, atualmente, representante legal do Centro Espírita Cearense. Ela cursou o CBE e ESDE, sendo representante do ESDE, à nível do Nordeste, junto à Federação Espírita Brasileira, não

obstante as inúmeras atividades que acumula como escritora, palestrante, inclusive, docente da Universidade Federal do Ceará,...; o confrade Luciano Klein, atual presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC). Ele começou na Comunhão Espírita Cearense, participando como aluno, do Curso Básico de Espiritismo, integrando-se depois em suas atividades. Também, vinculado a diversas atribuições como: historiador, pesquisador, escritor, palestrante reconhecido nacionalmente pela sua oratória, atuando ainda no magistério como professor efetivo do Colégio Militar de Fortaleza.

Agradeço a oportunidade. Espero ter colaborado satisfatoriamente. Todavia, como disse inicialmente, reconheço a minha humilde condição de trabalhador desta casa.

Sinto-me honrado pelas perguntas feitas e transiro quaisquer méritos do início da implantação do ESDE aos que, com tanta boa vontade, paciência e perseverança se submeteram àquela experiência vivida do primeiro ESDE, na saudosa Comunhão Espírita Cearense, quatro anos seguidos, aos domingos pela manhã. Também, a todo aquele conjunto de trabalhadores: o Edísio Noronha, o Manoel Sampaio da Silva, o incentivo do irmão Benvindo Melo, a equipe espiritual, que sempre esteve ali estimulando, acompanhando, e que prossegue, com o seu apoio e suas inspirações aos continuadores do ESDE, nas quintas-feiras com o beneplácito da Providência Divina. Aqueles que já retornaram à Pátria Espiritual, com certeza, continuam estudando, trabalhando, se aperfeiçoando no plano espiritual, que dão assistência às atividades dessa e de outras instituições e que transitam nos setores desta instituição – CEC/FEEC – dentro das competências que lhe dizem respeito. Tivemos notícia do nosso irmão Edísio, que continua apostando, estudando e trabalhando no mundo espiritual em prol desta causa, dentre outros.

SURAYA SALEM SAHADE VIEIRA - AMARELO

IDADE: 49 anos

ESTADO CIVIL: Casada

PROFISSÃO: Assistente Social

TEMPO DE DOUTRINA ESPÍRITA: 36 anos

ATIVIDADE QUE EXERCE NO MOVIMENTO ESPÍRITA: Monitora do ESDE (CEC/FEEC).

LOCAL DA ENTREVISTA: Centro Espírita Cearense (CEC/FEEC) – Fortaleza, CE.

ENTREVISTA REALIZADA EM 25 DE OUTUBRO DE 2013

GB: Então, como foi o teu envolvimento, inicialmente, com a Doutrina dos Espíritos?

SURAYA SALEM: Desde muito criança, sempre fui muito questionadora, né, questionava muito essas disparidades que a gente vê no dia a dia. Questões de pessoas serem muito favorecidas pela vida, digamos assim, enquanto outras encontram muitas dificuldades pela frente. Isso sempre ficou como uma interrogação na minha cabeça. E, pelas religiões que eu conheci, superficialmente, nenhuma me respondeu a contento. Inclusive eu estudei, fiz o meu primário numa escola Batista. Tive todo aquele conteúdo da religião. Eu tinha um respeito, um amor muito grande pelos meus professores, eram pessoas maravilhosas, mas, nunca me entrou na cabeça a doutrina em si, que eu achava muito castradora, do meu ponto de vista, sabe? Então, na realidade, eu já tinha a Doutrina Espírita dentro de mim e não sabia. A questão mesmo da Reencarnação, da Justiça Divina, eu imaginava um Deus justo, que essas disparidades que existem na Terra não poderiam ser uma obra de Deus, e nem poderia ter a ver com Adão e Eva, porque nós não temos nada a ver com o que terceiros fizeram. Seria muito injusto da parte de Deus punir a gente por algo que nós não éramos nem nascidos, ainda. Como é que eu vou ser punida por uma coisa que eu não fiz? Então essas coisas foram tomando uma dimensão maior, né, no meu consciente, e eu procurei buscar respostas objetivas pra essas coisas. Foi quando, pra completar essa minha busca, veio a desencarnar um amigo meu, muito novo, por afogamento. E foi outro item que eu fiquei questionando: tanta gente ruim nesse mundo não morre, e uma pessoa tão boa morre de maneira, assim, tão estúpida, digamos assim, né, você morrer afogado... E na hora não teve ninguém pra dar um socorro, enquanto tantos marginais, às vezes levam dez, vinte tiros, e ainda se salvam. Quer dizer que sempre fica a pergunta, né: Por que, meu Deus, que a maldade sempre vence, no mundo? Então, veio a calhar que caiu em minhas mãos, caiu entre aspas, porque eu não acredito em acaso, eu acho que tudo na vida tem um objetivo, certo?! Foi quando a minha tia, que já era espírita, me emprestou um livro chamado “O Amor Venceu”, da Zíbia Gasparetto, um dos primeiros livros dela ou o primeiro, não sei. Então, quando eu li esse livro, ele retratou tudo que eu tinha em mente: a questão da Justiça Divina, da Reencarnação, que nós somos construtores do nosso próprio destino, nossas atitudes é que realmente constroem o nosso destino, nós não somos um agente passivo das circunstâncias. E isso foi me abrindo um leque, e aí eu comecei a ler outras obras, depois eu comecei a frequentar a Mansão do Caminho, em Salvador, que foi o centro onde eu tive toda minha formação espírita, até me mudar de Salvador em 98, quando fui morar em Natal. Mas, até então eu frequentei a Mansão do Caminho por mais de 25 anos. E foi uma experiência muito gratificante pra mim. A Doutrina, na realidade, ela já estava toda na minha cabeça, na minha alma. Quando eu me

deparei com o corpo doutrinário eu disse: “Não, eu estou revendo algo que eu já conhecia.” E, por outra coincidência da vida, eu tinha uma admiração muito grande por Vianna de Carvalho. Os livros psicografados por Divaldo, né... Vianna de Carvalho, eu gosto muito dos posicionamentos dele, da maturidade com que ele escreve os textos, como ele vê as coisas. E, por outro, entre aspas, acaso da vida, onde é que eu vim parar? No Centro Espírita Cearense, que foi fundado por Vianna de Carvalho. Então, tudo isso só veio reforçar mesmo a tese de que não há acaso nessa vida. Existe, assim, né, a gente é conduzido por aquilo que a gente procura. Como tem no Evangelho “Busca e Acharás”, é uma questão da gente dar o primeiro passo. Deus sempre está de portas abertas pra qualquer pessoa que queira. Pode ter feito a maior arbitrariedade do mundo, desde que queira realmente se corrigir, mudar o rumo da sua vida, no sentido realmente vivencial, não é só da boca pra fora. “Ah, eu vou mudar.” Mas, é mudar e você sentir que a pessoa se despojou daquele homem velho, que diz o Evangelho, e se tornou um outro ser, um ser aberto à solidariedade, a ser compreensivo. Porque não passa na minha cabeça alguém que já sofreu tanto na vida passar de sofredor a julgador da vida alheia, ficar condenando as pessoas que erram, se ele um dia sabe que também já foi muito errado. Então, a obrigação dele não é de criticar, mas sim de ajudar aqueles que ele possa dar uma luz moral melhor, certo?

GB: Quando você conheceu Suraya, então, a Doutrina Espírita, foi através do livro da Zíbia Gasparetto... Quantos anos você tinha na época?

SURAYA SALEM: Eu tinha 13, 14 anos. Mas, eu sempre busquei respostas para as minhas dúvidas, que eram muitas, e nenhuma religião me satisfazia, porque as perguntas não encontravam eco na minha maneira de pensar. Porque tem que haver uma correlação entre a sua maneira de pensar e as coisas que você busca, e não havia. E a Doutrina, ela caiu como uma luva pra mim, porque a partir desse conhecimento, inclusive, outros aspectos da minha vida, eu sempre fui uma pessoa altamente, como se diz na gíria, sangue quente, né, sou baiana... Sou... Eu sempre fui muito, continuo sendo, uma pessoa muito transparente, quando eu sinto uma coisa, por mais que eu queira disfarçar, se você olhar pra mim, você sabe o quê que eu tô pensando, se eu tô gostando, se eu não tô gostando. Eu sempre transpareço com muita facilidade o que eu estou sentindo. Então, muitas vezes eu debito ao meu sangue quente, meu temperamento muito explosivo, isso já me causou problema, já me fez muito mal, de às vezes eu, na hora do ardor de uma discussão, dizer coisas às pessoas que eu gostaria de dizer, mas, não com a maneira agressiva como eu acabei por falar. Então, já passei a rever essa minha postura. Eu tenho que me colocar sempre no lugar da pessoa. “Ela precisa ouvir tal coisa?”. “Precisa mas, não dessa maneira agressiva. Precisa ouvir com moderação,

precisa ouvir com Educação.” Porque sem Educação, realmente, você pode tá com toda razão do mundo, a partir da hora que você é grosseira você perde a metade da sua razão, entendeu?!.

GB: E a Doutrina Espírita te ajuda?

SURAYA SALEM: Muito, muito! Porque a gente tá sempre preocupado em trazer aqueles conhecimentos que foram dados a milênios atrás e trazer pro nosso dia a dia, que o objetivo é esse, é vivenciar. Sócrates já disse na Antiguidade: “Conhece-te a ti mesmo.” E o Espiritismo é uma proposta viva de autoconhecimento e de auto aprimoramento. Não só conhecer, conhecer para mudar. Porque eu conhecer e continuar do mesmo jeito não tem sentido. É mesmo que teoria... Muito bonito, mas, se você não coloca a teoria em prática, ela perde o objetivo total. O que adianta eu ser, digamos, uma boa médica, se na hora que eu preciso salvar alguém eu não uso esse conhecimento que eu tenho como médica pra ajudar alguém?! Então, não tem sentido esse conhecimento. Conhecimento só tem sentido quando ele é transformado em realidade palpável. Então, nesse ponto, a Doutrina foi uma luz na minha vida, eu posso dizer assim, com toda certeza, sem medo de estar exagerando.

GB: Então, lá em Salvador você já entrou em contato, naquela época, com os textos de Vianna de Carvalho?

SURAYA SALEM: Foi, foi, porque a minha tia era espírita e tinha muitos livros. Como eu sempre gostei muito de ler, eu ia lendo um atrás do outro. Então, eu comecei a ler livro de Vianna, de Joanna de Ângelis, de Amélia Rodrigues, de Victor Hugo, Manoel Philomeno de Miranda. Então, até hoje são livros que... André Luiz, principalmente, né... Tanto é que até hoje eu tenho o hábito de reler, tem livros que eu gosto de ter em casa porque passa um ano, dois, eu leio novamente porque toda vez que você faz uma releitura você ira coisas que da primeira vez você não percebeu. Então, é um ponto novo que hoje, com a maturidade que você vai adquirindo, com a vida, com a Doutrina... Então, você já percebe essa diferença. Tem algum ponto no livro que lhe passou, assim, despercebido, e a partir da hora que você começa a fazer uma releitura, com calma, porque ler não é chegar e... “Não, já li..” Não, não é isso. É você ler procurando, realmente, internalizar tudo aquilo que você tá lendo. Então, você vê e... “Meu Deus! Tinha esse ponto de vista aqui, que eu não tinha pensado. E realmente, é uma coisa interessante.” Então, eu aconselho até as pessoas que, determinados livros, que, realmente são livros doutrinariamente recomendados, que vez por outra elas façam uma releitura desses livros. A gente nunca vai esgotar o conhecimento. Conhecimento é uma coisa que nunca vai tá esgotada, quanto mais a gente adquire, mais a gente busca. Porque a gente vai amadurecendo num ponto, aí já tem outro que tá deficiente e você vai querer melhorar aquele outro. Então, é uma busca infinita, constante.

GB: Eu acho que é como você está falando, o tom do conhecimento é muito dado pelo amadurecimento da gente, não é?! Às vezes a gente lê determinado livro numa época da vida, a gente faz determinadas reflexões que, em outra época, elas são tão profundas, ou às vezes superficiais, que depende muito do momento e da tua maturidade...

SURAYA SALEM: Até mesmo essa questão de leitura comigo foi muito interessante, porque eu comecei a ler, a gostar de ler, eu tinha, mais ou menos, uns dez anos. Comecei com revista em quadrinhos, gostava muito, principalmente, dos quadrinhos da Disney, e depois, também, de Luluzinha, Bolinha, que eu achava interessante e lia, lia muito revista em quadrinhos. Aí depois, aquilo já se tornou um tanto quanto besta, digamos assim, né (risos). Aí comecei a ler fotonovela, aí disse: “Não, isso não me satisfaz mais...” Aí depois eu cansei: “Não, isso não me satisfaz...”. Aí depois comecei a ler os romances Júlia, Bianca, aí comecei a ficar enfadada, porque era sempre aquele mesmo blá, blá, blá. Era a mocinha que se apaixonava pelo homem, brigavam a aí, lá no fim, eram felizes para sempre. Aí aquilo me causou tédio e eu fui deixando de lado. Aí começou, até por uma necessidade escolar, eu comecei a ler romances, tipo de Jorge Amado, Mar Morto... Um romance que nunca me saiu a cabeça e até hoje eu tenho como referência na minha vida chama-se Pollyanna. Pollyanna foi um romance muito importante na minha vida, porque me “botou” pra refletir sobre a importância de você ter otimismo na vida. Tanto é que muita gente não entende quando a gente diz assim: “Efeito Pollyanna...”, que é aquela coisa de você sempre procurar ver o lado bom das coisas, por pior que elas sejam, tem alguma lição ali pra ensinar. Então, depois surgiu o livro espírita. Aí quando surgiu o livro espírita, aí foi que ficou difícil para os outros. (risos) Aí eu não quis deixar a literatura espírita. Eu leio outros livros, mas, sempre, também, tenho livro espírita na cabeceira da minha cama. Nunca deixo de ler. Gosto de outros livros, assim, Sidney Sheldon, romance policial, certo, outros livros, assim, interessantes, que falam sobre vida, sobre o dia a dia nosso. Gosto dos autores conhecidos como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, da literatura mesmo brasileira. E leio bastante, sou muito eclética em termos de leitura, mas, o livro espírita eu não dispenso. No sentido de que eu sempre gosto de consultar, porque ele, ele toca em todas as áreas do conhecimento. Todas! Fala sobre Educação, fala sobre problemas sociais, problemas políticos, morais... Então, é uma coisa bem abrangente, não é uma coisa, assim, sectária, que fica só numa direção. Muito pelo contrário, é muito abrangente.

GB: Te escutando falar, Suraya, me vem à mente que a Doutrina Espírita é muito boa pra quem gosta de conhecer...

SURAYA SALEM: É, porque é uma viagem interior que a gente faz. Com certeza! É uma viagem que não tem porto de parada, porque, quanto mais a gente aprende, mais a gente quer aprender (risos). Que aquela frase, eu não lembro se é de, de, Einstein, não, não tô lembrando agora quem disse... Acho que foi Isaac Newton, que: “O que eu sei é uma gota, o que eu ignoro é um oceano.” Então, isso cabe bem na Doutrina Espírita. Quando a gente começa a estudar a Doutrina, a gente prende que sabe muito pouco, que a gente ainda sabe muito, muito pouco mesmo, que ainda tem muita coisa pra aprender, e muitas e muitas coisas pra experimentar. Então, é importante que a gente esteja aberto, até mesmo pra conhecimentos novos que vão surgindo dentro da Doutrina. Quando Kardec codificou a Doutrina, ele disse que ainda não havia dito tudo, que, a partir do momento que a gente fosse tendo condições de entender, que as informações chegariam pra gente. Então, é uma proposta altamente dinâmica, que a gente tá sempre se aprimorando, sempre aberto pra receber novos conhecimentos e jamais fechado a alguma ideia. O Espiritismo parte muito do princípio que tudo deve ser questionado, deve ser refletido, que a gente não deve aceitar nada sem passar pelo crivo da razão. Tem um exemplo da vida diária... Eu digo assim: “Gabrielle é uma ótima pessoa.” Mas, se alguém diz assim: “Gabrielle contratou dois pistoleiros pra matar alguém.” Eu tenho que rever esse meu conceito de Gabrielle, sabe?! Ela é essa pessoa boa mesmo? Se ela fosse essa pessoa tão boa, ela não teria feito uma coisa dessas. Então, a mesma coisa tem que fazer com relação à Deus. Quando a gente passa uma postura de Deus que não está coerente com a Justiça, com Amor, a gente tem que refletir sobre o quê que tá errado. Ou quem escreveu se equivocou, ou eu que tô errada, não era Deus, não é o que eu penso. Então, eu acho que a gente tem sempre que tá com a razão atenta pra esse tipo de coisa porque, se não fosse essa nossa, talvez essa mania da gente ser acomodado, se deixar levar pelas ideias dos outros, talvez Hitler não tivesse conseguido tantos adeptos pra fazer o que ele fez. Tudo por uma questão de, que às vezes a pessoa se empolga no momento com aquilo, e não passa pelo crivo da razão. Se colocar no lugar do outro, será que se, no caso que eu estou citando, de Hitler, citando como exemplo, será que aqueles judeus que lá estão sofrendo, não poderia ser eu? Minha família que estivesse naquele campo de concentração? Então, o Espiritismo joga você nessa dimensão de se colocar sempre no lugar dos outros antes de você fazer qualquer coisa. Porque aí você vai ter a noção exata... “Será que eu estou sendo justo com a outra pessoa?”.

GB: E aí esses elementos que você traz parecem os elementos que estão contidos no ESDE... Como foi, então, Suraya, a tua ligação com o ESDE?

SURAYA SALEM: O ESDE... Eu já frequentava a Mansão do Caminho e tinha um amigo meu que ele era coordenador, na época, dos estudos. E como eu sempre fui muito interessada

em ler, sempre gostei, ele me fez o convite pra fazer parte da equipe dele. Aí eu disse: “Mas, eu nunca, nunca entrei assim numa sala, com muita gente...” (risos) Uma coisa é você ser frequentadora, outra coisa é você passar a ser monitor, né, porque você aí já passa pela responsabilidade de conduzir um assunto e, principalmente, a preocupação de conduzir de forma fiel. Porque uma coisa é o que eu penso, outra coisa é a ideia doutrinária, que a gente tem que deixar sempre claro às pessoas que todo mundo tem a plena liberdade de dar opinião, de ter o ponto de vista que quiser, mas, se a gente tá estudando a Doutrina, quem tem que prevalecer é o conhecimento dado pela Doutrina, não é o meu ponto de vista, não é o seu, não é o dele, entendeu? Se bem que é importante que cada um fale o seu, mas, o que tem que prevalecer é o estudo, é a diretriz que a Doutrina nos dá sobre aquele tema. Então, eu pensei e disse: “É, é um desafio, mas, a gente tem que começar algum dia, né?” E como eu sempre gostei de estar em grupo, eu não me vejo jamais fazendo palestra. Não está assim em mim... Palestra, eu não acho que eu tenha assim, intimidade e condições. Condições até, porque tudo é uma questão de treinamento na vida, né, porque a gente pensa que não e de repente tá... Mas, eu me identifico com o ESDE porque é uma via de mão dupla. A gente tá sempre ali, ensinando e prendendo, simultaneamente. E é um relacionamento, que é como se a gente estivesse, assim, numa família mesmo. A gente vai desenvolvendo aquela afinidade pelas pessoas, aquela fraternidade gostosa. Isso torna o conhecimento agradável, porque, além do conhecimento em si, passa, também, a ser uma terapia em grupo, onde a gente troca ideias sobre os nossos problemas do dia a dia, à luz do Evangelho, é claro, que a gente não pode esquecer disso. Porque a preocupação maior é contextualizar o Evangelho, é tirar ele lá da teoria e vamos trazer esse Evangelho pra nossa vida. “No lugar de fulano, o que eu faria? O que eu estou fazendo com esse conhecimento que o Evangelho está me dando? Eu tô me tornando mais tolerante? Eu tô sendo uma pessoa mais honesta? Eu tô sendo uma pessoa que procura contribuir com o nosso país?” Porque, tudo isso que está sendo discutido na atualidade, o Espiritismo já discutia desde a sua codificação. Questão ecológica, questão dessa Educação que é tão simples mas que as pessoas não se atentam, como a questão de jogar lixo na rua, questão de poluir o mar... Tudo isso, a Lei de Causa e Efeito é bem clara que, aquilo que a gente fizer vai retornar pra gente. Então, é uma Doutrina altamente dinâmica, que nos dá uma visão muito positiva da vida. Que nós fomos feitos pra vencer, pra evoluir, para amar, que o nosso objetivo é cada vez ser melhores e ajudar, através de nossas atitudes, o planeta, consequentemente, se a gente muda a gente vai influenciando outras pessoas a que mudem, também. É como aquele agente multiplicador que vai contribuir pra multiplicar uma coisa boa. Então, o mundo não é composto na sua maioria por pessoas más, mas de pessoas

acomodadas, que às vezes deixam que os maus tomem a frente. Então, tá na hora da gente, também, através da nossa vivência e dos nossos exemplos concretos, mostrar esse conhecimento, no dia a dia, que aí é onde vai ser a nossa prova.

GB: É, é na sociedade que nós vamos mostrar quem somos de fato... Mas, essa questão que você traz é interessante, esse dinamismo, em grupo, que o ESDE possibilita, diferente quando você fala de, por exemplo, dar palestra, que é uma relação mais passiva com o outro.

SURAYA SALEM: É, é aquela pessoa que está ali passando conhecimento e que os outros estão ouvindo. Não que não seja importante a palestra, muito pelo contrário, palestra traz muita luz. Muita gente vem em busca dessa luz e, às vezes, uma boa palestra, ela ilumina demais. Eu tô dizendo que isso é uma questão de personalidade. A minha personalidade, assim, eu não me vejo como palestrante, mas, eu me sinto muito bem como monitora. Porque a gente tem aquela relação amigável, aquela relação mesmo de cumplicidade, de amizade, de trazer assuntos, assuntos que estão muitas vezes sendo discutidos na mídia, a gente traz à luz da Doutrina, troca ideias, e vê como poderia ser feito de forma melhor, certo? Isso vai partir de cada um de nós procurar melhorar e, conseqüentemente, melhorar o panorama geral.

GB: Quanto tempo você já está ligada ao ESDE?

SURAYA SALEM: Eu iniciei na Mansão do Caminho, em Salvador, né... A primeira... A primeira turma, deixa eu só situar aqui na minha cabeça direitinho, pra não falar besteira... Se eu não me engano foi, deixa eu ver... Noventa... Foi noventa e seis... Noventa e seis até noventa e oito, perto de vir embora, eu fiquei na Mansão do Caminho. Depois fui morar em Natal, Natal foi uma época que eu fiquei um pouco afastada das casas espíritas. Porque é uma questão interessante, também... O Espiritismo, por ser uma religião muito aberta, pode-se dizer assim, não tem aqueles preconceitos, tabus, ela é bem aberta pra quem realmente deseja encontrar Jesus no sentido da palavra, né, da questão tanto de informação, quanto da questão de acolhimento, também, de não ter aqueles tabus... “Ah, o fulano não é casado, aqui não entra...” Não existe isso dentro da Doutrina, muito pelo contrário. Então, muitas vezes a gente vai numa casa espírita que tá lá “CASA ESPÍRITA”, mas, que quando você vai, na realidade, a Doutrina Espírita você não encontra lá. Você encontra a fusão de outras doutrinas. Não querendo desmerecer as doutrinas, mas, se você está procurando Espiritismo, eu não vou atrás de uma casa de Umbanda, nem de Candomblé. Não é questão de não aceitar eles, que eu acho que cada um, não interessa a religião, interessa o que você faz com o conhecimento que você tem, independente da religião. Mas, se eu tô buscando aquele conhecimento que eu já tenho, assim, em germe, e quero desenvolver, então a gente tem que ter cuidado. Foi aí que me veio a ideia de procurar a Federação Espírita do Estado... Ô... Do Rio Grande do Norte... E aí a

gente tem uma diretriz melhor, pra evitar esses enganos. Porque a gente não pode proibir ninguém de “botar” o nome “Centro Espírita”. O Espiritismo é muito mal usado... O nome... Muitos folhetos você recebe aí com o nome “Cartomante Espírita”. Não existe cartomante espírita, não existe adivinho espírita. O espírita verdadeiro é consciente de que ele tem uma missão muito maior do que tá especulando a vida alheia, de tá fazendo amarração e desamarração. Isso aí não é departamento nosso. Certo? Que fique bem claro, porque as pessoas confundem muito Espiritismo com essas práticas que a gente muitas vezes vê na rua. Que é um direito de cada um fazer o que bem entende de sua vida, mas, deixo bem claro que não tem nada a ver com a Doutrina Espírita. A proposta Espírita é uma proposta de autoconhecimento e, a partir da hora que você se conhece e você passa a estudar a Lei de Causa e Efeito, a Lei de Ação e Reação, você vai ver que, se eu fizer mal a você, eu tô fazendo a mim mesma, porque esse mal vai voltar pra mim. Então, não tem sentido eu ir fazer alguma coisa na intenção de prejudicar a terceiros, porque eu tô sendo altamente burra, porque aquilo que eu fizer de errado vai voltar pra mim mesma. Certo? Então, é uma proposta altamente educativa, de auto aprimoramento sempre. Tanto é que Kardec colocou como lema: “O verdadeiro espírita é aquele que procura ser hoje melhor do que ontem, e amanhã melhor do que hoje.” Que traduzindo em miúdos, o espírita é aquele que está em constante aprimoramento moral, constante. Então, não pode “baixar a guarda”. Não pode ter desculpas... “Ah, eu achei aquele dinheiro ali, ele não tem dono...” Se realmente você achou e não sabe de quem é, não tem dono, mas, se você viu cair a carteira de alguém, e assim mesmo você ficou, aí você não pode ter a desculpa: “Ah, perdeu ali...” Você está pegando algo de alguém que você sabe quem é. Totalmente diferente. Então, a Doutrina vai dando a consciência dessas pequenas coisas, que talvez “passassem batido”, em outras circunstâncias. Aí você se cobra: “Não, não, eu sou uma pessoa espírita, eu tenho que me rever, eu fiz isso errado.” Isso é importante, não é uma questão punitiva, coercitiva, não, mas, é uma questão de lhe chamar à realidade. Se eu tenho esse conhecimento minha obrigação é ser melhor do que aquele... Eu tenho obrigação de procurar ser uma pessoa melhor. Porque aquele conhecimento já me iluminou, não tenho mais a desculpa de dizer que eu sou assim porque eu não conheço. É diferente!

GB: Então você procurou a Federação Espírita do Rio Grande do Norte...

SURAYA SALEM: É, porque eu fui numa casa lá que eu fiquei assustada, porque tinha muita gente caindo em convulsão, aquela coisa, e aquilo me assustou, me deixou mal, me senti muito mal, e resolvi não mais voltar lá. Eu me afastei do centro espírita, da casa espírita, não me afastei da Doutrina. Continuei lendo em casa, só que eu sentia falta de ter um grupo.

Porque no grupo você troca ideias, no grupo você faz aquela coisa mais dinâmica, aquela troca gostosa, o grupo de estudo. E eu sentia falta disso. Quando eu fui na federação, aí eu passei a frequentar a própria federação. Aí tinham umas palestras dia de domingo, muito boas. Foi lá que eu conheci, inclusive, Sandra Borba, que é uma palestrante que eu gosto muito, e outras pessoas lá que eu não me recordo. A Sandra, eu tenho uma afinidade muito grande com ela, me identifiquei realmente com a maneira dela ser, de passar os conhecimentos. E aí eu passei cinco anos e meio em Natal. Quando eu conheci a federação já foi quase perto de sair de Natal, porque eu saí de lá em 2003, aí eu comecei a frequentar a federação, mais ou menos, em 2002, um ano antes de sair de Natal. Mas, foi bom, valeu a pena esse curto período. E aí vim pra cá pra Fortaleza e fiquei na mesma busca da casa espírita. Aí foi quando uma vizinha minha, eu conversando com ela, ela disse que frequentava o Centro Espírita Cearense, aí eu me propus a vir com ela e foi quando eu conheci a casa aqui.

GB: E aqui, depois de quanto tempo você começou na monitoria do ESDE?

SURAYA SALEM: Aqui eu comecei frequentando o AE, fiquei um tempo no AE, aí me mudei, porque nessa época eu morava na João Pessoa, perto do Salesiano. Aí depois me mudei pro Conjunto Ceará e aí ficou longe, aí comecei a frequentar a casa espírita lá, que é a Joanna de Ângelis e, embora o pessoal seja muito legal, mas, eu sentia muita falta daqui, porque eu senti muita identificação com a casa aqui. É aquela questão que acontece também com os católicos, com os evangélicos, que às vezes tem uma igreja vizinho a sua casa, mas, a pessoa vai para um bairro totalmente distante, porque é uma questão de afinidade com aquele grupo, e foi o que aconteceu comigo. Desde que eu entrei aqui, eu senti uma afinidade pelo CEC¹⁰⁴. Mesmo sendo distante, eu passei a frequentar aqui. Aí fiquei aqui, ainda, uns dois anos, como aluna, aí foi quando a Socorro me convidou pra fazer parte da monitoria, eu e uma amiga minha que no momento, por motivos de maternidade e falta de tempo, ela se desligou das atividades temporariamente. Aí eu comecei como monitora desde, se não me falha a memória, em 2009. Até 2007, 2008, eu estava como estudante. E, até então, a gente vem tentando, né?! (risos) Tentando passar, passar da melhor maneira possível o conhecimento, compartilhado junto com os companheiros de estudo, que é importante, mas, na verdade eles acabam me ensinando mais ainda...

GB: Suraya, então, olhando um pouco pra trás a tua trajetória, lógico que a tua fala já contempla isso muito bem, mas, só pra que a gente faça esse fechamento, o ESDE, essa proposta educativa, essa estratégia de Educação, possibilita uma transformação espiritual?

¹⁰⁴ Centro Espírita Cearense.

SURAYA SALEM: A Doutrina Espírita é essencialmente educativa, porque essa proposta de Jesus, da gente se colocar no lugar do outro, isso é uma coisa que o Espiritismo nos estimula a fazer diariamente. Se coloque no lugar do outro. Se você está com uma pessoa que está muito nervosa, antes de você criticar essa pessoa, procure pensar se essa pessoa não está passando por um grande problema, se essa pessoa não tem uma doença séria, se no lugar de criticar você não pode estender a mão pra ajudar, pra que aquela pessoa mude, melhore. Então, a Doutrina coloca você pra refletir, e quando você para pra refletir, analisar, você já tem mais parâmetros. Às vezes uma coisa que você acha que é o fim do mundo, que você é uma pessoa infeliz, você olha pro lado e vê que existem pessoas em situações muito mais sérias do que a sua e que nem por isso perderam a alegria de viver, isso já é uma espécie de chamado. “Gente, não é por causa de uma topada que você vai perder seu dia, tem gente que perdeu a perna e você, que está apenas com a unha machucada, já foi motivo pra você ficar assim?” A Doutrina coloca você muito nessa dimensão da vida real, de você realmente questionar, de você analisar as coisas, de você refletir em cima daquilo e, a partir da hora que você faz essa autoanálise, você vai procurando ver o que tá faltando pra você se tornar uma pessoa melhor, mais feliz. Tá certo que todas as religiões têm a mesma recomendação, que a gente deve sempre fazer um exame de consciência. O que a gente fez de bom, o que a gente precisa melhorar? É tão verdade que tá na essência de todas as religiões. Todas, sem exceção, no fundo todas procuram o mesmo objetivo. Talvez de formas diferentes, com outro nome, outras propostas, mas, no fundo, é a melhoria do ser humano. Porque, quando a gente tá falando de criminalidade, indiretamente a gente tá falando que está faltando no ser humano que façam com que ele se volte pra honestidade, que, também a gente pode dizer que muita responsabilidade tem os nossos governantes, que deveriam passar uma postura de honestidade, e a gente não vê. Então, aqueles que estão em situação social desfavorável, claro que eles vão achar que é muito mais cômodo sair pra roubar, pra assaltar, do que correr atrás de uma profissão que leva anos e anos estudando, porque os lá de cima estão dando o exemplo, né?! Então, é nesse ponto aí que a Doutrina nos diz que a gente deve agir corretamente, porque se a gente agir de maneira errada, achando que a gente tá sendo esperto, nós na realidade estamos só adiando o que, “dia ou mais dia”, aquilo que a gente fez de errado vai voltar pra nós mesmos. E aí não adianta a gente ficar culpando Deus, nem ninguém, não, porque o único artifice do nosso destino somos nós mesmos. É aquela velha história da lenda oriental que a pessoa faz a cama pra ela mesma deitar. Você agindo bem ou mal, você vai esperar a resposta daquilo que você procurou. O “busca e acharás” está nessa proposta aí, você vai achar justamente o que você está buscando. Se você está buscando violência, vai

achar violência. Se você está buscando um caminho alternativo de paz, você vai encontrar pessoas afins que vão fortalecer essa ideia, que muitas vezes essa intuição, essa ajuda vem que você acha até que foi por acaso mas, não foi. Você está buscando aquilo, então, vem ao seu encontro, pode ter certeza disso. Então é uma Doutrina altamente educadora, em todos os aspectos, principalmente porque não aprisiona o nosso pensamento com dogmas. Você pode questionar tudo, não existem coisas inquestionáveis, muito pelo contrário, nós somos estimulados a questionar sempre. E, a partir da hora que a gente adquire uma consciência crítica, fica mais fácil a gente discernir o certo do errado. Se você tem a consciência que esse copo aqui é meu, você vai me pedir emprestado: “Suraya, posso pegar seu copo pra beber água? Pode, Gabrielle, com todo prazer.” Mas, se você não tem essa consciência, você vai achar que ele é seu, você vai pegar e não vai me devolver. “Porque é meu, eu tenho que tirar vantagem, mesmo.” Até mesmo a visão da vida, da certeza que você adquire que a vida continua, isso lhe abre outro tipo de comportamento, porque no lugar de você ter aquele comportamento imediato “Não, eu vou querer porque amanhã eu posso morrer e eu não vou ser trouxa de não aproveitar as oportunidades. Vou morrer e virar pó, mesmo....” Você sabe que você vai continuar a viver e que, tudo que você plantou na sua vida, você vai colher mais tarde. Então, isso já vai fazer com que você pense duas vezes antes de errar. Já vai lhe dar uma dimensão muito maior de responsabilidade. Se a vida continua... Como diz o Evangelho, a vida é uma só, porque que ela é uma só? As pessoas dizem: “Aah, vocês espíritas estão errados, porque vocês dizem que existem várias vidas...” Na realidade, talvez o termo não esteja nem adequado: várias vidas... Várias etapas de vida, temos sim. Como temos na própria vida da gente as etapas. Nós passamos pela infância, pela adolescência, pela maturidade, pela velhice. E, a mesma coisa ocorre, do outro lado. O ir e o vir, o desencarne, o reencarne... A vida é uma só, porque aquilo que você fez, aquela bagagem que você adquiriu, você vai trazer sempre com você. Tanto é que você vê crianças, assim, com dois, três anos, com tendências que lhe espantam. Quem foi que ensinou aquilo a ela? Se os pais não ensinaram, se Deus ensinou ele tá sendo, se foi Deus que deu aquelas qualidades, ele tá sendo injusto, porque deu qualidade a você que não deu ao outro ali. Por que um nasce tão talentoso, como Mozart, que já sabia tocar piano aos cinco anos, e outros levam a vida, às vezes, tentando ser um pianista e não conseguem chegar nem aos pés dele? Então, a Doutrina lhe dá essa dimensão e, não tenha pressa, mas, que você invista sempre no seu aprimoramento. Porque aquela conquista, ninguém vai lhe tirar. Aquilo que você aprendeu, é um patrimônio seu eterno. E que a vida é uma só justamente por isso, porque eu estando aqui na carne, ou fora da carne, as responsabilidades continuam. Se você magoou alguém, tem o dever de procurar corrigir o que

você errou. Não simplesmente pedir desculpa, não, mas, corrigir mesmo. E através da reencarnação você tem essa oportunidade de corrigir. Muitas vezes aquela pessoa que você tirou a vida, você vai ter oportunidade de favorecer o nascimento daquele ser, dar um corpo novo pra que ele possa continuar a vida dele e, conseqüentemente, fazer as pazes com ele. Quer dizer, é a proposta da fraternidade legítima. Porque não adianta eu, simplesmente: “Gabrielle, desculpe.” Desculpa não resolve o seu problema, desculpa não muda destino. É o primeiro passo, importantíssimo, sem dúvida, mas, o que vai mudar é uma atitude renovada com a pessoa. Isso vai fazer você ser digno de si mesmo. Porque a gente não se sente digno quando a gente lesa alguém e não devolve aquilo que a gente lesou. A gente apenas fica no “me desculpe”. Fica faltando alguma coisa. Então, a Reencarnação nos dá essa possibilidade, de corrigir coisas que, perante a justiça humana seria impossível a gente corrigir. Como é que a gente vai devolver a vida a alguém que a gente tirou? Você pode ficar na prisão perpétua anos e anos, e não vai conseguir reverter a situação que foi feita. E a Justiça Divina lhe dá essa oportunidade, de você refazer caminhos equivocados, de você estar sempre em aprendizado, né, e por isso mesmo a gente verifica essa divergência de pessoas na sociedade. Umas que são altamente intelectuais, altamente espiritualizadas, e outras que ainda estão naquele nível, assim, de violência extrema, né, que mostra essa divergência de caráter, que a gente pode dizer que são espíritos mais novos, que já tiveram mais encarnações, mais experiências, mais oportunidades, e aqueles que ainda estão no nível mais primitivo, ainda, porque ainda não tiveram tantas, talvez, não souberam aproveitar, tem essa questão. Não é nem a quantidade, é o aproveitamento. Porque eu posso aproveitar em um ano, o que você não aproveitou em cem. Isso é muito relativo. Isso é uma questão de você querer, de você ter metas na vida. E se você tem a visão da espiritualidade abrangente, isso vai facilitar muito a sua caminhada na vida. Porque você não vai se sentir com aquele pensamento que muitas pessoas tem: “Eu tenho que aproveitar o agora porque o que me aguarda é a morte.” A gente sabe que a morte é apenas uma passagem, não é uma coisa que vai lhe tolher naquilo que você é como ser humano. Você vai continuar a ser este mesmo ser onde quer que você esteja. Assim como a pessoa que vai pra Lua precisa de um equipamento especial, porque lá não tem a mesma gravidade que na Terra, então, você tem todo um equipamento especial... Na vida espiritual é do mesmo jeito. O equipamento que a gente vai levar são nossos conhecimentos que adquirimos aqui, e precisamos estar alerta a todo esse conteúdo. Nisso aí é que eu acho que a Doutrina ajuda muito na mudança interior das pessoas, muito. Se elas quiserem, é claro, porque, se for assim, você pode me perguntar: “Então, eu posso dizer que todo espírito é nota dez?” Não, não é assim. A Doutrina em si é nota dez, a Doutrina é, agora, os espíritas, cabe a

cada um quer seguir os postulados. Assim como o Catolicismo, o Protestantismo, não pode ser responsabilizado pelos deslizes de seus fiéis. A proposta procura fazer o melhor possível, mas, o caminho que cada um vai tomar cabe a cada um. É muito particular. Se fosse assim todo líder religioso seria um santo, porque eles são investidos de muito conhecimento, mas, nem sempre a teoria e a prática andam juntas. Muitas vezes a gente prefere aquela coisa cômoda do “faça o que eu digo mas, não faça o que eu faço”. Que é aquela coisa hipócrita que Jesus tanto se referiu no Evangelho: sepulcros caiados, brancos por fora e podres por dentro. Então a gente tem que redimensionar essa questão de autenticidade, temos que procurar ser pessoas autênticas. Ser uma só em qualquer lugar. Não é eu ser Suraya aqui no centro espírita, lá em minha rua eu ser outra pessoa. Departamentalizar a religião. A religião tem que estar dentro de você e ser levada aonde quer que você vá. Não como forma de dogma, de rito, como forma de viver, maneira de viver, postura de vida. Isso que a religião tem que ser. Sair do departamento Igreja, centro espírita, seja o que for, e passar a fazer parte da sua vida diária. Isso é que precisa, porque ela ficou departamentalizada. “Olha, isso é função da religião x ou y...” Não é! A religião, a função dela pode ser congregar, pode ser dar proposta, mas, a religião tem que estar dentro de cada um. É a religiosidade verdadeira, porque religião é questão de dogma, de crença. “Eu sou espírita, você é católico, fulano é protestante, fulano é budista...” Isso é religião, mas, estamos aqui nos referindo à religiosidade, que transcende a religião. Afinal, pra quê que a gente procura mesmo a religião? Pra poder abrir esse panorama da religiosidade. O Deus cósmico, o Deus que está além de igrejas, que está em todo o universo. Então, é esse Deus que a gente tem que buscar.

GB: Suraya, então, esse estudo, essa Doutrina Espírita, na sua vida, olhando pra trás, se observando e se analisando, do dia que você conheceu a Doutrina... Singelamente através do livro da Zíbia, não é, que não representa totalmente a Doutrina, mas, que foi uma boa obra...

SURAYA SALEM: É, foi o início...

GB: É, foi o início e que lhe abriu um campo de possibilidades pra Suraya de hoje...

SURAYA SALEM: É, com certeza! Olha, como eu lhe disse, eu sou muito eclética em termos de leitura. A Zíbia foi assim, digamos, um abrir de portas, por que eu me deparei com a Doutrina do jeito que eu me imaginava que fosse. Eu vi um Deus retratado com justiça, com equidade, que é uma coisa que eu sempre busquei. Eu acho que pra você ser justo, você tem que ser equânime. Eu não posso ser justa se eu favoreço você e não dou oportunidade a outro. Então, tudo isso foi me fazendo buscar... E eu comecei a ler a codificação, até porque é a obra pilar da doutrina e, sem ela, você realmente fica com lacunas. Ela que vai lhe dizer mesmo...

E nortear a diretriz do corpo doutrinário. Então, eu li toda a codificação: o Livro dos Espíritos, o Evangelho, a Gênese, o Céu e o Inferno¹⁰⁵...

GB: Mas, eu digo como sujeito, como foi esse processo pra você?

SURAYA SALEM: Como pessoa eu noto que, se eu for fazer um balanço do que eu era a 35 anos atrás, do que eu sou hoje, eu já consegui melhorar em muitos aspectos. Pequenas coisinhas que... Não foi fácil, não... Não vou dizer a você que é tipo varinha de condão, não, sabe... Que a gente vira espírita e... Não, não!!! É muito difícil pra todo mundo. Eu tô com quarenta e nove... É, mais ou menos isso... (RISOS) Então... Porque a Doutrina Espírita faz com que a gente esteja sempre se questionando. “Dentro daquilo que a Doutrina me propôs, eu estou agindo corretamente?” Mas, não é aquele agir impulsionado pelo medo de ir pro inferno, é aquele medo impulsionado pela sua consciência. Você tem a consciência de que quer fazer o certo. Eu poderia comparar isso com o trânsito: que muitas vezes você para no sinal vermelho pra não levar uma multa e, outras vezes você para por consciência. O objetivo da Doutrina Espírita é que você tenha consciência. Não pare por causa da multa, não. “Porque Deus vai castigar, porque Deus não gosta...” Não é isso! O objetivo é que você pare porque, se você ultrapassar ali, você vai causar danos a você e a terceiros. Então, é mais ou menos uma analogia que a gente faz com a Doutrina Espírita. A Doutrina busca sempre que você se coloque de maneira que procure prejudicar o menos possível as pessoas que estão ao seu lado. Se você tem seu lixo, jogue seu lixo no lugar certo. Não suje a porta do vizinho, porque assim como você não gosta que sujem a sua, você não vai sujar a dos outros. Então lhe dá essa dimensão de responsabilidade perante a vida, perante o planeta. Não é aquela coisa restrita, que você fica só no âmbito de se salvar, se vai pro céu, se vai pro inferno. É muito mais do que isso. É o dia a dia, é a sobrevivência nossa em sociedade, do nosso planeta, porque sem o planeta a gente não tem como sobreviver bem. Então nas mínimas coisas a gente vai notando... A gente vai se policiando... “Eu não vou jogar essa garrafinha de água na rua, porque eu sei que eu vou sujar o meio ambiente.” Eu vou estar, com isso, fazendo com que, ao ter uma chuva forte, isso vai entupir o bueiro e vai causar um alagamento na cidade, com o excesso de lixo. Então, nessas mínimas coisas a Doutrina nos dá consciência. De cidadania, de responsabilidade, principalmente, que nós somos agentes, que fazemos parte do Cosmos. Então, a gente tem que estar ajudando a obra de Deus, não é só olhando e achando bonito, não. Então, temos que ser agentes de ação, nas mínimas coisas. Não sujar a rua, não prejudicar o vizinho, procurar ser gentil com os outros. Tudo isso a Doutrina está sempre nos

¹⁰⁵ Os livros citados por nossa entrevistada são os mais conhecidos no meio espírita, sendo os que contêm a base das diretrizes evangélico-doutrinárias da Doutrina Espírita. São eles, por ordem de publicação:

incentivando a fazer. Cada vez mais nos autoconhecer e, conseqüentemente, passar esse conhecimento para as pessoas que convivem com a gente, no sentido de sermos pessoas melhores. É o X da questão da Doutrina: procurar se aprimorar, me amar, no sentido amplo da palavra. A caridade... Não é só caridade de você dar esmola, não, é aquela caridade de você ajudar o outro a se reerguer e sair daquela situação de ser fragilizado e passar a ser um ser que se ame, que confie em si mesmo e esteja pronto pra enfrentar as batalhas da vida. Eu acho que a Doutrina, nesse ponto, me ajudou muito, como ajuda aqueles que realmente querem. Porque a proposta dela é boa, mas, vai depender de cada um. Tem gente que é... É aquela coisa, você frequenta determinada casa religiosa, anos, mas, nem sempre aquela mensagem entra em você. Você entra na casa religiosa, mas, a mensagem nem sempre entra em você. Então, isso é uma via de mão dupla, você tem que querer também, porque, se você não quiser, não tem Doutrina no mundo que faça você mudar se você não quer. Agora a proposta dela é bem clara, é uma proposta dinâmica e, como eu lhe disse, esse conhecimento da Espiritualidade dá outra dimensão ao comportamento humano. Porque você para de ser tão imediatista e procura estar sempre em atividade, porque você sabe que, se você vier a desencarnar agora, aquilo vai continuar do outro lado, você não perdeu tempo. Não tem aquela coisa: “Ah, eu já tô velho, vou lá perder tempo, eu morro e fica tudo aí, mesmo...” Não, você sabe que vai continuar, onde quer que você esteja, conhecimento nunca vai se perder. E aí, quando você vier até em outra encarnação, você já vem com aquela bagagem, fundamentada, tanto é que tem pessoas que já nascem com a tendência pra ser médico, com a tendência pra ser psicólogo, né. Já vem com aquela bagagem que adquiriu em outras vidas, não é jogado fora, a prova tá aí. Então, na minha vida eu posso dizer, é claro que, de santa eu não tenho nada. Eu tô muito longe de ser... Nada!

GB: Mas, fez diferença...

SURAYA SALEM: Muito, muito. Por exemplo, já sou menos impulsiva, eu já consigo pensar antes de reagir, porque eu era muito reativa, já consigo hoje parar, ser mais comedida, tomar uma atitude, no lugar de agir por impulso. Eu já consigo, por exemplo, no lugar de me irritar com a coisa... “Não, mas, o será que aconteceu por trás daquilo tudo ali?” Não vou dizer que não me irrita, não, porque eu ainda sou de carne e osso como todo mundo, não sou melhor do que ninguém, mas, antes, eu vejo que não trás nenhum benefício pra gente se irritar, a gente se aborrecer por qualquer coisa. Então, a gente procura antes outras alternativas, procurar saber o que houve, no lugar de estar se irritando por tudo. Isso, aos poucos, vai fazendo com que você se torne uma pessoa mais calma, até mesmo a saúde da gente vai melhorando, porque a gente para de jogar na corrente sanguínea tantos pensamentos

ruins, tanta ansiedade, tanta coisa, né. Porque se a gente for ver as doenças, hoje, a maioria está ligada à maneira como a gente vive. Ansiedade, medo, correria... Então, tudo isso, parece coisa simples, parece besteira, mas, são importantes pra vida da gente. Você que é psicóloga sabe disso. Como os consultórios de Psicologia estão cheios de pessoas com problemas de síndrome do pânico e outros, que não conseguem se libertar por causa da nossa vida atual.

GB: Sim, muitas vezes são sintomas corporais, mas, que nasceram numa ansiedade que a pessoa não deu atenção, não teve controle sobre ela...

SURAYA SALEM: Não teve controle, e aquele medo extremo, e por aí vai...

GB: Aah, Suraya, então, quero te agradecer... Pra mim, foi excelente a sua contribuição...

SURAYA SALEM: Eu que agradeço. Se deixar, eu falo até amanhã... (RISOS)

GB: (RISOS)

MARTA ANTUNES - *TERRA*

IDADE: 68 anos

ESTADO CIVIL: Casada.

PROFISSÃO: Aposentada. Bióloga e Biomédica.

TEMPO DE DOCTRINA ESPÍRITA: de berço espírita.

ATIVIDADE QUE EXERCE NO MOVIMENTO ESPÍRITA: Atua na área doutrinária (estudo e prática), sobretudo na área da Mediunidade. Vice-presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB).

LOCAL DA ENTREVISTA: Federação Espírita Brasileira (FEB) - Brasília, DF.

ENTREVISTA REALIZADA EM 8 DE NOVEMBRO DE 2013

GABRIELLE BESSA: Marta, como foi o teu envolvimento inicial com a Doutrina Espírita?

MARTA ANTUNES: Na verdade, eu nem sei quando eu me envolvi com a Doutrina, porque eu nasci numa família que é espírita, eu, na verdade, sou espírita de terceira geração. Meu avô paterno tinha uma simpatia muito grande pelo Espiritismo e depois meu pai, e minha mãe quando casou com ele... Então, eu sou de terceira geração. Agora, eu vou entender essa pergunta assim: Em que momento eu me conscientizei que eu era espírita. Eu lido com os fenômenos mediúnicos desde muito jovem, muito pequeninha, muito criança, mas, foi na Juventude Espírita¹⁰⁶. Quando eu fui a uma casa aqui em Brasília, eu já morava aqui em Brasília, e eu passei a participar da juventude espírita, então, naquele momento, digamos

¹⁰⁶ Nossa narradora se refere à Mocidade Espírita, um dos departamentos da casa espírita, dedicado à evangelização dos jovens à luz da Doutrina Espírita.

assim, que caiu a ficha: “Eu sou espírita!”. E eu naquela época já tinha decidido que eu ia seguir uma carreira acadêmica na área de Exatas, porque é o que eu gosto. Eu sou muito ligado ao racional, ao pesar, ao medir, apesar de ter uma mediunidade que é bem subjetiva. Então, naquele momento, na Juventude, que eu tinha que lidar com o Espiritismo, que nós tínhamos que estudar... Porque naquela época não tinha esses estudos, de ESDE, o estudo regular de Doutrina Espírita na casa espírita... Um grupo de pessoas que gostava de estudar era uma coisa, mas, como um programa numa casa espírita não havia, então, o que havia era Juventude Espírita. E, na Juventude Espírita a gente desenvolvia temas sob a supervisão dos mais antigos, dos mais idosos, mais maduros, não só de idade, mas, também, de atividade, e ali a gente discutia naquele calor da juventude, naqueles debates, fazíamos visitas a locais de muita pobreza, carentes. Aí eu comecei a entender porque havia pessoas com tantas doenças, vivendo em estado de miséria mesmo, e outras que não tinham isso, e foi aí que eu comecei a entender. E eu, de uma maneira muito racional, cheguei à conclusão que eu teria que ser espírita, que eu era espírita de fato, que nada mais me satisfaria... Por exemplo, eu tenho uma dificuldade de trabalhar o símbolo. Sabe esse simbolismo, ritual? Isso pra mim é uma coisa que eu entendo até porque acontece, entendo porque as pessoas gostam de rituais, mas, é uma coisa que, para mim, no meu interior, eu acho uma coisa até infantil. Porque se você pode entender a coisa tal como ela é, porque eu vou precisar, por exemplo, de um símbolo, de um trevo, de um pé-de-coelho, pra achar que ele me dá sorte, pra trazer boas energias, se eu sei, se eu aprendo como trazer boas energias, como conviver mais pacificamente com as pessoas... Então, foi aí na Juventude, muito jovem, claro que não tão elaborado, mas, foi aí que eu me conscientizei, mas, eu vim de uma família espírita, terceira geração e dentro da minha casa, uma família numerosa, nove filhos, nós éramos nove, fora os primos que os tios, os pais moravam em fazenda e então moravam com a gente. Então, ali que a gente começou a conviver com o Espiritismo. Então Reencarnação, Desencarnação, perda de ente querido pela morte, fenômenos mediúnicos, comunicação, isso pra nós era tão comum como o alimento que a gente ingeria diariamente. Nós, quando criança, presenciávamos muitos fenômenos mediúnicos. Então, nunca tivemos medo, nada foi transmitido assim como algo sobrenatural, perigoso. Não, era como uma coisa natural. E, sobretudo, talvez... Talvez não! Sobretudo, por isso mesmo, pais extremamente amorosos, muito convictos, que era um exemplo pra nós. Então, isso me fez mostrar que a Doutrina Espírita, e até quando eu lembro deles eu me emociono (EMOÇÃO NA FALA, LÁGRIMAS NOS OLHOS), porque eram pessoas simples, mas, eram pessoas que sabiam exemplificar aquilo que ensinavam pra gente. Então, eles transmitiam pelo exemplo, de educação, de respeito. Então, aquilo foi me mostrando que a

Doutrina Espírita era uma coisa muito boa, que eu não podia fazer opção diferente. E, racionalmente, quando eu entrei pra Juventude, já tava, né, terminando o segundo grau, e dali eu ia pra universidade, já estava com a carreira toda delineada, que eu cheguei à conclusão que eu não teria outra, na vida, nessa encarnação, não teria outra preferência, outra interpretação religiosa, filosófica, científica...

GB: Isso tudo aqui em Brasília, Marta?

MARTA ANTUNES: Em Brasília. Eu sou de Minas Gerais, eu sou mineira, mas, eu moro há cinquenta anos em Brasília, porque eu vim pra cá com dezesseis anos de idade. Então, pode-se dizer que essa segunda etapa da minha vida, a primeira foi no seio da família, numa cidade do interior de Minas, e Minas é um estado que tem essa parte religiosa muito evidente, nós éramos muito fechados, assim, dentro da família, porque o Espiritismo não era tão aceito como ele hoje é aceito, mas, foi assim começando os primeiros passos, no processo educativo familiar... E nesse processo eu tive, nós tivemos, eu, meus irmãos, todos, o grande benefício, o benefício extra que eu não canso, até o final da minha vida eu não vou cansar de agradecer, porque o meu pai era muito amigo do Chico Xavier¹⁰⁷, então, aquelas orientações que ele transmitia, aquelas coisas que ele tinha dúvida, sobre alguma influência espiritual, sobre tipos de mediunidade, quem orientava ele por carta, por correspondência – porque naquela época não havia o telefone, na nossa casa nem tinha telefone – era o Chico e quando Chico chegava na nossa cidadezinha lá, e dava instruções e tudo. Então, é, eu tive essa felicidade e tive uma felicidade dupla, que eu acho que não houve nenhum merecimento, mas, uma maneira de Deus e os bons espíritos falarem: “Você vai receber todas as oportunidades, agora, se você não aproveitar, é problema seu.” Eu vim a casar com uma pessoa, com o meu marido, também é diretor da FEB, espírita, ele, quando Chico mudou pra Uberaba, a família do meu marido toda foi trabalhar com Chico, ele tinha dezessete anos quando ele começou a trabalhar com o Chico. Então eu tive duas pessoas na minha vida importantíssimas – meu pai e meu marido – que trouxeram essa orientação diretamente do Chico. Quer dizer que é por isso que, apesar de eu admirar todos os demais espíritas de destaque: a Yvonne¹⁰⁸, o Divaldo que eu tenho uma estima muito grande, eu sinto que eu sou dessa família, uma família que é uma questão quase biológica. Eu vou te falar uma coisa Gabrielle: teve uma época na minha infância que eu achava que o Chico Xavier era um parente, porque como minha família é muito grande, e tem muitos adotados na família, também, eu achava que era um daqueles tios adotados ou era um daqueles – eu não tenho irmão adotado, tinha primo – eu achava que era... Chico daqui, Chico

¹⁰⁷ Francisco Cândido Xavier.

¹⁰⁸ Yvonne do Amaral Pereira.

dali, Chico... Eu achava que ele era um primo, um tio ou alguma pessoa consangüínea, por causa desse referencial. Então eu acho que essa minha conscientização como espírita foi na família, depois aqui na Juventude, já em Brasília, na Juventude espírita, que aí foi uma maneira mais racional, mas, tudo isso passou por essa orientação que de alguma forma chegou pra mim através de meus pais e do marido pelo Chico Xavier.

GB: Um privilégio mesmo, Marta. E aí anos depois você chega em Brasília, começa a se ligar à FEB...

MARTA ANTUNES: Aí eu chego em Brasília, já era espírita, freqüentava a Juventude, eu já vi que desde cedo eu tinha inclinação para o estudo, pra pesquisa, o que eu estudava eu gostava de compartilhar com outras pessoas, então, nessa mesma casa espírita – que é a Comunhão Espírita aqui de Brasília, uma das maiores casas espíritas daqui de Brasília, uma das mais antigas, se não a mais antiga – ela, lá quando ainda na Juventude, já casada, me ofereceram pra eu começar a trabalhar nessa área de passar a Doutrina Espírita – não era nada parecido com o que seria o ESDE do futuro, mas... –, passar conhecimento espírita para as pessoas que chegavam, pessoas que passavam pelo atendimento espiritual e depois eram encaminhados aqueles que gostariam de estudar. Então, eu trabalhava numa chamada, tinham duas fases, a fase um e a fase dois. A fase um eram aquelas pessoas que depois que passavam pelo atendimento espiritual eram encaminhadas pra estudar. Então, eram assim aquelas noções básicas do Espiritismo. Então, eu tinha que ter muito conhecimento, muito domínio das obras da codificação. Você vê como é que as coisas são direcionadas? (NESTE MOMENTO A ENTREVISTA FOI INTERROMPIDA PARA QUE MARTA ATENDESSE UMA CHAMADA EM SEU TELEFONE CELULAR).

MARTA ANTUNES: Eu fui direcionada, não por escolha, a instituição espírita me deu aquela oportunidade. Então, pra eu realizar aquele trabalho, devido aquela base doutrinária que eu já vinha tendo, em família e na própria instituição... (OUTRA INTERRUPÇÃO PARA QUE MARTA ATENDESSE OUTRA CHAMADA AO TELEFONE CELULAR).

MARTA ANTUNES: Então eu fui encaminhada... e foi quando eu comecei de fato a encarar Kardec. Porque em casa a gente fazia o Evangelho no Lar¹⁰⁹... meu pai... naquela época não era tão obrigatório fazer o Evangelho no Lar, aliás não havia uma campanha como hoje, mas, devido à orientação do Chico a gente fazia em casa. Então, meu pai aproveitava aquele momento pra explicar coisas que depois a gente foi ver que estavam em outras obras. Então foi aí que eu comecei a estudar nessa fase um, lá na Comunhão, e depois eu tava nessa fase

¹⁰⁹ O conhecido “Culto do Evangelho no Lar”

um, até 1980. Quando foi em 1980... A FEB aqui era só uma, era uma seccional, porque a sede era no Rio. Então, na verdade, só havia aquele prédio ali (MARTA APONTA PARA OS PRÉDIOS VIZINHOS, POIS, A ENTREVISTA FOI REALIZADA AO AR LIVRE, NOS ELEGANTES JARDINS DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) e assim mesmo não tão grande. Só havia aquele salão de reunião e havia um outro prediozinho ali embaixo, uma coisa bem simples, aquele Colméia¹¹⁰ ali, mas, ele não era tão estruturado, depois ele terminou. Então, um diretor, eu vinha muito aqui na FEB pra comprar livro, as mensagens pra fazer aquelas aulas mais dinamizadas, e aí eu vinha sempre na FEB, fiquei amiga de todo mundo que tinha aqui, dos que tinham aqui, e, havia um senhor que era espírita de Araxá, o senhor João Perfeito, ele morava naquela casinha, ele era um administrador aqui, sabe?! Então, um homem de uma cultura espírita, eu falava: “Ah, vou dar uma aula sobre...”. E ele: “Ah, você vai dar aula sobre isso...”. Então, ele ia lá, pegava um livro, e eu comprava, outros ele me dava, era assim... E nesse processo, quando foi no final do ano de 1979, apesar de eu estar bem integrada lá, comecei a ter uma série de sonhos, em dezembro. Durante o mês de dezembro eu comecei a ter vários sonhos com um senhor, era um espírito, eu tinha consciência de que era um espírito, e esse espírito me trazia pra esse cenáculo, o salão de palestra pública da FEB. Então, ele vinha, me tratava bem, e eu gostava dele, eu achava ele tão simpático, sabe, quando você encontra alguém, mas, eu não gravava o nome dele, não gravei o nome dele. Então, eu via pessoas assistindo palestras, inclusive mais tarde essas pessoas, como foram sonhos repetidos, eu encontrei algumas das pessoas que eu vi no sonho, eu encontrei no salão de palestra pública. Então esse senhor, esse espírito chegou pra mim e falou, depois de uns quatro ou cinco sonhos, ele me explicava umas coisas que eu não gravava o quê que ele me explicava, no último dia que eu sonhei com ele, na última vez, ele falou: “Olha, tudo isso que nós estamos fazendo aqui é que nós gostaríamos de convidá-la pra vir trabalhar com a gente aqui.” Eu falei: “Aqui na FEB? Mas, eu tô tão integrada lá.” Ele falou assim: “Mas nós vamos iniciar uma nova fase aqui.” Eu não sabia de nada que rolava com a FEB, nada, absolutamente nada, porque meu mundo era aquela casa espírita...

GB: A Comunhão Espírita?

MARTA ANTUNES: A Comunhão Espírita do Brasil. Então, eu falei: “Mas, por quê?” Ele falou: “Não... Você quer?” Eu falei: “Olha, mas, se o senhor tá falando que é bom... Eu tô gostando de lá, mas, se é pra vir eu venho, claro que eu não vou recusar, eu gostei tanto do

¹¹⁰ Os principais prédios que compõem a estrutura física da FEB, um conjunto com cerca de 5.300 metros quadrados de área, são o da Administração, o Unificação e o Colméia. Disponível em: <www.febnet.org.br>. Acesso em: 17 jul. 2014.

senhor, o senhor é uma pessoa tão assim simpática...” Aí o quê que aconteceu? Eu vim pra FEB no dia 08 de janeiro, eu entrei aqui na FEB. Passado algum tempo - o Thiesen já era presidente – aí que eu comecei a (INAUDÍVEL) esse negócio da FEB, eu vim devagar, e eu ainda fiquei na outra instituição, mas, à medida que eu fui absorvendo os trabalhos aqui, fui me desligando de lá. Aí, de repente eu descobri que o que eu queria era isso: o trabalho que tava na FEB, de levar o conhecimento, de estudar, pelo Brasil, sabe, me identifiquei demais com o trabalho. Apesar de continuar muito ligada à outra casa, ainda sou até hoje, sou muito amiga das pessoas lá, tô sempre lá, mas, aí eu conheci o Thiesen, foi assim amor à primeira vista...

GB: Década de 80?

MARTA ANTUNES: O Francisco Thiesen já era, acho que tinha sido presidente, acho que uns cinco anos antes. Quando o Thiesen veio à primeira vez, ele tava fazendo a transferência da sede pra cá, porque o estatuto da FEB estabelece o seguinte: que a sede da FEB será na capital do país. Como Brasília já era capital desde 68, desde 68 Brasília já era a capital, isso já era 80, já estava muito atrasado pra transferir. Então, o Thiesen foi eleito e foi o presidente que transferiu a FEB pra cá. E nessa transferência pra cá ele fez uma reunião com a gente, eu gostei dele demais, ele veio acompanhado com uma pessoa, Maria Cecília Paiva, era vice presidente, que eu me apaixonei, aquela senhora de cabelo branco, sabe, e eu fui lá, eu era recém chegada na FEB. Eu cheguei em janeiro. O Thiesen chegou aqui com a dona Maria Cecília devia ser o mês de abril, maio. Quer dizer, eu fui convidada pra dar aula aqui pra dar aula na Juventude, tinha uma Juventude espírita aqui. Aí eu estava dando umas aulas aí na Juventude. Quando o Thiesen chega, sabe quando você sente, ele e a Maria Cecília, que eram pessoas que eu conhecia demais, eu falei: “Gente, parecem até minhas parentas, minhas tias e tudo...” Então, na reunião, ele fez uma reunião ali onde hoje é o refeitório, teve uma reunião, debate, que ele ia iniciar uma nova era na FEB, que a FEB ia ser transferida pra Brasília, fez um histórico do que era a FEB, como é que foi fundada a FEB, e foi bom porque eu bebi aqueles ensinamentos... Bom, então, não sabia eu que naquele momento eu estava estabelecendo um vínculo de amizade, um reencontro com espíritos que por certo são espíritos que nós nos conhecemos de muitas épocas. Então, quase no final da reunião, naquela época Cecília Rocha não estava aqui ainda. Ele já havia conversado com ela, o Thiesen, lá no Rio Grande do Sul, pra ela ajudar nessa transferência – a Cecília era muito ligada à Infância e Juventude – então, ela ia cuidar disso. Mas, o Thiesen queria um trabalho com adulto também. Aí ele virou pra todos que estavam ali e perguntou quem é que trabalhava com adulto. Aí

ninguém trabalhava com adulto. Aí, a Ruth, você lembra dela, a Ruth Ribeiro, que foi diretora da FEB?

GB: Sei, conheço de nome...

MARTA ANTUNES: Pois é, a Ruth falou assim: “A Marta! Eu sou mais ligada à Infância e Juventude, mas, a Marta tem uma experiência...” Eu tava conhecendo a Ruth também aqui. A Ruth já estava na FEB, ela cuidava da Juventude, então, ainda era uma coisa assim muito pequenininha, porque a FEB toda o forte era no Rio. Ela: “Acho que você tem, né, acho que você tem uma experiência.” Nem sei se foi a Ruth mesmo, não, não, a Ruth não estava nessa reunião, tanto que depois eu conheci a Ruth. Uma pessoa: “É, eu acho que você tem...” Aí o Thiesen: “Você tem alguma experiência em estudo de adulto?” Eu falei: “Não, até agora eu só trabalhei com adulto.” Aí eu contei da minha história lá da Comunhão. E ele falou: “Então, eu vou te pedir algo. Você vai fazer uma proposta de ensino de adulto. Eu vou nomear um diretor e ele vai te acompanhar aqui em Brasília e você vai fazer uma proposta...” Foi onde eu exerci o primeiro projeto que nós nem sabíamos o nome, que ia ser ESDE, de estudo de Adulto, porque a criança e o jovem já estava com a Cecília Paiva e com a Ruth. E precisava de alguém com experiência, não sabia eu que eu tava abrindo, foi programada a minha encarnação. Aí a Maria Cecília falou assim: “Então, nós vamos fazer um encontro no Rio de Janeiro, em julho, vai vir uma criança com muita experiência na área de Infância e Juventude, que é a Cecília Rocha. Nós já estamos há mais de seis meses em negociação com ela, ela vai se transferir pra Brasília, ela já vem como diretora da FEB, ela já foi na última reunião do Conselho Federativo no Rio nomeada diretora da FEB, então, ela vai vir pra incrementar essa área de Infância e Juventude. Mas aí como nós estamos formando essas equipes, a Cecília Rocha pediu pra fazer um encontro no Rio de Janeiro em julho, já que é um trabalho que vai ser nacional. E nós gostaríamos que você participasse desse trabalho.” Então, todo aquele pessoal antigo que tava aqui, criou até um mal estar porque tinham poucos meses que eu estava aqui e eu fui convidada pra trabalhar num curso, lá no Rio de Janeiro, foi lá na “Casa da Mãe Pobre”, se eu não me engano... Não, foi no abrigo Tereza de Jesus, no Rio de Janeiro, foi dado esse curso e eu acho que nós ficamos eu acho que uns cinco dias... Eu trabalhava na época, consegui uma licença e fomos treinar e nesse curso eu conheci pessoas que até hoje são meus amigos, uma família, um grupo de espíritos que se reunia. Além da Cecília Rocha com quem eu vim trabalhar, quase trinta, mais de trinta anos eu trabalhei com a Cecília, tenho trinta e três anos de FEB. E, depois, eu conheci o Onório Abreu, que na época ele não era presidente da União Espírita Mineira, mas, ele era ligado à Infância e Juventude, e, a Sandra Borba... A Sandra Borba que naquele encontro a Sandra ainda era solteira, morava em

Pernambuco, ela é de Pernambuco, ela é pernambucana. Nesse encontro ela conheceu um rapaz que tava lá representando a Juventude do Rio Grande do Norte, o Assis, começaram a namorar... (DEPOENTE E ENTREVISTADORA SORRIEM COMO QUE TROCANDO IMPRESSÕES SOBRE UM SEGREDO) Pra você ver...

GB: Muitas coisas aconteceram nesse encontro...

MARTA ANTUNES: A Iranilde do Mato Grosso do Sul, a Anélia Sales da Bahia, é, - quem mais? -, Simone da Bahia, aquele grupo de pessoas, a Clara Lila que ficou um tempo aqui agora voltou pro Rio. Então, naquele momento o Plano Espiritual tava delineando um plano pra todos nós – nós não tínhamos a menor idéia – o que a gente pensava era assim: “Ah, eu vou trabalhar com adulto, dar aula de Espiritismo...” Só isso, não via outra coisa além. Então, quando foi início de agosto, final de julho, a Cecília veio, já morando aqui, e aí a Cecília se envolveu muito com a Infância e Juventude, eu fiz uma proposta na parte que o Thiesen pediu, ele me agradeceu. Depois, como a Cecília era formada nessa área de Educação...

GB: Educadora...

MARTA ANTUNES: A Cecília deu uma abalizada, melhorou aquilo ali, né, e eu tava na, era bióloga, biomédica, minha área era bem... eu não tinha... Eu não fiz nem Biologia pra dar aula, eu dei aula de Biologia também, mas, meu negócio era pesquisa acadêmica, como de fato eu fui desenvolver minha vida, depois eu fui ser professora na Universidade. Então, a Cecília deu uma abalizada naquele trabalho, foi aí que ela resgatou uma mensagem que ela tinha recebido um pouco antes dela vir pra FEB, no Rio Grande do Sul, que ela recebeu pela psicofonia¹¹¹, do Angel Aguarod, em que ele falava da necessidade do estudo sistematizado da Doutrina Espírita. Foi aí que surgiu, depois dessa pequena proposta, dessa coisa pequena, que eu fiz, que era muito pequenininha, a Cecília deu uma dimensão melhor, apesar de ela estar de corpo e alma envolvida com a Infância e Juventude, e aí nós começamos a nos apoiar mutuamente. Eu contava com a experiência dela... Inegável... E, dava sugestões nessa área doutrinária, que ela sempre acatou muito. Eu e a Cecília tivemos um relacionamento bom nesse aspecto e, a partir daí nasceu o primeiro, nasceu o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Uma coisa que é interessante, que vale a pena destacar, porque isso não tá escrito, e nem como que surgiu - o nome ESDE as pessoas sabem por causa da mensagem da Cecília que já foi divulgada - mas, uma coisa que eu acho que pouquíssimas pessoas sabem é que logo que foi montado o primeiro currículo pra Infância e Juventude, que foi convocado o

¹¹¹ Segundo *O Livro dos Médiuns*, uma das obras que compõem a codificação da Doutrina Espírita, os tipos de mediunidade, ou seja, os tipos de expressão do fenômeno mediúnico, que é o resultado da aproximação, da afinidade moral, entre o médium e o espírito, são: psicografia, pneumatografia, (KARDEC, 2008).

Brasil todo, o conselho federativo¹¹² aprovou e tudo.. eu vivi esse momento assim, trabalhava, com filho, com tudo, mas, eu vivi vinte e quatro horas aquilo. Naquela época a gente não tinha computador, a gente não tinha o celular, eram aquelas máquinas de carbono. A gente só escrevia, tudo era mais ou menos escrito. Parece que quanto mais difícil a coisa, mais... Então, eu me lembro quando o senhor Thiesen trouxe uma máquina de escrever do Rio, parece que a gente tava recebendo... nem sei... (RISOS)

NESSE MOMENTO, NARRADORA E ENTREVISTADORA, EM UNÍSSONO, DENTRE RISOS: Um computador de última geração!

MARTA ANTUNES: Então, foi uma festa. E nisso, a Cecília fez uma proposta – o Thiesen era um homem que tinha uma visão de futuro, ele via muito além... E, nós ainda não tínhamos, porque isso – oitenta vim pra cá -, oitenta e oitenta e um, metade de oitenta e dois, Cecília mergulhada no DIJ... Quando foi acho que em oitenta e dois - mas aí nós começamos a trabalhar o ESDE – a Cecília fez uma proposta ao Thiesen que nós na época achamos: “Será que ele vai conseguir, nós não temos nem máquina de datilografia direito?” Mas, ele topou. Foi fazer o Encontro Internacional da Infância e Juventude, um encontro de oito dias. Veio gente do México, veio gente da Europa, da América Latina. Olha, você não tem idéia, e nesse encontro eu fiquei trabalhando na cozinha. Porque nós tínhamos como hoje essa sofisticação, *buffet* que pode cobrar mais barato.. Não... Nós não tínhamos *freezer*, nós não tínhamos entrado na época ainda dos congelados que você preparava uma carne.. Não, tinha nada disso... A gente, pra fazer um evento que foi de cinco dias, nós trabalhamos quase vinte dias aqui direto na limpeza, organizando. E chegou um pessoal de Portugal, hoje estão, duas pessoas de Portugal, um família que chegou, era o Adriano que veio a ser o presidente do Congresso Espírita em Portugal, assessor da Federação Espírita Portuguesa e presidente de uma casa espírita lá em Lisboa chamada Comunhão Espírita de Lisboa, o Adriano casado com a Laurita, Mara Laura, e a Laurita veio ela, com o Adriano, o esposo, trouxe uma filha, uma única filha que ele tinha, a Sara, e trouxe mais duas meninas muito dedicadas ao Espiritismo. Vieram essas cinco pessoas de lá. E a Laurita tinha uma mediunidade de psicofonia muito boa e, quando no meio da conversa, no meio da comida, no meio de tudo, porque tudo era voltado pra Infância e Juventude, a Laurita – a gente nos quartos, porque estavam todos hospedados aqui –, a Laurita falou: “Engraçado, vocês vão ficar só no estudo de crianças e de jovens?” Eu

¹¹² Refere-se ao Conselho Federativo Nacional, que ocorre anualmente na FEB e reúne as lideranças federativas regionais do Brasil inteiro para que sejam discutidas diretrizes gerais para o movimento espírita em âmbito nacional nas áreas de: Atendimento Espiritual no Centro Espírita, Comunicação Social Espírita, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Infância e Juventude, Atividade Mediúnica e Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita.

falei: “Não, já tem uma outra proposta aí, inclusive eu estou trabalhando junto, eu faço parte do grupo, a Cecília quem vai ficar mais na frente porque ela tem mais experiência na Educação, eu tenho uma boa base espírita, mas, a Cecília tem uma vivência maior nisso, mas, agora o foco é Infância e Juventude, mas, nós estamos pensando em criar um curso para a adulto propriamente dito, porque o jovem é adulto, mas, o adulto que está fora dos padrões da Juventude.” Aí ela falou assim: “Ah, é?! Você sabe por que eu tô te falando isso, Marta?” Eu falei: “Não!” Depois eu chamei a Cecília pra ela ouvir esse depoimento... “Porque eu estava lá no centro espírita, na Comunhão Espírita Cristã de Lisboa quando um espírito me deu a mensagem que era preciso fazer um curso pra adultos chamado Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita.” O mesmo nome que Angel Aguarod deu pra Cecília lá...

GB: No Rio Grande do Sul!

MARTA ANTUNES: Rio Grande do Sul! Então, a Cecília até falou que nós já estávamos pensando naquele trabalho, pensou na confirmação daquela idéia...

GB: Uma confirmação importante...

MARTA ANTUNES: Confirmação. Então foi uma coisa muito interessante. Isso foi.. Se não foi em oitenta e um, eu tô ruim de lembrar a data, foi em oitenta e um ou em oitenta e dois, é só pegar os arquivos da FEB da época, Reformador. Quando foi... Aí nós começamos a trabalhar pra valer num programa, o DIJ já começou a fazer esses mesmos roteiros e nós começamos a trabalhar o ESDE. A Cecília fazia toda aquela revisão pedagógica, doutrinária, que consta desde o primeiro, das primeiras publicações do ESDE. Mas, eu ficava, eu elaborava, como até hoje, eu elaborei todos os roteiros. Muita coisa precisou revisar, da minha imaturidade, mas, quem era o meu revisor era o Thiesen, que aí o Thiesen ficava mais em Brasília do que no Rio, precisava consolidar essa transferência. Então, eu trabalhei muito com o Thiesen. O Thiesen era uma pessoa muito firme, conhecia a Doutrina Espírita profundamente, foi uma das pessoas que mais conheciam a Doutrina Espírita que eu tive conhecimento. Ele era uma pessoa que às vezes dava um pouco de medo às pessoas porque ele era muito austero, aquele jeito de gaúcho, muito sim, sim, não, não. Ele era uma pessoa assim, como diz o Divaldo, ele não é a pessoa que manda recado, ele dá o recado. Mas, aquilo era um coração maior do que ele, ele era bem alto. E hoje vendo o filho dele aqui, o Sérgio Thiesen, me lembrei, me emocionei, enchi os olhos de lágrima porque eu lembrei do pai dele, a cara do pai dele. Então, eu com isso o Thiesen que fazia minhas revisões, e nós tínhamos cada bate-boca que você nem imagina. Naquela época nós criamos um grupo de pessoas, eram vinte e poucas pessoas, pra escrever os textos do ESDE. A primeira apostila do

ESDE¹¹³, aquela primeirinha, foi resultado, inclusive o Nestor Masotti foi um dos que escreveu. O Jonas em Belém, do Brasil inteiro, o Dr. Lauro no Rio, eu, e, por exemplo, o Dr. Lauro Santiago, que era vice-presidente da FEB, viu os textos muito longos, um assunto fazia umas dez páginas. Eu tinha que ter o trabalho de sintetizar. Já o José Jorge, que era professor de Português, o José Jorge, um assunto, que era pra ser grande, ele fazia uma página... (RISOS)

GB: (RISOS) Sintético demais!

MARTA ANTUNES: E o Thiesen, no final ele lia, ele recebia os originais, ele que passava pra mim, ele lia e depois ele via o trabalho que eu fazia. E esse processo foi uma experiência muito rica pra mim, porque eu tive que pegar tudo isso, pessoas já conhecidas, importantes e, ao mesmo tempo eu tinha que algumas coisas recusar, algumas coisas aceitar. Por exemplo, um detalhe que talvez vocês não saibam: quando a gente foi fazer aquelas referências bibliográficas o Nestor, que era presidente da USE, sugeriu que a gente colocasse - porque as referências bibliográficas geralmente a gente faz por ordem alfabética, ou de ordem de citação no texto e no final você põe o nome do autor- mas, como era um trabalho espírita, que a gente deveria colocar primeiro o nome do codificador, as obras do codificador e depois os demais autores. Pra você ver que a gente ainda mantém esse padrão. Primeiro, mesmo que a citação de Kardec seja a última, dentro do roteiro, mas, ele vai na bibliografia... Foi uma sugestão do Nestor. Outra sugestão do Nestor que foi muito feliz, porque a gente colocava “Pergunta. Livro dos Espíritos, Pergunta número tal.” Ele sugeriu que não colocasse “Pergunta”, colocasse “Questão”, porque tinha pergunta que era questão e tinha questão que era pergunta, então a palavra “Questão” abrangia as duas coisas. Então, pequenas coisas, sabe, o Jonas de Belém achava que a gente tinha que fazer uma ligação com a parte social... Então, nós fomos fazendo. Mas, em 83 a gente lançou o ESDE no Conselho Federativo Nacional, mas, esse trabalho já não contava com aquelas vinte pessoas. Nós tínhamos no máximo umas cinco. Quando foi lançada a segunda apostila nós contávamos ainda com o Jonas e com o José Jorge, os demais não podiam mais, e eu, nós três. A terceira, porque aquela época eram cinco, né, apostilas, da terceira em diante foi só eu, entendeu? A Cecília ajudava nessa parte, era ela quem fazia, na verdade, a parte Roteiro, sugestões de técnicas, dinâmicas, aquele negócio, eu não sabia nada daquilo. Eu fui aprendendo um pouco com o tempo, meu negócio eram os textos, o Thiesen revisou... Quando a gente terminou a apostila, tava as cinco, aquelas cinco colocadas assim, o Thiesen falou: “Você quer saber de uma coisa, sabe qual é a minha

¹¹³ Registramos através de fotos as primeiras apostilas do ESDE em nossa segunda ida à FEB, entre os dias 26 e 28 de março de 2014.

avaliação? Vocês não vão gostar...” Virou pra mim e pra Cecília. “Mas, eu vou falar! Esse negócio tá muito repetido, esse negócio aí deveria ficar a metade.” Aí eu falei: “Ah, eu não acredito! Desde que não seja eu...” Ele falou: “Não, mas é você, você que vai fazer isso...”

NESTE MOMENTO, NARRADORA E ENTREVISTADORA RIEM MUITO... Então, como foi lançado o ESDE em 83 eu fui nomeada, nessas alturas eu já era Diretora da FEB, acho que foi em 82, um ano, dois anos depois eu me tornei Diretora da FEB. Então, em 83, quando foi lançado o ESDE, eu já tava aqui no Campo Experimental desde 81, eu fui coordenadora do ESDE durante dez anos. Depois de dez anos, antes de completar dez anos, a Federação Espírita Catarinense lançou uma proposta de fazer a mesma coisa com o estudo da Mediunidade, então, eu deixei a coordenação do ESDE, fui fazer as apostilas, era só eu que fazia... A pessoa que ficou até o final, nas cinco apostilas do ESDE, aquelas cinco primeiras, foi o Jonas, de Belém, porque eram vinte e tantas pessoas. Inclusive aquele desenho, aquele Roteiro, a imagem de Kardec aqui, objetivo, foi o marido da Clara Lila, o senhor Hélio, ele era uma pessoa muito importante na Imprensa Nacional, e ele que mandou os desenhistas da Imprensa – porque tudo era na base da colaboração, tudo gratuitamente– ele pagou por fora, eu acho. Mas, no final, naquelas cinco apostilas iniciais, só ficaram fazendo os textos o Jonas de Belém, Jonas Barbosa, com quem eu estabeleci vínculos de amizade, mesmo ele desencarnado a gente permanece, e o José Jorge, foram os que ficaram até o final. Então, quando chegou a segunda versão - o Thiesen já tinha desencarnado - aí saiu uma versão das cinco primeiras, mas, só mudou a capa e corrigimos erros de Português, tal. Depois passamos pra três, aí já foi um trabalho aí todinho que eu fiz, e daí por diante a gente assim não, da Mediunidade também foi a gente que fez e do EADE fui eu quem fiz sozinha. Foi muito pesado pra nós, porque eu fiquei a vida toda mergulhada no Espiritismo. Agora para o novo curso da Mediunidade que vai ser lançado, já mandamos até para a editora, é que nós estamos contando com algumas pessoas que dividiram comigo essa tarefa de escrever, mas, também é mais um só que ajudou, mais dois. Então, essa é a caminhada do ESDE...

GB: E o ESDE, Marta, como eu tava te perguntando - que diz respeito ao terceiro ponto norteador da nossa entrevista – a maneira como ele é concebido, organizado, sistematizado, ele possibilita às pessoas uma revisão íntima, uma transformação espiritual?

MARTA ANTUNES: Ele pode, Gabrielle, ele pode, mas, ele não pode, eu vou explicar: eu acompanhei muito de perto a vivência do ESDE. Quando foi colocada a primeira turma do ESDE aqui na FEB, ali tem dois refeitórios (MARTA REFERE-SE AOS DOIS PRÉDIOS SITUADOS MAIS À FRENTE DE ONDE ESTÁVAMOS FAZENDO A ENTREVISTA), no da direita, era ali que funcionava, na época do Conselho era refeitório, se não durante o

ano era o ESDE. Então, eu me lembro da minha imensa frustração – eu muito jovem, a gente quer as coisas de imediato, você trabalhou ate não poder mais, madrugada adentro e, de repente... Fizemos a propaganda, foi lançado, emocionando, Dr. Bezerra de Menezes deu aquela mensagem maravilhosa do lançamento, de repente nós chegamos e tinha aqueles “gato pingado”, “gato pingado” dentro da sala, e a Cecília falava umas palavras e eu ia fazer a aula inaugural, o Thiesen e a Cecília lá, e eu vejo aqueles “gatos pingados” sendo, não devia ter o quê? Umas dez, doze pessoas, sendo que só tinha uma pessoa, que depois se tornou muito ligado a nós, que é o Godinho, que não era um dos trabalhadores da casa. O Godinho tinha se transferido pra Brasília, ele era da Aeronáutica, acho que era capitão, veio pra Brasília, e foi o único que não era... (RISOS DA ENTREVISTADORA...) Eu cheguei, mas eu fiquei numa frustração, pra você ver como é que a gente tá fora realidade, agora não, a gente já tem... Aí eu falei, o Thiesen falou, no final, depois, eu subi, fui lá pro apartamento da Cecília, e ela: “O quê que foi? Você tá com alguma coisa diferente!” Eles já me conheciam, aí eu falei: “Mas, que droga, a gente faz um trabalho desse, desde 81 que a gente tá ralando aqui...” (RISOS DE AMBAS...)

GB: Isso era 83?

MARTA ANTUNES: Isso é 83, logo depois do lançamento. Aí o Thiesen falou: “Ah, Marta, isso é uma coisa que você vai aprender com o tempo, não tem importância...” Aí eu não sei se ele falou essa é a mágica do Espiritismo ou o seu valor, ele usou uma palavra assim. “Se você fizer pra um e outro, já são dois, se dois passarem pra mais dois, é um crescimento exponencial. Não se preocupe!” Mas, eu não me convenci muito. (RISOS DE AMBAS...) Eu não fiquei muito convencida, não. (RISOS...) Ora, naquela época eu vivia no laboratório, correndo na universidade, cheia de aluno, aí eu chegava aqui, que pra mim era a coisa mais importante, ia libertar as pessoas, esclarecer as pessoas, eu falava assim: “O Emmanuel é um sábio, ele coloca dois caminhos pro indivíduo chegar à presença de Deus: pelo conhecimento e pela vivência da mensagem de transformação moral, e nós estamos proporcionando isso...” E chegam aqui esses “gatos pingados”? (MUITOS RISOS...) A Cecília riu, a Cecília dava gargalhada porque ela já tinha experiência, sabia como é que funcionava, eu era imatura, mas, eu fiquei meio chateada, não falei nada pra ninguém, continuei, mas...

GB: Quer dizer que essa é uma particularidade do lançamento? (RISOS...) Não teve pompa...

MARTA ANTUNES: Não teve nada... Isso inclusive, Gabrielle, é bom pra fazer a gente cair na real, nada de querer voar, de se achar a tal, nós somos meros executores, e quando somos, porque às vezes a gente não capta bem a mensagem. Fiz meu discurso, a Cecília

chorava de tanto rir com o meu discurso, compreendendo a minha imaturidade, a minha juventude, né, então, aí eu continuei, mas, eu nunca sou de desistir de nada, aí falava pra minha família, falava pra todo mundo, e ficava com raiva quando os meus irmãos não queriam vir. Mas, uma companheira do grupo mediúnico, você ver como é que são as coisas, do Ceará, ela é cearense, agora voltou aqui pra Brasília, tá na FEB, Maria Celi, ela é sobrinha-neta do Pedro Richard, que foi diretor da FEB, a Maria Celi, quando o marido dela era militar e ele aposentou, ela voltou pro Ceará. Agora eles voltaram pra cá porque os filhos estão aqui. Encontrei muito com a Maria Celi quando eu ia ao Ceará. E a Maria Celi era uma das que davam aula no ESDE, também, porque depois foi ampliando, aí foi ampliando, mas, antes disso sem que ela soubesse, ela nem era monitora ainda, ela era do nosso grupo mediúnico, e quando terminou uma reunião, ela falou: “Marta, eu queria falar uma coisa com você.” Me lembro direitinho a gente saindo do grupo mediúnico, ela de braço dado comigo. “Eu não quis falar na reunião porque o pessoal, sei lá, podia pensar que eu tô com, sei lá o quê que podia pensar. Mas, eu vou falar uma coisa pra você, teve um momento no grupo mediúnico que eu tive uma vidência que esse trabalho que você tá iniciando..” Porque nós estávamos iniciando novas turmas pro ano que vem. “Eu vi uma multidão de pessoas.. “ Olha, me emociona essa mensagem da Maria Celi, ela teve aqui na FEB outro dia, eu encontrei com ela, ela tá frequentando aqui de novo, e eu falei: “Maria Celi, você lembra daquela mensagem...?” Ela disse: “Eu vi uma multidão de pessoas estudando esses materiais, eu fiquei tão entusiasmada que eu vou comprar esse material, eu vou ler. Era uma multidão, eu vi seguindo você, mas, não era seguindo você, Marta, como se você fosse uma líder, mas, seguido aquela ideia. Eu vi assim como se o Brasil inteiro tivesse...” Você ver que coisa... Aí os espíritos tiveram compaixão de mim e da minha frustração (MUITOS RISOS...), apesar de que eu não pensei em nenhum momento de abandonar, mas, devem ter dito: “Fica sossegada, menina... (INAUDÍVEL...)” Porque isso é um programa de Ismael, um programa de Ismael, não é um programa nem de Bezerra, nem de Marta, nem de Cecília, nem de Thiesen, esse é um programa mais alto. Bezerra, com toda elevação espiritual, é um instrumento, e nós bem menor escala somos também um instrumento. Então, o ESDE dá, sim, ele dá porque ele tem a doutrina fiel codificada por Kardec, tem essa parte que fala da transformação moral, não adianta você ter só o conhecimento, você tem que amar e instruir, porque se você só instruir, se inverter a coisa, não dá certo. A gente vê um mundo aí de terrorismo, de coisas, que a pessoa tem a

instrução, mas, não tem moral. Então, por isso que aquela frase de Emmanuel em “Caminho, Verdade e Vida”¹¹⁴ que fala dos dois caminhos para a presença de Deus. Mas, qual é a fragilidade do ESDE? E isso eu detectei, eu não fui coordenadora nacional do ESDE, quando eu entrei no movimento espírita, que eu tava muito envolvida aqui, eu fui coordenadora de Mediunidade. Então, o que foi que aconteceu? É que a gente começou a ver que em algumas casas espíritas, e inclusive federativas, e inclusive aqui alguns grupos, aqui na própria FEB, era muito técnico, ficava muito preocupado com aquele negócio de trabalho em grupo, daquelas dinâmicas grupais e o conteúdo, ao invés de ser o primeiro lugar ficava para segundo. Eu tive muitas discussões com a Cecília, tinha pessoas ótimas, mas... “Eles estão priorizando a técnica! A técnica é um meio, como você cansou de me ensinar.” Então, começou-se a estabelecer treinamento. Então, eu acho que o ESDE passa a ser uma coisa assim muito de escola, muito escolarizado, quando ele não vê aquele material tão nobre de transformação que auxilia o nosso progresso... E depois ele tem uma coisa inédita, ele tem uma coisa inédita, o ESDE. Muitas pessoas estudavam, eu lembro do meu pai estudando em casa, eu lembro de pessoas que se reuniam, estudavam, mas, esses eram trabalhos isolados. São Paulo com aquela campanha “Comece pelo começo”, mas, mesmo a campanha “Comece pelo começo” era isolada. Com a coisa nacional, e agora internacional, já alcançou várias federativas de países... Ele tem... É um programa bem delineado... Tanto que nos países latino americanos, eu conheço alguns do Uruguai, do Chile, no Peru, na Costa Rica, não, na Costa Rica, não, no Panamá... É, na Argentina, na própria Colômbia, Colômbia nem tanto... Eles não usam aquela parte pedagógica. Eles pegam a apostila, eles não têm essa vivência como nós temos, alguns como na Colômbia já tem alguma coisa, mas, a maioria, é chegar lá e fazer uma palestra. Mesmo com isso, como eles estão fazendo, uma palestra e depois tem o debate, então, funciona. Então, em muitos lugares ficou muito aquele tecnicismo. Eu acho que é nesse ponto que a pessoa pode se perder, que o ESDE tem que fazer esse resgate, que a dinâmica é uma boa, que as pessoas aprendem a viver, a se socializar, a respeitar a opinião do outro, a ouvir, debater, isso é muito bom na formação, nesse processo de socialização e pra gente fazer um trabalho grupal, a gente trabalha como uma equipe na casa espírita, mas, você tem que tomar cuidado pra que aquilo não seja o

¹¹⁴ Emmanuel, mentor espiritual de Francisco Cândido Xavier escreveu através da psicografia do referido médium mineiro várias obras, dentre elas romances históricos que são narrativas de suas próprias encarnações e outras que tratam de diversos assuntos de cunho moral. A seguir informamos aquelas de maior relevância: “Há dois mil anos”, “Cinquenta anos depois”, “Paulo e Estêvão”, “Renúncia”, “Ave, Cristo”, “A Caminho da Luz” e, obras que são compilações de mensagens que versam sobre temas sobre vida, morte, reencarnação, espiritualidade, laços frateros, etc.: “Caminho, Verdade e Vida”, “Fonte Viva”, “Pão Nosso”, “Vinha de Luz” e muitas outras.

essencial, o essencial é a Doutrina. Então, eu acho que hoje, depois de trinta anos, trinta e dois anos, né?!...

GB: Trinta anos agora, fazendo, mas, juntando com o tempo de gestação no Rio Grande do Sul, já dá trinta e cinco.

MARTA ANTUNES: O Monteiro fez uma proposta, estávamos falando no Monteiro, como a Cecília teve aquela mensagem, o Monteiro fez uma proposta lá. Essa proposta foi apresentada à FEB e nós, digamos que, para a construção do ESDE nós nos baseamos muito naquela proposta, mas, lá pelas tantas, quando foi apresentada no Conselho Federativo, a proposta não foi muito bem aceita, naqueles moldes, aí nós fizemos as adaptações, e saiu o programa da FEB. E o Monteiro, como ele era uma pessoa – nós trabalhamos muito tempo juntos – mas, o Monteiro, ele, depois aposentou também do Exército e foi para Fortaleza, mas, o Monteiro tinha esse outro lado. Monteiro achava que esse curso era muito longo, e de fato era, ele tinha que ser enxuto, ele é um curso básico... Você vai para uma universidade hoje é um ano, um ano e meio, não tem mais aqueles cursos de cinco, seis anos... Um curso básico é um curso básico, depois você aprofunda. Foi por isso que nós criamos o EADE, porque a Cecília achou que o ESDE estava muito pequeno com três, mas, não tava, e vai ser mais encolhido ainda, vai começar a revisão agora em dezembro. Mas, o que aconteceu com o Monteiro? O Monteiro pulou no outro extremo. Eu falei: “Monteiro, pulou no outro extremo.” Porque o curso tava muito longo, tava mesmo, a avaliação dele tava correta, mas, por outro lado ele começou assim, em seis meses, três meses criar monitor... Não pode ser assim também, aí você tá banalizando demais porque você tem que ver a heterogeneidade das pessoas que chegam na casa espírita. Então, eu acho que um curso de um ano, um ano e meio, bem estruturado, você pode fazer até um ano corrido, de janeiro a janeiro, ou de janeiro a dezembro, ou então um curso de semestre, que você faz em um ano e meio, tá ótimo. Aí você dá para discutir, dá para analisar, e, em vez de ser de uma hora e meia, deveria ser duas horas. Estamos propondo a mudança, já fizemos na Mediunidade... Então, eu fui lá no Monteiro, fui lá no Paulo e Estêvão, nós temos muita ligação afetiva um com o outro, nós trabalhamos aqui, “ralamos pra caramba”, mas, na hora de colocar em prática aquilo, ele não aceitava. Eu concordo plenamente, o próprio Thiesen quando viu também achou que tava longo, que tava repetitivo, tinha que enxugar mais, mas, não ao ponto de fazer um curso em dois meses, em três meses. Então, eu acho que ele promove, assim, essa melhoria, porque a gente tá cumprindo aquele papel que os espíritos esperam da gente, que é a revivência do Cristianismo, o Consolador prometido por Jesus, que é reviver a mensagem dele, através da Doutrina Espírita.

MARÍA TERESA CRUZ REYES (MAYTE - VIOLETA)

IDADE: 59 anos (1955)

ESTADO CIVIL: Casada

PROFISSÃO: Agente de Seguros Medlife

CIDADE: Alcázar de San Juan - Ciudad Real - Espanha

PAÍS: Espanha

TEMPO DE DOCTRINA ESPÍRITA: 15 anos

ATIVIDADE QUE EXERCE NO MOVIMENTO ESPÍRITA: presidente Centro Espírita Amor Fraternal (Alcázar de San Juan – Ciudad Real - Espanha), vice-presidente do Centro de Estudios Espíritas Sin Fronteras (CEESF), coordenadora da Comissão de Seminários, Eventos e Congressos da Federação Espírita Espanhola (Federação Espírita Espanhola, situada em Madri) e representante da região (reúne cinco centros espíritas), na província de Ciudad Real, junto à FEE.

LOCAL DA ENTREVISTA: Gabrielle Bessa em Fortaleza/CE/Brasil, Maria Teresa Cruz em Alcázar da San Juan/Ciudad Real/Espanha e Carlos Campetti em Cayena/Guiana Francesa - via Skype.

ENTREVISTA REALIZADA EM 01 DE OUTUBRO DE 2014

Indago à nossa entrevistada, inicialmente, como ela e Carlos Campetti se conheceram, quais as circunstâncias e se ela lembrava o ano.

Ela nos relata que, com a carência que havia na Espanha de literatura espírita, em castelhano, ela e o marido resolveram ir à sede da Federação Espírita Espanhola, em Madri, para comprar uns livros de André Luiz, e lá estava Carlos Roberto Campetti. Eles tinham combinado de encontrar, também, com D. Rafael e, no encontro, conversaram sobre a importância do estudo sistematizado, e sobre a necessidade de se criar um grupo espírita em Alcázar de San Juan. Esse foi seu primeiro contato com Carlos Campetti, e o ano era 1993. Indago se Carlos estava em atividade naquele momento na Espanha, e ele responde que tinha chegado há pouco tempo no país, foi final de 1993. Neste dia Carlos explica para Mayte e seu esposo – Luiz - o que era o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita e a importância de, uma vez criado o grupo, estudar o Espiritismo através desta metodologia. O desdobramento do encontro em Madri foi um convite que foi feito a Carlos e D. Rafael para que fossem a Alcázar de San Juan, pois, ali seria reunido um grupo de pessoas da região, interessados em estudar o Espiritismo, para que eles soubessem o que era o estudo sistematizado e como eles poderiam criar o grupo de estudos. Mayte também e, que ela falava com uma rádio da cidade dela para que fosse feito

um programa de rádio. Quando Carlos foi à Alcázar de San Juan, de fato, foi articulado o programa de rádio e, semanalmente, Carlos Campetti e D. Rafael iam à cidade para fazer o referido programa. Vale ressaltar que D. Rafael era, a essa época, presidente da Federação Espírita Espanhola. Posteriormente, foi criado um jornal espírita e Carlos Campetti passa a colaborar com artigos para o periódico da região. Em 1992 foi realizado, na Espanha, um evento internacional que deu origem ao Conselho Espírita Internacional (CEI) tendo, naquele momento, Dom Rafael como Secretário-Geral. Assim, com as visitas periódicas de Carlos Campetti à Alcázar de San Juan, é criado o Centro Espírita Amor Fraternal. O referido centro foi criado num local cedido pela intendência, abandonado, que antes tinha sido uma escola, e ainda possuía muitas carteiras e mobiliário antigos. Na primeira visita ao local, à medida que eles iam entrando, Carlos Campetti ia vendo o centro todo pronto, funcionando, e ele dizia para nossa entrevistada e seu esposo: “Olha, é bom vocês reservarem esse espaço para a sala mediúnica no futuro, essa aqui o salão das palestras, aqui a sala de passe...” Quando indagada como eles conseguiram o espaço para o centro espírita junto à intendência, Mayte relata que Divaldo Pereira Franco foi convidado para fazer uma palestra no Salão de Atos da Prefeitura e o prefeito, que era agnóstico, estava assistindo-o e, ao final da palestra, chamou Mayte e Divaldo – Carlos Campetti estava presente naquele momento – e disse: “A partir desse momento você já tem um local para a sua associação.” A partir de então o prefeito deu algumas indicações de local e Mayte foi escolher. No dia da inauguração do Centro Espírita Amor Fraternal muitas pessoas falaram, Carlos Campetti proferiu a conferência principal e o prefeito simbolicamente entregou as chaves da cidade para o Espiritismo, solicitando, ainda, que a Federação Espírita Espanhola doasse livros da codificação para a Biblioteca Pública da cidade. Tais fatos atestam a comoção deste, cuja mãe falecera um dia antes da inauguração do centro, com os pressupostos espíritas. O nome do prefeito, chamado na Espanha de intendente: Anastasio Lopez Ramirez. Quando indagada se nossa entrevistada recordava de algum outro trabalho em que ela e Carlos Campetti estiveram juntos, esta responde que, na sequência, na mesma região, surgiram dois outros centros: um em Manzanares, de nome Centro Espírita A Camino de la Luz - cujo presidente viria, posteriormente, a ser presidente da Federação Espírita Espanhola. Vale registrar que esse primeiro presidente do Centro Espírita A Camino de la Luz, Salvador Martin, compreendeu tão bem a proposta do ESDE que, quando assumiu a presidência da federação, implantou o primeiro estudo do ESDE pela internet. Com relação à fundação do outro, Centro Espírita Jesús de Nazaret, em Tomelloso, Carlos Campetti se reuniu com os interessados para conversar com eles sobre a criação do centro, que já possuía um grupo que periodicamente se reunia para estudar o Espiritismo,

então, após esse encontro o centro é criado. A inauguração se deu quando Carlos estava em viagem de divulgação na Espanha, e realizou a sua conferência inaugural. Na época, Salvador Martin interferiu no nome do centro para que este viesse a se chamar Centro de Espiritismo Jesús de Nazaret, para que a federação pudesse utilizar a legalização desse centro para seus fins, que fosse associado a ela e possuidor do termo "espiritismo", pois, as leis espanholas, muito restritas à época, não aceitavam esta terminologia. Dom Rafael teve muita participação nos avanços das leis espanholas para que estas reconhecessem o termo espiritismo no país. Na inauguração do Centro de Espiritismo Jesús de Nazaret ocorre um fato interessante: instantes antes da palestra inaugural do centro iniciar, Carlos começou a sentir a presença daquela que é uma das grandes expoentes do movimento espírita na Espanha e hispano-américa, Amalia Domingo Soler (1835-1909), que o informa que vai inspirá-lo naquele trabalho, pois, aquele público precisava escutar algumas coisas específicas. Até metade da palestra, que teve como tema "O Consolador Prometido", Carlos Campetti conta que este transcorreu como habitualmente, mas, num determinado momento, ele próprio narra que se sentiu completamente influenciado pelo espírito, e que este, ao final da preleção, o informou que o acompanharia nos dias de divulgação do espiritismo em solo espanhol. Segundo Carlos Campetti, a vertente e as reflexões do tema da conferência foram completamente inusitadas para ele, que já tinha tratado em outras oportunidades daquele conteúdo. Vale ressaltar que esse foi o tema proferido por Carlos Campetti no dia em que Armando Souto Maior se sensibilizou para os estudos da Doutrina Espírita, em 1994, nos Estados Unidos. Em determinado momento, sem que eu esperasse, Mayte escreve a frase abaixo transcrita para mim, através do Skype:

"EL ES MI HERMANO MAYOR, ES UNA AUTORIDAD PARA NOSOTROS, POR SU COMPORTAMIENTO MORAL" Mayte sobre Carlos Campetti

Mayte descreve uma situação peculiar vivida por Carlos Campetti naquela viagem de divulgação da Doutrina Espírita em solo espanhol: em Málaga, um dos locais onde Carlos proferiu palestra, ela e a filha assistiam quando, em determinado momento, sua filha chamou sua atenção para o fato de que Carlos começava a apresentar uma ligeira modificação no seu semblante, uma certa transfiguração, uma mudança facial. Outros centros espíritas, bem como a implantação do ESDE e estudo da Mediunidade nesses lugares, tiveram a influência de Carlos Campetti, tal como em Palma de Malorca – uma ilha na Espanha -, chamado Centro Espírita Emmanuel e o Centro Espírita Mensajeros de la Luz (CEMEL), em Madri, valendo destacar que este foi o primeiro centro espírita fundado por Carlos Campetti no exterior, além do Centro Espírita Recinto de Paz (CERPAZ), situado na cidade de Murcia, na Espanha. O

CERPAZ, no início, era apenas a reunião de um pequeno grupo de pessoas já detentoras da documentação necessária para a fundação da casa. Em encontro com Mayte, Miguel Vera Gallego, responsável pelo grupo desde o início, relatou já possuir os documentos para a fundação da casa e ela, naquele momento, o incentivou bastante a finalmente fundá-la. Este encontro aconteceu em um simpósio sobre Mediunidade, em que Carlos Campetti proferiu conferência, no ano de 2002. Saindo um pouco do assunto mais relacionado à amizade e aos trabalhos realizados entre Mayte e Carlos Campetti, pergunto à mesma se sua família era espírita como ela e, como a história me pareceu muito interessante, solicitei que ela escrevesse para mim como foi o início da história familiar com o Espiritismo, escrito que transcrevo a seguir:

¿Cómo conocí el Espiritismo?

Corrían los años sesenta, cuando mi hogar paterno se componía de 4 personas, mi Madre, mi Padre, mi Hermana y yo, conocida como Mayte. Vivíamos, como hasta ahora, en Alcázar de San Juan, provincia de Ciudad Real.

Mi hermana - Mercedes, o Merche, como la conoce todo el mundo – cayó enferma con ataques epilépticos. Mi madre la levó a todos los médicos que nos iban recomendando, hasta que pasados algunos años llegamos a casa de un amigo espiritista, llamado Juan, padre de Salvador Martín, que vendría a ser, mas tarde, Presidente de la Federación Espírita Española. Cuando mi hermana lo conoció y Juan le hablo de la Doctrina, no como la conocemos ahora, sino a su estilo y maneras, ella dijo que eso era lo que andaba buscando, pues “éramos” católicos, menos mi padre que no profesaba ninguna religión. Pero aunque yo aparentemente “era” católica, tampoco creía en esas cosas de los espíritus. Mi hogar se transformó en dos bandos: de un lado los católicos, compuesto por mi madre y mi hermana, que creían en los espíritus y, por eso, eran para nosotros el bando de las brujas; y de otro, los neutrales, que éramos mi padre y yo.

En el año 1984, me casé con Luis, y tras el conocimiento que íbamos adquiriendo del Espiritismo a través de las visitas que hacíamos a Juan, en Manzanares, empezamos a leer libros espíritas en nuestra casa, junto a otros familiares y amigos.

Un día, leyendo el libro “El Tesoro de los Espíritas”, de Miguel Vives, encontramos en una de las primeras páginas el sello de la Federación Espírita Española, legalizada por D. Rafael González Molina, el día 21 de noviembre de 1984, en Madrid.

Por el año 1993, decidimos ir a visitar la Federación Espírita Española para comprar algunos libros espíritas, entre ellos los de André Luiz. Allí conocimos al antes mencionado D.

Rafael y programamos unas visitas a nuestro pueblo, Alcázar de San Juan, en la provincia de Ciudad Real.

En aquel año, vino a Madrid Doña Cecília Rocha con Rute Ribeiro y Marta Antunes, todas de la Federación Espírita Brasileña, y, juntamente con Carlos Campetti, presentaron el Estudio Sistematizado de la Doctrina Espírita en la FEE. En otra oportunidad, D. Rafael González Molina organizó una gira por España con Doña Cecilia Rocha, presentando el Estudio Sistemático de la Doctrina Espírita, junto con Carlos Campetti y Tossie Yamashita.

En su segunda visita a Alcázar, D. Rafael trajo un tal Carlos Campetti, que participó con él de un programa en la Radio Canfali, hablando de Espiritismo. En aquella oportunidad Carlos se comprometió a escribir artículos que serían publicados en el periódico de nuestra región. Los programas de radio se repitieron en diversas oportunidades. De esos encuentros nació nuestra amistad con estos dos señores, D. Rafael González Molina y Carlos Campetti.

En el año 1994, se celebró el primer mini-congreso espírita en España, en la ciudad de Montilla, Córdoba, al que asistimos algunos de los componentes de nuestro grupo “casero”, y a partir de este mini-congreso el siguiente se transformó en Congreso Espírita Nacional, pues fue tanta la afluencia de público que reunió este mini-congreso que dejó de ser mini para ser Congreso. En este mini-congreso tuvimos como exponentes de la Doctrina Espírita a Carlos Campetti, Vera Campetti además de José Medrado, con su mediumnidad Psicopictográfica.

A continuación, invitamos a José Medrado para que viniera a nuestro pueblo para dar una charla sobre Espiritismo, la cual se celebró en el Salón de Plenos del Ayuntamiento de nuestra localidad. En el siguiente Congreso Espírita Nacional conocimos a Divaldo P. Franco y también lo invitamos para que hablara de Espiritismo en nuestro pueblo, también en el Salón de Plenos antes mencionado, con el título de la conferencia “En Defensa de la Vida”.

A partir de este evento en Alcázar de San Juan, el Alcalde nos ofreció un local para que lleváramos a cabo nuestras actividades de la Doctrina y entregó, simbólicamente, en la inauguración del Centro, las llaves de la ciudad al Espiritismo, en esta ocasión Carlos Campetti fue exponente de la Doctrina con una conferencia. Y aquí seguimos, funcionando como Centro Espírita “Amor Fraternal” de Alcázar de San Juan. También programamos dos Congresos Espíritas en nuestra provincia que se celebraron en la capital, Ciudad Real.

A partir de entonces, hemos mantenido contacto con nuestro querido amigo y hermano Carlos Campetti, siendo, para nosotros, un miembro más de nuestra familia.

Y así proseguimos hasta nuestros días.

Alcázar de San Juan a 4 de octubre de 2014.

María Teresa Cruz Reyes

VERIDIANA DE PAULA REIS CASTRO - ÍNDIGO**IDADE:** 43 anos**ESTADO CIVIL:** Casada**PROFISSÃO:** Pedagoga, Empresária, Esteticista**CIDADE:** Ribeirão Preto - SP**PAÍS:** Brasil**TEMPO DE DOUTRINA ESPÍRITA:** “de berço” espírita**ATIVIDADE QUE EXERCE NO MOVIMENTO ESPÍRITA:** coordenadora pedagógica e facilitadora do ESDE (FEB), médium, evangelizadora e coordenadora de Evangelização Infantil e desenvolvimento de materiais didático-doutrinários (ASFA – Associação Francisco de Assis – Estrutural – Brasília/DF).**ENTREVISTA REALIZADA EM 09 DE OUTUBRO DE 2014 na FEB**

GB: Então, vamos começar, Veridiana... Hoje dia 9 de outubro de 2014. São três pontos, que você tem a liberdade de fazer seguidos, se você quiser, vai da sua inspiração. O primeiro é como você conheceu o Carlos Campetti, o segundo, quando vocês começaram a trabalhar juntos, né, quando, como o início desse trabalho e, como é o trabalho que vocês desenvolvem hoje, e a importância do Carlos nessa atividade. Então, vamos começar... Como você conheceu o Carlos Campetti?

VERIDIANA CASTRO: Eu já trabalhava com a Cecília e, a dona Cecília tinha colocado a gente para trabalhar com os facilitadores e aí foi assim que eu conheci o Carlos, ele era facilitador do ESDE, e a gente fez algumas atividades com a Cecília, no campo de atividades pedagógicas, mesmo, e eu estava desenvolvendo, estava trabalhando no projeto EaD Espiritismo e, quando a primeira parte estava pronta a Cecília chamou o Carlos pra que ele desse andamento ao projeto. Nós começamos a trabalhar juntos aí.

GB: Você lembra o ano?

VERIDIANA CASTRO: 2010 ou 2011, nem sei...

GB: A Cecília morreu vai fazer dois mil e...

VERIDIANA CASTRO: Vai fazer dois anos, não é?!

GB: 2012!

VERIDIANA CASTRO: Por aí, mesmo, dez, onze... E aí, quando a dona Cecília se afastou da FEB, ela, foi também uma época de intervalo, vamos dizer assim, né, eu também me afastei e depois o Carlos me chamou... Aí o Carlos assumiu a coordenação, e ele me chamou

para acompanhar um trabalho que estava sendo realizado das comitativas regionais, no encontro nacional.

GB: Ele assumiu a coordenação do...

VERIDIANA CASTRO: Do ESDE.

GB: Foi do ESDE?

VERIDIANA CASTRO: Campo Experimental, aqui de Brasília. E aí ele me chamou para acompanhar um trabalho que eles estavam fazendo no território, no encontro de coordenadores do ESDE a nível nacional¹¹⁵. E a gente foi assumindo um trabalhozinho, uma coisa, outra e, convite dele, a gente ficou auxiliando no Campo Experimental, de novo, na parte pedagógica.

GB: esse trabalho que ele te chamou... Você estava um pouco afastada, foi logo depois da morte da Cecília, aí ele te convidou para você trabalhar com ele. Como foi mesmo esse trabalho?

VERIDIANA CASTRO: Foram prévias de reuniões do encontro nacional, que acontecia em julho. Então, a gente começou a participar dessas prévias de encontros regionais do ESDE... (DIÁLOGO INAUDÍVEL) E a gente participou colaborando, como trabalhador, mesmo, não nas discussões, a gente participou só acompanhando as reuniões, a gente ficou só mesmo no apoio.

GB: Tudo aqui na FEB?

VERIDIANA CASTRO: Tudo aqui na FEB.

GB: Qual era o nível dessas discussões, Veridiana? O que se discutia?

VERIDIANA CASTRO: Se discutiam novas propostas, o que as pessoas estão esperando num nível nacional a respeito do ESDE, projetos, mesmo, de fortalecimento do estudo sistematizado, tudo dentro dessa perspectiva de continuidade do trabalho.

GB: Depois ocorreu o encontro nacional...

¹¹⁵ Nas prévias se discutiam novas propostas para o ESDE, projetos de fortalecimento do estudo sistematizado. O Encontro Nacional de Coordenadores do ESDE já está na sua quarta edição, tendo ocorrido em 1993, 2003, 2008 e 2013. Com a mudança para Área de Estudos do Espiritismo, “criada em fevereiro de 2014 para definir - em conjunto com as federativas que compõem o Conselho Federativo Nacional da FEB – as orientações necessárias para estimular, orientar e promover o estudo continuado da Doutrina Espírita nas instituições espíritas brasileiras” (Disponível em: <<http://esde.febnet.org.br/noticia/48/coordenacao-da-area-de-estudo-do-cfn-feb-faz-segunda-reuniao-para-definir-diretrizes-de-encontro-nacional.html>>. Acesso em: 10 fev. 2015). Dessa forma, o ESDE passa a ser um campo específico compondo um todo formado de: Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, Departamento de Estudo e Educação da Mediunidade, Esperanto, Estudo de O Evangelho Segundo o Espiritismo e Departamento de Infância e Juventude (DIJ) (Disponível em: <www.febnet.org.br>. Acesso em: 10 fev. 2015).

VERIDIANA CASTRO: E a gente continuou no apoio pedagógico com o Carlos, do Campo Experimental. E a gente continuou apoiando em algumas coisas que ele nos solicitava, material, encontros de facilitadores, projeto-pedagógico para o Campo Experimental.

GB: E vocês têm encontros semanais, como são os encontros de vocês?

VERIDIANA CASTRO: Você diz, quem?

GB: Você, o... Tem uma quipe, não, do Campo Experimental?!

VERIDIANA CASTRO: A gente, normalmente, tem as reuniões setoriais, que elas acontecem aqui, na FEB. Quando tem projetos novos, a gente marca as reuniões – como é que o Carlos chama? –... do colegiado. Em que vão ser discutidas propostas, até fechar mesmo o planejamento. Mas, no transcorrer do semestre, a gente vai tendo essas reuniões, porque na verdade o planejamento é montado final-início de ano. Então, entre dezembro, janeiro, fevereiro, é montado já o Plano de Ação que vai correr no próximo semestre. Entre dezembro e fevereiro não, janeiro, já tem que estar o Plano de Ação já bem estruturadinho, com relação a projetos pedagógicos.

GB: Quer dizer, então, que você conhece o Carlos desde 2010, mais ou menos...

VERIDIANA CASTRO: É, de trabalhar junto, é mais ou menos aí. Nós já participávamos da reunião mediúnica com a Cecília Rocha aqui, né (A DEPOENTE SE REFERE À SALA ONDE ESTÁ SENDO REALIZADA A ENTREVISTA). Então, a gente já convivia nessa parte, também...

GB: Como foi essa experiência?

(A DEPOENTE DEMONSTROU RESERVA EM RESPONDER, E SABÍAMOS QUE A MESMA NUTRIA UM ESPECIAL AFETO PELA EDUCADORA CECÍLIA ROCHA)

GB: Você gostaria de falar sobre ela? Porque eu sei que envolve a Cecília, não é?!

VERIDIANA CASTRO: Não! Assim...

GB: Foi quanto tempo esse trabalho?

VERIDIANA CASTRO: Hum, falou de data, a gente logo se perde no tempo... Mas... Na verdade, eu me aproximei do Campo Experimental, porque na verdade eu vim trabalhar com a Cecília. Aí ela me convidou para a reunião mediúnica dela, aí a gente conheceu a equipe que tava na reunião mediúnica, dentre eles, o Carlos Campetti, na época tinha a Clara Lila, o Zé Carlos e outros, né. A Vera, também. E a dona Cecília, a Tossie, e daí que a gente foi começando a fazer algumas coisas que a dona Cecília pedia, porque eu mesma, diretamente, eu não queria me envolver.

GB: Não, com o Campo Experimental?

VERIDIANA CASTRO: Não!

GB: Por quê, você pode dizer?

VERIDIANA CASTRO: Não, porque a gente sabe que é uma responsabilidade muito grande, e a gente sente o peso dessa proposta.

GB: Por quê?

VERIDIANA CASTRO: A responsabilidade, mesmo. É muito grande a responsabilidade, com relação à parte, mesmo, doutrinária. Porque a gente não se sente na competência...

GB: Pedagogicamente falando ou doutrinariamente falando?

VERIDIANA CASTRO: As duas! Porque, assim, eu nem digo em termos de conteúdo, de parte pedagógica, mas, eu digo no sentido da mensagem, mesmo. A gente saber levar essa mensagem direito, a gente saber trabalhar isso, não como escolarização...

GB: Mas, depois que você se envolveu, desconstruiu isso ou...

VERIDIANA CASTRO: A gente tem trabalhado para desconstruir, sim. Hoje a gente já tem conseguido, vamos dizer assim, algumas conquistas já, né. Porque, por exemplo, não se sugeria leitura de livro, por exemplo. E eu vejo que os resumos das apostias, por melhores que sejam, são resumos. E resumo não é a obra, a obra tem todo um conteúdo, um contexto ali inserido. Você tira uma frase, um pedaço dele, você tá vendo o que é que tem ali dentro, que pode levar para várias...

GB: Hum, hum, o recorte é sempre muito problemático...

VERIDIANA CASTRO: Pode levar para várias interpretações. E o que eu tenho observado, na experiência de chegar no último semestre, depois de ter passado quatro anos, é a imaturidade, é a falta de conhecimento... (INAUDÍVEL) Então, assim, levou-se quatro anos e poderia ter estudado toda a obra básica. E a gente sente, lá no final, essa deficiência.

GB: E você atribui isso...

VERIDIANA CASTRO: A um conjunto. E é esse conjunto que a gente tem trabalhado, dentre eles a falta de hábito de leitura da obra. Seja ela de André Luiz... Principalmente: Emmanuel, André Luiz, Joanna, né. Nisso eu já tô considerando que você já tem conhecimento de Kardec, porque se não, você não tem como avaliar obra nenhuma. Então, a gente tem tentado reforçar a leitura na obra. Então, se lá na apostila cita três, quatro questões, a gente pede para ler todas (ÊNFASE NA ENTONAÇÃO) as questões do “Livro dos Espíritos”. Se lá cita um trecho do Evangelho, leia todo (NOVAMENTE A DEPOENTE DÁ ÊNFASE NA ENTONAÇÃO) o texto. Isso a gente tem pedido para fazer. Uns fazem, outros não, mas, o próprio movimento já tem pedido isso. Porque nas avaliações a gente vê que eles dizem que é muito fraco, que o conteúdo é muito superficial, e as pessoas buscam respostas. Quando a gente oferece o livro a gente pede: “Não divide o livro em capítulo, não põe para

apresentar capítulo. Porque o que eu preciso pode estar no primeiro capítulo e o seu estar lá no último.” Deixa ler a obra... “Gostou?” “Mais ou menos.” “Então, não tá no seu tempo, mas, pelo menos, você conheceu uma obra.” O dividir constitui escolarização! O dividir e apresentar! (INAUDÍVEL) Ninguém tem obrigação nem de ler, agora nós, como facilitadores, temos obrigação de oferecer e dizer o que tem lá dentro. Isso nós temos obrigação! E eu coloco a palavra “obrigação” (ÊNFASE NA PALAVRA), porque nós estamos aqui para oferecer a doutrina, para apresentar a doutrina, então eu não tô apresentando o livro, eu tô apresentando o quê? “Ai, eu...” “Não, você não tem que achar nada!” Não tem que achar... Tá dito assim, tá dito assado... Tá mandando ler isso, tá pedindo para refletir sobre aquilo. A sua opinião é importante? É, mas, para você. Quando a gente se envolve numa discussão onde todos leram o livro, nossa, a discussão se enriquece... assim... Porque tem viés que eu não observei e que você observou. Então, o que a gente tem tentado implementar é exatamente isso na questão da leitura...

GB: E, Veridiana, o Carlos é partidário dessa tua opinião?

VERIDIANA CASTRO: Ela está cem por cento de acordo, ele tem fortalecido o trabalho, mesmo, nesse sentido.

GB: Então, vocês comungam dessas mesmas idéias...

VERIDIANA CASTRO: Sim, o projeto pedagógico é feito junto com o Carlos. E quando a gente propõe: “Olha, Carlos, como é que a gente escolhe as obras? Roteiros tais estão aqui, os temas tratados são esses. Essa obra aqui atende muitos delas, o nível de entendimento tá bacana, e a obra é basilar, por exemplo, “A Caminho da Luz”¹¹⁶”, né. Aí a gente colocou “Voltei” para o Fundamental II, que já começa a parte das Leis Morais¹¹⁷, pedimos para fazer a leitura do capítulo sete de “O Céu e o Inferno” que vai tratar da “carne é fraca”, tal, código penal da vida futura... Aquilo é muito bacana, dá uma discussão maravilhosa em cima da questão moral. Então, a gente tá inserindo...

GB: Isso tudo Campo Experimental...

¹¹⁶ A entrevistada cita uma das dezesseis obras do autor espiritual André Luiz, sendo a mais conhecida pelo público leigo, por já ter sido adaptada para o cinema nacional, “Nosso Lar”, cuja primeira publicação foi na década de 1940. Através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, este médico sanitarista que viveu no Rio de Janeiro entre a passagem do século XIX para o século XX e que nunca teve seu verdadeiro nome revelado, se tornou referência de leitura por retratar com riqueza de detalhes e de evidências a vida após a morte do corpo físico. (Disponível em: <<http://www.febeditora.com.br/autores/andre-luiz/>>. Acesso em: 24 fev. 2015.)

¹¹⁷ As chamadas “Leis Morais” estão contidas na primeira obra da codificação da Doutrina Espírita *O Livro dos Espíritos*, sendo estas divididas em: Lei Divina ou Natural, Lei de Adoração, Lei do Trabalho, Lei de Reprodução, Lei de Conservação, Lei de Destruição, Lei de Sociedade, Lei do Progresso, Lei de Igualdade, Lei de Liberdade e Lei de Justiça, de Amor e de Caridade (KARDEC, 2013).

VERIDIANA CASTRO: E a gente observa que eles gostam muito. Uma coisa que eles gostam de fazer é juntar a turma para fazer um grande debate, os monitores já não gostam, na primeira oportunidade que eles têm, eles dividem, e fica cada um na sua sala.

GB: Mas, Veridiana, me diga uma coisa: aqui na FEB, todas as turmas de ESDE são turmas de campo experimental.

VERIDIANA CASTRO: Sim, porque na verdade o Campo Experimental ganha esse nome exatamente pelas propostas que a gente cria ali dentro, e uma delas é esse projeto de leitura. A gente tá agora com o projeto de uma turma nova, porque, como tá terminando o ESDE, tem uma proposta de reduzir o tempo de quatro anos para dois anos e meio, aproximadamente. Tem uma proposta para o pós, que é realmente o aprofundamento dos temas. E a gente já tem uma turma que terminou o Complementar, e que a gente tá fazendo na verdade essa experiência, que tem sido bem bacana. E o estudo na obra, esse não tem material de resumo. Então, é passada a bibliografia durante a semana, bibliografia extensa. Porque é assim, se você tem o livro tal, você lê lá naquela referência, se às vezes você tem tempo de ler duas, três, às vezes você não tem tempo, mas, você já leu o livro, então você tem... Então, a proposta é essa. Então, a gente se reúne no sábado e cria as discussões em torno de toda aquela bibliografia. A gente joga alguns objetivos para não perder o foco da discussão e vai.. o facilitador, nesse sentido, tem que estudar mais. Ele tem que estar por dentro da bibliografia.

GB: Sim, tem que ter um conhecimento mais amplo. Não é só a apostila que vai norteando...

VERIDIANA CASTRO: Não tem apostila, não tem apostila. Tem temas, objetivos e bibliografia.

GB: E como ficam, Veridiana, as apostilas?

VERIDIANA CASTRO: Para este programa, a gente vai pensar na forma de trabalhar exatamente assim. Só... Porque não dá... Porque tem, por exemplo, tem a sugestão de um livro inteiro... A idéia é não fazer resumo, mesmo que a obra não tenha sido lida. Na oportunidade lê... Se você quiser buscar dentro daquele assunto o livro que te preencha, ali tem uma bibliografia legal.

GB: E é em uma turma que vocês fazem essa experiência? Porque tem outras do ESDE tradicional, com a apostila...

VERIDIANA CASTRO: Isso, isso, funcionam com apostila, direitinho. E a turma nova, do próximo semestre, já vai entrar com a apostila, com o material que a Marta tá revisando. Olha, com relação ao estudo, o Carlos é um líder. Pelo fato de ele andar pelo mundo afora, ele vai sentindo as necessidades diferenciadas. É claro que nós não temos como abarcar essa abrangência de determinadas regiões, cada região tem a sua peculiaridade. Então, nessa

situação de peculiaridade é que às vezes o roteiro de estudo funciona melhor do que determinados materiais. Bom, mas, enfim, ele como líder tem essa força para levar adiante uma idéia, ele tem isso, e ele consegue construir todo um sentido para o negócio. E essa vivência dele é bacana porque se a gente apresenta uma coisa e ele fala: “Não, isso aqui não vai dar certo pra cá, por causa disso e disso...” Então, a gente ajusta e ele fala: “Ó, mas eu ainda vou ajustar.” Aí, sim, é uma construção. Porque quando a gente propõe, faz uma proposta de um projeto pedagógico como o de leitura, a gente tá em sala, eu estou ouvindo o que eles estão pedindo, eu estou ouvindo, mesmo que eles não peçam de forma direta. “Ai, eu gostaria de ler um livro.” Eles não vão pedir isso, eles vão fazer perguntas, que você sabe que tem livro que poderia ajudar. Mas, para saber, você tem que ter leitura.

GB: Se não, você vai acabar no “achismo”...

VERIDIANA CASTRO: Ou até corta: “Não, isso nós não vamos tratar agora, isso a gente vai ver na apostila mais para frente”. E esse é o tipo de resposta que eles não aceitam, a gente vê nas avaliações esse tipo de corte, e eles não gostam. Essa é uma das coisas que afasta pessoas.

GB: Do Esde...

VERIDIANA CASTRO: Do ESDE. Esse é um ponto de evasão, mas, isso eu sei não é porque eu leio avaliação, só. Porque eu vivencio e sei das coisas que acontecem. E aí a gente tenta trabalhar de forma indireta com os facilitadores, com as propostas do projeto pedagógico. Bom, para não melindrar fulano, sicrano, que falou isso, soltou aquela, a gente faz uma proposta que engloba todo o campo experimental. As pessoas que tem uma visão mais ampla, mais aberta, elas acolhem, trabalham.. “Veridiana, olha, não deu certo por isso, mas a gente pode tentar por aqui.” Quem não acolhe logo de cara já “bota” um monte de barreiras.

GB: Não quer nem experimentar...

VERIDIANA CASTRO: Não!

GB: Que inclusive seria uma atribuição de quem faz parte do Campo Experimental, porque tudo tem que acontecer no Campo Experimental, não é?! Para depois, quando for para solo nacional...

VERIDIANA CASTRO: Isso, isso. Então, o Carlos tem levado muito adiante todas essas propostas, né...

GB: Então, você diz que ele é importante porque ele tem essa experiência fora, tem esse olhar mais abrangente? Quando ele contextualiza uma necessidade, tem mais força?

VERIDIANA CASTRO: Sim! Porque, veja bem, quando você tem um projeto, mas, você só tem uma perspectiva, que é a sua, você acha que vai funcionar beleza, mas, talvez dentro do seu centro de convivência funcionaria, mas, a FEB não funciona para a FEB. Ela funciona para o movimento. E aí a diferença de quem está vivenciando essas várias experiências. É importante! Por outro lado, o próprio movimento tem empurrado para propostas novas, sabe porquê? Porque nós somos de (INAUDÍVEL), nós somos progressistas por natureza, não é a Doutrina progressista. Nós somos! O ser humano é progressista. Então, quando começa a ficar aquele “trem”, aquela “aguinha morna”... “Não, mas, espera aí... Ôpa, tem alguma coisa que não está batendo...” E aí é onde os projetos só vão para frente se tem uma pessoa que tem uma visão ampla, que sabe discernir, que sabe ouvir, que sabe complementar, e que leva adiante o negócio. Tem que ter força! A força que a gente fala é a força pessoal, do argumento e até da perseverança, porque os embates virao, virão fortes, virão duros... Quebrar paradigmas! Nunca foi e nunca será uma coisa fácil, por que normalmente eles estão instalados a no mínimo décadas... Torna-se sempre uma zona de conforto, mas, as pessoas vem e vão e, os perfis também vão modificando. Então, se na minha época ainda se tinha uma certa ojeriza a computador, o perfil do jovem hoje que está entrando no ESDE, depois dos seus vinte, vinte e cinco anos, é alguém que tá “plugado” (RISOS), que tá no “zap-zap” (RISOS DE AMBAS). E a gente tem feito desses instrumentos excelentes recursos, porque às vezes a pessoa não teve ou tempo ou coragem de fazer a pergunta na sala. Ele manda ou por *e-mail* ou pelo “WhatsApp” pessoal da gente, ou até da turma porque quando você constrói um grupo de confiança, as dúvidas - você precisa ver que bacana - as dúvidas são tiradas assim. E são agregados outros conteúdos, vídeos. Então, assim, se a gente começou trabalhando um assunto pequeno, quando o grupo tem essa integração, ele usa esses recursos... Nossa, chega lá no final a gente viu um monte de vídeo, a gente viu um monte de textos, palestras, entendeu, porque alguém vai vendo, joga no grupo, e diz: “Olha, eu vi fulano falando sobre esse assunto.” Então, assim, enriquece muito, é muito bacana.

GB: É, você usa o recurso tecnológico de uma maneira sadia, pedagogicamente é importante...

VERIDIANA CASTRO: E a gente tem tentado fazer com que todas as turmas criem, sim, esse grupo, que foi outra coisa que a gente percebeu assim: na turma inicial que eu entrei, nós montamos o grupo como se fosse normal já do ESDE montar grupo. Tem quatro anos, então eu peguei o primeirozinho aqui, primeiro semestrezinho... Quem já tá aqui que nunca fez grupo, quando eu passei para essa turma, foi uma luta, e não vingou. Abriram quatro turmas no primeiro semestre. Eu peguei o fulano, fulano, fulano, eu criei meu grupo, lá pelas tantas a

minha e a do “coisa” juntou... Eles não tinham, eles não tinham *e-mail* da turma. Aí juntou o *e-mail*, mas, só o da minha turma conversava. E isso é legal para dizer para você o seguinte: como a gente implementa ou não alguma coisa, como a gente faz a diferença. E eles não entendem isso, os facilitadores. Então, a gente tem essa experiência, eu não fiz esse teste, a coisa aconteceu. Juntou então as turmas, vamos agora juntar os colegas no grupo, e a gente continua conversando até hoje, os alunos Que foram primeiro meus. Continuam conversando, me mandando *e-mail*, fazendo perguntas, e os outros nem interagem. Nada, nada! E eles entraram junto, mas, não houve essa integração. Não houve a integração e não houve a construção...

GB: Porque já estavam habituados a uma prática antiga desde o outro semestre...

VERIDIANA CASTRO: E porque o facilitador que pegou as duas turmas não reforçou, assim, não utiliza o recurso.

GB: E eu acredito, pelo que eu conheço o Carlos Campeti, que ele é muito incentivador mesmo, não é?! Porque, para fazer tudoque ele faz, internacionalmente falando, precisa se valer desses recursos, facilita muito...

VERIDIANA CASTRO: Isso aí, eu vou dizer, quebra as distâncias.

GB: E aí não há uma quebra do trabalho pela falta da presença física da pessoa, pela distância...

VERIDIANA CASTRO: Inclusive, o quê que a gente faz com essa turma nova, né!? Como é encaminhada sempre a bibliografia... “Ah, eu não tive tempo de ler nada.” Tudo bem, mas, os facilitadores vão puxar um bom debate. E a gente, porque uma coisa que eu reforço muito com os facilitadores: comece sempre com Kardec e tudo que o Kardec tiver a respeito daquele assunto. Tudo (ÊNFASE NA FALA), em todas as obras. Então, por exemplo, essa turma está trabalhando “Deus e o universo”. Então, nós estamos trabalhando tudo sobre o universo e sobre Deus. Então, desde a obra mais simples, até essa parte da Ciência que tá falando da matéria negra, partícula de Higgs, então, a gente tá trabalhando de um tudo. Por quê? Porque para falar de Deus, Allan Kardec trouxe o universo. Começa com Deus e começa falando do universo. “Então, tá, até aqui Kardec falou sobre o universo e sobre isso, e o que dizem hoje os cientistas a respeito do universo? O quê que eles já descobriram a mais? E o que Kardec fala? Vamos seguir a Ciência, caminhar passos com a Ciência.” “Ah, mas, aí a Doutrina fica muito científica.” “Não, só se você só estudar Ciência.” Porque se você pegar essa coisa maravilhosa que você vai trabalhar a questão da vibração, dos fluidos, que é uma coisa material, que existe de verdade, a coisa se solidifica, a sua compreensão abstraa se torna até concreta. Porque você tá vendo que os cientistas estão dizendo que existem milhares de tipos

de vibrações no universo. André Luiz já chamava de campos de força, vibrações os cientistas já estão falando desses campos de força. “Ah, mas, se o André Luiz já diz, eu não preciso mais saber...” Por quê? Só porque são cientistas que estão falando?

GB: Não são espíritas?

VERIDIANA CASTRO: Não é?

GB: Pelo contrário.

VERIDIANA CASTRO: Então, eu acho muito bacana, porque você vai falar da prece e a prece se utiliza desses recursos de vibração, de campo...

GB: Mas, quem conhece só o aspecto religioso da prece, ou se contenta em estudar apenas esse aspecto...

VERIDIANA CASTRO: Ah, bem verdade que a sua fé... Bendito aquele que crê a não precisa, né... Mas, nada te impede de conhecer. E nós temos que tomar cuidado porque a Doutrina Espírita é um tripé, ela não é só religião, porque se não ela se torna uma instituição religiosa, e ela não é. É filosofia, ciência e religião.

GB: Se você deixar a ciência e a filosofia de lado, fica uma coisa dogmática...

VERIDIANA CASTRO: Não, mas, tem gente que não gosta nem de filosofia...

GB: Mas, exatamente, se você negligenciar a ciência e a filosofia, quiser ficar só no aspecto religioso, é só dogma, só religião, e, como você está dizendo, vira uma instituição religiosa.

VERIDIANA CASTRO: Só religião... E não é! E quanto mais a gente se aprofunda em Kardec, mais a gente vê o quão científico ele era, na verdade.

GB: A Doutrina tinha que nascer no período que nasceu, mesmo, porque são três concepções que se articulam... Só no século XIX mesmo. Veridiana, você tocou até aqui, com relação ao seu trabalho com o Carlos Campetti, nas dificuldades, nos avanços, necessidades de revisão...

VERIDIANA CASTRO: Sim, por isso até que ele coloca na questão da formação do facilitador. Por quê? Porque a gente tá sentindo isso agora na formação dos estagiários. Nós estamos tentando, vamos dizer assim, trabalhar na construção de um facilitador. Facilitador, para mim, ele tem um cargo muito maior do que aquele que monitora. E ele tem, tanto isso é verdade que a gente tá sentindo algumas pessoas se afastarem. Por quê? Porque tem que ler mais, tem que pesquisar, ter tempo de elaborar um bom debate. As pessoas estão acostumadas a montar Power Point e apresentar. Não cabe mais, nessa perspectiva de debate, não cabe... E a gente têm “cutucado” as turmas assim, aqui e acolá a gente entra em uma e outra e tem feito um trabalho assim. Depois, é bem verdade que o monitor sente uma dificuldade de retomar o Power Point, mas, quando ele entra, como alguns já entraram, nessa nova dinâmica, até ele gosta, porque ele vê que a turma participa muito mais. A turma interage, se integra, né, vamos

dizer assim, e o negócio flui muito mais. Quem consegue já trabalhar nessa linha de ampliar os debates, as discussões, não consegue fechar a aula oito horas, oito horas terminar a aula, esses ficam normalmente até oito e meia. Porque abrem, porque tem conteúdo, porque leva mais texto, porque leva os livros para serem lidos, conversados, debatidos sobre o que tá escrito. Então assim, o quanto não se ganha com isso... Todos, inclusive o facilitador. A Doutrina é muito difícil, quanto mais a gente lê, mais a gente vê que ela foi muito pouco revelada. Ah, tem gente que diz: “Eu já conheço a Doutrina Espírita...” Eu digo: “Olha, você dizer que conhece Doutrina Espírita, eu só lamento por você porque...” Cada vez que a gente tá estudando a obra de André Luiz, e olha que a gente já está estudando pela quarta vez, estudando mesmo, parece que eu nunca passei naquele capítulo.

GB: Exatamente, também pelo fato de que, como você disse a pouco, nós somos dinâmicos e nessa dinâmica, o nosso olhar sobre alguns conteúdos muda completamente com o tempo...

VERIDIANA CASTRO: Modifica! E faça isso com “O Livro dos Espíritos”... Cada vez que você passa naquela pergunta, olha só, aquela primeira perguntinha “Que é Deus?”... Nós vamos estudar mais de um semestre só sobre Deus e o universo e quero finalizar com a primeira pergunta. Eu tenho certeza que a idéia que eles construíram de Deus...

GB: Ao longo desse semestre...

VERIDIANA CASTRO: Ao longo desse semestre, semestre e meio, porque eu acho que a gente vai extrapolar um semestre... É... Vai ser outra! Vai ser outra!

GB: Nesse sentido, Veridiana, continua a divisão ESDE 1, ESDE 2... Até o 6, não é?! Porque são seis, não é?!

VERIDIANA CASTRO: Então, isso a gente vai ver como é que vai construir esse negócio...

GB: Atualmente, vocês estão trabalhando nessa lógica, que é a lógica mesmo tradicional, que é do um ao seis, não é?!

VERIDIANA CASTRO: O seis que você fala é o quê, semestre?

GB: Não! Não é do ESDE 1 ao ESDE 6? Como é mesmo?

VERIDIANA CASTRO: Não, são três apostilas, né?! Deve ser porque cada casa faz de um jeito, uma divisão... Aqui é só ESDE, na verdade a gente toma o nome das apostilas como roteiro de orientação do estudo... O ESDE compreende as três apostilas.

GB: Então, Veridiana, trabalhar com o Carlos... Vem mais alguma coisa à mente... Acho que você tocou em muita coisa, assim, os desafios, esse trabalho que vocês fazem juntos, o fato dele sair muito do Brasil...

VERIDIANA CASTRO: A gente aprende muito com ele, porque esse intercâmbio é bacana, então, assim, ele amplia o horizonte dele fazendo essas viagens e acaba que a gente recebe,

né, de forma indireta esse olhar. E, assim, quando o Carlos encampa a ideia, é bacana, porque ele “bota” o negócio para acontecer. Isso é bom... Qualquer ideia nova às vezes é complicado para ser implementada, por causa daquelas coisas que a gente já conversou de quebrar paradigmas, vai tirar as pessoas da sua zona de conforto, vai modificar as formas de trabalhar. Um dia desses um facilitador, quando a gente mudou ele para uma turma que ele nunca tinha dado aula, e “dado aula” é um termo que a gente nem tá querendo mais usar, não estamos querendo ninguém dando aula...

GB: Estão querendo “facilitar”...

VERIDIANA CASTRO: É, exatamente, facilitar, apontar os nortes. E ele me disse assim: “Nossa, eu já tinha o Power Point de todas as aulas, menos dessa apostila.” Isso ele trabalha há umas duas décadas, mais ou menos. Mas, ele ficou, eu até achei que ele ia pedir para voltar.

GB: Então, sobre o sistema de estágio, Veridiana?

VERIDIANA CASTRO: Sim, o sistema de estágio era assim: antes era um monitor que ia observando os participantes e indicava alguém para ser o estagiário da turma, mas, o estagiário praticamente não... É claro que ele ia indicar quem tinha condições, questões doutrinárias, mas, às vezes alguém queria ser estagiário e não tinha oportunidade. E tava acontecendo de chegar no final do ESDE e muitas pessoas que tinham condições não ficavam no ESDE, então... Tanto que nós agora como estagiário, nós só estamos tendo quatro. Nós temos um monte de turmas, só temos quatro estagiários. E, quando foi agora no primeiro semestre, a gente abriu para futuros estagiários. Quem quisesse participar desse processo seletivo, que fizesse a inscrição e, chegando no final, ia ver se é realmente o que gostaria de ser e tal. E nós vamos fazer agora o último encontro dessa última etapa, no dia 25 agora vai acontecer o quarto encontro. Para cada encontro tem um programa...

GB: Quarto encontro de...

VERIDIANA CASTRO: De futuros estagiários e, também, o quarto encontro de estagiários. Então, nós temos duas turmas acontecendo, na verdade dois programas diferentes, um para quem é futuro e um para quem já está como estagiário... O que já está como estagiário, a gente trabalha bem a parte pedagógica, especialmente, a parte pedagógica do adulto, a Andragogia, para ele perceber a importância dele adequar a técnica, recurso, saber como ele vai lidar na hora de desenvolver um debate, por exemplo. Para os futuros estagiários, nós estamos dizendo o que é ser um estagiário, qual a perspectiva que a gente tá construindo em torno de todas essas propostas pedagógicas que estão sendo colocadas. Então, ele já tá entrando já tendo conhecimento de tudo que está acontecendo e que ele vai fazer parte, né, e,

uma das situações que o Carlos gostaria, por exemplo: presença, mínimo de tantos por cento. Se são quatro encontros, só pode faltar um... “Então, veja lá, não vai dar de jeito nenhum para você participar...” As datas são previstas... Aconteceu de mudar a data? Aconteceu, porque imprevistos acontecem, mas, elas são pré-planejadas e a gente procura não mudar, não, só se realmente houver algum incidente. Por exemplo, a monitora adoeceu, nessas situações a pessoa sabe que vai ter que participar, se coincidir com outra coisa, vai ter que saber que vai ter que fazer opção, porque a gente também precisa dessas datas, até para fazer compromisso com outras coisas, então, não posso ficar mudando, não, elas têm que ser fixas para eu fazer as outras datas dos outros encontros das outras instituições. A ideia é essa, que ele passe por essa pré-seleção. “Ah, mas é isso aí que é ser estagiário? Então, não quero, não.” Se você não quer ser estagiário por causa da responsabilidade, depois vir a ser um facilitador, você pode ser só um representante da turma. Porque às vezes a pessoa quer só representar a turma, e nós precisamos, também, desse papel, daquele que vai conversar no *WhatsApp*, conversar no grupo de *e-mails*, que vai trazer coisas novas, que vai auxiliar o monitor na pesquisa. Ele só quer representar, né, que vai fazer a ponte entre coordenação e turma. Beleza, não tem problema nenhum. Só que a gente gostaria de, chegando ao final lá do estágio, nós tivéssemos pessoas que tivessem o mínimo de conhecimento doutrinário, que conhecesse o mínimo de prática de grupo, de estar no grupo decidindo as coisas, porque hoje é difícil você juntar uma turma boa para fazer um bom planejamento. Normalmente, sempre vêm os mesmos, e aí a gente vê que alguns planejamentos “travam” exatamente por aqueles que não participam, né, que não acompanham como a coisa foi construída, porque está sendo construída daquela forma, quais foram os pontos negativos... Porque a gente precisa saber dos pontos negativos, porque ou você consegue consertar ou você tira fora, mas, para tirar fora, também tem que ter alguma coisa para substituir, porque você não pode deixar uma lacuna. Como a proposta dos livros: houve dois meses para que fossem sugeridos os livros... Ah! A gente já tinha, é claro, não ia esperar dois meses para chegar no dia de entregar o “Plano de Ação” e “caçar” os livros pra poder dar certo, então a gente já tinha programado. “Olha, você vai oferecer o livro, mas, você tem que pensar o seguinte: esse livro oferece o quê, pra quê? Então, você tem que escrever qual relação que ele tem com os roteiros, do jeitinho que eu fiz. Eu fiz lá todos os livros, tá aqui, as minhas sugestões são essas, e tá aberto para fazer as trocas, mas, tem que trazer para a justificativa. Tá aqui, porque eu não tempo de ler os seus livros para fazer justificativa. Então, eu já li os meus, li de todas as turmas e você só vai ler o seu.” Então, veja que moleza, não é?! Eu li de todos e você só vai ler o seu, mas, a única exigência que a gente fez, exigência mesmo, foi essa: “Traga a relação, com os roteiros, mas, traga escrito, não é só

“Ah, escolhi esse livro.” Não, como projeto de proposta não serve.” E me parece que só houve, na verdade, uma sugestão de troca e só não foi trocado porque é de um autor novo. Por sugestões, a gente acolheu “Nosso Lar” - eu já estou arrependida, confesso, muito arrependida.

GB: Por quê, Veridiana?

VERIDIANA CASTRO: Porque o “Nosso Lar” a gente colocou no primeiro semestre do Fundamental 1, para quem já tem uma base, já leu sobre Reencarnação, já leu sobre um monte... né... Mas, eu já estou bem arrependida, por quê? Porque até para trabalhar com livros, eu estou vendo que os monitores não tem preparo. Algumas pessoas me pararam e disseram: “Veridiana, esse livro “Nosso Lar”...” Na verdade, nem me pararam, eu tava no curso, nos estágios, e eu, turma tava grande, e eu falei do livro “Nosso Lar” e perguntei: “Alguém aqui tá lendo “Nosso Lar”?” Aí umas três pessoas levantaram a mão. “Ah, vocês estão tendo a impressão de que estão lascados?” “Ai, eu pensei que era só eu!!!” (RISOS DE AMBAS) Aí eu fui explicar que aquilo foi um momento dele, que levou oito anos para fazer uma prece, então quando você desencarnar faça uma prece logo! (MAIS RISOS) Não é?! Essas coisas vão passando despercebidas e muitas pessoas dizem que aquilo todo mundo vai passar. Quem falou? Aonde tá escrito que todo mundo vai passar aquilo, daquela maneira? Leia “O Céu e o Inferno” que vocês vão ver que nem todo mundo desencarna dessa maneira, nem todo mundo passa pelo Umbral¹¹⁸...

GB: Exatamente, porque essa experiência dele pode cair muito fechada.

VERIDIANA CASTRO: A experiência dele fica muito marcada, e André Luiz é muito pesado nessas horas, e o facilitador entra, entra porque ele tem também aquele entendimento. Veja o tanto que a gente precisa estudar juntos, debater, conversar..

GB: Sim, o conhecimento de outras obras, de outras experiências, porque nada na Doutrina Espírita é fechado, assim, no que diz respeito à nossa trajetória individual.

VERIDIANA CASTRO: É, eu tenho até vontade de perguntar para ele porque ele levou oito anos para rezar (RISOS).

GB: Mas, foi uma vida de materialismo, acho até que foi rápido. (RISOS)

VERIDIANA CASTRO: Então, é o seguinte: “Negócio arrochou, a gente chegou lá do outro lado, não sabe onde é que tá, reza, minha filha, não espera passar o tempo, não, reza e pede socorro, porque a mãe dele tava do lado, os mentores estavam do lado, mas, a vibração é outra”, eu falei. Então, assim, para vocês verem como é que a gente tem que entender que

estas questões de vibração, de passagem, de Umbral, de não sei o quê, é muito pessoal, é muito um estado de consciência. Então, leia o livro tranquilamente, leiam... No semestre que vem eu vou tirar, eu vou tirar por causa da falta de preparo dos... Eu já falei: “Espero que ninguém mais sugira André Luiz, a não ser que você vá trabalhar com André Luiz e vai trabalhar muito bem o livro. Para que a criatura não saia de lá chorando e nunca mais entre nem na porta da FEB, porque sabe que já tá lascada, já praticou aborto, entendeu??? É como o assunto “Aborto”...

GB: Isso é verdade! Eu assisti duas palestras sobre o aborto. De uma eu saí: “Meu Deus, mesmo quem nunca praticou o aborto saiu cheia de culpa daqui hoje.” A outra palestra de uma médica, toda uma experiência de vida, minha amizade com ela inclusive começou daí, Celina Côrte, ortopedista, porque eu ao final da palestra fui dar os parabéns a ela porque ela tinha falado de um tema muito difícil, mas que, ate para quem praticou o aborto, se tornou um tema informativo, importante, conciliador...

VERIDIANA CASTRO: Não adianta aumentar a culpa que a criatura tá sentindo. Se você aumentar a culpa que a criatura tá sentindo, você tá “enfiando” ela no Umbral. E de dificuldade de resgate. Gente, Jesus não tá ensinando isso para a gente. “Vai e não peques mais!” Acabou!

GB: É, para um monitor menos experiente, a proposta tem esses riscos, que é lógico que tudo envolve risco, mesmo.

VERIDIANA CASTRO: Inclusive eu vou conversar muito com o Carlos para que a partir do próximo semestre a gente tenha seminário de aborto aqui, vou pedir para colocar no “Plano de Ação”. Porque nas duas turmas que eu entrei, a forma como estão sendo colocados esses resumos na apostila, eles são levados a um viés machista, que a culpa é da mulher! (ÊNFASE NA IMPOSTAÇÃO DA VOZ) Todos eles deu debate na sala, e o povo ficou bravo, achou que não: “Não, não tem nada a ver, é assim mesmo, é a culpa...” Eu também concordo que esse negócio é machista. Por causa... André Luiz está em que época? Ele era machista! Pega o primeiro livro dele e vai lendo a obra todinha para ver como ele cresce. Mentalmente, emocionalmente, racionalmente, como médico, como pessoa, como ser humano, como ser espiritual. É outra cara! Entendeu? Então, aquele primeiro, segundo livro dele, para os dois últimos, é outro André Luiz. Mas, a gente percebe que a falta de leitura, de estudo, dificulta o trabalho.

GB: Mas, é um tempo até você odificar a mentalidade e dar tempo também para as pessoas se apropriarem de toda essa vastidão de obras, que são as obras complementares, porque as obras fundamentais do Kardec são fundamentais, mas, não dão a visão também que a gente

necessita... Por exemplo, “O Livro dos Médiuns” para a desenvoltura da mediunidade, você precisa das obras complementares, também, muito. O ponto de partida sempre vai ser o Kardec, mas, ali tem uma base que precisa agregar outros questionamentos, questionamentos mais atuais, mais contemporâneos, não é, porque o Kardec fala do século XIX, muito avançado para muita coisa, mas...

VERIDIANA CASTRO: Mas, ele disse para acompanhar a ciência. Mas, assim, o que a gente tem colocado para eles é o seguinte: “Olha, tem muita coisa que o pessoal fala que André Luiz fala, que Kardec não diz.” Pois, eu consigo ver tudo na obra do Kardec. Eu tô lendo André Luiz e estou escrevendo as questões que estão em Kardec.

GERALDO CAMPETTI SOBRINHO - VERDE

IDADE: 48 anos

ESTADO CIVIL: Divorciado

PROFISSÃO: Servidor Público e Bibliotecário

CIDADE: Álvares Florence - SP

PAÍS: Brasil

TEMPO DE DOCTRINA ESPÍRITA: “de berço” espírita

ATIVIDADE QUE EXERCE NO MOVIMENTO ESPÍRITA: Vice-presidente FEB, Coordenação editorial da FEB Editora, Responsável pela Biblioteca de Obras Raras/FEB, palestrante e escritor espírita.

ENTREVISTA REALIZADA EM 13 DE NOVEMBRO DE 2014 na FEB

Carlos como referência paterna devido à ausência do pai. Pai caminhoneiro, sempre muito ausente. A firme convicção de Carlos. A tia Rosália, como referência espiritual na família e que Carlos morou um tempo com ela.

Um momento de inquietação íntima, interrogações íntimas de quem é o Geraldo, porque não era o Carlos, quem seria o Geraldo.

Carlos fez teatro amador.

GB: Então, Geraldo, hoje dia 13 de novembro de 2014.. É... Você é o informante responsável por me dar mais dados sobre a vida do Carlos, mas, no capítulo que diz respeito ao momento mais pessoal dele, que é a infância, a juventude... O capítulo mais íntimo, e por isso eu achei que seria interessante conversar com você.

GERALDO CAMPETTI: Eu sou o irmão mais novo, então o mano é o mais velho, foi o primeiro, e eu fui o último. Quando eu era criança eu até brincava, porque no meu entendimento eu era o mais velho porque tinha nascido por último. E isso, é curioso pra mim, porque nessa relação com o mano, ele como mais velho, eu tive durante um bom tempo da minha infância e da minha pré-adolescência, eu o tive como uma espécie de pai, porque o papai foi caminhoneiro durante trinta anos, viajava muito e ficava muito ausente de casa, então, embora sempre presente quando estava conosco, no sentido do caráter, da Educação, nunca deixou de passar os valores. Mas, eu tinha no mano uma referência paterna, em termos de valores, de Educação, de exemplo mesmo. Ele sempre foi muito firme nos seus posicionamentos, diria até um tanto quanto rígido na firmeza de caráter e diria até assim na busca de defesa dos seus princípios, chegava a ser até em alguns pontos, talvez o termo mais adequado não seja intransigente, mas, ele defendia realmente com unhas e dentes, a ponto às vezes até de brigar, de discutir, eventualmente dissentir com outros por causa de opiniões, de pontos de vista. Ele teve uma grande influência da nossa tia, a tia Rosária, que é irmã do papai, e ela é uma espécie de referência espiritual na família, digamos assim. Exerceu muita influência porque era uma pessoal sempre vinculada ao trabalho espírita, ao trabalho social. Ele inclusive morou com essa tia durante um tempo, até por uma questão de apoio mesmo nesse campo até da mediunidade. Mediunidade pra ele se manifestou desde cedo. Até eu acho que por conta disso é um pouco dessa personalidade do mano Carlos, que ele é bem assim, digamos, ele é agitado, ele é uma pessoa dinâmica, ele quer fazer as coisas, ele não tem muita paciência, ele parece que está à frente no raciocínio, na maneira de enxergar e, ao mesmo tempo, ele tem uma firmeza muito grande naquilo que ele acredita, e briga por isso. Eu diria até assim, com aquela firmeza que às vezes num primeiro momento não é enxergando talvez todo mundo, mas, é vendo a idéia que ele tem, achando que seja correta, então ele luta por isso. Mas, esse estado talvez até de um pouco de instabilidade emocional, talvez, dessa agitação, digamos assim, esse dinamismo, seja decorrência da sensibilidade que a mediunidade proporciona, e isso se manifestou desde cedo, desde antes da própria pré-adolescência. Então, uma coisa curiosa, assim, da minha parte, e eu confesso isso pra você, eu quase não falo isso pra ninguém, não me recordo sinceramente, nem para o mano eu não sei se eu coloquei isso. Tinha um período em que eu me perguntava porque que eu não era ele. Isso é uma coisa curiosa, uma espécie de crise de identidade...

GB: Ou construção da identidade...

GERALDO CAMPETTI: É! E eu ficava assim: “Por que eu sou eu e não sou ele, e quem sou eu afinal de contas?”. Só depois, realmente, já passada a adolescência, que eu também

tive a oportunidade de ser abrigado por ele, quando eu vim para Brasília já na adolescência, partindo para a juventude, chegando aquela fase, né, dezesseis, dezessete anos, e fui assistido por ele na casa dele, morei com ele um tempo, depois, né... Enfim, morei um tempo com a minha irmã, depois com ele. Aí eu fui reconhecendo as diferenças de fato, não é, porque ele aparentemente um pouco mais tenso, mais agitado, nervoso, e eu sou aparentemente um pouco mais calmo – isso é só na aparência, não é!! - (RISOS DE AMBOS), então, aí eu consegui distinguir bem, até ver a maneira, a forma de agir. Mas, nós temos uma afinidade muito grande, tanto é que as pessoas nos acham parecidos, até fisionomicamente. Claro que existe o DNA, a gente sabe, a genética, a hereditariedade em alguns pontos, algumas posturas até, né... Que você às vezes identifica uma similaridade, mas, quando as pessoas conhecem um pouco mais de perto, notam as diferenças naturais, também. Então, é essa trajetória. O mano sempre foi muito vinculado a essa questão da arte e da comunicação, sempre gostou. Tanto é que por incrível que pareça, você vê ele como uma pessoa que parece mais assim centrada em termos de ser, assim, mais sério, mais contundente naquilo que acredita, talvez um pouco até rigoroso, né, como algumas pessoas o veem, ele, na própria adolescência fez teatro amador, participou de várias peças. Inclusive, Drácula, ele chegou a representar o Drácula, né. Peças amadoras que faziam sucesso, tanto em Urânia, como nas cidades vizinhas, Jales e tal, então ele já tinha essa cabeça, né, digamos mais assim da arte, mais avançada. Ele chegou a trabalhar, também... Inclusive, me lembro de uma vez ele dançando Secos e Molhados... (RISOS DE AMBOS!). Você lembra daquele grupo antigo?

GB: Demais!!! O...

GERALDO CAMPETTI: O Ney Matogrosso!

GB: Ney Matogrosso!! Maravilhoso!!!

GERALDO CAMPETTI: Então, que a gente nem chamava de Ney Matogrosso, né, era Secos e Molhados..

GB: Então, ele era só mais um...

GERALDO CAMPETTI: Então, ele era só mais um, conhecido e tal... Aí, então, o mano dançando aquele do “O Vira”, aquela imagem de índio, tudo...

GB: Gato preto cruzou a estrada... Bem década de setenta...

GERALDO CAMPETTI: Assim, as lembranças que eu tenho, por eu ser mais novo, ele tem muito mais lembrança no processo educacional do que eu, né. Eu o tenho como, continuo hoje evidentemente como uma referência mas, isso era muito mais forte na infância e na pré-adolescência e eu sempre o via como alguém que lutava pelos seus ideais, nunca abriu mão dos seus interesses, das suas vontades, e muito firme naquilo que acreditava, muito fidedigno

à sua fé, à sua confiança em Deus. A Doutrina Espírita já desde sempre o tocou muito, quando ouviu falar em FEB, por exemplo, lá no interior a gente ouvia falar em FEB e não sabia nem o que era, o oração batia mais acelerado, a gente se arrepiava todo, né. Então, era algum compromisso que a gente já tinha, e ele principalmente, porque veio à frente e... Eu me lembro... Passou por todas aquelas fases, também, né, da década de setenta, por um lado muito bonita, por outro lado tão estranha em termos de moda, então, usando aquelas bocas de sino, sapato de salto, né...

GB: Que na época era o auge...

GERALDO CAMPETTI: Era o auge. E eu acompanhava tudo isso como um menino, mesmo, criança, nós temos a diferença aí.. Hoje não faz tanta diferença, mas, no passado fazia... são seis anos, né, basicamente, de diferença, seis para sete anos. Então, essa firmeza dele, por exemplo, teve uma peça, isso já ocorreu aqui em Brasília... Quando ele chegou, ele tentou investir na carreira, né, de teatro e tudo o mais. Eu me lembro disso, ele contando para a gente, um diretor queria que ele fizesse um papel em que aparecia uma mulher grávida e ele era, tinha relação com essa mulher, enfim, ou era esposo e, na cena, no ato, ele tinha, assim, que ofender a mulher, literalmente ele teria que dar um murro, que absurdo, na barriga da mulher. Ele se recusou a fazer, foi retirado do papel, e a partir dali ele decidiu que não atuaria mais assim, não caberia, ele não faria nada que fosse de encontro à sua crença, aos seus princípios, apenas aquilo que fosse, de fato, ao encontro. Então, isso foi sempre um testemunho vivo muito forte, porque ele sempre foi muito convicto e, com essa certeza do que ele acreditava ele lutar, e isso continua assim até hoje, e ele tem realizado um bom trabalho, inclusive, aqui no Brasil e fora do Brasil, por onde esteve. Então, no período de infância, eu o tive praticamente como um pai, de influência. Eu me lembro, por exemplo, que ele, é, o “Evangelho no Lar”, a gente começou em casa muito cedo, porque o papaizinho nunca pôde ir à escola, né, a mamãe foi até a terceira série, depois, meu pai se tornou espírita por um problema na família, uma tia nossa, tia Rosa, teve um problema obsessivo, apareceu aquele médium curador, isso acabou influenciando, então, se converteram. Minha tia já tinha um pouco mais de leitura, essa que é a influência mais espiritual que teve, e o papai muito a firmeza de caráter. Ele tinha, inclusive, alguns vícios, né, de fumo, de bebida, por exemplo, que ele, quando teve o primeiro filho, ele abandonou tudo, deixou mesmo. Foi uma coisa bem interessante em termos do exemplo, da força. E aí o mano, então, por influência até dessa tia Rosária, ela fazia o “Evangelho no Lar”, ele trouxe, mesmo bem jovenzinho, ele trouxe esse evangelho para casa, né, e combinou com o papai. Foi ele que implantou, conversou com o papai, o papai concordou, mas, disse: “Olha, mas, nós não sabemos nem a leitura, como é que

faz...”; então, ele pegou lá um esquema bem simples, e começou. Eu era bem novo, devia ter seis anos, por aí...

GB: Você já participava, Geraldo?

GERALDO CAMPETTI: É, eu já participava ali. Depois de um tempo eu me lembro, passados já alguns anos, eu fazia leitura, comentava uma coisa ou outra e, fui aprendendo, aí teve um momento que eu tinha curiosidade, e aí ele pediu para eu fazer a prece, o “Pai Nosso”. Pelo que eu senti, ele queria me testar para que eu pudesse aprender. De fato, eu tinha vontade – não sei se eu tinha nove anos, não me recordo bem da data, assim -, mas, eu me lembro bem que eu não sabia fazer o “Pai Nosso” memorizado, então, eu fiz a primeira parte e a segunda eu enrolei, enrolei todo assim. Quando acabou, eu nunca me esqueci disso, aí ele chamou meu irmão e a minha irmã, ele disse assim: “Ensine para ele a outra parte do “Pai Nosso.”” E eles me ensinaram e eu memorizei, daí para frente eu nunca mais esqueci. Então, ele tinha essa preocupação no sentido de educar, de mostrar o caminho, de ensinar como era de fato. E a gente sempre teve, embora de família muito pobre, o contato com livros. A gente adquiria, comprava de alguma maneira, tinham aqueles vendedores de porta... Interessante! Então, a gente tinha acesso, comprava livros da FEB, tinham aquelas feiras de livro, em Jales, principalmente. Urânia quase que tinha só um centro espírita, que a gente até dividiu¹¹⁹ com um outro senhor lá, que a gente achava que influenciava, mas, que nada, continuou no esquema dele, só com o trabalho prático e a gente entrou com o estudo na mesma casa. E tinha muito apoio dele nesse sentido do estudo, da preparação, e nós fomos organizando o trabalho, tinha umas orientações da USE¹²⁰, com um programa de estudo bem interessante. Aí fundamos a mocidade – MEFOVE – Mocidade Espírita Fonte Viva Emmanuel, porque era o livro, porque o livro tinha uma grande influência e era daquela coleção “Fonte Viva”. E aí a gente preparava o material, era basicamente a família que frequentava, os irmãos, a gente ali, mais um ou outro convidado e a gente preparava as aulas. Eu me lembro que ele já incumbia a mim de preparar o material. Então, eu lembro que a gente preparava, toda a aula tinha um roteirozinho direitinho, né, direitinho mesmo. A gente sempre começava com uma mensagem, pegava as obras da codificação, sempre “O Livro dos Espíritos” e o evangelho e eventualmente algum outro e uma história, geralmente da obra de Humberto de Campos,

¹¹⁹ De acordo com informação do próprio Carlos Campetti, o centro espírita ao qual o informante se refere não teria tido um nome, mas, como era dividido com o senhor citado, e ele teria conseguido o terreno com a Prefeitura Municipal de Urânia, chamavam-no informalmente “Centro do Zê Rios”.

¹²⁰ A USE (União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo) é a entidade federativa coordenadora e representativa do movimento espírita do estado de São Paulo no Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira (CFN/FEB). É a USE quem representa todos os espíritas paulistas na FEB. Informação disponível em: <<http://www.usesp.org.br/site/home/index.php>>. Acesso em: 3 fev. 2015.

Irmão X. Então, fazíamos a aula ali, umas seis, sete pessoas, conversando, levando o material. Eu me lembro que nessa época, eu tinha doze anos, quando eu comecei a namorar, já namorava uma menina de catorze anos. Ela trabalhava num cartório e o rapaz do cartório era muito amigo do mano, chamava Wilson, o nome dele. E eles eram muito amigos, aquela coisa de teatro, já da faixa etária dele. E o rapaz oferecia o ambiente de trabalho dele pra se datilografar o “Plano de Aula”, que gente fazia toda semana a aula da mocidade. E aí ela atendia lá, ela datilograva – na época eu nem tinha datilografia ainda -, e ela fazia em várias vias, a gente pedia, ela fazia cinco vias de carbono, batia tudo aquilo, organizava tudo, grampeava e tava o material pronto, distribuía para cada um, lia, às vezes ficava um material para dois, enfim...

GB: Vocês já estavam desempenhando tarefas que são as que vocês desempenham hoje, não?!

GERALDO CAMPETTI: Exatamente! E aí começamos com a orientação dele, a gente não tinha muita noção, não fazia um curso propriamente assim, mas, frequentava o movimento espírita, ia para os encontros de mocidade, que era bastante forte, tinha o estudo das obras básicas, que a gente teve essa oportunidade, e cedo começamos, também, a trabalhar, né, com a fala, com palestras. Eu me lembro que ele fazia as palestras, ele comentava, e ele ia abrindo os espaços. Ele via que a gente tinha potencial e ia abrindo espaços. Eu me lembro que uma vez, através de um contato dele, eu fui chamado para fazer um trabalho em Jales, que era a cidade vizinha maior do que a nossa, e eu fui e fiz uma palestra lá... Eu acho que eu contei essa história para você... Então, nos trinta minutinhos que eu falei, olha, eu não tinha noção mesmo, assim, e fomos, mas, ele falou: “Vai, vai e faz...” E aí eu fiquei lembro até de falar assim para o pessoal: “Olha, para não cansar vocês...” Eu tinha falado uns quinze, vinte minutos. “Eu vou ler uma mensagem...” Eu li uma mensagem de quatro páginas! (GARGALHADAS DE AMBOS) Eu nunca mais fui chamado ali, sabe. Ai, meu Deus! Depois que a gente vem aprender técnicas, essas coisas de como falar em público... então... interessante. Mas, foi uma infância muito boa em termos de influência, sabe, de aprendizado com a presença dele. Depois ele veio para Brasília...

GB: Quando ele veio, Geraldo?

GERALDO CAMPETTI: Foi em setenta e sete.

GB: E como foi para você?

GERALDO CAMPETTI: Ah, foi uma lacuna.

GB: Foi?

GERALDO CAMPETTI: Foi, foi, foi. Deu uma espécie assim de vazio, isso eu nunca falei também com ele, assim, mas, a gente entendia e ele falava que ele ia, mas, ele ia levar todo mundo. Ele falou assim: “Se der certo, todos vocês vão para lá.” E aí tinha o nome FEB, também, que chamava muita atenção. Por que o que aconteceu? Naquela época, a gente no interior de São Paulo, ou você ia para São Paulo capital ou ia para uma cidade grande, também, assim...

GB: Você estava fadado a um êxodo, mesmo.

GERALDO CAMPETTI: É, exatamente, então, se saía ali ou ia aí para um São Carlos, ia para São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, ou ia para a capital, ou vinha para Brasília. À época ainda poucos vinham para Brasília e ele ousou. Ele foi um dos únicos ali, da turma, se não o único – acho que foi o único – que veio de fato para Brasília. Então, até nesse ponto também ele foi assim, digamos, corajoso, inovador, né. É... já desafiou! Já veio para a capital, tudo o mais.. E, de fato, tudo aconteceu: ele veio, depois veio uma irmã, depois eu vim, aí meus pais depois de um tempo também vieram, moraram ainda no estado de Goiás, mas, depois vieram para Brasília, e estamos todos aqui. Apenas um irmão, que é caminhoneiro até hoje, ele está em Rio Verde, no interior de Goiás... e mora lá... tem os filhos dele que moram tudo lá na nossa raiz da família, lá em Rio Preto, né. Então, nós todos viemos por influência dele, ele quem acabou catalisando esse processo.

GB: Geraldo, os Carlos, desde muito jovem, inclusive ele em entrevista já tinha me falado sobre isso, mas, desde muito jovem ele apresentou sintomas da mediunidade. E a sua? Porque eu sei que você, também, tem uma veia mediúnica bem expressiva...

GERALDO CAMPETTI: Quando eu era criança, a gente não tinha carro, eu não tinha nem carteira, novo, né, então eu andava muito na cidadezinha, não era uma cidade grande, a gente caminhava muito. Para ir para o centro, por exemplo, a gente atravessava a cidade e levava lá uma meia hora caminhando bem, mas, era prazeroso, a gente fazia isso... Eu caminhava muito, então, onde eu ia, por exemplo, ia às vezes na praça, ia tudo caminhando. Eventualmente de bicicleta, né, mas, o que acontece, teve um período assim, eu tinha uma salivação, que eu não sabia explicar o que era, e eu sentia aquilo muito intenso, minha boca enchia d’água, aquela coisa, e era o tempo todo, e me vinham palavras que eu não tinha a mínima idéia do que significavam. Palavras, frases, e eu ficava elucubrando comigo mesmo, no meu pensamento, e falando, falando, falando. Depois que eu fui entender que eu na verdade não estava sozinho, já estava conversando com outros amigos, e tal, e tinha um compromisso nessa área da Comunicação, da divulgação, e eu pude fazer o *link*. Lembro também uma vez que eu fui à casa – não fiquei como o mano na casa da tia Rosária, mas, eu

estive passeando e tal – e uma vez eu tive um problema que eu achava que era um problema de dente, porque eu estava sentindo uma dor, a ela disse que era mediunidade (RISOS). Já tinha essa visão espiritual, então... Enfim, ela percebia esse outro lado que a gente ainda não tinha muita noção. Aí a coisa foi evoluindo, eu sempre tive mais intuição, inspiração. Lembro uma vez, por exemplo, que eu comecei a escrever, eu gostava muito de estudar, o mano já estava em Brasília - minha irmã, não, ainda não - e aí eu ficava... é... nós tínhamos uma casa, e tinha aquela área fora, que era a varanda, que a gente falava. E era tudo escuro, que era de noite, ficava tudo escuro, e eu não tinha medo. A varanda era aberta assim, era só coberta, mas, toda aberta, as laterais e a frente, então, eu acendia a luz e ficava estudando, estudando esperanto, estudando a Doutrina Espírita e gravando uma coisa ou outra, porque eu já aprendia, depois eu fui aprendendo que tinha que gravar, até para depois eu me ouvir, pra ver e tal como é que era. Então, ali me deu uma certa base de estudo e aí fui percebendo, no centro esírita, por exemplo, sempre sentia a presença em termos de inspiração. Agora, quando eu realmente decidi trabalhar mediunicamente, eu já tinha vinte e nove anos, já tava aqui em Brasília, é... Assim, a gente já trabalhava com passe, trabalhava com palestra, trabalhava como esclarecedor nas reuniões mediúnicas, e depois eu disse: “Não, eu quero, eu sinto necessidade.” Eu mesmo me predispos. E uma vez eu estava numa reunião mediúnica - com o mano, inclusive -, era uma segunda-feira, era a d. Cecília, a Ruth, a Tossie – era um grupo assim, mais próximo -, inclusive, esse grupo havia sido dirigido pelo Thiesen, à época, quando ele estava encarnado. A gente fazia reunião aqui, nessa sala ali em baixo (REFERINDO-SE À SALA SITUADA NO ANDAR ABAIXO AO QUE ESTÁVAMOS NO MOMENTO DA ENTREVISTA), naquela sala do piano, ali e, depois passou a ser na sala do CFN. Então, quando eu cheguei a Ruth dirigia, a Ruth era bem rigorosa, e aí eu me lembro que tava assim, sentado, o mano aqui e eu assim, né (APONTANDO PARA AS CADEIRAS AO LADO), e aí eu comecei a sentir a presença, comecei a sentir. Aí, depois que passou, que eu não dei a passividade, ele falou: “Olha, por que você não deu a passividade? Tinha um amigo aí ao seu lado, querendo se manifestar e tal...”. E a partir disso eu fui recebendo orientação, embora já tivesse conhecimento teórico, não é, eu já conhecia a mediunidade, sabia, já lidava com isso através do conhecimento, mas, não como intermediário, de fato, direto. E a partir começou a acontecer, né, a psicofonia, a psicografia. Então, a gente começou também a trabalhar, a ter essa sensibilidade mediúnica. Ainda me lembro no interior, também – uma coisa que eu sinto falta hoje, que eu preciso retomar, sabe –, lá a gente andava de bicicleta e fazia visita à Santa Casa de Misericórdia, que era o hospital da cidadezinha. Então, levava a mensagem, aqueles volantes, e visitava, não tinha um parente internado, visitava todo

mundo, fazia aquela visita fraternal, conversava um pouco, deixava uma mensagem, fazia uma oração, aplicava passe quando se permitia, botava água lá, ajudava a fluidificar, essas coisas todas, meio que instintivo, espontaneamente, né.

GB: Por amor!

GERALDO CAMPETTI: É, visitava uma ou outra pessoa. Eu me lembro até de uma senhora que a gente visitou, e o pessoal começava a chamar a gente, sabe, algum problema dessa natureza, vai e chama lá, e a gente dava um apoio. Eu me lembro de uma senhora que esteve muito enferma, ela não saía da cama e depois voltou a andar, ela não andava há meses, mas, isso foi graças à atuação dos amigos espirituais e influência do mano nesse sentido também, porque ele que deu essa orientação toda. “A gente precisa fazer, é necessário...”, e criou-se uma cultura, a gente tinha isso como uma coisa muito natural, muito espontânea, não era uma coisa forçada, não, era importante fazer e a gente assumiu o compromisso.

GB: Não só a teoria, mas, a visita aos necessitados, a prática, mesmo...

GERALDO CAMPETTI: Exatamente! Essa base a gente teve, mas, como eu tava falando, a gente precisa retomar. Hoje a gente fica muito vinculado ao trabalho de gabinete, de revisão, de cuidar dessas coisas todas e, às vezes, precisa ter um foco mais nesse sentido, também.

GB: Mesmo sendo um trabalho espírita, não deixa de ser um trabalho burocrático, não é?!

GERALDO CAMPETTI: É, e até para o nosso equilíbrio, você precisa estar atuando junto aos necessitados...

GB: Com mais simplicidade...

GERALDO CAMPETTI: A grande influência que eu tive do mano, assim, que eu sinto, é, foi de fato essa firmeza. Isso no caráter dele é uma coisa patente, muito seguro no que faz, determinado...

GB: E hoje em dia, Geraldo, chegam a trabalhar juntos? Hoje as atividades se encontram?

GERALDO CAMPETTI: Se encontram, porque... É interessante isso ao longo da nossa história. Eu me lembro que na minha imaturidade, uma vez a gente trabalhava com rádio, e ele tinha que sair para o exterior, e foi um grande momento decisivo na vida dele e ele foi, de fato, tomar a decisão depois de uma conversa com o Divaldo, porque ele tinha dúvidas. E o Divaldo falou: “Olha, a sua trajetória é essa, esse é o seu caminho, então, siga-o.”. Aí ele ficou mais seguro e acompanhou a esposa, porque ele abriu mão da carreira profissional, completamente. Então, ele assumiu esse compromisso mas, colocou para a esposa, minha cunhada, desde o início: “Olha, eu vou trabalhar na Doutrina. Vou te acompanhar, mas, onde for possível nós vamos trabalhar, mesmo que não tenha nada, nós vamos fazer, começar alguma coisa no movimento espírita, em cada país que a gente passar” E, de fato, hoje isso é

uma realidade. Passaram por cinco países e, eu me lembro uma vez que ele tinha que sair, ele falou: “Olha, nós temos o programa de rádio...”. A gente fazia locução, eu gostava daquela coisa toda, e ele falou: “Olha, você precisa assumir o trabalho.”. Eu era tão assim, fui tão imaturo no meu orgulho, que à época eu disse que queria ficar só na locução.

GB: Só a voz, já está tudo pronto...

GERALDO CAMPETTI: É, e aí ele acabou designando outra pessoa para assumir, que foi a nossa irmã Edna, assumiu a coordenação durante anos e, só depois que eu fui assumir...

GB: Não teve jeito!

GERALDO CAMPETTI: Não teve jeito porque era o caminho, e ele já tinha essa visão, eu ainda não tinha, eu precisei passar por essa experiência do meu orgulho para poder amadurecer. E aí foi, fizemos esse trabalho, depois ele foi, sentimos muita falta da presença dele fisicamente, que sempre foi para nós uma segurança, e depois, quando ele retornou, - depois de muitos anos, porque sempre vinha, ficava um tempo e voltava, né - então, foram quinze anos nessa trajetória... quinze, dezesseis, dezessete anos... E, quando ele retornou então, a gente teve oportunidade, pelas circunstâncias que foram se formando, da gente estar hoje na mesma diretoria, ele assume a área de estudo, a gente tá na área editorial, e, e trabalhando juntos. Então, nós fazemos hoje parte de uma equipe, tanto da diretoria, quanto de algumas comissões em que a gente atua junto, pela própria natureza da atividade. Então, tem a parte editorial, comissão editorial, tem a parte da tevê, enfim.

(PAUSA PARA O ENTREVISTADO ATENDER UMA CHAMADA TELEFÔNICA)

GB: Só retomando, Geraldo, e apenas para que eu possa explicar, a história de vida do Carlos, ela se faz, também, através da história de vida de vocês, meus depoentes que me ajudam, me trazem mais dados, então, na tua fala fica muito forte a referência do Carlos para você. Mas, pra gente encerrar, essa referência hoje em dia já se desconstruiu mais, se tornou mais forte? Ou... Você nesse processo também de se firmar no movimento espírita, nas tuas atividades até junto com ele... E aí, como está essa relação?

GERALDO CAMPETTI: É tão interessante essa pergunta, porque, por exemplo, esses seis anos que nos distanciam cronologicamente, enquanto infância, adolescência, pré-adolescência, juventude, enfim, isso faz muita diferença, mas, quando a gente se torna jovem, adulto, como a gente é até hoje, né (RISOS), quase cinquentão e ele já cinquentão, enfim, essa diferença diminui, é natural. A gente também vai tendo a experiência, vai tendo a própria vida e... mas, é claro que a referência sempre continua, em termos de exemplo, de dignidade, de caráter, desse esforço todo. Hoje, evidentemente, com a maturidade que a gente vai também ao longo do tempo adquirindo, a gente consegue até se colocar numa postura em que há muito

mais uma amizade, né, não só porque nós somos irmãos consanguíneos, mas também porque somos irmãos espirituais. Nós temos esse vínculo da família espiritual, e com ele especificamente, eu não tenho a menor dúvida disso. Então já existe mais um processo de amizade, de companheirismo, tanto que algumas coisas a gente conversa mesmo, não é. Antes eu me colocava sempre como aquele que estava recebendo orientação, natural. Hoje a gente já conversa mais como amigo, a gente já troca mais, é natural. Ele fala uma coisa, eu falo outra, a gente pondera, às vezes ele pondera, quer dizer, é mais uma relação mesmo, interpessoal, que existe essa troca. Então, eu acho que hoje, também, de certa maneira, eu acabo o influenciando em alguns aspectos, talvez pela forma, pela maneira, pelas experiências diferenciadas. Eu me lembro mesmo na produção do livro, agora, você veja que curioso... é... teve um ponto que ele tava batendo numa tecla que é um detalhe assim curioso, ele queria fazer o livro e não queria fazer os itens, fazer só os capítulos e deixar, e colocar os tópicos sem itemizar propriamente. Eu falei: “Para a organização da obra é importante você itemizar, porque depois a gente vai fazer um índice pra recuperar a obra didática...”. E ele: “Não, mas isso vai quebrar um pouco...”. E a gente ficou assim, e ele reagiu, eu vi que ele não gostou, e eu falei: “Então, vamos deixar, deixa lá...”. Então, depois a Simoni, uma colega que hoje está no Uruguai, ela é muito amiga nossa, ela colocou: “Por que você não cede um pouco também? Ele tá falando de coisas que são da área dele, ele sabe o que tá falando.” E foi a partir daí, ele deu uma relaxada, cedeu, e tal, e a obra ficou realmente com essa organização, quer dizer, o meio termo, ela ficou itemizada até certo ponto, mas, nós negociamos, né. E aí hoje ele ouve, ele escuta, ele consulta também, pergunta umas coisas... essa relação existe...

GB: Então, só para fechar, você falou de uma coisa muito importante: o vínculo espiritual entre vocês dois...

GERALDO CAMPETTI: É, existe um vínculo espiritual, nós compomos uma família espiritual, disso eu não tenho a menor dúvida. O fato dele ter sido o primeiro, não é, o mais velho, e eu vir por último, isso também não é casual, e nós temos em termos espirituais a maior vinculação na família. Não é que a gente não goste dos outros, gostamos, respeitamos, tudo tem seu papel, mas, o comprometimento e o compromisso vinculado à atividade espiritual, por exemplo, a gente sente muito mais. É um trabalho dele, é um trabalho meu, então, a responsabilidade que ele e que eu temos, mais notadamente. Você veja que nós temos uma irmã, fico muito feliz, porque agora que ela está se engajando. É a minha irmã Rosely, a Rose, ela vai fazer cinquenta e um, faz cinquenta e um agora, e agora que ela está se engajando. Teve oportunidade conosco, as mesmas que nós tivemos, mas, seguiu caminhos distintos, não quis, reagia, e agora está coordenando uma turma aqui do acolhimento, do

ESDE, sob orientação do mano. Então, essa influência sempre foi muito forte, né, ela inclusive o procura muito mais a ele do que a mim. Isso também é por causa dessa referência espiritual que ele se torna para a família, mas, entre nós o vínculo espiritual é muito forte, muito intenso. A gente tem muita afinidade, a estrutura de pensamento é similar, embora a forma de ação seja diferente, nós temos uma afinidade na ideologia, até na maneira de estruturar o pensamento, embora sejamos diferentes. Hoje eu consigo distinguir com muita precisão, porque no passado eu confundia, aquilo que eu te falei... Então, a afinidade é muito intensa, os propósitos, a busca, a busca do sentido da vida, a certeza dos princípios espíritas, isso tudo nos bate muito. E quando há uma distinção, uma diferença, é em detalhes. Outro dia ele tava colocando uns pontos, por exemplo, tão específicos, que eu assim, eu me calei, eu fiquei quieto, porque eu pensava diferente num ponto. E aí, quando eu fui buscar a leitura, realmente, dentro do que ele tinha referenciado, fui estudar, eu vi que ele tinha razão, que estava exatamente como ele estava falando. Mas, a gente já tem uma certeza de que, assim, alguns pontos, não são cruciais, não são determinantes, e aí isso é fundamental para uma relação de entendimento, pra gente poder seguir à frente, e até num trabalho de gestão, como a gente está hoje em parceria, integrados na mesma diretoria, para saber levar isso, porque se não você também acaba... discordando é natural, você ter opinião distinta, hoje a gente acaba tendo maturidade de colocar o que pensa, mas, com o cuidado de não dividir... Que a opinião distinta seja um ponto de união, não de divisão, que seja para somar, não para subtrair... Então, é uma coisa que a gente precisa amadurecer e a gente vem conquistando isso, gradativamente nas relações. E isso é constante, né, isso não é de agora, gente precisa estar o tempo todo atento, a cada dia, a cada comportamento, a cada pensamento, cada ação que a gente tem, cada palavra que a gente pronuncia. Esse é o nosso dia a dia. Mas, eu sou extremamente grato ao meu irmão, pela bênção que eu tive, a oportunidade de ter nascido na mesma família que ele, ele veio primeiro, eu vim por último, né, porque certamente os compromissos que ele tinha, a trajetória que ele teve, as dificuldades, os desafios que enfrentou, abriram uma trincheira extraordinária para a nossa caminhada, facilitou demais o nosso caminho, em todos os sentidos... Uma vez, numa experiência que eu tive, ele me falou algo marcante, que eu levei anos para digerir, muitos anos mesmo. Ele disse bem assim: “Você estava montado num cavalo branco, e você acabou de cair desse cavalo. Vai levar um tempo pra você conseguir montar no cavalo de novo.” Eu, na minha imaturidade, na minha inexperiência, que foi a minha primeira esposa, ela ficou grávida, né, e, até o pai e a mãe dela falaram: “Olha, se não quiserem casar...” Mas, ele falou: “Você vai assumir a responsabilidade!” Mas, ele não deixou de falar o que eu precisava ouvir, mesmo que eu não

entendesse, não aceitasse naquele momento. E, de fato, foi uma trajetória toda, depois nos separamos, depois voltamos, tivemos um outro filho, não é, e depois nos separamos de novo, porque realmente não era pra gente seguir nessa jornada. Enfim... Então, houve todo um aprendizado. Essa firmeza de caráter, de dizer o que ele pensa, o que ele sente, porque é que ele vive, ele nunca fugiu disso, nunca se afastou desse comportamento, seja com quem for, onde for, ele sempre teve. E sobretudo pela ascendência, não é, na nossa formação, ele colocava... e colocou... Hoje a gente entende isso com mais facilidade, e ele também foi, ao longo do tempo, eu vejo isso, pela experiência, foi também adquirindo uma maleabilidade maior, talvez um pouco mais flexível, vendo as coisas de uma maneira um pouco mais, quem sabe assim de parceria, de reciprocidade, aprendendo a escutar o outro. Hoje a gente tem relação muito boa, por exemplo, no trabalho de equipe, onde a gente fala o que pensa, sem desrespeitar o outro. E é um crescendo, é claro que a gente vai chegando sempre, né, no que é o ideal para o trabalho. Tem muito desafio ainda, como eu tava falando, é o dia a dia, mas, a gente já vislumbra isso, sabe que é assim e se esforça para colocar isso em prática. Então, as minhas palavras finais são de gratidão, muita gratidão a esse irmão. Esse irmão que chegou antes, né, e que está à frente. Eu brinco com ele, ele não aceita isso, mas, eu falo sem falsa humildade, né, ele está à frente, realmente, em muitos pontos. Pelo caminho que ele abriu, pelas experiências que enfrentou, pelo estudo, pela disposição, pela firmeza, e pelo enfrentamento, também, que fez em torno dos seus próprios problemas, das suas dificuldades, que todos nós temos. Buscou também orientação, sempre que necessário... Encontrou essa orientação, outras ele teve que descobrir, por experiência própria, mas, sempre contando com o auxílio espiritual. É outra coisa também que é muito firme na trajetória dele: esse contato pela mediunidade, ou pela mediunidade de outros, sempre a presença espiritual marcante, seja de familiares que já tinham uma certa ascendência espiritual, seja de amigos, mesmo, espirituais, como benfeitores, que vem dando esse suporte para que a gente possa tocar a vida em frente. Então, muito grato mesmo, muito agradecido do fundo do coração, e hoje a gente pode dizer que tem um irmão, não só aquele irmão consanguíneo, mas, de fato, um amigo espiritual que caminha junto, que às vezes está na vanguarda, porque à frente pela visão que tem, a disposição, que está junto porque estende as mãos, ele dá o braço, realmente, para a gente poder se abraçar e seguir, e às vezes tá na retaguarda, porque dá o suporte para a gente também não cair, e para que ele também não caia. Então, isso é muito nítido, hoje na relação a gente tem essa visão clara, não necessariamente de que um é melhor do que o outro, mas que todos nós somos necessitados, e precisamos necessariamente uns dos outros.

FERNANDA MEIRA-WIENSKOSKI - CAPELLA

IDADE: 53 anos

ESTADO CIVIL: Casada

PROFISSÃO: Analista de Sistemas/Engenheira de Software

TEMPO DE DOCTRINA ESPÍRITA: 27 anos

ATIVIDADE QUE EXERCE NO MOVIMENTO ESPÍRITA: Trabalhadora do Kardec Spiritist Group of Austin (KSGA) - Austin/EUA – Oradora espírita

LOCAL DA ENTREVISTA: Entrevistada foi solicitada a responder as perguntas por *e-mail*

1. Como você iniciou na Doutrina Espírita?

Quando conheci o meu marido, no Rio de Janeiro em 1988, ele já frequentava um grupo chamado "Grupo Espírita André Luiz" há bastante tempo, várias décadas. Eu me interessei em ir às reuniões com ele, mas quando comecei a frequentar ainda não sabia do que se tratava. Conforme fui participando, me aprofundando, meu interesse foi crescendo. Considero isso um "reencontro".

2. Como foi seu encontro com Carlos Campetti e Armando Souto Maior, na década de 1990?

Eu conheci o Prof. Armando em Houston, como voluntária e imediatamente ficamos amigos. Conversávamos muito e sobre tudo, mas principalmente livros, estudos, história, ciência, filosofia...

Nessa época, fui a um congresso mundial de Espiritismo em Miami, onde conheci o Carlos e quando voltei, já vim com um convite feito ao Carlos para vir a Houston fazer uma palestra aceito. Convidei o Armando para ir na palestra. No final, apresentei os dois e eles conversaram. No dia seguinte, a conversa continuou na minha casa. Houve outros encontros, acho que todos na minha casa em Houston.

3. Que pontos você destacaria como relevantes na mudança do historiador Armando Souto Maior, migrando de uma posição de completa descrença no que concerne à dimensão espiritual do homem, para a sincera convicção na vida após a morte?

Ele disse que já tinha lido o Livro dos Espíritos, mas mesmo assim iria à palestra, por ter sido um convite meu. Acredito que nessa ocasião, a mensagem tocou o seu coração num momento em que ele estava aberto e receptivo a essas ideias. Após a palestra ele disse que iria reler o livro com outros olhos.

Esse livro foi passado a ele nessa mesma noite pela pessoa que o levou de volta ao hotel. Por acaso ela tinha o livro no carro. Ele disse que ficou a noite toda lendo o livro.

No dia seguinte ele me telefonou e eu fui buscá-lo no hotel e nós três nos reunimos para conversar sobre o livro. A semente estava germinando num solo fértil. Sua transformação foi visível e aconteceu muito rapidamente, de forma exponencial, como se ele estivesse desejando recuperar o tempo perdido.

4. A Doutrina Espírita, ao assentar-se sobre uma tríplice concepção, qual seja a da religiosidade, a da indagação filosófica e a da especulação metódica ou científica, possibilita uma transformação espiritual?

Possibilita muito! Mas a intensidade, sinceridade e velocidade dessa transformação está relacionada com o fato de a pessoa estar aberta e receptiva a esses conhecimentos e principalmente praticá-los.

O acesso à Doutrina Espírita está aberto a todos, principalmente com os meios de comunicação disponíveis hoje. O fator determinante da transformação espiritual é o quanto que aqueles que a procuram e estudam estão abertos a esses conhecimentos e a praticá-los.

LUCIANO PINHEIRO KLEIN FILHO - AZUL

IDADE: 51 anos

ESTADO CIVIL: Casado

PROFISSÃO: Professor do Colégio Militar de Fortaleza (CMF), Sócio Efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)

TEMPO DE DOCTRINA ESPÍRITA: 30 anos

ATIVIDADE QUE EXERCE NO MOVIMENTO ESPÍRITA: Vice-presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC)

LOCAL DA ENTREVISTA: Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC)

ENTREVISTA REALIZADA EM 7 DE MARÇO DE 2015 (FEEC)

LUCIANO KLEIN FILHO: Você quer só que eu diga como foi a minha introdução no Espiritismo?

GB: Como você iniciou na Doutrina Espírita...

LUCIANO KLEIN FILHO: Posso falar?

GB: Sim, está gravando...

LUCIANO KLEIN FILHO: Eu tive meu primeiro contato com a Doutrina Espírita, pelo menos a parte relativa ao estudo, porque os fenômenos me eram familiares, por questões relacionadas à minha família, minha avó, que frequentava reuniões espíritas, no Centro Espírita Cearense, e minha mãe embora católica também era médium, mas, por receio nunca

quis compreender o fenômeno mediúnico e se manteve católica até o final da existência. Mas, efetivamente, o meu contato com o Espiritismo se deu em novembro de 1985, quando, eu querendo conhecer o Espiritismo, tive oportunidade de frequentar o “Curso Básico de Espiritismo”, um curso fundado em dezembro de 1974 pelo professor Ari Bezerra Leite, que, aliás, até estava presente lá na solenidade¹²¹ e que tinha se tornado uma referência em termos de proposta de trabalho – o Curso Básico – em nível nacional. E na ocasião eu procurei o curso, ele já havia se iniciado, e eu peguei mesmo na metade, repeti várias vezes, e fiquei deslumbrado, encantado, com os postulados espíritas. Sempre fui de mente aberta em relação à Espiritualidade, era leitor da Revista Planeta, e de certa forma isso me facilitou um pouco ver sem receio o Espiritismo, estudá-lo. Eu era muito católico na época, e na época eu me lembro muito bem, também - pelo menos as minhas ideias eram essas – apenas aumentar mais o meu cabedal de conhecimentos sobre a Espiritualidade, sem a intenção de me tornar espírita.

GB: No início, era só curiosidade?!

LUCIANO KLEIN FILHO: Talvez por curiosidade em relação ao que era o Espiritismo, que meu pai era simpatizante, minha mãe tinha esses pontos de contato com a família, e foi então que eu resolvi... Estudando, me aprofundi, fiquei encantado com o Espiritismo, repeti o Curso Básico várias vezes, até que no ano seguinte, em 1986, eu me vinculei à Mocidade Espírita Joanna de Ângelis. O Curso Básico - que eu não registrei – ele na época era realizado na Comunhão Espírita Cearense, que foi o nome do Centro Espírita Cearense entre 1974 e 1996, quando se tornou Federação Espírita do Estado do Ceará, a partir da gestão do saudoso confrade Benvindo Mello, e posteriormente, a partir de 2007, foi resgatada, a instituição, como centro espírita, na parte de baixo do prédio onde hoje funciona a Federação, na sua sede social, como Centro Espírita Cearense, que era o seu nome original, instituição fundada em 19 de junho de 1910, pelo nosso inesquecível Vianna de Carvalho. Então, em 1986 eu me vinculei à Mocidade Espírita Joanna de Ângelis (MEJA), que é a mocidade espírita mais antiga em funcionamento, neste ano ela completa 40 anos de existência, e foi a partir daí que eu tive oportunidade de, num grupo de estudos, com os jovens, é... fazer algumas atividades de promoção social... é... iniciando, também, a partir da mocidade, as minhas primeiras atividades no campo da divulgação do Espiritismo pela palavra falada, minhas primeiras palestras, no final de 1986, começo de 1987. Então, essa minha fase inicial, eu digo sempre,

¹²¹ Entrevistado faz referência à sua solenidade de posse da cadeira de número 26 no Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), tornando-se sócio efetivo daquela instituição responsável pelo estudo e difusão dos conhecimentos da História, da Geografia, da Antropologia e áreas afins no nosso estado, ocorrida por aqueles dias.

que foi um dos momentos mais felizes, mais marcantes, da minha trajetória como espírita, que neste ano completa 30 anos, desde aquele momento inesquecível. De vez em quando, por conta dos embates, das dificuldades, quando eu me decepçiono, em razão de algumas atitudes que a gente vê no movimento espírita – não por causa do Espiritismo, mas, por causa, às vezes, da nossa atitude como espírita – aí, eu evoco a lembrança daquele período em que eu ficava apaixonado, encantado com a mensagem espírita, participava dos trabalhos de mocidade, e isso de certa forma pra mim é um alento, é um refrigério, e ao mesmo que um estímulo pra que eu não esmoreça e prossiga aí nas minhas atividades, como divulgador do Espiritismo, e atualmente, também, como historiador do Espiritismo.

GB: Então, nesse sentido, do teu encontro com o Espiritismo, Luciano, olhando pra trás, este encontro respondeu a anseios intelectuais, somente, ou a inquietações íntimas?

LUCIANO KLEIN FILHO: Perfeito! A minha busca pelo Espiritismo, através do Curso Básico, se deu num ano em que, embora eu tivesse a abertura pra ler e absorver tudo quanto era conhecimento relacionado à Espiritualidade, mas, algumas dúvidas interiores, alguns conflitos íntimos - e que eu pedia nas minhas orações a Deus que, de alguma forma, me desse codições de entender alguns dos processos que, naquele período me aturdiavam intimamente a alma – e, foi quando eu conheci o Espiritismo. Então, foi um pouco desse lado das respostas lógicas que o Espiritismo nos dá, o lado intelectual, mas se adequando bem, também, às nossas necessidades interiores, o meu desejo de conhecer uma doutrina que me permitisse restaurar – eu sempre pensei nisso! – a fé, a maneira de me relacionar com Deus que eu tive durante a minha infância. Quando você chega à adolescência, a gente passa às vezes por alguns momentos de turbulência, de transição, e eu sempre, desde pequenininho, fui ligado à religião. Então, eu às vezes pedia à Deus: “Meu Deus, me ajude a voltar a ter aquela fé, aquela relação que eu tinha com a Espiritualidade, mesmo na minha crença original, nesse momento da minha vida.” E foi quando eu comecei a estudar o Espiritismo e, além de me atender, portanto, como eu disse, os anseios nessa área da intelectualidade, pela própria lógica irretorquível do Espiritismo, ela me preencheu esse vazio existencial daquele momento em relação àquilo que eu buscava. Tanto é que eu me encontrei, a ponto de estar completando, repito, neste ano, três décadas de vinculação ao Espiritismo, e lhe confesso Gabrielle, que nesses trinta anos de Espiritismo, não me lembro, e espero continuar assim até o termo aí da minha jornada - que espero ainda seja longa (LEVE RISO DE AMBOS) pra que eu possa continuar colaborando, sobretudo com o resgate da memória do Espiritismo – mas, eu sinceramente, não me lembro, a não ser por um problema de saúde, alguma coisa - mas, devido a isso - de ter passado, assim, uma semana, quinze dias, afastado das atividades

espíritas. Desde novembro de 1985 até hoje, apesar das dificuldades da vida profissional, de alguma forma eu estou ligado à atividade espírita. Eu não consigo passar uma semana sem pensar na atividade, seja como escritor, como historiador, como palestrante, como dirigente da Federação ou de outras participações em casas espíritas. Então, graças a Deus, nesses trinta anos eu não precisei “dar um tempo”, como alguns companheiros infelizmente às vezes fazem, achando que, em se afastando da casa espírita ou das atividades ele vai conseguir concatenar novamente as idéias, retemperar as forças, quando é o contrário. Eu acho que, em meio às dificuldades que a gente passa na casa espírita você tem exatamente o local adequado pra que você possa resolver os seus próprios problemas, porque ali você tem o suporte. Então, nesse interregno aí prolongado, de oitenta e cinco até hoje, graças a Deus – espero continuar – repito, não me lembro ter passado uma semana afastado de alguma atividade espírita.

GB: Então hoje, Luciano, para que nós continuemos, eu te passei os três pontos e você agora tem liberdade para discorrer, a partir da tua inspiração...

LUCIANO KLEIN FILHO: Você me pergunta novamente, um por um, que aí fica mais fácil?!

GB: Pode ser, pode ser! Então, o primeiro ponto: como foi o seu encontro com historiador Armando Souto Maior, na década de 1990?

LUCIANO KLEIN FILHO: Foi um encontro memorável! E curioso... Curioso porque à época, relativamente jovem, com trinta e três anos, já professor do Colégio Militar de Fortaleza, eu já havia iniciado, coincidentemente, naquele mesmo ano que conheci o professor Armando, em 1997, um trabalho como historiador visando ao resgate da memória histórica do Espiritismo no Ceará. E idealizávamos a criação de uma instituição, que seria fundada neste mesmo ano, no dia dez de dezembro de 1997, com o nome de Centro de Documentação Espírita do Ceará, que procurava coletar documentos, informações em torno do movimento espírita cearense, que posteriormente viríamos a descobrir, iniciou efetivamente a partir da fundação de um grupo espírita “Fé e Caridade”, por um carioca chamado Luís de França de Almeida e Sá, no dia dezoito de novembro de 1895, portanto neste ano completamos cento e vinte anos da fundação dessa instituição pioneira. E o encontro foi inusitado, como dissemos, curioso, porque estávamos no Colégio Militar e na época trabalhávamos com um colega que fora meu professor na Universidade Estadual do Ceará, o professor e amigo Agileu Gadelha, e na época o Agileu, bem como outros colegas, professores da Universidade Estadual do Ceará, estavam fazendo o curso de Mestrado à distância, no vínculo entre a Universidade Estadual de Pernambuco e a Universidade Estadual do Ceará, na época ainda não existia o curso de Mestrado aqui, na nossa cidade. E o fato é que nós fomos contactados pelo Agileu que,

afoitamente, e sem entender, me ligou dizendo que o professor Armando Souto Maior, logo que desceu no aeroporto, a primeira pessoa por quem ele perguntou fui eu. Perguntou se ele conhecia o historiador Luciano Klein. E eu fiquei surpreso porque, usando uma expressão bem nossa, eu era um “menino velho”, ainda quase de fralda e iniciando as atividades profissionais e, o professor Armando foi para mim um ícone, uma referência na historiografia, na minha adolescência, por causa dos livros que ele editou e que praticamente todos nós no Brasil inteiro estudamos. Eu fiquei abismado, surpreso, porque ele estava querendo falar comigo, e Agileu também não sabia, né, e disse que ele havia me convidado para assistir, na noite do dia da sua chegada, a uma palestra que ele iria ministrar na Universidade Estadual do Ceará, na sede da Luciano Carneiro, em face da celebração dos cem anos do movimento de Canudos, do encerramento do movimento de Canudos. E, à noite daquele dia eu fui, esperei que ele concluísse a preleção - fui na companhia do saudoso amigo Marcus Venícius Monteiro, que era companheiro do Centro de Documentação Espírita do Estado do Ceará -, e o Marcus sempre com a sua câmera fotográfica. E aí o professor, assim que terminou, eu percebi que ele veio ansiosamente, se encaminhando na minha direção, conduzido pelo coordenador do curso de Mestrado daqui, professor Jacques, e ao nos abordar ele me olhou com muita afetividade, muita ternura – nunca me esqueci – apresentou-se e, para minha alegria, sabia através do professor Humberto Vasconcelos, do trabalho que nós estávamos - professor Humberto Vasconcelos de Recife, seu amigo -... Do trabalho que nós fazíamos aqui no Ceará, trabalho também pioneiro em nível nacional, criando uma instituição que objetivava exatamente salvaguardar e dar uma destinação futura à preservação da memória histórica do Espiritismo no Ceará. E curiosamente a partir do Ceará surgiram, em nível nacional, outras instituições congêneres, semelhantes, outros centros de documentação. Surgiu um em Pernambuco, surgiu um no Amazonas, havia um também em São Paulo, né, então, um trabalho muito interessante. E, ele aproveitou o ensejo para conversar conosco, mas, como estava muito assediado, muita gente o abordando, em função da figura que ele era, que ele representava para a nossa historiografia, e aqueles do Mestrado que ali se encontraram, e eu fiquei mais reservado, pedi para tirar uma fotografia com ele, né – uma foto que eu guardo com muito carinho -, foi quando ele inopinadamente se dirigiu a mim e pediu ao coordenador do curso de Mestrado da UECE que permitisse que eu fosse levá-lo ao hotel onde ele se achava hospedado na avenida Beira Mar. Eu tomei um susto. “Pôxa, vou levar o professor Armando no meu carro!” Mas, aproveitei o ensejo - foi um momento inesquecível para mim - e, um fato também interessante é que, quando ele entrou no meu carro, na época havia uma intensificação na cidade da fiscalização, das multas, em relação ao cinto de segurança – isso

em 1997 – e eu no meu velho Corsa prata – primeiro carro praticamente que eu comprei com os meus próprios recursos como professor do Colégio Militar – e, quando ele entrou eu disse assim: “Professor, nós estamos agora com uma campanha aqui - acredito que esteja acontecendo em Recife, também, porque é nacional - do uso do cinto de segurança...” E, na época não se usava vidro fumê, né, e eu disse assim: “Olha, o senhor faça a gentileza de colocar...” “Não, não, meu filho, eu sou meio alérgico a cinto, eu me sinto meio asfixiado... Deixe assim mesmo, não tem problema, não.” E eu meio desajeitado... não, tudo bem, é o professor Armando, o quê que eu vou dizer, né... (RISOS DE AMBOS) E o fato é que nesse interregno, nesse deslocamento, eu vibrei quando tinha um engarrafamento, porque era a oportunidade de conversar com ele. E eu falei dos meus projetos, ele até indagou porque é que nós não estávamos fazendo o curso de Mestrado e eu aleguei questões familiares e profissionais, porque eu não poderia me deslocar até Recife e, ele foi um dos grandes incentivadores para que eu continuasse com esse trabalho, tanto que, exatamente no final do ano nós efetivamos, no dia dez de dezembro de 1997, o Centro de Documentação Espírita do Ceará – o CDEC, como nós carinhosamente chamávamos. Então foi realmente uma experiência *sui generis*, um contato assim memorável, algo que eu vou levar para o resto da vida. E a partir de então ele acompanhou nosso trabalho, porque nós mandávamos o jornal para ele - o Gazeta Espírita, que era o jornal, o órgão informativo do Centro de Documentação Espírita do Ceará – e ele recebeu durante algum tempo, até que soubemos da sua desencarnação há praticamente dez anos, em 2006.

GB: O segundo ponto, Luciano... Nós podemos continuar ou você gostaria de complementar alguma coisa desse encontro?

LUCIANO KLEIN FILHO: Eu posso reforçar o convite que ele me fez porque, como eu coloquei, eu fiquei muito surpreso...

GB: Por que você acha que ele lhe fez esse convite?

LUCIANO KLEIN FILHO: Talvez... Certamente, seguramente, pelo trabalho que nós estávamos fazendo aqui no Ceará, por ser um trabalho *sui generis* praticamente em nível nacional, à época. Havia poucos trabalhos acadêmicos de temáticas espíritas e teria um *boom*, um desenvolvimento muito grande, uma expansão de atividades com temas nessa área mais para o final... início dos anos dois mil... Hoje você tem muitos trabalhos, mas, na época, eram praticamente pontuais, um ou outro trabalho você encontrava, em dissertação de mestrado, de doutorado... E, pelo amor que ele estava tendo à Doutrina que abraçara recentemente, ele talvez tenha visto no meu nome, por ser jovem ainda, por fazer um trabalho dessa natureza, alguém que ele pudesse - talvez até de certa forma é uma especulação minha, até porque ele

conheceu o Espiritismo já praticamente no ocaso da vida -, ele me via na minha juventude, com trinta e três anos, talvez, alguém que, iniciando já muito novo no Espiritismo - que eu comecei no Espiritismo com vinte e um anos, estou há trinta anos no Espiritismo -, ele talvez visse em mim, projetasse em mim o que ele talvez tivesse anelado um dia ser um pesquisador, da História, vinculado ao Espiritismo desde a juventude, né. Talvez intuitivamente ele já soubesse, também - mesmo em meio aos problemas de saúde -, talvez intuitivamente ele já tivesse uma noção de que nove anos após esse encontro ele iria partir, não demorou muito tempo. Então, foi um encontro assim, para mim, dos mais memoráveis, e repito, foi um dos que me incentivou, mesmo eu tendo tido apenas esse contato físico com ele, uma única vez, num único dia, numa única noite, mas, foi o suficiente para que eu o guardasse para sempre aqui, de maneira indelével, no escrínio do coração. Então, uma lembrança terna, que eu jamais vou esquecer.

GB: E então, de certa forma, como você está falando deste encontro, deste homem, inclusive deste homem dentro da universidade, né, da sua atuação acadêmica, que elementos relevantes você pode colocar da mudança do professor Armando Souto Maior: de uma posição materialista para uma posição de que ele passa a ter certeza, uma convicção na vida após a morte, e que isso, inclusive, passou a ganhar destaque nos trabalhos que ele orientava dentro da universidade... Isso tem uma repercussão, não é?!... Que elementos importantes você destaca?

LUCIANO KLEIN FILHO: Quando nós acompanhamos a história do Espiritismo no Brasil e no mundo, nós também encontramos muitas figuras exponenciais do meio acadêmico, da ciência, que em razão de uma série de fatores, como acontece até hoje: às vezes somos acicatados pela dor, pelo sofrimento e despertamos para a realidade do mundo espiritual, outras vezes em razão das intrigas íntimas, dos questionamentos que naturalmente nós fazemos a respeito da transcendência do ser, da imortalidade da alma ou, às vezes pelo desejo ardente de sentir, através do aspecto da religião, ou o sentimento da religiosidade, uma interação mais profunda com Deus, quando muitas vezes somos oriundos de outras denominações religiosas, de outras expressões de fé. No caso do professor Armando, que faz uma transição admirável, do agnosticismo, do materialismo, para o espiritualismo, no caso o Espiritismo, ele teve seu encontro pessoal com Jesus na estrada de Damasco a partir exatamente desse momento de dor, muito provavelmente, em meio às reflexões que deve ter tido, o desejo de procurar algo, até a oportunidade que ele teve de conhecer, através do confrade Carlos Campetti, de forma mais plena, de ter uma definição mais incisiva do que seria o Espiritismo. Então, essa transição, que para mim causa certa surpresa, foi até

aparentemente fácil porque ele migrou com espontaneidade, como se ele já conhecesse o Espiritismo, mesmo sendo um agnóstico, ou um materialista, não negava a existência de Deus, apenas duvidava, era um agnóstico, portanto. Então, creio eu que isso, de certa forma, o sofrimento, que retém por aí suas forças, sua energia, lhe dando aí um novo ânimo, para continuar a sua trajetória nos anos seguintes, porque praticamente uma década depois, um pouco mais, ele viria a partir, mas, foi decisivo para que ele de alguma forma deixasse a sua marca, como historiador que foi, como intelectual de nomeada em nível nacional, esse processo de mudança ou de conversão. E mesmo dentro das suas limitações, das suas atividades acadêmicas, esse amor ficava tão patente, tão evidenciado, que ele procurava, saía à cata de jovens que se interessassem por essa temática, para que os mesmos pudessem, no curso de Mestrado, ou no próprio Doutorado lá na Universidade Federal de Pernambuco, enveredarem por esse caminho nas pesquisas, como, aliás, ele nos convidou a participar, e como dissemos, infelizmente, por motivos familiares e profissionais, à época, nós não tivemos condições de nos deslocarmos até Recife, algo até que eu lamento muito, até talvez mais pela oportunidade de privar mais intimamente da amizade e conviver com o professor Armando. Então, acredito que aconteceu como muitos outros, como aconteceu com o próprio Bezerra de Menezes, que em meio ao sofrimento pelo qual passou, mesmo tendo sido muito religioso, mas viveu também um momento de dúvida em relação à existência do próprio Deus, como seus biógrafos registram - a partir do contato que ele teve com uma obra básica da codificação, dr. Bezerra de Menezes, que foi o “Livro dos Espíritos”, ofertado por um amigo, Joaquim Carlos Travassos, na conhecida história, no episódio em que ele aguardava um bonde que o levaria à sua residência na Tijuca – o professor Armando também recebeu do Carlos Campetti exatamente a mesma obra. E essa obra, que é obra básica da codificação – o Livro dos Espíritos, lançada por Allan Kardec 18 de abril de 1857 -, uma obra eminentemente dialética, com 1.019 perguntas, com 1.019 respostas, fascinou o professor Armando e, o mesmo que aconteceu com Bezerra de Menezes, aconteceu com ele. Rapidamente, quase com uma transição espontânea, sem muitos conflitos íntimos, ele adere à nova doutrina.

GB: E, como você já está falando, adentrando...

LUCIANO KLEIN FILHO: Encontrei esse elo agora, achei interessante fazer... Sem querer...

GB: Pois é! E aí você já está adentrando, Luciano - não é sem querer, não existe sem querer – no tríplice aspecto que rege a Doutrina Espírita, que é o da religiosidade, da filosofia e da ciência, e o Livro dos Espíritos é um bom motivo para nós iniciarmos a tua fala sobre isso... De certa forma, essa concatenação de aspectos oportuniza uma transformação dos sujeitos?

LUCIANO KLEIN FILHO: Sem a menor sombra de dúvida, até porque a Doutrina Espírita é uma doutrina tríplice. Embora haja as preferências por parte dos adeptos, os que se vinculam mais ao viés cientificista, ou ao filosófico, ou ao aspecto moral, ou religioso, ou à religiosidade, como queira... Certamente, todos aqueles que têm o ensejo de conhecer a doutrina sistematizada por Allan Kardec, param, refletem, e veem a vida através de uma nova perspectiva, porque esse é um escopo do Espiritismo que enseja mudanças. O próprio Allan Kardec nos diz, em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, que se reconhece o verdadeiro espírita, não por ser uma pessoa que se empanturre de conhecimento, que seja um profundo conhecedor da ciência, da filosofia ou mesmo da moral espírita, né, pelo menos teoricamente, mas, é alguém que se empenha cotidianamente por aplicar esses ensinamentos, tentando vencer as suas más tendências, as suas más inclinações. Esse é o grande escopo do Espiritismo porque, de fato, seja pelo viés da ciência, através da filosofia, que você fica embevecido quando você analisa, por exemplo, a Reencarnação, que é um dos nossos princípios básicos, você fica de tal maneira envolvido – foi aliás o tema que me arrebatou para que eu me sentisse estimulado ao estudar o Espiritismo quando, pela primeira vez, participei de um curso básico de Espiritismo, na Comunhão Espírita Cearense, hoje Centro Espírita Cearense, no dia 24 de novembro de 1985 – talvez, assim, como a reencarnação me despertou a atenção, e, o passo seguinte, o lado moral, a leitura d’O Evangelho segundo o Espiritismo, especificamente o capítulo quarto, que trata dessa temática, com a didática incomparável de Allan Kardec - professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, grande pedagogo, discípulo de Pestalozzi – foi que eu passei a refletir mais sobre as consequências dessa lei, que nós passamos a entender, que seja a reencarnação, e que inevitavelmente nos compele a uma parada necessária, uma reflexão, a respeito da nossa caminhada de ascensão espiritual para que nós redimensionemos as nossas vidas e nos modifiquemos internamente. Muitas filosofias espiritualistas têm propostas semelhantes, até porque com o Espiritismo nós entendemos que todas as expressões de fé são caminhos que levam a um mesmo fim, que é Deus, mas, a que nós fizemos opção de seguir – eu, Carlos Campetti, o professor Armando – nos sinaliza nesse sentido: você tem a ciência, que embevece, que desperta curiosidade, a filosofia que estimula a reflexão e nos dá a compreensão a respeito dos grandes enigmas da vida que sempre afligiram a criatura humana, nos faz entender melhor quem somos nós, de onde viemos, para onde vamos, mas, indubitavelmente, a diretriz que nos aponta a conquista daquilo que é, de certo, o desiderato de todos nós na Terra, que é a harmonia íntima, o equilíbrio, a paz, é o caminho da religiosidade, que foi o caminho trilhado pelo professor Armando, que demonstrou isso, não só, com o encanto que ele teve da parte científica e filosófica do

Espiritismo, mas, da parte moral, tanto que, sabemos, o resultado desse trabalho dele que organizou uma instituição que albergava crianças carentes.

(PAUSA NA GRAVAÇÃO)

GB: Na sua última colocação, na sua última reflexão, Luciano, na sua última resposta, digamos assim, você estava falando até da sua entrada na Doutrina Espírita, o teu envolvimento inicial com a doutrina ainda nos idos do ano 1995...

LUCIANO KLEIN FILHO: Oitenta e cinco.

GB: Perdão! De 1985 e que quando, participante do Curso Básico de Espiritismo você encontrou o capítulo que trata sobre a Reencarnação e a Ressurreição e, você estava falando desta questão da reencarnação como algo que pode ter sido um elemento para o envolvimento também do professor Armando Souto Maior, não é, essa especulação que você levanta, do professor Armando com a Doutrina Espírita, eu te pergunto - fique à vontade, mas, se você quiser finalizar -, mas, seria muito importante eu te escutar a respeito: a transformação do professor Armando seria puramente por um fator de idade, esse elemento que você especula que seja da ordem da reencarnação, com todo o encadeamento lógico que a Doutrina Espírita traz – tem a idade aí uma preponderância, ou tem um aspecto lógico que se apresenta quando nós estudamos um pouco mais detidamente a Doutrina Espírita?

LUCIANO KLEIN FILHO: Em absoluto, com certeza que o que deve ter fascinado o jovem Armando Souto Maior - já que entendemos na perspectiva do espírito que a juventude é manter sempre acesa a chama de um ideal - e, pelo menos quando eu encontrei aquele homem, de cabelos brancos, matizados de branco pelo tempo, eu vi nos olhos dele, assim, uma vivacidade, uma jovialidade, um desejo incontido de estudar, de conhecer, de incentivar ao estudo do Espiritismo, às pesquisas de história do Espiritismo. O que eu coloco em relação à idade dele é porque, infelizmente, se bem que era essa a sua programação espiritual, ele foi acicatado pela dor, por uma prova, por um processo expiatório, que ele conseguiu superar, já numa idade avançada.

GB: Você se refere ao fato dele, naquela oportunidade que conheceu o Carlos Campetti, estar, inclusive, se tratando de um câncer...

LUCIANO KLEIN FILHO: Exatamente, ele estava passando por um processo de tratamento de uma enfermidade pertinaz e, talvez isso, de certa forma, tenha feito com que ele detivesse um pouco seus passos, teve aquele encontro com Jesus na estrada de Damasco, como aconteceu com Paulo, e ele muda a sua trajetória de vida, seu rumo existencial. Agora, quando nós acompanhamos a história de grandes intelectuais da história do Espiritismo, quase todos começaram ainda extremamente jovens. O próprio Bezerra de Menezes! Bezerra de

Menezes adere publicamente ao Espiritismo, na célebre conferência do “Salão da Guarda Velha” no dia 16 de agosto de 1886, ele estava com cinquenta e cinco anos, e conheceu o espiritismo onze anos antes, praticamente, quando o doutor Carlos Travassos lhe ofertou “O Livro dos Espíritos”. Ele precisou ainda passar um tempo sedimentando, refletindo sobre as ideias espíritas até a sua conversão efetiva. Então, particularmente, porque eu creio um homem que conhecia profundamente a História universal, notadamente a História Antiga, pela qual ele era apaixonado... Ele sabia, depois ele passou a pesquisar, como, aliás, até viria a escrever, a respeito das crenças dos povos antigos, e no tocante, sobretudo, à Reencarnação, que é algo que verdadeiramente nos fascina, conforme dissemos, está muito bem trabalhada por Allan Kardec, no capítulo quarto de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, que tem por título, pinçado da expressão do célebre diálogo anotado por João, o Evangelista, entre Jesus e Nicodemos: “É necessário nascer de novo”, que é o título do referido capítulo. Então, quem conhece a reencarnação, que é algo que filosoficamente nos embevece, não há como você não se (INAUDÍVEL) intimamente, porque nós passamos a ver a vida a partir de uma outra perspectiva, passamos a ver Deus como um Pai de misericórdia infinita, que dá às criaturas tantas oportunidades quantas forem necessárias para a sua reabilitação intelectual, moral e, sobretudo, espiritual, nós constatamos que essa lei universal - que é um dos princípios basilares da Doutrina Espírita, talvez aquele que mais se evidencia, que mais intriga, que mais enseja reflexão, embora ainda seja um dos pontos mais criticados por outras expressões de fé, normalmente porque desconhecem a própria história da reencarnação, que é entre as crenças universais a mais aceita desde as mais remotas épocas por todos os povos, por todas as civilizações, ao longo da evolução planetária – certamente foi isso que encantou o professor Armando. É uma opinião muito pessoal, muito subjetiva, mas, um intelectual do porte dele, certamente que deve ter, na calada da noite ou na sombra do dia, feito as suas elucubrações, seus raciocínios, suas reflexões, em torno do seu próprio problema e, certamente, só encontrou uma resposta para o mesmo a partir de uma reflexão mais detida sobre a Reencarnação.

**APÊNDICE B – DOCUMENTO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE
DEPOIMENTO ORAL – CARLOS ROBERTO CAMPETTI**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, **eu Entrevistado(a):** Carlos Roberto Campetti, RG: 771275 emitido pelo(a): SSP/DF, domiciliado/residente em (Av./Rua/n./complemento/Cidade/Estado/CEP): SHIN QL 14, Conjunto 1, Casa 8 – Lago Norte – Brasília (DF) – CEP: 71530-015, **declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):** Gabrielle Bessa Pereira Maia, CPF: 708493073-68 RG: 90003002069, emitido pelo(a): SSP/CE, domiciliado/residente em (Av./Rua/n./complemento/Cidade/Estado/CEP): Rua Paulo Morais, 175, Ap. 302 – Papicu – Fortaleza (CE) – CEP 60175-175, **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a)**, na cidade de Brasília, Estado DF, em 07/11/2013, **como subsídio à pesquisa para a construção de sua tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.** O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica consequentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, desde que não descaracterize o seu sentido original, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data: Brasília, 20 de agosto de 2014.

(assinatura do entrevistado/depoente)

**APÊNDICE C – DOCUMENTO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE
DEPOIMENTO ORAL – GERAL**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Entrevistado(a): _____, RG: _____, emitido pelo(a): _____, domiciliado/residente em Av./Rua/n./complemento/Cidade/Estado/CEP): _____, declaro ceder ao(à) pesquisador(a): _____, CPF: _____, RG: _____, emitido pelo(a): _____, domiciliado/residente em (Av./Rua/n./complemento/Cidade/Estado/CEP): _____, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de _____, Estado _____, em ____/____/____, como subsídio à pesquisa para a construção de sua tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica consequentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data: _____, _____ de _____ de _____.

(assinatura do entrevistado/depoente)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, **eu Entrevistado(a)**: Carlos Roberto Campetti, RG: 771275 emitido pelo(a): SSP/DF, domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): SHIN QL 14, Conjunto 1, Casa 8 – Lago Norte – Brasília (DF) – CEP: 71530-015, **declaro ceder ao (à) Pesquisador(a)**: Gabrielle Bessa Pereira Maia, CPF: 708493073-68 RG: 90003002069, emitido pelo(a): SSP/CE, domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): Rua Paulo Morais, 175, Ap. 302 – Papicu – Fortaleza (CE) – CEP 60175-175, **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a)**, na cidade de Brasília, Estado DF, em 07/11/2013, **como subsídio à pesquisa para a construção de sua tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará**. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, desde que não descaracterize o seu sentido original, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data: Brasília, 20 de agosto de 2014

(assinatura do entrevistado/depoente)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): ANTO ALFREDO DE SOUZA MONTEIRO,
 RG: 1005490402- emitido pelo(a): MINIST

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

AV: RUI BARBOSA, 1500 APTº 602
ALFACOTA 60115-221

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

GABRIELLE BESSA PEREIRA MAIA,
 CPF: 708493073-68 RG: 90003002069, emitido pelo(a): SSP-CE

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

RUA = PAULO MORAIS, 175 - APTº = 302 - PAPAICU
FORTALEZA - CE - 60.175-175

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(a) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de FORTALEZA, Estado CE, em 01/07/13, como subsídio à pesquisa para a construção de sua tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

_____, de _____ de _____
 (assinatura do entrevistado/depoente)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): RICHARD ALEXANDRINO DE SOUZA LEITE,

RG: 2009009093014 emitido pelo(a): SSPDS - CE,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

RUA 202 nº 115 2ª ETAPA - CONJUNTO CEARÁ
CEP: 60.530-260

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

GABRIELLE BESSA PEREIRA MIA,

CPF: 708493073-68 **RG:** 90003002069, emitido pelo(a): SSP-CE

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

RUA - PAULO MORAIS, 175 - APT.º = 302 - PAPICU
FORTALEZA - CE - 60.175-175

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Fortaleza, Estado Ceará, em 30/05/15, como subsídio à pesquisa para a construção de sua tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Fortaleza, 30 de maio de 2015
Richard Alexandrino de Souza Leite
 (assinatura do entrevistado/depoente)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): SURAYA SALEM SAMADE VIEIRA,
 RG: 499593-7 emitido pelo(a): MARINHA BRASILEIRA

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):
RUA = LARY MAIA, 160 - GRANJA LISBOA
MORTALEZA - CE.

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

GABRIELLE BESSA PEREIRA MAIA,
 CPF: 708493073-68 RG: 90003002069, emitido pelo(a): SSP-CE

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):
RUA: PAULO MORAIS, 175/302 - PAPECU
MORTALEZA - CE - 60.175-175.

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de MORTALEZA, Estado CE, em / / , como subsídio à pesquisa para a construção de sua tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Mortaleza, 20 de junho de 2015
Suraya Salem Samade Vieira
 (assinatura do entrevistado/depoente)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): MARTA ANTUNES DE OLIVEIRA DE MOURA,

RG: 105 031 emitido pelo(a): SSP-DF,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

SHIN-GI-5 CONJUNTO 8 CASA 8
Brasília-DF

declaro ceder ao (ã) Pesquisador(a):

GABRIELLE BESSA PEREIRA MAIA,

CPF: 708493073-68 RG: 90003002069, emitido pelo(a): SSS-CE

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

RUA = PAULO MORAIS 175 - APTº = 302 - PAPECU
FORTALEZA - CEARÁ
CEP = 60.175-075

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(ã) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de BRASÍLIA, Estado D.F., em 08/11/13, como subsídio à pesquisa para a construção de sua tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Brasília, 19 de agosto de 2014

Marta Antunes de Moura
 (assinatura do entrevistado/depoente)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): GERALDO CAMPESTI SOBRINHO,

RG: 3.219.444 emitido pelo(a): SSP-JF

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP):
AV. PIMENTA - 51133 90 10 C3 D CS 11

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

GABRIELLE BESSA PEREIRA MATA,
 CPF: 408493073-68 RG: 90003002069, emitido pelo(a): SSP-CE

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP):
RUA - PAULO MORAIS 175-302 - PARIQU
MORTALHO - CE
CEP=60.175-175

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(a) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de BRASÍLIA, Estado DF, em 13/11/14, como subsídio à pesquisa para a construção de sua tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Brasília, 5 de maio de 2015

[Assinatura]
 (assinatura do entrevistado/depoente)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): Elvridiana de P.R. Castro,

RG: 2.375.671 emitido pelo(a): SSP - DF,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

Cond. Jd. America - Long E - ch 13 - Sma. Dinho - DF
73092 - 904

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

GABRIELLE BESSA PEREIRA MAIA,
CPF: 708493073-68 RG: 90003002069, emitido pelo(a): SSP - CE

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

RUA - PAULO MORAIS, 175 - APT.º = 302
PAPICU - PORTALEZA - CEARÁ
60.175-175

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de BRASÍLIA, Estado DF, em 09/10/14, como subsídio à pesquisa para a construção de sua tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Portaleza, 30 de maio de 2015
[Assinatura]

(assinatura do entrevistado/depoente)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): Luizano Pinheiro Klein Filho,

RG: 276824-81 SSP-CE emitido pelo(a): SSP-CE,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP):

Rua Teófilo Lins, 227

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

Gabriele Bessa
 CPF: 708483043-68 RG: 90003002069, emitido pelo(a): SSP-CE

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP):

Rua - Paulo Menaiz, 175/302 -
Papicau - Mont. - CE - 60.175-175

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Montealegre, Estado CE, em 20/07/14 como subsídio à pesquisa para a construção de sua tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

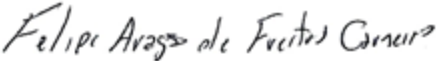
Montealegre, 13, de abril de 2015
Luizano Pinheiro Klein Filho
 (assinatura do entrevistado/depoente)

ANEXO A – DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO

DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO

Declara-se, para constituir prova junto aos órgãos interessados, que, por intermédio do profissional infra-assinado¹²², foi procedida a normalização da tese intitulada **Forjados nas estrelas: Educação e Doutrina Espírita através de vidas em (trans)formação**, de autoria de Gabrielle Bessa Pereira Maia, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 19 de junho de 2017.



Felipe Aragão de Freitas Carneiro

¹²² Número do registro: 89.931. E-mail: <fafc17@hotmail.com>.